

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

SILAS DANIEL DOS SANTOS

**O JORNAL IMPRENSA EVANGELICA E AS ORIGENS
DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO NO SÉCULO XIX**

São Paulo

2018

SILAS DANIEL DOS SANTOS

O JORNAL IMPRENSA EVANGELICA E AS ORIGENS DO PROTESTANTISMO
BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie - UPM São Paulo, como requisito institucional para obtenção do Título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira

São Paulo

2018

S237j Santos, Silas Daniel dos.
O jornal Imprensa Evangelica e as origens do protestantismo brasileiro no século XIX / Silas Daniel dos Santos.
240 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.
Orientador: João Cesário Leonel Ferreira.
Bibliografia: f. 222-240.

1. Protestantismo. 2. Século XIX. 3. Imprensa Evangelica.
4. Igreja Presbiteriana do Brasil. I. Ferreira, João Cesário Leonel, *orientador*. II. Título.

CDD 285

SILAS DANIEL DOS SANTOS

O JORNAL IMPRENSA EVANGELICA E AS ORIGENS DO PROTESTANTISMO
BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)

Examinador – Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)

Examinador - Prof. Dr. Luis Hellmeister de Camargo
FTD Editora

Examinador - Prof. Dr. Silas Luiz de Souza
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)

Examinador - Prof. Dr. Ivanilson Bezerra da Silva
Faculdade Integração Tietê - FIT

“Cada um que passa em nossa vida, passa sozinho, pois cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai só, nem nos deixa só; leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito, mas não há os que levam nada; há os que deixam muito, mas não há os que deixam nada. Essa é a maior responsabilidade de nossas vidas e a prova evidente que duas almas não se encontram por acaso.”

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Deus Altíssimo, Nosso Pai Celestial, de quem tudo emana, pela dádiva da conclusão deste Curso de Doutorado. “Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o conhecimento” (Provérbios de Salomão 2: 6).

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pela generosidade de autorizar a bolsa de estudos que viabilizou financeiramente esse empreendimento, bem como à Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.

Ao Prof. Dr. João Cesário Leonel Ferreira, minha eterna gratidão, por ter sido orientador persistente, pela dedicação e paciência e, principalmente, pela amizade durante todo o processo.

Aos meus pais *in memoriam*, José Moraes dos Santos e Edi Faria dos Santos, que dignamente me apresentaram o amor a Deus, à importância da família e ao caminho da honestidade e persistência.

À mulher da minha vida, Silvia da S. F. Santos, pelo amor incondicional e pelo apoio em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos. Sem você nenhuma conquista valeria a pena. Essa conquista é sua. Seria impossível realizar as pesquisas empreendidas sem o seu apoio e compreensão. Obrigado, minha querida, por sempre partilhar de meus sonhos e por se desdobrar cuidando sempre de mim, a fim de que sobrasse um pouco mais de tempo para as minhas leituras. Amo-te!

Aos meus filhos, Rafael e Juliana. Vocês são o amor mais forte, fazem os meus dias mais curtos, as noites mais longas, o passado esquecido e o futuro digno de ser vivido. Meus filhos, meus amigos, meus companheiros. Muito obrigado!

À minha nora Tábitah, presente de Deus para a nossa família. Às vezes a vida nos surpreende e nos aproxima de pessoas que nem imaginávamos vir a conhecer, muito menos que viriam a se tornar tão importantes. Foi assim com você, minha norinha do coração!

Ao genro Guilherme, quem cuida bem da minha filha é meu amigo, é parte da minha família. Felizmente, você tem sido um genro maravilhoso. Sou um sogro orgulhoso.

Aos meus amigos e consogros Amaury e Kézia, que pelo amor dos nossos filhos, estamos unidos.

Aos meus irmãos, irmãs, tios, tias, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhos netos.

Aos professores e funcionários que enriqueceram o nosso cotidiano com competência, dedicação e profissionalismo.

RESUMO

Na segunda metade do século XIX, com a chegada do Rev. Ashbel Green Simonton (1859) enviado como missionário pela missão protestante da Igreja Presbiteriana do Norte dos EUA - Presbyterian Church United States of America (PCUSA), ocasionou transformações significativas no contexto religioso e cultural do Brasil. Em 1864, Simonton e outros missionários criaram o periódico denominado *Imprensa Evangelica*. Ao analisar a criação, divulgação e difusão do jornal *Imprensa Evangelica*, o primeiro jornal protestante em língua portuguesa editado no Brasil, publicado quinzenalmente, de 1864 a 1892, no Rio de Janeiro, vimos que os missionários protestantes da PCUSA deram à palavra impressa um valor extraordinário, que se tornaria, então, um eficiente aliado do ideal de divulgar e disseminar a fé protestante em território nacional. Também fizeram uso da palavra impressa para a circulação de informações sobre as atividades missionárias da PCUSA e a instrução doutrinária dos fiéis através da leitura da Bíblia e de uma vasta literatura protestante. Os missionários da PCUSA há muito desejavam fundar um periódico protestante com o objetivo de apoiar a evangelização e a instrução dos recém-convertidos e seus filhos. Os seus editores pretendiam inicialmente um semanário, mas desistiram após a publicação da edição de número 1. Então, publicaram-no quinzenalmente, aos primeiros e terceiros sábados de cada mês. Durante 28 anos, nesses dias em que se implantava o protestantismo no Brasil, o *Imprensa Evangelica* foi o órgão oficial da Igreja Presbiteriana no Brasil, considerado o mais completo documento das mudanças sociais propostas pela nova denominação a partir de meados do século XIX. O *Imprensa Evangelica* se tornou o grande integrador das Igrejas Protestantes no Brasil. Serviu de contato entre os presbiterianos e as elites brasileiras. Lutou pela liberdade religiosa, denunciou os maus tratos e perseguições da Igreja Romana. Trouxe vários textos e gêneros literários. Publicou a tradução de vários clássicos da literatura protestante mundial e disseminou por todo o país as doutrinas da fé reformada. Foi fecundo na publicação de estudos bíblicos. Foi lido, respeitado e reconhecido pelas elites da sociedade brasileira. Porém, a grande maioria da população brasileira era analfabeta e suas mentes não estavam abertas à palavra escrita. O *Imprensa Evangelica* introduziu no Brasil, a partir dos missionários, o hábito de ler.

Palavras – chave: Século XIX; Protestantismo; *Imprensa Evangelica*, Igreja Presbiteriana do Brasil.

ABSTRACT

In the second half of the 19th century, with the arrival of the Rev. Ashbel Green Simonton (1859) sent missionary as by the Protestant mission of the Presbyterian Church of the United States of America (PCUSA), caused significant transformations in the religious context and culture of Brazil. In 1864, Simonton and other missionaries, created the newspaper denominated of Press Evangelica. In analyzing the creation, dissemination and diffusion of the Imprensa Evangelica newspaper, the first Protestant Portuguese-language newspaper published in Brazil published biweekly from 1864 to 1892 in Rio de Janeiro, we saw that the Protestant missionaries of PCUSA gave the printed word a value extraordinary, which would then become an efficient ally of the ideal of spreading and disseminating the Protestant faith in national territory. They also made use of the printed word for the circulation of information on the missionary activities of PCUSA and the doctrinal instruction of the faithful through reading the Bible and a vast Protestant literature. The missionaries of PCUSA long ago wanted to find a Protestant periodical to support instruction to the newly converted and their children. Its editors initially intended a weekly, but they gave up after the publication of issue number 1. They then published it every two weeks on the first and third Saturdays of each month. For 28 years, in those days when Protestantism was implanted in Brazil, the Evangelical Press was the official organ of the Presbyterian Church in Brazil. Considered the most complete document of the social changes proposed by the new denomination from the middle of the XIX Century. The Evangelical Press became the great integrator of the Protestant Churches in Brazil. It served as a contact between Presbyterians and Brazilian elites. He fought for religious freedom, denounced the mistreatment and persecution of the Roman Church. I brought several texts and literary genres. He published the translation of various classics of worldly Protestant literature and disseminated throughout the country the doctrines of the Reformed faith. It was fruitful in publishing Bible studies. It was read, respected and recognized by the elites of Brazilian society. However, the vast majority of the Brazilian population was illiterate and their minds were not open to the written word. The Evangelical Press introduced in Brazil from the missionaries the habit of reading.

Keywords: 19th century; Protestantism; Evangelical Press; Presbyterian Church of Brazil.

Lista De Figuras

FIGURA 1 - O JORNAL IMPRENSA EVANGELICA.....	29
FIGURA 2 - CAPA DO LIVRO SERMÕES ESCOLHIDOS DE SIMONTON	30
FIGURA 3 - PÁGINA DO LIVRO DE SERMÕES ESCOLHIDOS	30
FIGURA 4 - O PRIMEIRO JORNAL BRASILEIRO: A GAZETA DO RIO DE JANEIRO.....	70
FIGURA 5 - REUNIÃO DO PRESBITÉRIO DO RIO DE JANEIRO.....	94
FIGURA 6 – NOTÍCIA DA PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO NÚMERO DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> PELO CORREIO MERCANTIL - 06/11/1864. EDIÇÃO 0030	115
FIGURA 7 - PÁGINA DO JORNAL CATÓLICO <i>CRUZEIRO DO BRASIL</i> (RIO DE JANEIRO, 5 DE NOVEMBRO DE 1864) NOTICIANDO (E CRITICANDO) O LANÇAMENTO DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> . RIO DE JANEIRO 5 DE NOVEMBRO DE 1864.....	117
FIGURA 8 - SALA DE AULA DA ESCOLA DOMINICAL: JARDIM DA INFÂNCIA	131
FIGURA 9 - SALA DA ESCOLA DOMINICAL: DEPARTAMENTO PRIMÁRIO.....	133
FIGURA 10 - SALA DA ESCOLA DOMINICAL: DEPARTAMENTO INTERMEDIÁRIO	134
FIGURA 11 - SALA DA ESCOLA DOMINICAL: SALA DE MOÇOS E MOÇAS.....	135
FIGURA 12 - CAPA DO <i>BREVE CATECISMO</i>	142
FIGURA 13 - PRÉDIO DO MACKENZIE - 1890.....	169
FIGURA 14 - RESIDÊNCIA DOS CHAMBERLAIN. LOCAL ONDE SE INICIARAM AS ATIVIDADES DA ESCOLA AMERICANA	172
FIGURA 15 - PRIMEIRO PRÉDIO DO MACKENZIE - 1890	177
FIGURA 16- MACKENZIE NO INÍCIO DO SÉCULO XX, APÓS A MISSÃO TER RECEBIDO A DOAÇÃO DO ADVOGADO JOHN MACKENZIE - 1920.....	178
FIGURA 17 - COLÉGIO INTERNACIONAL DE CAMPINAS/SP	180
FIGURA 18 - <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> (02/05/1891) DESTINADO AO PÚBLICO INFANTIL	192
FIGURA 19 - <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> CONTENTENDO JUSTIFICATIVA SOBRE O ATRASO DA PUBLICAÇÃO DO PRIMEIRO FOLHETO DA SOCIEDADE DE TRATADOS.....	212
FIGURA 20 - PÁGINA DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> CONSTANTANDO ANÚNCIO DE OBRA EVANGÉLICA EDITADA PELOS LAEMMERT.	216
FIGURA 21 - CAPA DO PRIMEIRO NÚMERO DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> – 1864.....	219
FIGURA 22 - CAPA DE UM NÚMERO DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> (1868). A PARTIR DESTA DATA O JORNAL PASSA DE <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> PARA <i>A IMPRENSA EVANGELICA</i> (N. 9 V.IV, 02/05/1868).....	220
FIGURA 23 - CAPA DE UM DOS ANÚNCIOS DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> NA DÉCADA DE 90 DO SÉCULO XIX. O NOME DO PERIÓDICO VOLTA A SER <i>IMPRENSA EVANGELICA</i>	221
FIGURA 24 - PÁGINA DO <i>IMPRENSA EVANGELICA</i> CONTENDO MENÇÃO A VÁRIOS PERIÓDICOS DE SEU TEMPO.....	222

Lista De Tabela

TABELA 1 - ALGUNS ARTIGOS VEICULADOS NO <i>IMPRESA EVANGELICA</i>	96
TABELA 2 - AGENTES DA BFBS E SEUS RESPECTIVOS LOCAIS DE ATUAÇÃO (1840-1858)	197
TABELA 3 - RELAÇÃO DOS MANUSCRITOS (1840-1884).	198
TABELA 4 - CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS PROTESTANTES NO BRASIL (1856 - 1864).....	200
TABELA 5 - COLPORTORES E ÁREA DE ATUAÇÃO (1855-1867).	202

ABREVIATURAS

SBA – *Sociedade Bíblica Americana*

BFBS – *British and Foreign Bible Society*

PCUSA - Presbyterian Church United States of America

IE – Imprensa Evangelica

SBTE – Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos

REV – Reverendo

PR – Pastor

SUMÁRIO

I. Introdução.....	17
1.1 O Corpus da Tese.....	17
1.2 A chegada do Rev. Kalley ao Brasil	18
1.3 O <i>Imprensa Evangelica</i> , o Primeiro Jornal em Língua Portuguesa no Brasil	22
1.4 O <i>Imprensa Evangelica</i> e a Inserção do Protestantismo de Missão	24
1.5 A Formação de uma atividade <i>Leitora Protestante</i>	26
1.6 As fontes e os objetos da pesquisa.....	31
1.7 Objetivos do trabalho e considerações teórico-metodológicas.....	35
1.8 Proposta metodológica.....	36
1.9 A composição do trabalho	38
II. O Surgimento Da Imprensa No Brasil	39
2.1. A História da Imprensa Brasileira no Século XIX	39
III. O Surgimento Da Imprensa Protestante No Brasil	54
IV. O Jornal <i>Imprensa Evangelica</i> : Fundadores, Sua Materialidade, Lugares De Distribuição, Artigos E Seus Objetivos.....	88
4.1. Fundação e Propósito.....	88
4. 2. Fundadores, Idealizadores e Colaboradores do <i>Imprensa Evangelica</i>	103
4.2.1. Pastores brasileiros	103
4.2.2. Pastores americanos.....	105
4.3. Consolidação do <i>Imprensa Evangelica</i>	105
4.4. Funções Específicas do <i>Imprensa Evangelica</i>	111
V. ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS DO <i>IMPRESA EVANGELICA</i>	115
5.1. A Escola Dominical	126
5.2. “ <i>Cathecismos Da Nossa Redenção</i> ”	139
5.3 “Instrução e Culto Doméstico”	147
5.4. O Ensino Religioso E A Educação	152

5.5. A Educação Moral	166
5.6. O Ensino Para As Mulheres.....	166
5.7. A Criação das Escolas Americanas	170
5.8. A Valorização da Mulher.....	182
5.9. A Educação dos Filhos Cabe a Família	187
5.10. Centralidade da Palavra de Deus	193
5.11. Estratégia, Distribuição e Editores do <i>Imprensa Evangelica</i>	194
5.12. Editores	209
5.13. Capas do <i>Imprensa Evangelica</i>	218
Considerações Finais	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227

I. Introdução

1.1 O Corpus da Tese

Esta tese adota como temática o jornal *Imprensa Evangelica*, publicado quinzenalmente, de 1864 a 1892, no Rio de Janeiro, por missionários presbiterianos¹ americanos e o seu objeto de estudo é uma investigação de como este periódico ajudou na implantação do protestantismo no Brasil e sua contribuição para o processo de alfabetização da população brasileira em meados do século XIX, uma vez que 83% eram analfabetas, segundo o censo de 1872. O *Imprensa Evangelica* serviu como um amplo canal de diálogo dos presbiterianos com os membros da Igreja e com as elites da sociedade brasileira. Conquanto fosse um periódico vinculado com a causa missionária e evangelística, o *Imprensa Evangelica* trazia em suas páginas assuntos muito mais amplos que não se limitavam a temas religiosos. Foi um jornal de vanguarda protestante que não se omitiu a comentar e a tomar partido nos assuntos que chamavam as atenções da população do Brasil Império. Apresentou peculiaridades singulares diferentes de outras publicações jornalísticas brasileiras da época, já que seu fundador e idealizador, o pioneiro missionário norte americano Rev. Ashbel Green Simonton apoiou sua publicação em modelos de periódicos dos Estados Unidos da América. Com um conteúdo direcionado, preferencialmente, às elites, o *Imprensa* oferecia também educação religiosa para todas as classes sociais, conseguindo assinantes em todas as regiões brasileiras. O *Imprensa Evangelica* também se destacou pelo seu caráter apologético, principalmente na polêmica que travou com o jornal católico *O Apóstolo* (OLIVEIRA, 2001, p. 150; ABREU, 1999), num nível altíssimo para os padrões jornalísticos da época.

Simonton e os demais missionários que chegaram ao Brasil produziram uma grande quantidade de textos, folhetos e gêneros literários, como romances, crônicas, fábulas, contos, poesias, parábolas etc. Para o historiador Lyndon Santos (2011, p. 387), “esse acervo, que está disperso em sua boa parte, significa um horizonte de pesquisas ainda a ser explorado [...]”. De

¹ Missionários da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. O presbiterianismo tem raízes nos reformadores Ulrico Zwínglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564), seu principal líder e teólogo do movimento iniciado na Suíça. O nome Igreja Presbiteriana popularizou-se nas Ilhas Britânicas a partir do escocês João Knox (1514-1572), discípulo de Calvino e surgiram comunidades presbiterianas na Escócia, Irlanda e Inglaterra. A Assembleia de Westminster, do Parlamento Inglês (1643-1649), produziu a base doutrinal e padrões eclesiásticos fundamentais para os presbiterianos: Confissão de Fé de Westminster, Catecismos Maior e Menor. Escoceses e irlandeses levaram o presbiterianismo para os Estados Unidos (séculos 17-18) e, dos EUA, um grande movimento missionário protestante (século 19) levou igrejas presbiterianas a países do hemisfério sul. No Brasil, veio por intermédio do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton (1859).

acordo com Leonel (2016, p.84), “a divulgação da fé protestante e a produção e disseminação de literatura estavam unidas de modo indissolúvel na prática missionária no Brasil”.

No início do século XIX, havia no Brasil pouca evidência de protestantismo. Porém, ao final dos Oitocentos, já havia diversos grupos protestantes em atividade no país, alguns dos quais em nível avançado de organização, tais como os presbiterianos, metodistas e congregacionais.

O agente Rev. James Cooley Fletcher², pastor presbiteriano, foi um dos precursores do trabalho protestante missionário no Brasil, que trabalhava com a propagação dos impressos protestantes no país desde o início da década de 50 do século XIX.

O Rev. James Cooley chegou ao Rio de Janeiro com a esposa Henriette e o filho Edmond, em 14 de fevereiro de 1852.³ Segundo Vieira (1980):

James Cooley Fletcher foi um pioneiro do trabalho protestante missionário no Brasil e um dos que, muito ativamente, contribuíram para o movimento de protestantização do Império e para a luta em favor da completa liberdade de culto (VIEIRA, 1980, p. 62).

1.2 A chegada do Rev. Kalley ao Brasil

O ano de 1855 marca a chegada do Rev. Dr. Robert Reid Kalley, pastor e médico escocês, agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), à província do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil.

Foi o Rev. James Cooley que expediu uma carta ao seu superior, Rev. Robert Baird, correspondente da Sociedade Bíblica Americana (SBA), solicitando o envio de madeirenses (Portugal) para auxiliar no trabalho de propaganda protestante no Brasil, uma vez que a Constituição Brasileira não permitia a prática de cultos protestantes em língua estrangeira. Robert Baird, tendo conhecimento da ação de Robert Reid Kalley na Ilha da Madeira, enviou uma carta convidando-o para trabalhar no Brasil. Aceita a proposta, Robert Reid Kalley, juntamente com sua esposa Sarah Kalley, deram continuidade ao trabalho missionário iniciado em Portugal. Vale destacar que, embora o convite tenha surgido por um

² James Cooley **Fletcher** (1823-1901) foi um pastor presbiteriano que atuou como missionário, diplomata e lobista no Brasil entre 1852 e 1869. Tornou-se conhecido especialmente pela autoria do livro *O Brasil e os Brasileiros*.

Fonte: ROSI, Bruno Gonçalves. *James Cooley Fletcher, o missionário amigo do Brasil*. 2013.

³ JAMES, David. *O Imperador do Brasil e os seus Amigos da Nova Inglaterra*. In: *Anuário do Museu de Petrópolis*, Volume XIII. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1952. p. 23.

correspondente da ABS, o trabalho desenvolvido por Robert Reid Kalley no Brasil contou com o apoio e financiamento da BFBS.

Uma das especificidades que marcou o trabalho missionário de Robert Reid Kalley no Brasil foi utilizar impressos para divulgar as ideias cristãs protestantes. A utilização e distribuição de impressos de caráter confessional pelos missionários protestantes foi um diferencial de suas instituições desde o início de sua atuação no Brasil no século XIX (VASCONCELOS, 20012).

O zelo dos missionários em divulgar e disseminar Bíblias, Novos Testamentos, folhetos e livros no território brasileiro do Oitocentos, teve o apoio direto das sociedades bíblicas, compreendidas como associações voluntárias, responsáveis pela proliferação de práticas evangelísticas, educacionais e religiosas, através do trabalho realizado por seus colportores⁴ na distribuição de impressos protestantes, vendendo e, algumas vezes, distribuindo gratuitamente (VASCONCELOS, 2012).

Neste ponto, destacamos que no início do século XIX já havia no Brasil Império a organização de duas igrejas protestantes, a saber: a Igreja Anglicana, 1ª igreja inaugurada no Rio de Janeiro-RJ, em 26 de maio de 1822, e a Igreja Luterana, em 1824, em São Leopoldo-RS e Blumenau-SC. A primeira capela anglicana era direcionada aos estrangeiros anglicanos, na sua maioria ingleses, enquanto a luterana aos estrangeiros alemães.

Objetivando desenvolver atividades de evangelização entre os brasileiros, em 11 de junho de 1858, Kalley fundou a Igreja Evangélica Fluminense, na capital do Rio de Janeiro. Foi a terceira igreja protestante no Brasil, organizada com 14 membros, sendo batizado naquele dia o primeiro protestante brasileiro Sr. Pedro Nolasco de Andrade⁵. Os cultos realizados na IEF eram em língua portuguesa. Pastor e médico, Kalley foi um dos primeiros missionários protestantes que veio residir no Brasil no século XIX. Exerceu suas atividades como médico, prestando assistência gratuita aos pobres e oferecendo os seus serviços à comunidade, como ocorreu durante uma epidemia de cólera em Petrópolis no mesmo ano da sua chegada ao Brasil.

⁴ A palavra “colportagem” vem da palavra “Colportor” que deriva do francês e significa “levar no pescoço”. Esse nome originou-se do costume que tinham os colportores valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa, ou numa bolsa que prendia do pescoço. Colportar é um termo usado pelas Igrejas Prottestantes para a atividade de vender literatura religiosa de porta em porta, ao tempo em que se realiza a pregação, é levar a pessoa com quem estabelece contato, o conhecimento de Deus através dessa literatura.

⁵ <http://uiecb.com.br/a-historia/>

No ano de 1858 o imperador D. Pedro II “defendeu junto ao Parlamento a concessão da liberdade de culto às religiões evangélicas” (NASCIMENTO, 1999, p. 283).

Segundo João Gomes Rocha (1941), biógrafo de Kalley, logo após chegar ao Rio de Janeiro, em 1855, ele começou a publicar artigos, traduções de livros protestantes e várias obras na imprensa secular, a fim de firmar certas doutrinas protestantes e expor os hábitos e costumes da tradição cristã do primeiro século. Também vendia e distribuía livros, folhetos, opúsculos para instruir a população no único caminho seguro para a salvação.

Para o Rev. Robert Reid Kalley, a publicação de artigos e traduções de livros em jornais seculares da província do Rio de Janeiro foi imprescindível para divulgar suas ideias e promover o protestantismo, pois, dessa maneira, conseguiria alcançar uma parcela significativa da população. Foi por meio da circulação de impressos, importantes veículos de divulgação e informação, que se tornou possível a muitos brasileiros a acessibilidade ao conhecimento da Bíblia e à doutrina protestante e, conseqüentemente, à leitura e à escrita, permitindo, assim, a aproximação com as ideias do Cristianismo Protestante. Ressalta-se, dessa maneira, a importância da propagação de impressos por meio da imprensa, a qual, desde meados do século XVI, possibilitou uma grande alteração da “relação com a palavra escrita e as imagens” (GINZBURG, 1989, p. 122). Por meio dela, um público de contornos não definidos, mas de qualquer maneira compreendendo as classes sociais inferiores, composta por artesãos e camponeses, entrou em contato com essas ideias, não só através dos jornais, mas também com as imagens que a acompanhavam.

De acordo com Israel B. de Azevedo, “a história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro” (AZEVEDO, 1996: 154). Em seu livro sobre a formação do pensamento batista no Brasil, Azevedo nos informa que já no ano de 1915 o catálogo da Casa Publicadora Batista contava com 104 livros e 53 folhetos (Ibidem: 198).

São muitas as informações de satisfação dos missionários sobre a distribuição de textos impressos, utilizados como forma de difusão da fé reformada. A fala do missionário batista Bagby ressalta a importância creditada à produção e à distribuição destes folhetos:

Nossa influência parece estar sempre aumentando. Muitos estão lendo os tratados e folhetos que distribuimos. Os sacerdotes nos denunciam publicamente, e advertiram o povo contra a assistência aos nossos cultos, apesar disto eles vêm. (Apud: REILY, 2003, 149-150).

Segundo Leonel (2016), percebendo que no Brasil havia uma lacuna de uma literatura religiosa protestante, o Dr. Kalley agiu de imediato, o que permite analisar a importância que atribuía a produção e distribuição de literatura religiosa protestante em meados do século XIX. O Rev. Kalley solicitou a vinda de uns 800 exemplares da *Divina Autoridade e Quero Ter*. Em setembro de 1856, na província do Rio de Janeiro, preparou uma série de folhetos tais como: *Serpente de Metal*, *A Cobra de Bronze*, *Remédio eficaz para doentes mais desprezados* e *O que é a Bíblia?* Traduziu a grande e célebre alegoria da experiência cristã *A Viagem do Cristão* ou *O Peregrino*, obra original de João Bunyan, e publicou-a, por extenso, no *Correio Mercantil*, primeiro ato memorável de propaganda protestante, pois que, lançando mão da imprensa diária, instrumento poderoso e veículo legítimo, influía, por via dela, sobre um círculo maior e mais exaltado. No domingo, 5 de outubro de 1856, nas *Publicações a pedido*, saíram à luz os dois primeiros capítulos daquele livro intitulado *A Viagem do Cristão para a bem-aventurança eterna, por um dos seus companheiros*. Os trinta e cinco capítulos dessa obra interessantíssima foram publicados, de dois em dois dias mais ou menos, em outubro, novembro e dezembro; os três últimos capítulos apareceram no número duplo do *Correio Mercantil* de 9 e 10 de dezembro (ROCHA, 1941, p. 46-47).

O Dr. Kalley segue o mesmo veículo de divulgação de textos literários que os escritores brasileiros de meados dos Oitocentos utilizavam.

[...] O principal veículo de escoamento da produção literária oitocentista era o jornal, sendo raro o romance publicado em volume sem antes ter passado pelo rodapé dos diários cariocas (GUIMARÃES, 2004, p. 49-50).

De acordo com Leonel (2014, p. 67) “a publicação da obra *O Peregrino*, mencionada por Rocha (1941, p. 46-47), seguiu o mesmo caminho”.

Cardoso (2001) através do relatório de Francisco da Gama, destaca o relevante trabalho de Kalley na distribuição de literatura protestante no Rio de Janeiro em meados do Oitocentos:

O relatório de Francisco da Gama [relativo à sua atividade na cidade do Rio de Janeiro], nos meses de dezembro de 1856 a junho de 1857 contabiliza a visita a 454 casas e 744 entrevistas. No mesmo período vendeu 262 Bíblias, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos: sendo distribuídos gratuitamente 4 Novos Testamentos e 1076 folhetos (CARDOSO, 2001, p.125-126).

Os jornais tornaram-se uma fonte importantíssima de expansão e divulgação do pensamento e da fé protestante, bem como dos seus hábitos e costumes, tanto nos Estados Unidos da América quanto no Brasil.

Guimarães (2004) afirma que, quanto aos jornais, os números norte-americanos chamam a atenção, havendo um crescimento vertiginoso no número de periódicos no século XIX. Em 1828 havia 852 jornais em circulação nos Estados Unidos. Passados 32 anos, em 1860, o número chega a 4.051. Robert Baird (apud FERREIRA, 2014), apresenta números ligados exclusivamente aos jornais religiosos da América do Norte. Em 1843, eram mais de 60 jornais protestantes publicados semanalmente. Os Metodistas publicaram oito, incluindo um em alemão; os Episcopais 12; os Batistas 20; os Presbiterianos mais de 20. Totalizando mais de 250.000 assinantes. Influenciado por este cenário norte-americano que surge o jornal *Imprensa Evangelica*⁶ criado em 1864, que é o *corpus* desta tese. Foi fundado por missionários presbiterianos⁷ norte-americanos. Seu idealizador foi o Reverendo norte-americano Ashbel Green Simonton (1833-1867) que aportou à cidade do Rio de Janeiro como missionário pioneiro da missão presbiteriana do norte dos Estados Unidos no dia 12 de agosto de 1859, com 26 anos de idade. Sua missão era verificar a possibilidade de implantação de igrejas presbiterianas com membros brasileiros e com os imigrantes americanos que residiam no Brasil. Simonton foi o primeiro editor do *Imprensa Evangelica* no Rio de Janeiro. Em conformidade com Leonel (2014), Simonton trouxe em sua bagagem o testemunho da expansão do impresso nos Estados Unidos da América, particularmente o religioso, o que com certeza teria influenciado em sua decisão de criar no Brasil um jornal protestante semanal. Entre 1850 a 1859 foram mais 225 mil títulos vendidos nos Estados Unidos da América. No Brasil não passava de mil exemplares; e apenas títulos bem-sucedidos chegavam à segunda edição.

1.3 O *Imprensa Evangelica*, o Primeiro Jornal em Língua Portuguesa no Brasil

O jornal *Imprensa Evangelica* foi o primeiro jornal protestante do Brasil. Segundo Hermistein Costa (2009):

No dia 5 de novembro e 1864, Simonton, em parceria com outros amigos, publica o primeiro número do jornal *Imprensa Evangelica*, o primeiro jornal evangélico do Brasil e talvez da América Latina (COSTA, 2009, p. 105).

A pesquisadora Clara Mafra (2001, p. 23) afirma que o *Imprensa Evangelica* “é o primeiro jornal evangélico do Brasil e da América Latina”. Ribeiro (1995, p. 45) diz que o *Imprensa Evangelica* “era o primeiro periódico evangélico latino-americano”.

⁵ De acordo com as regras gramaticais da época não se acentuava a palavra evangélica. Grafava-se: **evangelica**, sem acento.

⁷ A Igreja Presbiteriana surgiu na Escócia, no século XVI, como fruto da Reforma Protestante.

Segundo a pesquisadora Edwiges Rosa dos Santos (2009), autora do livro *O Jornal Imprensa Evangelica*,⁸ alguns motivos levaram à criação do jornal. Segundo esta pesquisadora, Simonton percebeu que o povo brasileiro seguia como muita atenção e interesse os debates religiosos publicados nos periódicos da época. Eram artigos de autoria de intelectuais e políticos. Simonton, ao perceber este interesse da população sentiu-se compelido a criar um periódico, um jornal para estender e divulgar a mensagem da fé protestante e, por conseguinte, alcançar os católicos para os cultos protestantes. O *Imprensa Evangelica* nasceu da importância atribuída pelos brasileiros à imprensa. Em suas viagens pelas províncias do Império, Simonton pode certificar-se e conhecer a situação social, política, econômica e religiosa em que a população brasileira estava inserida. Os jornais da época retratavam tal cenário. As matérias publicadas nos periódicos do Rio de Janeiro e nos locais por onde passou em suas viagens missionárias, despertaram sua atenção. Simonton logo percebeu que os jornais veiculavam matérias sobre religião, em especial contra o catolicismo, que era a religião oficial do Império.

Santos (2009) afirma que o lançamento de um jornal de cunho protestante por estrangeiros⁹ poderia entrar em confronto com a religião dominante no Brasil oitocentista, em particular com os Ultramontanos¹⁰, por isso seus editores aguardariam sua repercussão na sociedade. Mas, mesmo com a possibilidade de algumas reações, o *Imprensa Evangelica*, obteve boa aceitação pela sociedade, sendo assinado por membros do círculo liberal¹¹ e até mesmo por padres. Embora fosse um jornal que refletia o pensamento Protestante, não passou despercebido. Muitas vezes foram travados debates entre protestantes e católicos através da imprensa

O Rev. Ashbel Green Simonton (1862) atribuiu importância à literatura como estratégia de divulgação do protestantismo. Em carta para o *The Foreign Missionary Journal*, jornal da missão da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América ou Igreja do Norte

⁸Doravante iremos mencionar: **O IMPRENSA EVANGELICA, IMPRENSA EVANGELICA, IMPRENSA ou IE.**

⁹ Além de Simonton, o editorial do jornal contava com a presença ativa do Rev. Alexander Latimer Blackford (1829-1890). **Blackford** e a esposa **Elizabeth**, irmã de Simonton, desembarcaram no Rio de Janeiro em 25 de julho de 1860. Eles foram enviados ao Brasil pelo Board of New York (Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América) para auxiliar Simonton no trabalho de evangelização no Brasil.

¹⁰ Adeptos do movimento conhecido como Ultramontanismo, a doutrina política católica que buscava em Roma a sua principal referência. Este movimento surgiu na França na primeira metade do século XIX, e defendeu o poder e as prerrogativas do papa em matéria de disciplina e fé. Destacaram-se como líderes deste “pensamento ultramontano” Joseph de Maistre, Lamennais, Louis Veuillot, dentre outros.

¹¹ Uma confirmação de que o *Imprensa Evangelica* foi bem recebido pelas classes mais influentes da sociedade está em um de seus assinantes na época, **Dr. Antônio Francisco de Paula e Souza**, Ministro da Agricultura (SANTOS, 2009, p. 67).

(PCUSA), publicada em 1863, relata notícias de suas atividades pastorais no Rio de Janeiro durante o ano anterior. Entre elas trata das publicações:

Uma imprensa livre oferece vantagens para a disseminação da verdade evangélica que deve ser muitíssimo apreciada. Livros e tratados protestantes podem ser publicados sem necessidade de licença do governo; mesmo os jornais das grandes cidades prontamente aceitam inserir um artigo religioso cobrando as mesmas taxas de um artigo comum. A despesa de uso dos jornais é considerável, mas como vários deles circulam por todo o império, a verdade salvadora é, dessa forma, espalhada por um vasto campo (SIMONTON, 1862, p. 343-344).

Simonton trouxera dos Estados Unidos da América relevantes informações acerca das publicações. “Desde o século XIX, e mesmo antes dele, os mercados produtores e consumidores de jornais e literatura nos EUA e Brasil eram muito diferentes” (LEONEL, 2014, p.70).

Leonel (2014) aponta o grande trabalho realizado pelos americanos em termos de literatura religiosa, através da American Bible Society e da American Tract Society:

A literatura religiosa americana não deixava por menos. Robert Baird registra os esforços pela divulgação da Bíblia em seu país, mencionando a American Bible Society, a maior entre outras sociedades do mesmo gênero, composta por representantes dos diversos ramos do protestantismo norte-americano. Em 1843 a entidade promoveu a impressão de 216.605 cópias da Bíblia. Livros religiosos também eram intensamente publicados. Para Baird: “Nenhuma área das atividades religiosas nos EUA tem sido mais vigorosamente desenvolvida do que a de preparar, publicar e fazer circular escritos morais e religiosos em várias formas”. Para tanto, além das editoras ligadas a grupos religiosos específicos, havia a American Tract Society, cujo comitê de publicações era formado por pastores de diversas igrejas protestantes. Segundo relatório, em seus 18 anos de existência (1825-1843), a sociedade trouxe à luz 1.069 diferentes publicações. O total de cópias de suas obras em 1843 somavam 4.156.500 exemplares (LEONEL, 2014, p. 70).

1.4 O Imprensa Evangelica e a Inserção do Protestantismo de Missão

Esta pesquisa se propõe a investigar as relações entre o *Imprensa Evangelica* e a inserção protestantismo no Brasil no século XIX.

De acordo com Mendonça (1995), o protestantismo brasileiro do século XIX pode ser dividido em protestantismo de imigração¹², que não será contemplado nesta tese, e o

¹² Nos estudos sobre protestantismo no Brasil tem sido utilizada uma tipologia que subdivide o campo em dois grandes grupos: “protestantes de imigração” (os luteranos alemães são o grupo mais representativo) e “protestantes de missão” (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.), que para vieram com o objetivo de implantar suas respectivas igrejas e escolas.

protestantismo de missão ou “nas denominações históricas metodistas, congregacionais, presbiterianas, batistas e episcopais” (SANTOS, 2009, p.27).

O protestantismo de missão trazido pelos missionários americanos e europeus para o Brasil tinha a seguinte cosmovisão: a suficiência da Bíblia; o arrependimento como imperativo; a entrega a Cristo; o afastamento do mundo cheio de pecados; o abandono da idolatria e dos santos.

Santos (2009) destaca, pelo menos, três importantes nomes que contribuíram para a expansão missionária no Brasil, são eles: “Rev. Kalley (Igreja Congregacional); Rev. Simonton (Igreja Presbiteriana) e o Rev. Bagby (Igreja Batista)” (p.27).

Mendonça (1984) afirma que

o protestantismo americano é um protestantismo de povoamento, isto é, ele se foi formando à medida que protestantes europeus passavam para as possessões inglesas à busca de novas condições de vida” (MENDONÇA, 1984, p.43).

E este protestantismo de povoamento que dá origem, ou, que tem origem na ideologia expansionista do “Destino Manifesto” (Manifest Destiny), foi o que veio para o Brasil no século XIX.

A pesquisadora Edwiges Rosa Santos (2009) em seu livro *O Jornal Imprensa Evangelica*, traça uma linha cronológica do desempenho e a atuação das denominações históricas no Brasil. Segundo a autora os *metodistas* iniciaram as suas atividades no país em 1836. Porém, devido a problemas de ordem interna da cúpula da igreja, os missionários regressam aos EUA. Voltaram ao Brasil somente no ano de 1867. Os *congregacionais* se faziam representados pelo trabalho missionário do Rev. Kalley (1855). “Sendo o primeiro grupo a realizar um trabalho contínuo de evangelização e difusão do protestantismo no país” (p.34). Os *presbiterianos* chegaram ao Brasil em 1859. Simonton foi o primeiro missionário no país enviado por uma junta de missões estrangeiras. Santos (2009) enfatiza que:

os presbiterianos se destacaram na área educacional e no processo de alfabetização dos brasileiros. Construíram escolas ao lado das igrejas para dar a oportunidades aos seus frequentadores de diversas faixas etárias para ler a Bíblia e diversas literaturas protestantes. E, por último, os *batistas* e *episcopais*, fundaram as suas igrejas em 1882 e 1898, respectivamente (SANTOS, 2009, p. 35).

1.5 A Formação de uma atividade *Leitora Protestante*

A atividade leitora protestante no Brasil tem início no século XIX, que, ainda de forma embrionária, começa a tomar corpo no conjunto das práticas culturais leitoras. Esta atividade leitora só ocorreu em virtude da chegada e estabelecimento dos missionários estrangeiros no país, os quais tendo em vista seus ideais da promoção e propagação da fé protestante e civilidade, relacionados a interesses políticos e comerciais, tiveram na imprensa seu principal aliado.

Os impressos protestantes são compreendidos nesta pesquisa como espaços de divulgação e circulação de ideias, os quais serviram como dispositivos para divulgar os princípios e o ethos do protestantismo.

Segundo Rocha (1941):

Houve uma diversidade de impressos produzidos e utilizados pelos missionários protestantes, como a Bíblia, o Novo Testamento, livros, folhetos e hinos; alguns destes serviram ainda como material didático-pedagógico. No Brasil, o Rev. Kalley, em sua função de agente, realizou vários pedidos de impressos à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira na Inglaterra, distribuindo-os estrategicamente no território brasileiro em 1856, aproximadamente 200 ou 300 Bíblias e 2.000 ou 3.000 livretos e folhetos (ROCHA 1941, p. 45).

A imprensa possibilitou a circulação e a multiplicação de textos num elevado número de cópias; proporcionando ao leitor a aquisição de uma quantidade maior de impressos e cada impresso conquistaria mais leitores. Tais ideias podem ser verificadas nos prefácios e editais dos periódicos protestantes impressos em elevada escala na Europa e nos Estados Unidos da América.

Maria Daniela Weber (2012) ressalta que ao trabalhar com a imprensa é necessário obter informações que favoreçam conhecer a história dos periódicos a serem estudados. Para a pesquisadora é importante levantar informações tais como: o que, como, porque respondem a princípio e direcionam as demais perguntas. Estas informações são imprescindíveis quando se pesquisa os periódicos.

No entender de Zicman (1985), a imprensa age de acordo com o campo político-ideológico e, no entanto, deve levar em consideração as principais características dos órgãos de imprensa pesquisados, no que diz respeito aos jornais.

Ainda de acordo com Weber (2012) “Conhecer o jornal e os rumos pelo qual caminhava é importante para compreender o contexto em que estava inserido” (p.10).

Para Capelato (1988 apud OLIVEIRA, 2016), após a década de 1970, a imprensa “passou a ser concebida como espaço de representação do real” (p. 24).

O historiador passou a estudar os jornais como agente da história, captando o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas suas páginas. Considera que a construção do fato jornalístico abrange não apenas elementos subjetivos de quem os produziram, mas expressam também interesses aos quais os membros dos jornais estão vinculados. Os impressos, nesse sentido, não são meros transmissores, imparciais e neutros, dos acontecimentos. Por meio deles apregoasse as forças políticas dos grupos que compõe a sociedade. Para a autora, nos vários tipos de periódicos se encontra “projetos políticos e visões de mundo representativas de vários setores da sociedade” (CAPELATO, 1988, p. 34).

Por esse motivo, “têm a função de ‘despertar as consciências’ e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao comportamento político do público leitor” (CAPELATO, 1988, p. 34). Desta forma, segundo Capelato, a imprensa se coloca como uma força política, dispositivo de manipulação de ambições, propensões e de intervenção na vida social. Assim sendo, não é nível isolado da realidade político-social na qual se insere (OLIVIERA, 2016).

O Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867), missionário presbiteriano comissionado pela Presbyterian Church in the United States of America (PCUSA), fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil (1859), quarta igreja¹³ protestante a se estabelecer no país, também se constituiu importante autor e tradutor de obras. Simonton atribuiu importância à literatura como estratégia de divulgação do protestantismo em terras brasileiras. Sua maior contribuição diz respeito aos sermões e artigos que ajudaram a compor o conteúdo do jornal *Imprensa Evangelica* (Cf. Figura 1). Na edição deste jornal, datada de 18 de fevereiro de 1871, encontramos anunciado, por exemplo, os “Sermões Escolhidos do Rev. A. G. Simonton” (Cf. Figura 2). De acordo com o anúncio:

[...] obra em 1 volume de 240 páginas, 8ª ornado com o retrato do autor aberto em aço. Acham-se a venda em casa dos Srs. Laemmert, Rua do Ouvidor n. 68, e na Livraria Evangelica, n. II. Travessa da Barreira: para onde as encomendas de fora podem ser dirigidas, ou em carta ao Sr. C. J. Cardoso, caixa do correio n. 254, (IMPRESA EVANGELICA, 18/02/1871, p.32).

¹³ A primeira Igreja Protestante organizada no Brasil foi a Igreja Anglicana, 1822. A segunda foi a Igreja Luterana, 1824 e a terceira foi a Igreja Congregacional, 1858.

A obra consta de 26 sermões selecionados pelo Rev. Blackford¹⁴ e foi publicada no ano de 1869, em Nova York, um ano e meio após a morte do Rev. Simonton (MATOS, 2007, *apud*. CRUZ, 2014).

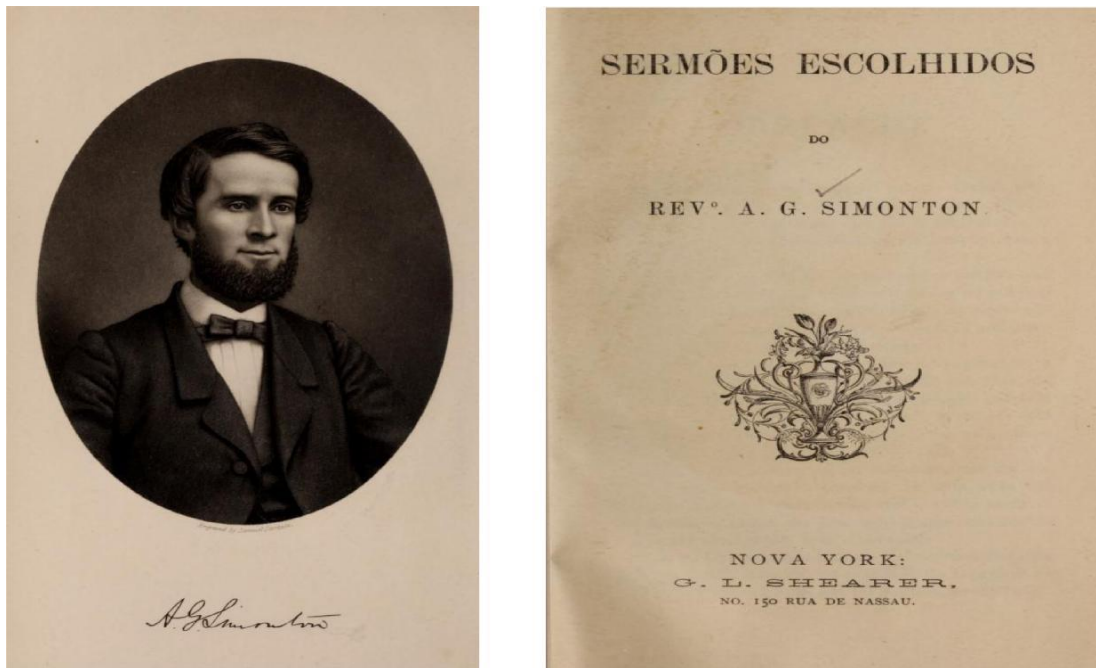
¹⁴ O Rev. Alexander Latimer **Blackford** (1829-1890) nasceu em Ohio – EUA. Ministro presbiteriano de formação teológica pelo Western Theological Seminary decidiu servir como missionário no Brasil. Casado com Elizabeth Blackford (irmã do Rev. Simonton) tornou-se um dos principais colaboradores da implantação do presbiterianismo no Brasil, além de colaborar na elaboração do jornal Imprensa Evangelica (FERREIRA, 1992).

Figura 1 - O Jornal Imprensa Evangelica



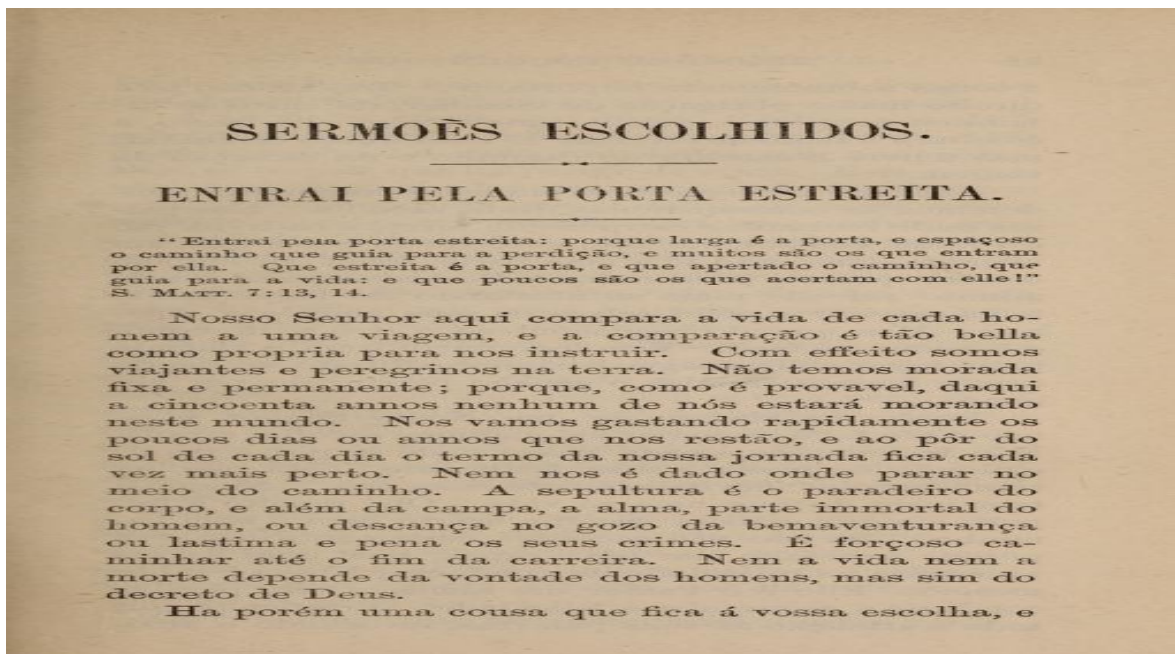
Fonte: www.bn.br

Figura 2 - Capa do Livro Sermões Escolhidos de Simonton



Fonte: Biblioteca Rev. Julio Andrade Ferreira - Seminário Presbiteriano do Sul.

Figura 3 - Página do Livro de Sermões Escolhidos



Fonte: Biblioteca Rev. Julio Andrade Ferreira - Seminário Presbiteriano do Sul – Campinas/SP

1.6 As fontes e os objetos da pesquisa

De acordo com Lisiane Vasconcellos da Silva (2007):

A pesquisa científica implica em observação, análise, reflexão crítica, síntese e aprofundamento de alguns conceitos, sobre determinada área temática, a partir de um problema ou oportunidade proposto por um pesquisador, que exige uma forma adequada e estruturada de organização de acordo com as normas metodológicas e técnicas vigentes (SILVA, 2007, p.2).

Para esta pesquisa utilizamos como aporte teórico-metodológico alguns autores que serviram de base teórica para fundamentar este estudo, tais como Ester Nascimento (2004, 2007), João Leonel (2014, 2016), Edwirges Rosa dos Santos (2009), Socorro de Fátima Barbosa (2007, 2016), Roger Chartier (1990, 2004), Karla Janaína Costa Cruz (2014), Robert Darnton (1986, 1990), Laurence Hallewell (2005), Daniel Kidder (2001), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2002), Antonio Gouvêa Mendonça (1984, 2008), Velasques Filho (2002), Boanerges Ribeiro (1973, 1981, 1987, 1991,1996), João Gomes Rocha (1941), Nelson Werneck Sodré (1999), Matías M. Molina (2015), entre outros, os quais elaboram categorias como biografia, protestantismo, associações voluntárias, cultura, práticas e representações.

Este estudo nos permitiu perceber que os impressos protestantes proporcionaram a difusão de novas práticas culturais e educacionais, forjando novos hábitos no século XIX.

Esta pesquisa justifica-se, ainda pela carência de estudos sobre impressos, livros e leitores protestantes na historiografia brasileira e no campo de pesquisa da História da Leitura Protestante. As leituras realizadas ofereceram um alicerce e ferramentas necessárias para a produção desta Tese. Foi de fundamental importância para esta pesquisa a leitura do livro *Lembranças do Passado*, publicado em quatro volumes, o qual registra cartas e relatórios escritos por Robert Reid Kalley e seus colaboradores. Além de cartas, estão reunidos os diários de Kalley e de sua esposa Sarah Kalley, atas, sermões e relatórios de vendas dos impressos, documentos que possibilitaram uma maior compreensão de tal ação no Brasil. Esses documentos foram organizados e publicados por João Gomes da Rocha, brasileiro e filho adotivo de Kalley. Todas as análises realizadas serviram para fomentar e aperfeiçoar nosso conhecimento e compreensão acerca deste movimento, preenchendo algumas lacunas existentes sobre a ação protestante no Brasil na história da leitura e leitores.

Ressaltamos que nas pesquisas científicas deve-se levar em consideração o contexto histórico e cultural de cada época, pois este contexto determinará a maneira de como as fontes deverão ser manejadas. Verificamos que no século XIX, assim como no começo do século

XX, a utilização das fontes estava diretamente ligada a uma tradição positivista, esta tradição revela que a verdade dos fatos deveria ser investigada de forma cabal por meio dos documentos.

Ao sugerir trabalhar com imprensa, de imediato é preciso informações que viabilizem conhecer a história do jornal a ser pesquisado. Informações do tipo o que, quando, como, por que respondem inicialmente e apontem as demais questões (WEBER, 2012).

Segundo Weber (2012, p. 9-10), “Tais informações são necessárias no trabalho de pesquisa em jornal”.

A imprensa age sempre no campo político-ideológico e, portanto, toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de Imprensa consultados (ZICMAN, 1985, p. 90).

Ainda de acordo com Weber (2012, p. 10), “Conhecer o jornal e os rumos pelo qual caminhava é importante para compreender o contexto em que estava inserido”.

A imprensa é rica em dados e elementos, e para alguns periódicos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas, etc. Seu estudo é enriquecedor, sobretudo quando se tem interesse pela História Social, História das Mentalidades e História das Ideologias (ZICMAN, 1985, p. 89).

Weber (2012) afirma que:

Pesquisando a imprensa, se está trabalhando com a história por novas concepções de estudo, onde há diversidade de questionamentos e abordagens, onde se pode ir além dos que os documentos ditos oficiais, nos levariam (WEBER, 2012, p. 11).

De acordo com Raniele Duarte Oliveira (2015):

Nas relações da história com a imprensa é possível destacar dois grandes campos de estudo. O primeiro é aquele que a autora chamou de “História da Imprensa”: busca reconstruir a trajetória dos órgãos de Imprensa apresentando suas principais características para um determinado período. O segundo é aquele que a pesquisadora denominou de “História através da Imprensa”: abrangem os trabalhos que tomam a Imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica. Para essa autora, a imprensa é rica em dados e elementos que permitem um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas manifestações de vida, sejam elas culturais, políticas, etc. Contudo, em seu ver, os jornais não são uma “ponte” ou “trampolim” em direção à realidade, um estudo mais atento dos órgãos de imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico é um pressuposto necessário a todo trabalho que utiliza este tipo de fonte documental, pois para Zicman a imprensa age sempre no campo de interesses e posições. Assim, toda

pesquisa realizada a partir da análise de jornais, de acordo com essa autora, deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados. Reitera ainda que mesmo quando não se faz História da imprensa propriamente dita, mas antes o que se chama História através da imprensa, é necessário historicizar os jornais (OLIVEIRA, 2015, p. 2).

Na atualidade os jornais e a imprensa em geral, favorecem na produção historiográfica. O uso dos periódicos como fonte de pesquisa possibilita discussões que estimulam os historiadores da imprensa a buscarem cada vez mais caminhos teórico-metodológicos que possibilitem leituras do passado. Mas nem sempre foi assim (OLIVEIRA, 2015).

Durante o século XIX e nos primeiros anos do século XX, não concebendo particularidade brasileira, a concepção historiográfica em uso estava associada ao ideal de busca da “verdade dos fatos”, que se acreditava conseguirem por intermédio de documentos. O historiador deveria se portar neutro diante de seu objeto de estudo. Os documentos por si só eram vistos como fontes de fidedignidade e credibilidade do passado. Os periódicos afiguravam pouco adequados ao estudo da História, pois se acreditava que, escritos em episódios de interesses, compromissos e paixões, ao invés de assimilarmos fatos, deles forneciam imagens distorcidas, parciais e subjetivas da realidade (DE LUCA, 2008).

A pesquisadora ressalta o valor da utilização de periódicos como fontes em investigações históricas e afirma que os jornais nos permitem conseguir dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade (DE LUCA, 2008).

A falta de um olhar crítico ao analisar os periódicos escolhidos para a pesquisa histórica pode gerar uma ingenuidade. A referida autora afirma ser de fundamental importância que o historiador tenha em vista que o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. Em resumo, os discursos obtêm significados de muitas maneiras, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro

compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas dos impressos (DE LUCA, 2008).

Cruz (2014) afirma que “o jornal não é um mero veículo de informações ou transmissor imparcial dos acontecimentos” (p.24). Para esta pesquisa faz-se necessário estabelecer a relação do jornal *Imprensa Evangelica* com os conteúdos literários escritos pelos seus editores. A junção entre História e Literatura irá nos permitir a probabilidade de questionamento do jornal enquanto suporte que, especialmente no oitocentismo brasileiro, “exercia um caráter enciclopédico, o jornal servia para instruir, para deleitar, para formar opinião e até para consagrar autores e gêneros” (CRUZ, 2014, p. 24).

Assim sendo, estamos em conformidade com Barbosa (2007), que, em suas pesquisas, dá ao jornal o seu valor como um espaço por excelência da circulação do literário. Esses anônimos (autores não canonizados) entram em cena a partir do momento em que o periódico é tomado como suporte e fonte primária por onde circularam várias vozes e vários discursos, em um pulsar heterogêneo e variado, que pode apresentar múltiplas perspectivas de uma maneira desigual de se apropriar e de se aproximar da cultura escrita (CRUZ, 2014, p.22).

Portanto, o *corpus* de nossa pesquisa é o jornal *Imprensa Evangelica* (1864-1892) por compreendê-lo como fundamental à obtenção dos objetivos pretendidos, no sentido de reunir em si um considerável número de textos e a apresentação de literatura protestante. A escolha justifica-se por entendermos que ele foi um importante veículo cultural protestante no século XIX como um campo que não se faz neutro, antes se impõe como um instrumento de veiculação de interesses e de intervenção na vida social. O jornal não é um mero veículo de informações ou transmissor imparcial dos acontecimentos. É do nosso interesse nesta pesquisa, de modo fundamental, a relação do jornal *Imprensa Evangelica* com o conteúdo literário que ele apresenta. O entrelaçamento entre História e Literatura nos dará múltiplas possibilidades de abordagem do jornal enquanto suporte que, especialmente no século XIX brasileiro, exercia um caráter enciclopédico, o jornal servia para instruir, para deleitar, para formar opinião e até para consagrar autores e gêneros.

Posto isto, tomaremos para fins de estudo neste trabalho o jornal *Imprensa Evangelica* (1864-1892), considerando alguns aspectos que lhe dão especificidade. Primeiramente, por ser este o primeiro periódico cristão protestante que circulou no Brasil e na América Latina no

século XIX. Em segundo lugar, por testificarmos por meio da pesquisa de numerosos trabalhos científicos que o *Imprensa Evangelica* foi o principal supedâneo propagador das ideais protestantes em território brasileiro.

A produção de textos em jornais protestantes do século XIX ainda se constitui em um campo vasto a ser estudado e pesquisado, visto que poucos historiadores se interessaram por ele.

Como já afirmamos neste trabalho, os protestantes foram profusos na produção de textos literários, desde atas de reuniões e assembleias, até as publicações, como panfletos, opúsculos, livros, Bíblias, hinos, crônicas, artigos, revistas e jornais (SANTOS, 2011).

Nas palavras de Santos (2011) “Para o historiador, esse acervo, que está disperso em sua boa parte, significa um horizonte de pesquisas ainda a ser explorado” (p.387).

Para o enriquecimento desta pesquisa visitamos o Arquivo Histórico Presbiteriano, vinculado à Igreja Presbiteriana do Brasil e localizado no bairro do Campo Belo, zona sul de São Paulo/SP, que reúne em seu acervo uma série de documentos reveladores, a exemplo de: atas e registros que, por sua vez, tratavam da ação propagandística protestante, bem como de questões administrativas e litúrgicas; a coleção quase completa de jornais como o *Imprensa Evangélica* (1864) e *O Puritano* (1899) e outros periódicos; uma quantidade significativa de folhetos e livros protestantes que integram o marco temporal de nossas pesquisas.

Na cidade de Campinas/SP, desenvolvemos pesquisa junto à Associação Basileia, que é uma associação sem fins lucrativos, pertencente à Igreja Evangélica Congregacional do Brasil. O seu acervo é constituído de documentos que retratam a história da inserção do protestantismo no Brasil. Há cartas, fotos, jornais das mais diversas denominações, periódicos e livros de atas que contam a história protestante no Brasil desde o século XIX. Ainda, na cidade de Campinas/SP, visitamos e pesquisamos o Museu Presbiteriano Rev. Júlio Andrade Ferreira, situado no Seminário Presbiteriano do Sul. Neste museu há também, um acervo numeroso de livros, atas, jornais, fotos que narram o início do protestantismo no Brasil.

1.7 Objetivos do trabalho e considerações teórico-metodológicas

Esta pesquisa pretendeu trazer uma contribuição para a literatura protestante no Brasil a partir do estudo de objetos culturais protestantes situados na segunda metade do dezenove, apoderando-se para isso, dos escritos do Dr. Robert Kalley e do jornal *Imprensa Evangelica* como imprescindíveis fontes deste trabalho.

Catalogamos o *Imprensa Evangelica* que circulou entre os anos 1864 a 1892. Foi nossa inspiração estudar os artigos dos quais os seus redatores, editores e articulistas apropriaram-se com a intenção de formar um conjunto textual de caráter utilitário por servir à propaganda protestante em âmbito nacional, apoiando a evangelização e à instrução doutrinária dos recém-convertidos e de seus membros. Finalmente, foi nosso desejo estudar como se deu a formação deste sistema literário protestante no Brasil do século XIX, levando em conta os fundamentos de autoria, tradução, leitor, editoração e obras citadas, utilizando-nos do *Imprensa Evangelica*. Também, fundamentamos o nosso trabalho nas pesquisas do professor Antonio Candido, utilizando a sua obra *A Formação da Literatura Brasileira* (2000).

Para que estes objetivos se tornassem possíveis tomamos como apoio as concepções teóricas da História Cultural. Para Chartier (1990, p. 16, 17), a História Cultural, bem como a tomamos, “tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Uma vez que adotamos essa concepção teórica, estabelecemos um entendimento com outras áreas do conhecimento, no sentido de uma compreensão maior de outros documentos para além dos utilizados como fonte primeira.

Foi de suma importância para a nossa pesquisa os estudos de Roger Chartier (1990, 2004, 2009), em se tratando de analisar o *Imprensa Evangelica* como objeto cultural e instrumento de difusão de saberes e práticas religiosas.

De acordo com Chartier, 1990:

Os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (CHARTIER, 1990, p. 22).

1.8 Proposta metodológica

A nossa pesquisa é uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. De acordo com Fonseca (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas

científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

Ainda, nos apoiamos na análise documental como técnica obtenção das considerações escritas. Essa técnica permite ao pesquisador inferir de valor aos documentos, bem como permite se extrair dos documentos os valores, os sentimentos, as intenções de quem o escreveu e os protocolos de leitura¹⁵; disseminados ao longo dos textos no nosso caso o *Imprensa Evangelica* por autores e editores, que visam condicionar a interpretação aos sentidos pré-estabelecidos. A partir da análise documental, também, é possível; identificarmos a representação das comunidades de leitores que se apropriaram dos textos para certos fins.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Como pesquisador, tomamos o cuidado com as “legibilidades verossímeis” do objeto de estudo. O nosso desejo em estudar as possibilidades da legibilidade se firmou na leitura de textos que se subordinam a outros textos. Demonstrando assim, a relevância do fenômeno intertextual.

Daniel Coste (1988) cita a afirmação de Barthes:

O texto redistribui a língua. Uma das vias desta desconstrução é permutar textos, farrapos de textos que existiram ou existem. Em volta do texto considerado e finalmente dentro dele; todo o texto é um intertexto; outros

¹⁵ Nos estudos sobre a leitura e suas práticas, Roger Chartier (2009, p. 10, 11) faz uso de expressão como sendo os vestígios importantes para a constituição das atitudes das práticas passadas do ato de ler e podem ser tomados como: “os elementos que determinado autor dissemina pelo texto de modo a assegurar ou ao menos indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele” e “o que se produz na própria matéria tipográfica, em geral de responsabilidade do editor, de modo a favorecer certa extensão da leitura e caracterizar o seu ‘leitor ideal’, que não precisa assemelhar-se àquele originariamente suposto pelo autor”.

textos estão presentes nele, em diversos níveis, sob as formas mais ou menos reconhecíveis (COSTE, 1988, 32).

A narrativa plausível é uma narrativa das quais ações respondem, como aplicações ou em casos particulares, a um corpo de preceitos recebidos como verdadeiros pelo público ao qual se destina; mas esses preceitos, pelo próprio fato de serem admitidos, permanecem, geralmente, subjacentes (SILVA, 2011).

1.9 A composição do trabalho

O trabalho está organizado em 5 capítulos. No primeiro capítulo, tratamos da chegada dos primeiros missionários americanos e europeus no Brasil e a relação de contribuição do jornal *Imprensa Evangelica* na inserção do protestantismo no Brasil. No segundo capítulo, estudamos o surgimento da imprensa no Brasil e a História da Imprensa no século XIX. No terceiro capítulo, analisamos o surgimento da Imprensa Protestante no Brasil, destacando o jornal *Imprensa Evangelica*. No quarto capítulo, apontamos os fundadores, a materialidade, lugares de distribuição, artigos e seus objetivos. No quinto capítulo, propomos a análise de alguns textos apresentados pelo *Imprensa Evangelica*.

II. O Surgimento Da Imprensa No Brasil

2.1. A História da Imprensa Brasileira no Século XIX

Durante 300 anos o Brasil não teve tipografia e nem mesmo imprensa. As primeiras gazetas impressas aparecem na Europa, em 1609. Na Alemanha e em outros países, a imprensa ia formando conceito e moldava a opinião pública. No Brasil durante três séculos não houve tipografias é porque Portugal, assim como proibira a instalação de indústrias, de um correio interno, de universidades, também não queria que o Brasil tivesse imprensa (MOLINA, 2015).

De acordo com Molina (2015)

Os jesuítas, que nos séculos XVI e XVII instalaram tipografias em várias regiões da Ásia e da África de colonização portuguesa, para imprimir obras de catequese, não teriam também prelos no Brasil português? Essa questão foi colocada no século XIX pelo historiador alemão das artes gráficas Carl Faulmann e recolhida por escritores brasileiros como um desafio. Alfredo de Carvalho e Rubens Borba de Moraes, entre outros, tentaram, sem resultado, encontrar uma resposta. Mas a questão continua desafiando os historiadores. Se a Companhia de Jesus não contou no Brasil com meios de impressão para doutrinar os índios, qual foi o motivo? A instalação e o funcionamento da tipografia construída pelos jesuítas, com a ajuda dos índios guaranis, na província do Paraguai, uma enorme região da América do Sul, onde imprimiram, no início do século XVIII, obras de excelente qualidade gráfica. Um bom número de historiadores insistiu, erroneamente, em que essa tipografia se encontrava numa região que é hoje território brasileiro. Na verdade, fora instalada na Argentina (MOLINA, 2015, p. 15).

Não obstante a proibição da Coroa, os livros aportaram por aqui no fim do século XVIII, quase três séculos depois de encontrada por navegadores a Ilha de Vera Cruz. Liam-se principalmente textos filosóficos e históricos considerados subversivos, das leis constitucionais norte-americanas, encontradas com Tiradentes, à Enciclopédia, achada com o cômego Luís Vieira, todos trazidos por brasileiros que estudaram na Europa ou por contrabandistas. Em 1792 eram duas as livrarias no Rio de Janeiro, mantidas com as vendas de poemas e calendários, sendo uma delas a de Paulo Martins (PIERANTI e MARTINS 2006).

A abertura dos portos brasileiros ao comércio com as nações amigas, em 1808, facilitaria o contrabando de objeto difundido precariamente, impresso em escassas folhas, com periodicidade inconstante, os jornais, gazetas ou, mais adequadamente, folhetos. Lia-se cada vez mais, ainda que as letras fossem insignificantes para quase toda a população nativa, analfabeta na sua quase totalidade. Criavam-se, então, as condições mínimas para o

estabelecimento de uma imprensa onde quer que seja: já havia parcos leitores e começava a surgir a infraestrutura para o seu desenvolvimento. Pequenas tipografias eram abertas ora no Recife, ora no Rio de Janeiro, para imprimir letras de câmbio e orações, sendo fechadas logo em seguida (PIERANTI e MARTINS, 2006).

Não era a intenção da Corte Portuguesa um Brasil civilizado. No entanto, a Coroa não poderia mais fechar os olhos para a ignorância em relação aos livros, folhetos, tipografias e jovens universitários que por aqui se multiplicavam. Se havia tipos e leitores, haveria imprensa pacificamente ou com resistência e luta. Melhor que não as houvesse e que o processo fosse todo controlado por Sua Majestade.

Segundo Meirelles (2007)

A Gazeta do Rio de Janeiro (1808), primeiro jornal institucional a circular no Brasil era produzida pela Impressão Régia, que também tinha como função imprimir exclusivamente todos os papéis ministeriais e diplomáticos do real serviço, incluindo aí não só os documentos da Secretaria de Negócios Estrangeiros e da Guerra, mas de todas as outras repartições, além de imprimir as obras de particulares. O primeiro exemplar do jornal A Gazeta do Rio de Janeiro foi publicado em 10 de setembro de 1808 e seguia a dimensão padrão das folhas estrangeiras (19 X 13,5), com formato in-quarto; características que já apontam algumas semelhanças com o estilo e estrutura da Gazeta de Lisboa, folha oficial portuguesa originada em 1715. A Gazeta do Rio de Janeiro era estruturada em duas partes: seção noticiosa e de avisos. Na seção noticiosa a folha circunscrevia a fala do redator, incluía artigos escolhidos de diversos jornais europeus, apresentava cartas de militares e políticos de relevância no período, inseria informações burocráticas – como o balancete financeiro da Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro – e também noticiava o cotidiano da realeza: das graças do monarca para seus súditos civis e militares como, por exemplo, a distribuição de títulos de nobreza às diversas festividades do calendário real, como os aniversários do príncipe regente e as peças de teatro. Já a seção de Avisos era o local onde se concentravam os mais diversos tipos de anúncios, cujo enfoque, na maioria das vezes, era a prestação de serviços. Neles incluíam-se as publicações que se relacionavam ao universo cultural e comercial da cidade: as notícias marítimas, as saídas de correio, as vendas de livros e periódicos, mapas, vendas de escravos e imóveis, leilões etc. eram constantes e delineavam a relação existente entre a imprensa e a sociedade joanina no Rio de Janeiro, no início do século XIX. Com particularidades e lógicas distintas, a conexão entre esses espaços marcava a unidade da folha, pois ao integrarem-se, confeccionavam o caráter geral das notícias da primeira Gazeta brasileira (MEIRELLES, 2007, p. 4-5).

90 dias antes do lançamento da *Gazeta*, o jornal *Correio Braziliense*, editado em Londres (Inglaterra), feito para a leitura dos brasileiros, iniciou uma série de duras críticas e comentários em relação à postura da Corte com relação à população brasileira, ora recentemente chegada à sua maior colônia. O *Correio Braziliense* ficou sob a

responsabilidade de Hipólito da Costa¹⁶ até o ano de 1822, com edições de cerca de 100 páginas. Estas edições chegavam ao Brasil via contrabando. Após a Independência do Brasil, o jornalista Hipólito da Costa considerou seu trabalho encerrado e pôs fim à trajetória do periódico. A Coroa tomou uma atitude duríssima que marcaria a história do jornalismo brasileiro em todos os séculos: aos amigos, tudo; aos inimigos, o combate. Somente os jornais simpatizantes com a Coroa recebiam verbas publicitárias polpudas e empréstimos facilitados e sem dificuldades de bancos oficiais. Já os jornais que se opuseram e teciam duras críticas ao governo tiveram dificuldades às verbas oficiais e, dependendo do grau de autoritarismo do regime, sofriam censura e coerções as mais diversas. No começo do século XIX, a Coroa combateu os jornais opositoristas de forma veemente e com a força das armas literalmente. Diversas tipografias foram fechadas; jornais, censurados; profissionais, espancados. Devido à dureza imposta pela Coroa muitos periódicos tiveram vida curta, submetidos a prejuízos diversos. Apesar disso, em contraste com a escassez dos jornais, a imprensa, como instituição, crescia e prosperava, espalhando publicações e tipografias pelo Brasil. Nos idos do ano 1825, quando o Brasil já vivia debaixo do regime de uma monarquia independente, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Minas Gerais, Maranhão, Pará e Pernambuco, pelo menos, eram sedes de jornais e/ou tipografias. Os movimentos pró-independência levantavam a bandeira de uma imprensa livre (PIERANTI e MARTINS, 2006).

Na afirmação de Sodré (1999 apud PIERANTI e MARTINS, 2006), “que difundida a imprensa, tornava-se necessário regulá-la. Lei viria dúbia e imprecisa, em conformidade com

¹⁶ Hipólito da Costa (Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça), jornalista nasceu na Colônia do Sacramento, atual República do Uruguai, em 13 de agosto de 1774, e faleceu em Londres, Inglaterra, em 11 de setembro de 1823. É o patrono da cadeira n. 17, por escolha do fundador Sílvio Romero. Era filho de um fazendeiro da Capitania do Rio de Janeiro, lá destacado como Alferes de Ordenanças, Félix da Costa Furtado de Mendonça, e de Ana Josefa Pereira, natural daquela Colônia. Fez os preparatórios em Porto Alegre e formou-se em Direito e Filosofia na Universidade de Coimbra, em 1798. No mesmo ano foi encarregado pelo ministro português, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de estudar questões econômicas nos Estados Unidos, onde ficou até 1800, daí resultando o *Diário de minha viagem para Filadélfia*, só publicado em 1955. Nomeado para a Imprensa Real em 1801, fez nova viagem oficial, à Inglaterra e à França, sendo preso na volta, em 1802, passando então cerca de três anos nos cárceres da Inquisição, acusado de disseminação da Maçonaria em Portugal. Fugiu em 1805, disfarçado em criado de serviços, tomando o rumo de Espanha, Gibraltar e finalmente Londres, onde se estabeleceu definitivamente. Ali, pondo-se sob a proteção do Duque de Sussex, filho do rei e maçom ele próprio, funda o *Correio Brasiliense* em 1808, o mesmo ano da criação da imprensa no Brasil. Tem-se dito que é o primeiro jornal brasileiro, antecedendo mesmo ao primeiro jornal que se imprimiu em território nacional, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (10 de setembro de 1808). Foi a mais completa tribuna de análise e crítica da situação portuguesa e brasileira, formando uma estante de 29 grossos tomos, os quais se estendem desde 1802 a 1822, ano em que, verificando que o seu apostolado em favor da independência do Brasil estava transformado numa radiosa vitória, o jornalista julgou cumprido o seu dever, e encerrou a publicação do jornal. Faleceu pouco depois, em 1823, sem chegar a saber que fora nomeado cônsul do Império do Brasil em Londres. É o patrono da imprensa e dos estudiosos da realidade brasileira.

Fonte: Academia Brasileira de Letras. <http://www.academia.org.br/academicos/hipolito-da-costa/biografia> Acessado em 25/9/2017.

a tradição legal brasileira” (p.4). A Nova Constituição portuguesa defendeu matéria inédita sobre a livre comunicação do pensamento que é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, conseqüentemente, sem dependência de censura prévia, manifestar suas opiniões em qualquer matéria, contanto que haja de responder pelo abuso desta liberdade nos casos e na forma que a lei determinar. Consoante com o Aviso de 28 de agosto de 1821, a lei determinou a total proibição no Brasil de escritos contra a moral, os bons costumes, a Constituição, o Imperador, a tranquilidade pública enfim, como ressaltou Sodré (1999), contra quase tudo. Este Aviso se deu cinco meses depois da regulamentação portuguesa.

Tomando S. A. Real em consideração quanto é injusto que, depois do que se acha regulado pelas Cortes Gerais Extraordinárias da Nação Portuguesa sobre a liberdade de imprensa, encontrem os autores e editores inesperados estorvos à publicação dos escritos que pretenderem imprimir: É o mesmo Senhor servido mandar que se não embarasse por pretexto algum a impressão que se quiser fazer de qualquer escrito, devendo unicamente servir de regra o que a mesma Corte tem determinado sobre este objeto (SODRÉ, 1999, p. 41).

Como desdobramento deste Aviso, todos os artigos, a partir desta data, teriam que ser assinados e as provas tipográficas seriam submetidos ao procurador da Coroa. Ficava garantida a liberdade de imprensa, feitas as inúmeras observações legais. Noutras palavras, a imprensa livre era uma farsa, ou seja, uma mentira.

Sodré (1999) esclarece outra razão da regulação da atividade jornalística no Brasil: a lentidão. Funcionam os poderes Executivo e Legislativo como forças reativas, nunca proativas. A imprensa, inclusive a de oposição, era uma realidade trinta anos antes de o governo decidir regular sua liberdade.

Nos primórdios da imprensa no Brasil o que se percebe são os fortes posicionamentos de opiniões e dos seus jornalistas e articulistas. Em 1808, ainda no período colonial, fica definitivamente marcada a fundação da imprensa no país. Em seu livro *Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência*, Isabel Lustosa (2000), retrata o início da imprensa no Brasil e o papel que ela exerceu no processo da Independência. Nesta ocasião, como sabemos, no Brasil não havia universidade e aqui a impressão das letras era proibida pela Corte Portuguesa. Todas as iniciativas de se criar e estabelecer o funcionamento de tipografias no país eram impedidas por Portugal (PACCOLA, 2004).

O navio que transportou D. João VI de Portugal juntamente com a família real, trouxe equipamentos gráficos para o Brasil e instalados no Rio de

Janeiro. Com estes equipamentos deu-se origem à Impressão Régia¹⁷, que funcionou até 1821(PACCOLA, 2004, p.1).

Em 10 de setembro de 1808, com a vinda da família real, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, foi editado pela primeira vez e submetido à censura. “A mesma censura rigorosa que existia em Portugal” (Molina, 2015, p.18). “A *Gazeta do Rio de Janeiro* foi uma adaptação da *Gazeta de Lisboa*, com a publicação de traduções de artigos da imprensa europeia” (PACCOLA, 2004, p.1).

D. João VI lia os escritos antes de irem ao prelo. Tudo o que era impresso no Brasil passava por essa tipografia oficial, que tinha regras claras sobre o que podia ou não ser publicado (PACCOLA, 2004, p.1).

No século dezoito, apareceram duas iniciativas em Portugal que seriam de grande magnitude para a formação da imprensa no Brasil: a *Impressão Régia* e a *Gazeta de Lisboa*, replicados no Rio de Janeiro em 1808 com a chegada da família real. Outra instituição portuguesa importante para o Brasil foi a transiente existência da tipografia e casa literária do *Arco do Cego de Lisboa*, na qual trabalharam vários brasileiros e onde se imprimiam livros orientados para a colônia. No momento em que todo o império lusitano passou a ser governado a partir do Rio de Janeiro, jornal em língua portuguesa, escritos e impressos em Londres e Paris para fugir da censura, foi uma fonte fundamental de informação e de opinião para a Corte e para uma minoria alfabetizada do Brasil e de Portugal. O *Correio Braziliense* foi o mais importante, mas não o único deles. Foram incluídos nesta obra o perfil de jornais como *O Campeão Portuguez*, *O Portuguez*, *O Padre Amaro*, *O Investigador Portuguez em Inglaterra*. Esse período, quando Brasil e Portugal faziam parte do Reino Unido, foi de um intenso intercâmbio transatlântico de informações entre os dois países (MOLINA, 2015).

[...] Hipólito José da Costa foi o jornalista mais influente do Brasil no período anterior à Independência. Seu jornal, o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, editado em Londres, um áspero crítico do governo instalado no Rio de Janeiro, contribuiu para a formação da consciência nacional. Vários de seus escritos não perderam a atualidade. Como disse Afonso Arinos de Mello Franco, “ainda hoje ficamos admirados com a precisão do julgamento de Hipólito” (MOLINA, 2015, p. 120).

Os primeiros jornais impressos em terras brasileiras foram sujeitados à mesma censura categórica que existia em Portugal, mas o fato de a imprensa, antes proibida, ter sido

¹⁷ A Imprensa Régia foi parte da estrutura burocrática do Império, destinada a imprimir documentos, decretos e livros, entre outras coisas. Ela foi a primeira imprensa do Brasil, e surgiu com a vinda da família real portuguesa em 1808. Todo o maquinário foi trazido da Europa como parte da bagagem de D. João VI e sua família.

implantada representou um passo irreversível: não havia como voltar ao passado e suprimir a tipografia e os jornais. Foi um curto espaço de tempo desta transição iniciada em 1808. Quando a Independência, ocorrida em 1822, a imprensa já estava livre da censura (MOLINA, 2015).

Hipólito da Costa era um monarquista favorável ao fim gradativo da escravidão, contrário às ideias da Revolução Francesa e, embora desejasse reformas para o Brasil, não queria que essas mudanças fossem feitas pelo povo (PACCOLA, 2004, p.2).

Hipólito da Costa acalentou o desejo de que a Coroa fizesse as reformas no país: “Desejamos as reformas, mas feitas pelo governo, e urgimos que o governo as deve fazer enquanto é tempo, para que se evite serem feitas pelo povo” (SODRÉ, 1983, p. 28).

A princípio, o jornalista Hipólito da Costa era contrário à Independência. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1983), o jornalista Hipólito da Costa foi “vencido pelos acontecimentos e aceitou a Independência, que era defendida pelo seu público leitor” (p.28).

A pesquisadora Cristiane H. C. Bernardo (2010) tratou e elucidar a polêmica sobre um panfleto, escrito em 1821, que causou muita polêmica, sobre a permanência da família real no Brasil:

Ainda no ano de 1821, a publicação de um panfleto, sem autoria, embora se soubesse que fora escrito pelo comendador e coronel francês F. Caille de Geine, com ciência de D. João VI, argumentando que a família real deveria ficar no Brasil, causou tanta polêmica que acabou sendo recolhido. Entretanto, o episódio serviu como incentivo à publicação de impressos com opiniões sobre a política do Brasil e a defesa de sua Independência de Portugal. O Folheto de Caille, como ficou conhecido, foi o inspirador de muitas publicações do gênero que vieram posteriormente, também com a mesma defesa (BERNARDO, 2010, p. 31.).

Este fato contribuiu e incentivou várias publicações de impressos com opiniões sobre a política do Brasil. Tal panfleto de F. Caille de Geine propiciou publicações do gênero. Paradoxalmente, uma publicação impressa com a subscrição do rei dava início à prática da imprensa de participação. O fato de ser o panfleto atribuído a um cidadão comum estimulava também aos demais. Era a confirmação da liberdade de Imprensa. Qualquer um, no novo sistema, poderia vir a público dar o seu palpite na condução dos negócios do Estado (LUSTOSA, 2000).

A partir daí, surgiram, então, periódicos escritos por pessoas que ocupavam cargos públicos. O primeiro foi o *Conciliador do Reino Unido* de propriedade de José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, que era censor da Imprensa Régia. Os que se seguiram eram

conciliadores, ordeiros e “amigos do rei e da nação”. “Jornais bem-comportados, que se propunham a educar o povo para o futuro constitucional que se avizinhava” (Lustosa, 2000, p. 102).

Nesta ocasião, no Brasil, os livros eram poucos e a maioria da população brasileira era analfabeta e inculta. Conseqüentemente, os intelectuais que começaram a escrever nos periódicos cumpriam uma função também educativa. Eles estavam cientes desse papel. Ao publicar o jornal *Constitucional*, por exemplo, José Joaquim da Rocha, que era um importante personagem político, define seu objetivo como o de “educar as pessoas, preparando-as para o processo constitucional e procurando igualmente suprir-lhes as deficiências culturais e educacionais” (Lustosa, 2000, p. 31).

Conquanto agradassem a Coroa Portuguesa, “esses jornais que acabavam de nascer representavam um avanço em relação à *Gazeta do Rio de Janeiro*” (PACCOLA, 2004, p. 2), principalmente no âmbito político. Graças à imprensa foi que o leitor pôde acompanhar o debate que antecedeu a dissolução da primeira Assembleia Constituinte brasileira. Com uma linguagem basicamente popular, os primeiros escritos eram de fácil compreensão para os leitores, formada basicamente pela elite.

Em julho de 1821 D. João VI regressou a Portugal. Durante os anos de 1821 a 1823, houve um acentuado debate político. No Brasil os jornais manifestavam-se com a intenção de instruir os brasileiros para o regime liberal que chegaria com a Independência. Os jornais criticavam as leis feitas em Portugal para serem adotadas no Brasil. Estas leis chegaram a ponto de influenciarem D. Pedro I a permanecer no Brasil e a proclamar o famoso dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822, contrariando os interesses de Portugal. A reação de Portugal foi violenta, encontrando resistência da população que saiu às ruas para se manifestar (PACCOLA, 2004).

Lustosa (2000) ao referir-se à reação dos jornais brasileiros contra as medidas de Portugal, destaca que a campanha dos jornais brasileiros contra as medidas da Corte foi a primeira grande ação da imprensa brasileira. Esta reação a imprensa brasileira uniria inicialmente todas as tendências e seria particularmente intensa entre o final de 1821 e o final de 1822. A imprensa brasileira serviu de apoio dos parlamentares que defendiam em Portugal a unidade e a autonomia do Brasil.

A criação de *O Revérbero Constitucional Fluminense*, que foi um dos primeiros panfletos periódicos publicados no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, que surgiu em

oposição à Coroa, e que circulou após o retorno da Família Real Portuguesa ao reino com o fim da censura, às vésperas da Independência. A mesma causa uniu desde as publicações do censor Cairu até o primeiro jornal politicamente independente, do Rio de Janeiro, o *Revérbero Constitucional Fluminense*, que durou de 15 de setembro de 1821 a 8 de outubro de 1822. Este periódico assumiu publicamente a luta pela Independência do Brasil como causa principal, refletindo a vontade e desejo do povo brasileiro. Defendeu, ainda, a instalação da Assembleia Constituinte e Legislativa, que acabou sendo convocada por D. Pedro. Os principais redatores do *Revérbero*, Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, estavam engajados na luta pela Independência (PACCOLA, 2004).

O jornal *O Revérbero Constitucional Fluminense* apresentava de doze a dezesseis páginas, inicialmente era quinzenal, passando a semanário. Defendia a conservação de um Reino Unido, evoluindo, posteriormente, para a defesa de um projeto nacionalista em prol da emancipação política do Brasil. Após a Independência, os seus editores foram exilados por suas ideias liberais.

Para Sodré (1993) preconizou a necessidade de contextualizar os movimentos que havia em torno da Independência. Sodré enfatiza que os representantes da classe dominante colonial entendiam ser necessário impor limites à Independência. O grupo de direita “pretendia uma separação em que não se rompesse com o passado, sem quebrar a louça, sem arranhão na estrutura colonial” (1993, p. 56).

O tom moderado prevaleceu e muitos parlamentares que tinham um discurso mais revolucionário aliaram-se aos interesses da elite para que o processo parasse no momento da proclamação da Independência (PACCOLA, 2004).

Os redatores do *Revérbero* com a certeza de que o compromisso com a Proclamação da Independência se cumprira, finalizaram a circulação do periódico. É fato que a liberdade não fora alcançada; Ledo e Januário foram perseguidos, junto com outros revolucionários, e exilados. A Constituinte foi dissolvida e novamente a censura calou a imprensa (PACCOLA, 2004).

Paccola (2004) salienta que muitos jornalistas por terem se envolvido com causas e os movimentos políticos contrários aos interesses da Corte Portuguesa em defesa de um Brasil livre, muitos sofreram perseguições, agressões e até prisões. Cipriano Barata foi um desses. Nascido na Bahia, em 1764, Barata aderiu à revolução pernambucana de 1817. Em 1821, participou da deposição do conde da Ponte. Foi representante brasileiro nas Cortes

portuguesas. Quando retornou ao Brasil, já estava em curso o processo da Independência e ele posicionou-se ao lado dos que pleiteavam a liberdade. Fundou o primeiro jornal brasileiro republicano.

Cipriano José Barata de Almeida foi um médico e político liberal brasileiro. Destacou-se como um dos mais ativos combatentes em favor da Independência do Brasil. Homem de ideias liberais e republicanas, influenciado pela Revolução Francesa, irrequieto e combativo, Cipriano Barata movimentou a opinião pública, propagou o liberalismo e combateu a escravidão. Considerado traidor pelos defensores do trono, participou da Inconfidência Baiana de 1798, quando foi preso. Exerceu importante cargo na Revolução Pernambucana de 1817. No dia 9 de abril de 1822, no Recife, criou a série *Sentinelas da Liberdade* que circulou até 16 de novembro daquele mesmo ano, quando foi preso. Foi levado ao Rio de Janeiro onde passou por várias prisões. Mesmo encarcerado deu continuidade à publicação de jornais. Saiu da prisão oito anos depois, aos 68 de idade. Em 1832, Cipriano Barata retomou a publicação das *Sentinelas* (Sodré, 1983, p. 66-67; 95-96; 122,170). Barata foi considerado um dos maiores jornalistas do seu tempo. Tornou-se um homem laborioso na luta em prol de um Brasil efetivamente livre de Portugal. Permaneceu preso até 1830, exercendo mesmo de dentro da prisão a atividade de jornalista e veiculando os seus jornais com diferentes nomes de acordo com o lugar em que estava. O jornal já passou a se chamar *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, *Sentinela da Liberdade na Guarda do Quartel General* e *Sentinela da Liberdade na Guarita de Villegaignon*. Após ser solto, voltou para a Bahia, deu continuidade as suas atividades políticas e continuou a escrever o *Sentinela da Liberdade na Guarita o Quartel-General de Pirajá* por mais seis anos. Depois se retirou para Natal, onde deu aulas de francês até a sua morte em 7 de junho de 1838.¹⁸

Outro grande jornalista perseguido foi João Soares Lisboa, redator do *Correio do Rio de Janeiro*, João Soares Lisboa, era português de nascimento. Emigrou para o Brasil em 1800¹⁹. Foi comerciante e fornecedor do exército português, nas operações de guerra e ocupação da província Cisplatina. Em 1822 iniciou a publicação de seu periódico. O *Correio do Rio de Janeiro* foi o principal veículo da esfera pública literária a atuar nas escaramuças que forçaram D. Pedro a convocar uma Assembleia Constituinte, em 03 de junho de 1822.²⁰

¹⁸ Fonte: <http://www.historiabrasileira.com/biografias/cipriano-barata/>

¹⁹ Ele diz, em 1822, estar aclimatado no Brasil há 22 anos. Cf. João Soares Lisboa. *Correio Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Silva Porto, 10 maio 1822, nº 27, p. 108.

²⁰ Neste episódio, o jornal liderou a coleta pública de assinaturas para uma “*Representação do Povo do Rio de*

Por isso, e provavelmente pela forte influência de seu diário, João Soares Lisboa foi expatriado em outubro de 1822. Por defender a ideia da liberdade e não se contentar com a mera separação entre Brasil e Portugal, Soares Lisboa também amargou a prisão e sofreu processo de expulsão do País (SODRÉ, 1983).

O jornalista Soares Lisboa era articulista, irrefutável e competente em suas questões, respeitado pelos que tinham as mesmas ideias e seguiam as mesmas tendências, temido pelos adversários, com influência muito grande na opinião (SODRÉ, 1983). Foi perseguido pelo governo de José Bonifácio e teve que fugir para Buenos Aires, na Argentina até maio de 1823, depois retornou à cidade do Rio de Janeiro esperando receber proteção da Assembleia Constituinte. Entre os meses de agosto e novembro de 1823, quando ainda estava preso, escreveu a segunda parte do *Correio do Rio de Janeiro*, terminou quando foi embarcado num navio para ser deportado.

O *Correio* foi um dos primeiros jornais diários que circulou no Brasil. Era impresso na Oficina de Silva Porto, que Soares Lisboa administrava e na qual tinha participação. Como quase todos os jornais da época, tinham quatro páginas. Custava oitenta réis o exemplar avulso e 10 mil-réis a assinatura anual. Publicava, além de artigos de Soares Lisboa, inúmeras cartas dos leitores, e transcrevia informações da imprensa portuguesa, como era de costume na época (MOLINA, 2015).

Soares Lisboa foi solto por ocasião da destituição da Assembleia Constituinte, e recebeu passaporte para a Inglaterra. Porém, como se sabe, foi para Pernambuco.

Nas pesquisas feitas no jornal *Correio do Rio de Janeiro* não é difícil perceber que Lisboa fora influenciado pelas ideias do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, pois transparece a defesa da sua noção de *Contrato Social* que é uma das obras prima de Rousseau. No entanto, Rousseau é pouco citado nominalmente. João Soares Lisboa pouco nos informa acerca das suas fontes e a respeito de suas concepções teóricas. Em 1822, ele refere-se à Bíblia,²¹ Hobbes e Mr. De Bonald.²² Vemos citações de Soares Lisboa sobre Benjamin

Janeiro” que reuniu, em apenas 5 dias, mais de seis mil assinaturas, inclusive com a adesão de analfabetos, que nela apuseram o sinal da cruz: as seis mil assinaturas exemplificam a sua abrangente circulação entre diferentes estratos sociais e culturas opostas, como a dos analfabetos

²¹ **João Soares Lisboa.** *Correio Extraordinário do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 23 maio 1822, nº 1, s/p. Ele cita Salomão, Cap. XVII, Vers.10. <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

²² **João Soares Lisboa.** *Correio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 10 abril 1822, nº1, p. 2, 3, respectivamente. <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

Constant, Benham, Gastine, Crevel, de Pradt e Bonnin.²³ Poucas são às vezes em que ele cita autores republicanos, como Rousseau.

Muitos jornalistas foram torturados, presos e mortos, desta forma, aumentava a inquietação e o desgosto entre os brasileiros pelos rumos da política nacional. Direita e Esquerda liberais tinham o mesmo discurso e foram substanciais para que em 7 de abril de 1831 D. Pedro renunciasse do trono. Com o início do período da Regência, logo depois ficaram explícitas as diferenças entre a esquerda e a direita liberais. Os conservadores aproveitaram-se dessa divisão e, numa composição com os liberais de direita, tornaram possível o golpe da Maioridade, em 1840 (SODRÉ, 1983).

Com o 2º Reinado, tem início uma nova era na política brasileira, alteraram as especificidades da imprensa no país. No período de agitação política que marcou o processo de Independência, os jornais eram abertamente opinativos e políticos, com a defesa do pensamento dos vários movimentos que apareceram no Brasil (PACCOLA, 2004).

No Brasil predominavam o latifúndio e a cafeicultura, assentada no escravismo. A Corte reinava soberana. E a imprensa, que era basicamente política, começava então a ganhar um ar literário. Aos poucos, o jornalismo político foi se fundindo com o literário (SODRÉ 1983).

Desde a segunda metade do século XIX os jornais passaram a contar com a participação e colaboração redatorial de escritores famosos e renomados como José de Alencar, Quintino Bocaiúva, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida.

Os pensamentos republicanos cresciam e ressurgiram nas páginas dos jornais. O movimento abolicionista também se apresentava na imprensa. Estudantes de Direito fundaram jornais liberais e abolicionistas. Grandes figuras políticas entraram nessa luta, como Rodrigues Alves, Joaquim Nabuco e Castro Alves (SODRÉ, 1983).

Após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, surgiram muitos jornais em todo o País.

Nesta época havia uma carência de recursos tecnológicos, os poucos homens de letras que havia no início do século XIX eram audaciosos o suficiente para imprimirem o que pensavam, acreditando sempre que expressar as opiniões era importante para convencer outros e ganhar a batalha.

²³ **João Soares Lisboa.** *Correio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 29 agosto 1822, nº 113, p. 505. <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

Como já mostramos acima, a imprensa livre inspirou um homem de visão a criar um jornal propagador de ideias e questionador das vertentes políticas. Considerando o primeiro jornalista do Brasil, Hipólito José da Costa, formado em Coimbra e exilado em Londres por razões políticas, iniciou na capital londrina, em 1 de junho de 1808, a publicação do *Jornal Correio Braziliense*. Antecipava-se à circulação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, do qual o primeiro número sairia quase três meses depois. O *Correio Braziliense* colocava a Colônia em contato com o mundo, trazendo as notícias internacionais ao Brasil (MARTINS, 2006).

Em meados do século XIX duas questões marcaram de uma forma irrefutável a imprensa brasileira, a primeira é a organização do ideal republicano de governo em oposição ao sistema monárquico dominante na época, e a segunda é a forte influência da literatura e de intelectuais na imprensa brasileira (MORAES, 2015).

O anseio republicano concebido no Brasil desde o século XVIII vinha sob a pena dos jornalistas, como programa de partido, através da criação de uma imprensa partidária. Entre os anos de 1870 e 1885 essa propaganda republicana agrupou poucos partidários no país. Mas a ideia de República foi liderada e difundida por uma imprensa vivaz, na qual militaram estudantes, jovens oficiais, cafeicultores do sudoeste e, em especial, os quadros do PRP (Partido Republicano Paulista). Datam daquela época as inúmeras pequenas folhas de proposta republicana que se espalharam pelas cidades alinhadas no roteiro do café, precárias na fatura e de curta duração, mas de inspiração republicana. Em campanha orquestrada e em geral presidida por membros das Lojas Maçônicas, propagavam as Luzes, veiculavam a criação de escolas de primeiras letras, escolas noturnas para alfabetização de adultos e escravos, bibliotecas populares e pregavam a República, como tentativas preliminares de construção do cidadão (MARTINS, 2006).

Juvenal Zanchetta (2004) também referencia que na segunda metade do século XIX e que marcou de forma decisiva a imprensa brasileira, foi o fato de a imprensa nacional receber influência da “literatura” e dos “intelectuais” neste campo, entre eles, o escritor e poeta Machado de Assis.

Notadamente, meados do Oitocentos marca a presença da literatura na imprensa nacional. De acordo com Zanchetta (2004):

Na segunda metade do Século XIX, a imprensa é influenciada pela literatura. Os jornais e periódicos literários passaram a ser a porta de entrada e para muitos a principal fonte de subsistência daqueles que faziam ou viriam a fazer a literatura e a crítica literária no país. Nomes como Machado de Assis, José de Alencar, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Lima Barreto, entre

tantos outros, foram colaboradores assíduos dos jornais ou mesmos jornalistas de profissão, como Barreto. O Brasil distanciava-se do modelo português e buscava consolidar um modelo nacional. Para alcançar esse propósito, a literatura exercia um papel determinante, sobretudo para uma comunidade letrada restrita, porém representativa, da elite intelectual do país. Boa parte dos livros publicados no Brasil do século XIX foi lançada primeiramente sob a forma de folhetim: uma seção estampada muitas vezes na primeira (MORAES, Gerson Leite de Mídia e religião. INTEGRATIO, v. 1, n. 1, jan.- jun. 2015, p. 32-55), que trazia trechos de narrativas que se apresentavam ali ao longo de semanas ou meses. Mantinham-se seções rotineiras que faziam a revista de temas ligados à arte, e, na falta de um assunto cultural local, o jeito era falar de fatos ocorridos na Europa. Os primeiros escritos de Machado de Assis foram críticas de peças teatrais encenadas na Corte (ZANCHETTA, 2004, p. 42-43).

Moraes (2015) elucida dois dados relevantes sobre a presença de intelectuais nos jornais do século XIX. O primeiro deles, é que essa prática não era exclusividade do Brasil. Romancistas como Dickens e Dostoiévsky publicavam seus trabalhos em capítulos de revistas do século XIX, antes dos mesmos serem publicados no formato de livros. No Brasil, os intelectuais também faziam isso, só que publicando seus trabalhos em jornais no formato de folhetim, e isso determinou futuros modelos de mídias no país, como por exemplo, as séries de televisão, ou mesmo as telenovelas que copiaram o formato das novelas radiofônicas, que por sua vez são moldadas nos romances dos folhetins do século XIX.

Moraes (2015) ainda destaca grandes nomes da literatura que marcaram presença na imprensa brasileira e o valor do jornal como formador de opinião pública. Enquanto no Brasil do século XIX, o jornal ganhava uma conotação propagandista e intelectualizada, devido à presença de grandes literatos que escreviam e veiculavam seus romances; na Inglaterra, por exemplo, a consolidação dos jornais como um veículo de importância vital para a formação da opinião pública era algo já consolidado. O jornal britânico, *The Times*, tinha uma força tão grande na formação da opinião pública em Londres, nas décadas de 1830, 1840 e 1850, que se autodenominava “o quarto poder” (MORAES, 2015, p. 41).

O jornal *Herald* criado por Gordon Benett (1795-1872), em 1835, nos Estados Unidos da América surge com a intenção de transformar o jornal em veículo que efetuasse influência em várias áreas da sociedade. O desejo de Benett era transformar a imprensa escrita no grande elemento e base do governo, da sociedade, comércio, finanças, religião e de toda civilização humana. Nessa lista a religião exerce um papel preponderante: "A newspaper can send more souls to the sky and save more of the hell than all the clubs and chapels of New York". “Um jornal pode mandar mais almas para o céu e salvar mais do inferno do que todos os clubes e capelas de Nova York” (BENETT apud BRIGSS, 2006, p. 193, tradução nossa).

Molina (2015) evidencia que diferentes eram os jornais que tinham uma finalidade comercial e que estavam mais preocupados com o preço das mercadorias, os anúncios para comprar e vender e a entrada e saída de navios do que com doutrinas políticas. Vários deles tiveram vida longa e depois se transformariam em folhas também políticas. Entre eles o *Diário de Pernambuco*, o mais antigo jornal da América Latina, que circula até hoje, assim como o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, talvez a publicação mais influente que o Brasil já teve, o *Diário do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Diário do Vintém* ou *Diário da Manteiga*.

Embora tenha chegado com atraso de trezentos anos, a imprensa no Brasil teve que enfrentar problemas de infraestrutura física e social que nem sempre conseguiu superar satisfatoriamente, como a precária situação dos transportes e das comunicações; a renda baixa e desigualmente distribuída; a exclusão da maioria da população da vida política; as instalações gráficas insuficientes; a falta de papel. Durante muitas décadas a imprensa brasileira dependeu, para quase toda a informação do exterior, praticamente de uma única fonte: a agência francesa Havas²⁴ que tinha o monopólio virtual da transmissão das notícias do resto do mundo para a América Latina, e cujo serviço estava subordinado aos interesses do governo francês, que a financiava. A imprensa brasileira, ao longo de quase toda a sua história, viveu à sombra do governo, recebendo dele subsídios e subvenções. Mas o principal obstáculo ao desenvolvimento dos jornais tem sido certamente, a educação. Como a maioria da população não sabia ler, o Brasil ficou à margem do grande surto da imprensa que ocorreu no Ocidente no fim do século XIX e começo do XX, quando pelas necessidades da Revolução Industrial de ter uma mão de obra mais qualificada e evitar convulsões sociais, na Europa e nos Estados Unidos foi instruído o ensino obrigatório, universal, gratuito e laico. Uma grande massa de cidadãos aprendeu a ler e começou a comprar jornais. Surgiram publicações com tiragens de centenas de milhares de exemplares. No Brasil, esse surto proporcionado pelo aumento da instrução chegou demasiado tarde, com um século de atraso, quando outro meio, a televisão, já atraía o interesse das massas. Não é de surpreender, portanto, que os jornais brasileiros fossem, em sua maioria, elitistas, dirigidos à minoria que tinha acesso à educação. É certo que não faltaram jornais populares, principalmente no Rio de Janeiro, mas quase todos eles com uma circulação inferior à dos jornais para a elite (MOLINA, 2015).

²⁴ A Agência **Havas**, fundada em meados do século XIX (hoje chamada de Agência France-Presse), fundada pelo escritor e tradutor Charles-Louis Havas, em 1835. A agência era sediada em Paris, e enviava as informações mais importantes, e notícias estrangeiras por meio de telegramas para os jornais impressos, que lhes pagavam em dinheiro por esse serviço

III. O Surgimento Da Imprensa Protestante No Brasil

Os Estados Unidos é como que o povo escolhido da moderna geração. De posse da Palavra de Deus, aquele país não guardou para si esse tesouro imenso. Como um instrumento nas mãos da Providência, ele não tem poupado esforços para que a Bíblia se torne o livro do povo e o código das nações (IMPRESA EVANGELICA, 02/02/ 1884, p. 22).

Antes de falarmos sobre a origem da imprensa protestante no Brasil, salientamos que até o final do século XVIII, a Bíblia era um livro quase desconhecido no Brasil. Não existiam gráficas e os livros não podiam ser importados. Não havia liberdade de expressão religiosa e a Bíblia era malquista no país. A Bíblia chegou ao Brasil muito tempo depois do seu descobrimento por duas razões muito simples: A primeira delas é que a Igreja Católica não teve o menor interesse em promover a leitura da Bíblia em território brasileiro, uma vez que a população era composta por 99% de analfabetos. De cada dez brasileiros, nove eram analfabetos, de acordo com o primeiro censo realizado no Brasil em 1872. A segunda razão, é que o clero católico romano considerava perigosa a leitura da Bíblia por parte dos leigos, bem como sua propagação.

De acordo com Giraldi:

O desinteresse da Igreja Católica em divulgar a Bíblia e o altíssimo índice de analfabetismo tornaram a Bíblia um livro desconhecido no Brasil desde a sua descoberta, no final do século XV, até 1808, no início do Brasil Império. (GIRALDI, 2012, p. 51).

Com a chegada da família real portuguesa para o Brasil em 1808, veio também a prensa, a biblioteca particular do rei D. João VI, que mais tarde foi transformada na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro e, posteriormente, na Biblioteca Nacional. Dentre os livros pertencentes ao rei havia um exemplar da Bíblia de Gutenberg, impressa em papel. Outros exemplares da Bíblia só puderam entrar no Brasil por uma decisão indireta de D. João VI, uma vez que, ao abrir os portos brasileiros para a importação, favoreceu, também, a entrada dos Textos Sagrados.

(...) uma semana depois, no dia 28 de janeiro de 1808, ainda na Bahia, D. João decretou a abertura dos portos brasileiros às nações amigas. Finalmente era liberada a importação no Brasil, e muitos produtos que não existiam no país, entre eles os livros, poderiam agora ser trazidos. Essa decisão histórica de D. João VI abriu as portas para a entrada da Bíblia no Brasil.” (GIRALDI, 2012, p. 63).

De acordo com Elben Lenz César (2000) “(...) as sagradas Escrituras precederam a implantação das primeiras igrejas evangélicas brasileiras”:

A partir de 1818, a distribuição de Bíblias na América Latina passou a ser feita por meio de agentes das duas sociedades bíblicas existentes, a Britânica e a Americana. O primeiro deles foi o pastor batista escocês James Thompson (1781-1854). Foi ele quem introduziu a Palavra de Deus na Argentina, Chile, Peru, Equador, Colômbia, Porto Rico, Haiti, Cuba, México e várias ilhas das Antilhas. Não se sabe se ele esteve no Brasil. O pastor metodista americano Daniel Parish Kidder (1815-1891) foi o primeiro correspondente da Sociedade Bíblica Americana a se fixar no Brasil. Com a idade de 22 anos, já casado, ele percorreu o país de norte a sul. Kidder era destemido e criativo. Em uma de suas viagens a São Paulo, propôs à Assembléia Legislativa da Imperial Província de São Paulo o uso da Bíblia nas escolas primárias de toda a província e se comprometeu a doar doze exemplares para cada escola, caso a proposta fosse aprovada. *Entre a chegada dos primeiros exemplares da Bíblia (1814) e a chegada do primeiro missionário protestante permanente (1855), há um espaço de 41 anos.* Isso significa que as Escrituras Sagradas precederam a implantação das primeiras igrejas evangélicas brasileiras (CÉSAR, 2000, p. 68, grifo nosso).

O protestantismo foi reconhecido como a ‘Religião da Palavra’, devido à ligação direta que ela tem com o uso da Bíblia. E, a Bíblia, na visão dos missionários que vieram para o Brasil no século XIX, deveria ser divulgada. Para tal, fizeram uso da imprensa escrita, como um dos meios para divulgá-la.

Os jornais do século XIX foram utilizados como uma espécie de tribuna de debates, de influência de pensamentos e uma maneira de inculcar ideais. A imprensa protestante oitocentista não foge dessa intenção, pois se tornou importante meio de comunicação da novel denominação a Igreja Presbiteriana do Brasil e como campo de discussões de questões ligadas ou não com a fé. No caso do protestantismo a relação com o material impresso é tão importante que no Brasil ficou conhecido como a “religião do livro”, estando associado a questões educacionais, uma vez que, para eles, a escola tinha importância e fazia parte do seu plano de evangelização. Isso justifica o fato de algumas igrejas ao se implantarem no país fundarem as escolas que serviam tanto para o ensino bíblico quanto para alfabetizar e instruir o povo.

A vinda dos protestantes para Brasil deu um novo alento na questão educacional brasileira. Com sua ética valorizando o ensino, o protestantismo de missão influenciou diretamente a reestruturação da escola no país. Por ser considerada a religião da palavra, as doutrinas reformadas, disponibilizaram o acesso à escrita (GARRIDO, 2005).

A imprensa protestante no Brasil oitocentista se tornou possível em razão da promulgação da constituição em 1824 que permitiu a liberdade religiosa. Os primeiros missionários no Brasil vieram, sobretudo, dos Estados Unidos da América, que experimentou

o poder da imprensa desde o século XVII, assim esses missionários viam na imprensa uma importante ferramenta para propagar as ideias religiosas que precisavam ser disseminadas e espalhadas em terras brasileiras, utilizando-a como canal de evangelização. Todavia esses jornais não tinham apenas a pretensão de anunciar o reino de Deus, embora fosse a sua maior missão, em suas páginas também eram encontradas questões políticas, sociais, poesia, literatura e assuntos relacionados ao modo de vida da sociedade brasileira.

Assim como na imprensa secular a imprensa protestante de meados do século XIX também foi palco onde disputas religiosas. Os missionários protestantes utilizavam os jornais para realizar seu trabalho de evangelização e divulgar a fé protestante num país de maioria católica romana. Alguns periódicos protestantes do século XIX eram utilizados para confrontar a Igreja de Roma, a fim de conquistarem um espaço social. Vale ressaltar que embora fosse liberado o culto religioso no país, a efetivação destes cultos nas igrejas protestantes não se deu de forma calma e tranquila. A preeminência da Igreja Católica permaneceu durante muitos anos e os periódicos se tornaram fortes veículos para a consolidação das missões protestantes.

Destaca-se nesse período o missionário Rev. Robert Kalley, pastor e médico escocês que chegou ao Rio de Janeiro em 1855. Em 1858, Kalley organizou uma igreja protestante com presença de brasileiros. Kalley logo percebeu que a imprensa era um importantíssimo espaço para ensinar os princípios da fé reformada aos brasileiros, por isso utilizou vários pseudônimos para publicar matérias sobre temas religiosos, em diferentes jornais seculares como *Correio Mercantil* e *Jornal do Comércio*. O uso de pseudônimos era muito frequente para diversos escritores que preferiam manter o sigilo do seu nome para com seus escritos.

O Dr. Kalley logo percebeu que havia uma carência de literatura religiosa entre o povo brasileiro, sem cruzar os braços tomou a iniciativa de providenciar tal literatura. Ele valorizava a produção e a distribuição de literatura religiosa, tanto para elevar a cultura como para evangelizar.

A pesquisadora Edwiges Rosa dos Santos (2009) afirma que Kalley, entre 1855 a 1876, escreveu para diversos periódicos do Rio de Janeiro, empregando também pseudônimos. Entre outubro de 1855 e dezembro de 1866, publicou aproximadamente 35 artigos no *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro.

Sendo Kalley um dos missionários pioneiros no Brasil e, portanto, havendo poucos pregadores no país, conferia à palavra impressa à capacidade de alcance superior que a pregação pessoal, num país de dimensões pluriculturais (Vasconcelos 2006).

Leonel (2016, p. 85), ratifica: “É interessante perceber que Kalley segue a mesma estratégia de divulgação de textos literários que os escritores brasileiros do período”.

O jornal se tornou o principal veículo de saída da produção literária de meados do século XIX. Quase todos os romances publicados nesta época passavam pelos jornais.

A disseminação de literatura protestante na capital do Império brasileiro em meados do Oitocentos pode ser calculada através do relatório de Francisco da Gama um dos colaboradores do Rev. Kalley:

O relatório de Francisco da Gama relativo à sua atividade na cidade do Rio de Janeiro, nos meses de dezembro de 1856 a junho de 1857 contabiliza a visita a 454 casas e 744 entrevistas. No mesmo período vendeu 262 Bíblias, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos: sendo distribuídos gratuitamente 4 Novos Testamentos e 1076 folhetos (CARDOSO, 2001, p. 125-126).

É neste cenário de divulgação de literatura protestante em meados do século XIX que surge o jornal *Imprensa Evangelica*, que publicava os seus artigos sem identificar os nomes de seus articulistas, ou seja, os escritores usavam muitas vezes pseudônimos, como já afirmamos acima. Raro era o emprego do nome próprio. Foi uma estratégia dos missionários para não sofrerem retaliações, uma vez que a religião oficial do Brasil era o catolicismo. Este mesmo método foi por diversas vezes usado por vários autores desconhecidos assim como por nomes consagrados de forma excessiva. Em “O anônimo e o pseudônimo na literatura brasileira”, artigo Horas de Leitura²⁵, Brito Broca esclareceu o uso de pseudônimo como uma obrigação da dignidade burguesa; homens influentes, com sérias responsabilidades, de profissões respeitáveis como a medicina, a magistratura, a advocacia e a administração pública, não poderiam assinar com seu próprio nome versos, contos ou crônicas publicados nos jornais.

Desde o começo da imprensa brasileira, nota-se uma tendência forte ao anonimato nos artigos, ou ao uso de pseudônimo, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda década do século XIX.

²⁵BROCA, B. Horas de leitura. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1957.

Uma das razões, a mais explícita talvez, seja à necessidade de proteção, quer da autoridade, quer da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento (BARBOSA, 2009).

O Congresso Brasileiro, incomodado com a prática do uso de pseudônimo e o anonimato dos articulistas e colaboradores dos jornais do século XIX resolveu em 1897, proibir tais práticas. Diante de tal medida, o cronista Olavo Bilac²⁶ tomou a iniciativa de defender a sua classe com justificativas estéticas para que se evitasse o nome próprio.

O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo o mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá o seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente. Para cada estilo, cada assinatura (BILAC, 1897, p. 1-2).

Tudo faz crer que Simonton e os demais redatores e colaboradores do *Imprensa Evangelica*, fizessem uso do anonimato, visando protegerem-se de possíveis represálias e perseguições.

O editorial do primeiro número deixa claro o objetivo do jornal:

No meio do cháos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inútil fôra descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, separa cura-lo lhes não applicassemos meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica pelo órgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios. [...] Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerência em politica, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áquelles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos - a liberdade de consciencia perante o Evangelho (PROSPECTO, IMPRENSA EVANGELICA, 05/11/ 1864, p. 1, preserva-se a grafia original).

Em 12 de agosto de 1859, Simonton chegou à cidade do Rio de Janeiro, com a missão de implantar o presbiterianismo no Brasil e fundar uma Igreja. Ele não somente fundou a Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil, como também, três anos depois, ou seja, no dia 05 de novembro de 1864, criou o jornal *Imprensa Evangelica* com uma finalidade religiosa visando propagar e difundir o evangelho aos brasileiros. Foi o primeiro jornal da América Latina língua portuguesa. Seus primeiros editores foram: o Rev. Ashbel Green Simonton, Rev.

²⁶ BILAC, O. Crônica. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1, 2. col., 25 jul. 1897.

Alexander Latimer Blackford, Rev. José Manoel da Conceição e o pastor congregacional e médico Rev. Robert Kalley, que já havia chegado à cidade do Rio de Janeiro, em 10 de maio de 1855. Simonton e Blackford foram também responsáveis pelo início do protestantismo no Rio de Janeiro e em São Paulo. O objetivo era que o jornal funcionasse semanalmente, mas vendo a impossibilidade disso, tornou-se quinzenal e vinha numerado na intenção do leitor unir os exemplares, formando assim, um livro religioso. Segundo Leonel (2016):

A iniciativa de Simonton em criar o jornal não era fruto de um rompante de entusiasmo nem uma aventura inconsequente. Pelo contrário, ao chegar ao Rio de Janeiro, tivera a oportunidade de presenciar a mesma estratégia sendo colocada em prática com êxito pelo missionário Robert Kalley, conforme citações anteriores. E percebeu que a imprensa carioca era ativa e abria grandes possibilidades para a inserção de material propagandístico religioso (LEONEL, 2016, p. 89).

O *Imprensa Evangelica* propagava matérias variadas, incluindo informações sobre a fauna e a flora do Brasil e de diversas regiões do mundo, estatísticas nacionais e internacionais, relatos sobre os avanços científicos e invenções, receita para cura de enfermidades, traduções de livros, crescimento das igrejas reformadas nos EUA e na Europa, vários gêneros literários, como poesias, crônicas, romances, ficções etc., e, ainda, vários outros assuntos.

No primeiro número do *Imprensa Evangelica* (1864, n.1, p.1) os leitores são informados a respeito do formato e conteúdo: “Sahirá semanalmente em numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterà um noticiário universal de interesse puramente evangélico”.

Saiu do prelo o nº 1, de sábado, 5 de novembro de 1864. A tinta ainda estava fresca, quando o levaram a Kalley. Tiraram-se 450 exemplares, (1) distribuídos, inclusive, a endereços de pontos distantes do Império, entre os quais os de sacerdotes católicos romanos. Era subvencionada pela missão. A administração foi confiada a Quintana; não muito tempo depois se tornou necessário substituí-lo, a Camilo José Cardoso foi gerente e contador, bem como da livraria, até morrer. Na direção revezavam-se os missionários: Simonton, Blackford, Chamberlain, ao longo dos anos. Em 9.10.1879 a redação se transferiu para São Paulo, com alvoroçado interesse dos jovens pastores nacionais, que passaram a colaborar com artigos assinados. Voltou para o Rio em 5.10.1889 (RIBEIRO, 198, p. 97).

Ribeiro (1981) aponta informações importantes a respeito da materialidade do jornal, bem como uma síntese das matérias veiculadas. O formato se mantém pouco modificado à

proporção que o século continua. Publicada in-quarto,²⁷ a qualidade do papel não permanece, volumes em rugoso jornal, e outros em papel de maior peso e melhor contextura. Desde 1868 inserem-se gravuras a traço com a intenção declarada de popularizar o jornal. Várias publicações aparecem em séries, desde a História da Igreja, de Wharey, até à Confissão de Fé de Westminster e o Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana; ou biografias como a de Bernardo de Palissy. A “ficção evangélica”, um gênero literário em que os heróis são protestantes que vencem perseguições ou outros contratemplos à vida cristã. Há noticiário internacional, comumente na última página.

De 1864 a 1892, tempo em que se estabelecia o protestantismo brasileiro, o *Imprensa Evangelica* foi o órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, e até hoje é o mais completo documento das mudanças sociais propostas pela nova denominação e de seu relacionamento com os movimentos reformistas seculares que nesse tempo encapelaram nossa história (RIBEIRO, 1981).

De acordo com Armando Araújo Silvestre (2016), apud Mendonça e Velasques (1990):

O surgimento da imprensa protestante no Brasil ocorreu durante a chamada “era missionária”, que compreende desde a segunda metade do século XIX até a I Guerra Mundial. Esse período corresponde econômica e politicamente à expansão do capitalismo mundial (SILVESTRE, 2016, p. 172).

Ainda, de acordo com Silvestre (2016) foram publicados vários outros jornais protestantes que é importante citar, na linha de sucessão do *Imprensa Evangélica*:

Uma década depois da publicação do *Imprensa Evangelica*, em janeiro de 1874, foi lançada a segunda publicação presbiteriana, *O Púlpito Evangélico*, periódico mensal com sermões, editado pelo Rev. Emanuel Vanorden e o Rev. George Chamberlain. Foram publicados 24 números (1874 a 1875), a princípio em São Paulo e depois no Rio de Janeiro. Posteriormente, o periódico ressurgiu em Campinas-SP, sob a direção do Rev. Eduardo Lane e seus colaboradores, numa terceira fase, passou ser editado em Lavras (MG), encerrando sua carreira em 1970 (BEDA, 1993, p.43). Em 1889, foi lançado no Rio de Janeiro *O Christão* (BEDA, 1993, p.46). No Nordeste, a primeira revista data de outubro de 1875: *Salvação da Graça*, por iniciativa do Dr. Rev. John Rockwell Smith, o primeiro missionário a chegar ao Recife, em 15 de janeiro de 1873. A publicação foi iniciada 54 anos depois do primeiro jornal pernambucano, *Aurora Pernambucana*, de 1821. Assim, *Salvação de Graça* foi a pioneira da imprensa protestante no Nordeste (LESSA, 1975, p.2), e o terceiro periódico evangélico no Brasil, após o *Imprensa Evangelica* (1864) e *O Púlpito Evangélico* (1874) (EDIÇÃO

²⁷ Diz-se da folha de impressão dobrada duas vezes, de que resulta um caderno com quatro folhas ou oito páginas ; quarto. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/in-quarto>

ESPECIAL COMEMORATIVA AO PERIÓDICO, 1975, p.8). As gráficas recusavam-se a publicá-la por ser presbiteriana, e então foi editada em Lisboa. Do Sul, o Rev. Willian Le Conte foi ao Recife ajudar Smith. Mas, adoecido, desistiu da revista ainda no primeiro ano de sua fundação (PIERRE, 1978, p.3). Themudo Lessa afirmou que também foram presbiterianas as iniciativas em vários outros Estados. No Rio Grande do Sul, em 1877, o Rev. Vanorden lançou O Pregador Cristão. Em Alagoas, em 1885, foi lançado *O Evangelista*. Em Minas Gerais, na cidade de Bagagem, em 1889, foi publicado o homônimo 'O Evangelista', a cargo do missionário Rev. John Boyle. No Rio Grande do Norte, em 1893, saiu 'O Pastor', publicado pelo Prof. Lourival. Também no Ceará, os primeiros jornais evangélicos, publicados a partir de 1894 na cidade de Baturité, tinham presbiterianos como redatores. No Paraná, saiu em 1898, na cidade de Castro, a *Aurora do Evangelho*. Também em Sergipe, Paraíba e Santa Catarina, os primeiros jornais evangélicos foram de procedência presbiteriana (LESSA, 1975, p.2). Quanto aos batistas, o historiador José Reis Pereira afirma: "os missionários batistas norte-americanos, pioneiros de nossa obra, acreditavam no valor da página impressa" (PEREIRA, 1981, p.3). Assim, em 1886, na Bahia, foi publicado o primeiro jornal batista brasileiro, denominado *O Eco da Verdade*. Seu nome foi mudado várias vezes: *A Verdade*, *A Nova Vida*. Na cidade de Campos-RJ, a partir de 1894, publicou-se outro jornal batista com o nome *As Boas Novas*. Os primeiros jornais foram editados por Zacarias Taylor, na Bahia, e o último por Salomão Ginsburg. Em 1900 decidiu-se unificar os jornais: no dia 10/1/1901 nasceu *O Jornal Batista*, que, a partir de 1909, passou a ser o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira (AGUILERA, 1988, p.34). O órgão da Igreja Episcopal surgiu em 1892, em Porto Alegre, e perdura até hoje. Seu nome é *O Estandarte Cristão*. Seus fundadores foram os Rev. Morris e Brown. No mesmo ano, a Igreja Congregacional, no Rio de Janeiro, fundou o seu órgão oficial com o nome *O Bíblia*, depois alterado para *O Christão*. Seu fundador foi Salomão Ginsburg, que depois passou a ser batista e dirigiu o jornal daquela igreja. Os metodistas têm fornecido valiosa contribuição à lista de periódicos evangélicos. No dia 1/1/1886 começou a circular, como órgão oficial da Missão Metodista, o jornal *O Methodista Cathólico*, fundado pelo Rev. John James Ransom e publicado regularmente sob sua direção até julho de 1887. Assumiu então a direção do jornal o Rev. J. L. Kennedy, que lhe mudou o nome para 'Expositor Cristão', o qual conserva até hoje, sendo o mais antigo jornal evangélico em circulação no Brasil. Os metodistas foram pioneiros, em 1890, no Pará, onde o Rev. J. H. Néelson publicou *O Apologista Cristão*, que durou 21 anos. No Amazonas, a primeira folha publicada foi A Paz, fruto do Rev. Carver, em 1898. Atravessando fases de transições, o interesse da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) era não deixar suas comunidades sem órgão oficial. Um jornal de grande importância nesta pesquisa e que se estabeleceu desde cedo foi *O Puritano*. Tendo como redator chefe o Rev. Antonio Trajano, sob os auspícios da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, o primeiro número do jornal foi publicado no dia 8/6/1899. Em 1909 ele se mudou para Garanhuns-PE, onde fundou o *Norte Evangélico*, sucessor de *O Século* (SILVESTRE, 2016, p.169, 170, 171, grifos nosso).

O missionário Rev. Emanuel Vanorden, missionário judeu holandês, proprietário de uma livraria e editora, muito contribuiu para literatura protestante; fundou a primeira Igreja

Presbiteriana no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Foi o fundador do jornal *Púlpito Evangélico*, que foi o segundo periódico evangélico e presbiteriano no Brasil (depois do *Imprensa Evangelica*). Foi publicado inicialmente em São Paulo, passando depois para o Rio de Janeiro. Saíram 24 números, de janeiro de 1874 a dezembro de 1875. Publicou sermões escolhidos de pastores e missionários da época, na seguinte ordem: Emanuel Vanorden, José Manoel da Conceição, Francis Schneider, Alexander Blackford, George N. Morton, Edward Lane, George W. Chamberlain, Modesto Carvalhosa, Miguel Torres, John B. Howell e Ashbel G. Simonton. Vanorden em um tempo depois vai iniciar no Rio Grande do Sul o jornal (1877) *Pregador Cristão*, a expensas próprias, esse tendo a duração de dez anos. Eram 4 páginas em quarto, “no segundo e quarto sábado de cada mês”.²⁰ Seguiu antes o estilo do *Imprensa Evangelica* que o do *Púlpito Evangélico*.²⁸ A figura desse missionário para a imprensa protestante se fez importante porque ousou criar diversos periódicos, ousando também na criação de um periódico específico para as crianças, *Aurora*. Foi esse missionário que, no Rio Grande do Sul, funda uma tipografia exclusivamente protestante e uma livraria.

Boanerges Ribeiro (1981) aponta que o Rev. Emanuel Vanorden compreendeu tão bem como Simonton, Blackford e Conceição, a importância da palavra escrita como meio de comunicação com os brasileiros. Em 1874, residente no Brasil havia dois anos, fundou em S. Paulo *O Púlpito Evangélico*, jornal mensal que levou consigo, no mesmo ano, para o Rio de Janeiro. O formato era em 16; 30 páginas de texto. Encerrou as atividades deste periódico em dezembro de 1875. Cada edição era aberta com um sermão de 16 a 25 páginas. No primeiro, janeiro de 1874, um sermão do próprio Rev. Vanorden, *A Bíblia será a Palavra de Deus?* Demonstrava um excelente domínio da língua portuguesa. Pelos meses seguintes, sermões de outros missionários, da Missão do Norte como da do Sul, e os nacionais. Ali estão os sermões da série que se inaugurou a casa de culto da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em março de 1874, iniciando-se com o do Rev. Blackford, Culto e Casas de Culto, publicado no número de abril, e encerrando-se com o Rev. Chamberlain, publicado em setembro.

Após o sermão mensal, notícias de interesse geral dos protestantes: As Bases Adotadas na organização do ramo da Aliança Evangélica do Brasil, julho de 1873 (em janeiro, 74); a organização da Sociedade Bíblica Brasileira; notícias das igrejas: endereços, horários dos cultos, pastor, profissão de fé, casamentos, construções; em janeiro, S. Paulo, Sorocaba e

²⁸ **RIBEIRO**, Boanerges. **PROTESTANTISMO E CULTURA BRASILEIRA: Aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil**. Casa Editora Presbiteriana. 1981, p. 103.

Ibid p. 103.

Santos; em dezembro, 17 igrejas, da Corte e das províncias (Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco). Notícias de falecimento: do Rev. Conceição, e de Santos Neves, o poeta²⁹ (RIBEIRO, 1881).

Dentro deste contexto estamos inserindo a produção de uma história da imprensa dentro de um campo claramente configurado e que se denomina história cultural. Difícil de ser definida, sendo muitas vezes confundida com história das ideias ou dos pensadores ou outras vezes com história das práticas culturais, a história cultural deve, na definição de Roger Chartier (1990), identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma dada realidade é construída, pensada e dada a ler.

De acordo com Marialva Barbosa (2004):

Quando enfatiza a expressão “dada a ler”, Chartier coloca em relevo a questão da interpretação, fundamental na operação historiográfica. É preciso perceber que qualquer história é reinterpretação, reinvenção, reescritura. Não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu: o passado é inteligível nas fimbrias das narrativas que ele mesmo compôs. O que o historiador faz é um ato ficcional, não no sentido de que aquilo que descreve não tenha se dado, mas considerando sempre o grau de invenção, composição, interpretação, inserção do sujeito pesquisador que compõe a história a ser interpretada. Não há possibilidade de isenção diante de qualquer construção humana (BARBOSA, 2004, p. 4).

Robert Darnton (1990 apud BARBOSA, 2004, p.4) diz que ao trabalhar também com o recorte da história cultural, propõe a realização de uma “história social e cultural da comunicação impressa”. Para ele, o estudo dos meios de comunicação no seu sentido histórico deve envolver todo o processo de sua construção e este movimento termina na interpretação dos leitores. Assim, ao escrever a história da imprensa é fundamental visualizar a invenção criadora do público no instante em que realiza o processo de recepção e caracterizar práticas que se apropriam de modo diferente dos materiais que circulam em determinadas sociedades, identificando-se as diferenças.

Desde a década de 1960 que estes estudos vêm se desenvolvendo na Europa. Barbosa (2004) assegura que os historiadores se dedicaram a pesquisar as apropriações das mensagens e diz que “a história não é feita de tempos breves e nem por saltos”.

²⁹ Em 1888 reiniciou-se um mensário *O Púlpito Evangélico* com formato análogo, em Campinas, sob a direção de missionários da Igreja do Sul.

Os historiadores, que se dedicam a perceber os processos de apropriação das mensagens e a partir daí construir uma dada história da imprensa ou do impresso, se preocupam, sobretudo com a literatura popular e com o estudo do livro, tentando descobrir os modos de produção e consumo do livro ao longo de longos períodos de tempo. Essa referência à temporalidade enseja uma explicação. A história não é feita de tempos breves e nem por saltos. A história é feita de tempos longos a longa duração de Braudel ou a longuíssima duração dos continuadores de sua obra como Emmanuel Le Roy Ladurie, e essa temporalidade particular, construída também pelas permanências, enseja a que se visualize nos traços, mais do que nas marcas, para a decifração sempre de significados plurais. Fazer a história da imprensa é estudar um corpus específico de textos ou de textualidades, considerando também a relação dos leitores com esses objetos culturais (BARBOSA, 2004, p. 10).

Para a compreensão deste movimento é importante conhecer que base metodológica ela está firmada. A base se encontra nos estudos de Roger Chartier ao realizar aquilo que ele denomina história das práticas de leitura. Influenciado pelos autores da estética da recepção, Chartier introduz em suas análises não apenas a recepção do texto pelo leitor, mas o intervalo existente entre a produção do autor e a sua recepção pelo leitor, isto é, o trabalho de edição/impressão (BARBOSA, 2004, p. 4).

O historiador da imprensa deve analisar seu objeto de pesquisa articulando-o com o campo de lutas sociais no qual se constitui e atua, vinculando a história da comunicação com a história social. Abordando a questão da opinião. Cruz argumenta que não basta o pesquisador apontar que a imprensa tem uma opinião, porém é necessário que ele perceba a imprensa enquanto delimitadora de espaços, demarcadora de temas, mobilizadora de opiniões e construída de adesões e consensos. Afinal em diferentes conjunturas a imprensa revela e é palco de interesses e projetos de diferentes forças sociais (CRUZ e PEIXOTO, 2007).

Outra questão tratada por Cruz e Peixoto (2007) diz respeito ao fato de que a imprensa trabalha com a temporalidade, produzindo diagnósticos do presente, afirmando memórias de sujeitos de eventos e de projetos, além de estabelecer perspectivas de futuro. Dessa forma, a imprensa age mobilizando forças para adesão ou dissenso; articula, divulga e dissemina projetos, ideias, valores e comportamentos; produz referências para a memória social; e contribui na formação da visão imediata da realidade do mundo.

Não é possível trabalhar com um fragmento de um veículo da imprensa, sem o reinserir no projeto editorial no qual está articulado. Portanto, o foco do pesquisador deve ser o de indagar sobre a configuração do projeto editorial do jornal, destacando sua historicidade e intencionalidade. Deve-se perscrutar como uma determinada publicação se constitui como

força num determinado momento, como se constitui como sujeito histórico e quais são suas relações.

Sobre o público leitor é necessário que seja estabelecido um diálogo entre o universo social e o campo de forças constituído pelo público leitor, tendo em vista que a imprensa intenciona tanto conformar quanto investigar os interesses e as perspectivas do público leitor (CRUZ e PEIXOTO, 2007).

A pesquisadora Marialva Barbosa (2004) classifica a história como inserida nos limites da cultura. Segundo Barbosa:

Ao serem tributários de um movimento, que classifica a história como inserida nos limites da cultura, os historiadores materializaram a sua aproximação com outras disciplinas, movimento fundamental para a construção do campo da história ao longo do século XX. Buscando primeiramente a companhia da geografia, da economia, da sociologia, da antropologia, apenas para citar as aproximações mais recorrentes, filiaram-se posteriormente aos postulados da teoria literária e avançaram no sentido de considerar os textos produzidos pela história, como interpretações de segunda e por vezes de terceira natureza. Ficções verbais, ficções não no sentido de que nunca se deram, mas no sentido de se considerar o caráter fictício, ficcional, de invenção da narrativa, contido em qualquer relato. Existe, pois, a percepção de que em qualquer relato estão presentes diferentes formas de imaginação. Longe, portanto, dos paradigmas do século XIX, que procuravam a verdade contida nos documentos e sonhavam com a interpretação correta do que realmente se dera, os historiadores passaram a ter a convicção de que fazer história é recriar o passado, não através de descrições estereotipadas e ideológicas, mas, sobretudo reinterpretando esse passado. A renovação dos historiadores modernos deveu-se mesmo ao fato de recorrerem a outras disciplinas em busca de métodos e teorias que levassem a uma expansão e redefinição da própria historiografia tradicional, como já enfatizamos. E nos últimos anos esse mesmo movimento aponta para aquilo que os historiadores classificam como o retorno da narrativa³⁰ (BARBOSA, 2004, 6).

Domenique LaCapra (1983 apud BARBOSA, 2004) enfatiza que o passado tem suas próprias vozes e que historiador faz apenas uma releitura desse passado, através de reinterpretções onde está contido o elemento ficcional do presente.

A aproximação com a teoria literária tem fornecido também novos objetos aos historiadores. Formas comunicacionais impressas e história andaram tão próximas que alguns se atreveram a considerar a existência de uma “cultura do impresso”, na sua relação com a sociedade, num dado período histórico.³⁰ Podemos dizer que se preocupa em ver como as ideias eram transmitidas

³⁰ Sobre os caminhos da história, cf. **LE GOFF**, Jacques. A história nova. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1990; **HUNT**, Lynn (org.). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1992; **GODOFFRE**, G. (org.) Certitudes et incertitudes de l’histoire. Paris: PUF, 1987, entre dezenas de outros.

pelo impresso e como a palavra impressa afetou o comportamento dos leitores diretamente em contato com aqueles textos (BARBOSA, 2004. p.6).

De acordo com Robert Darnton (1992) o pesquisador precisa ampliar a sua concepção sobre literatura. Para ele é importante à análise dos produtores dos impressos, os distribuidores e sobre quem lê, em que condições, em que momento, com que resultados:

O historiador precisa trabalhar com uma concepção mais ampla de literatura, de forma a considerar os homens e as mulheres em todas as atividades que tenham contato com as palavras. E mesmo os que restringirem a literatura à comunicação por meio da impressão, devem ampliar sua concepção, de modo a abarcar em suas análises os fabricantes do impresso, os distribuidores e os leitores (DARNTON, 1992, p. 132-145).

Barbosa (2004) sublinha que é importante e recomendável uma aproximação e colaboração “entre críticos literários e historiadores”, uma vez que para ambos a leitura pode ser o central na análise, chama a atenção para o fato de os críticos cada vez mais tratarem a literatura como uma atividade e não apenas como um corpo estabelecido de textos. O significado de um texto não se encontra imobilizado em suas páginas, mas é construído por seus leitores. Também ao focar a cultura popular na Idade Média, Nathalie Davis se detém naquilo que é definido como cultura do escrito.

Ao referir-se sobre Nathalie Davis priorizando os elementos culturais sobre os de natureza socioeconômica afirma que a historiadora sofreu uma grande influência de uma sucessão de antropólogos simbólicos, em especial de Clifford Gertz, Mary Douglas, Arnold Van Gennep, entre outros. Davis alega que inúmeros eventos de natureza cultural (como festivais, tumultos ou charivaris) têm uma função e um significado específicos para os participantes e para a comunidade. Ao interpretar os padrões e significados simbólicos desses fenômenos culturais, o historiador pode revelar de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior. No que se refere à chamada “cultura do escrito”, a impressão, para Davis, ao mesmo tempo em que enriqueceu o repertório visual no campo, não modificou a confiança das comunidades rurais na tradição oral. Isso não quer dizer que os textos impressos não tenham afetado a vida popular a partir do século XVI, criando novos sistemas de comunicação e enriquecendo o cotidiano de camponeses e cidadãos. A apropriação oral do escrito através da leitura em voz alta, por exemplo, se constitui em um elemento das relações sociais (BARBOSA, 2004, 6-7).

A crítica fundamental que se faz ao trabalho de Davis é o fato de ao enfatizar a coerência da comunidade e a força de sua validade não considerar questões relativas à alteração, ao conflito e ao poder. Compete ao historiador restabelecer o poder e o conflito na sua interpretação, sem perder de vista as vitórias alcançadas a partir de visões especificamente antropológicas.

Para esta pesquisa fez-se necessário uma construção da história da imprensa e, em especial da criação do jornal *Imprensa Evangelica* dentro de uma proposta teórica e metodológica, considerando os trabalhos de Michel De Certeau (1982) ao tratar sobre as premissas da escrita da história. Também consideramos as particularidades de estar trabalhando com textos e textualidades.

Michel De Certeau (1982) certifica que é primordial realçar, ao fazer história, a singularidade de cada análise. Fazendo isso estamos questionando a possibilidade da sistematização totalizante e considerando como essencial a pluralidade de procedimentos que adotamos na operação historiográfica. Sublinha ainda que o que se produz ao fazer história é um discurso que “enquanto fala da história, está também situado na história”. Ou seja, o discurso que fala da história é ele mesmo histórico e produzido a partir de um contexto preciso.

Em contrapartida, para Barbosa (2004 apud CERTEAU, 1982, p.66), o que história faz, na verdade, é criar uma escrita que afasta a morte movendo-a no discurso, ao mesmo tempo em que possui uma função simbolizadora que permite a sociedade situar-se, dando-lhe um passo e assim abrindo espaço para o próprio passado (Certeau, 1986). E na sua brilhante teorização Certeau continua: marcar um passado é dar um lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e utilizar a narratividade que enterra os mortos como um meio de estabelecer um lugar para os vivos.

Paul Ricouer (2001 apud BARBOSA 2004) constata de que é preciso também perceber que o “passado tinha um futuro” (p. 10) e que nós somos o futuro desse passado. Assim, não nos cabe cobrar baseando-nos em toda uma vivência posterior ações desses homens do passado. Para eles, nós éramos o desconhecido, o futuro, o inteligível. E eles para nós mortos que transformamos em vivos, continuarão sendo sempre o passado, o desconhecido, o compreensível.

Ainda segundo a pesquisadora Marialva Barbosa (2004):

A história, não fala do tempo de ontem, mas proporciona tão somente a sua reconstrução. As fontes não são documentos reais que contém verdades. Dialogando com elas, para tão somente reconstruir o passado e, dessa forma, compreender melhor o momento presente, estamos fazendo história. E estamos, sobretudo, falando de vida, por mais incoerente que isso seja, pois estamos ao fazer história o tempo todo querendo afugentar a morte (BARBOSA, 2004, p.10).

O trabalho de pesquisa do projeto editorial é feita em duas direções: A verticalização da análise se detém em examinar os conteúdos, o que não é apenas uma caracterização das publicações, mas uma indagação sobre as posições e articulações sociais dadas em um tempo histórico determinado, identificando as campanhas e as posições políticas defendidas pelo periódico, percebendo quais sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza, isso indicaria a correlação de forças e o campo das lutas sociais do momento. Enfim, caberia interpelar a compreensão histórica do jornal, de que forma ele alinha o passado, presente e futuro?

Os jornais brasileiros do século XIX podem ser apontados como um agente histórico, materializado no papel impresso e tendo um poder simbólico nas palavras que fazia circular. A relação entre os agentes produtores e os leitores receptores era o que produzia o abstrato reino da opinião pública. A imprensa não era apenas mero veículo de comunicação, mas mecanismo de participação política, espaço de produção de referências e campo de embates simbólicos. Além disso, é necessário pensar as tipografias como locais nos quais se estabeleciam relações sociais. A imprensa periódica marcava e ordenava a cena pública em transformações em suas diversas relações sociais, políticas e culturais. Deve-se compreender que a circulação de palavras atravessava amplos setores da sociedade. Além disso, a imprensa era um espaço de progresso, liberdade, razão e reflexão, assim como de coerção, controle, conservadorismo e manipulação. Ela deve ser vista como agente histórico e não mero registro de acontecimentos.

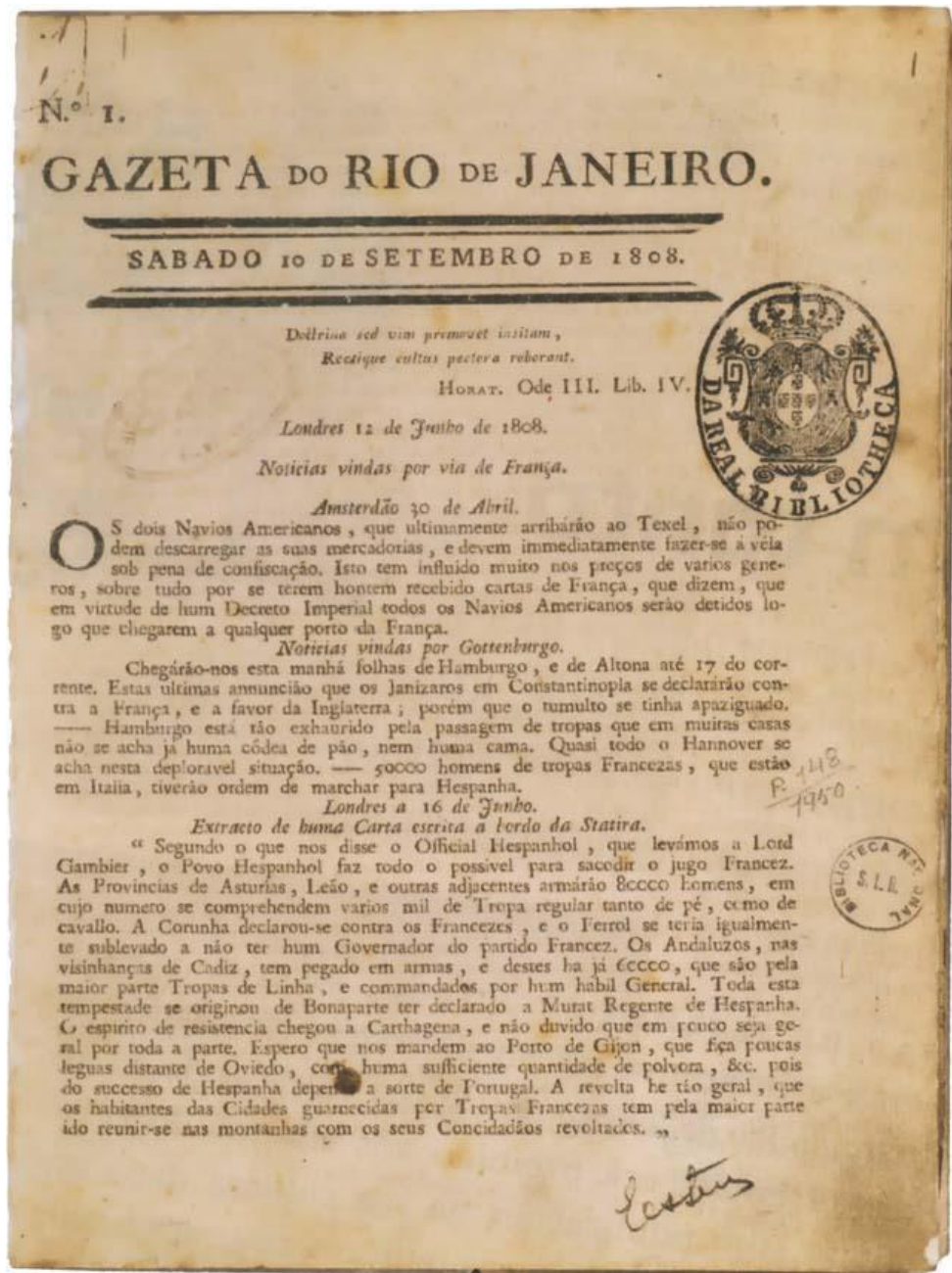
Há 210 anos foi fundado o primeiro jornal no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, dando início a história dos periódicos no país e as pesquisas já existentes sobre a história dos jornais, apesar de importantes, ainda são limitadas, equivalente à presença que tais expressões tiveram na sociedade. É viável integrar a pesquisa da história da imprensa não só a Literatura (crônicas, folhetins, poesias, teatro, novelas e romances), bem como a iconografia, tomando como base, respectivamente, o Romantismo, o Realismo, além das caricaturas e charges, da formação do público (inclusive feminino) e da relação entre redatores e escritores no século XIX. Retrata-se uma trajetória da evolução técnica na qual a imprensa passou para que fosse possível publicar imagens cada vez mais aperfeiçoadas em suas páginas, num discurso visual (MOREL, 2012).

De acordo com Patrícia Pina (2010), a formação do público leitor implica a formação da opinião, ou seja, da formação de grupos de cidadãos que tem consciência da sua força e de sua capacidade para constituir teias sociais representativas. Logo, o pesquisador deve estar

atento às instruções que o produtor transmite ao leitor, objetivando a produção de um determinado efeito.

A História da imprensa acompanha a História política do Brasil desde a época colonial. Durante o Segundo Reinado, destacam-se certas conjunturas que afetam o desenvolvimento da imprensa (SODRÉ, 1999, p. 187).

Figura 4 - O Primeiro jornal brasileiro: A Gazeta do Rio de Janeiro



Fonte: Hemeroteca Digital

O ano de 1860 se destaca pelo fim do Ministério da Conciliação e pelo “renascer liberal”. De acordo com Marcello Basile (1990):

[...] neste período três obras se destacaram: Cartas do solitário de Aureliano Cândido Tavares Bastos “que constitui a mais completa exposição feita até então dos princípios liberais”. Entre os temas defendidos pelo autor estavam: a descentralização política e administrativa, a liberdade de comércio, a liberdade de navegação, o estreitamento dos laços com os Estados Unidos, a

emancipação dos escravos e a imigração europeia. Destaca-se, ainda, o tema que tratava da separação entre Estado e Igreja e a liberdade religiosa, bandeira defendida por liberais ao longo das últimas décadas do Império (BASILE, 1990, p. 254).

No ano de 1862, foi criada a Liga Progressista, foi um partido político do Império do Brasil. Surgiu a partir de liberais descontentes com o domínio do Partido Conservador, e contou com o apoio alguns conservadores dissidentes. Em 1864, a partir da Liga seria formado o partido Progressista, o primeiro a elaborar um programa de partido no Império, incluindo: a descentralização, a responsabilidade dos ministros pelos atos do Poder Moderador, a reforma da lei de 03 de dezembro de 1841, a separação das funções policiais das judiciais e a maior autonomia e profissionalização dos magistrados. Basile (1990) afirma: “As antigas proposições liberais pareciam ser quase que um patrimônio comum neste momento” (p. 255).

Os anos de 1860 seriam marcados de acordo com Basile (1990) como “período de maior instabilidade ministerial do Império” (p.256); para o autor não existia unicidade de opiniões e interesses na aliança progressista. Segundo Murilo de Carvalho, “essa foi a época de intenso debate político”.³¹

Segundo Medeiros (2014) juntamente com essa instabilidade e agitação política interna, a década de 1860 também foi marcada pelos conflitos externos. O primeiro conflito diplomático dessa década foi a Questão Christie, com a Inglaterra; depois a guerra contra Anastasio Aguirre, presidente do Uruguai; e, finalmente, o conflito contra Francisco Solano López, a Guerra do Paraguai.

Após a Guerra do Paraguai, começou um tempo de desalinhamento na história do Brasil Império. Na cafeicultura, houve um crescimento acelerado na região Oeste Paulista, suplantando em importância a do Vale do Paraíba. Acompanhando essa expansão, aumenta-se na imigração europeia para essa região, juntamente com o desenvolvimento dos transportes, com a instalação de ferrovias, e o melhoramento dos serviços públicos de infraestrutura urbana nas cidades, resultando na multiplicação dos espaços de sociabilidade, como os teatros, livrarias, etc. (BASILE, 1990).

No fim da década, com a instabilidade do Partido Progressista, ocorre uma nova cisão entre liberais, surgindo o Clube Liberal, em 1868, dirigido por Nabuco de Araújo, embrião do

³¹ CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). *A construção nacional: 1830-1889*, v. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 103.

novo Partido Liberal, fundado em 1869, tendo lançado seu programa em 16 de maio de 1869 no jornal *A Reforma*. Dentre os principais integrantes desse novo movimento liberal estava Tavares Bastos que lançaria em 1870 sua principal obra, *A Província*, defendendo o federalismo. Somente o federalismo evitaria novas revoluções e a desintegração do Império, já iminente em vista da crescente sujeição e espoliação impostas às províncias pelo governo central que era à base do governo representativo (MEDEIROS, 2014).

Para Medeiros (2014):

(...) um setor mais radical dos liberais históricos foi além do Clube da Reforma e fundou, também em 1868, o Clube Radical, núcleo do posterior Partido Republicano (MEDEIROS 2014, p, 20).

Conforme Basile (1990): “O programa desta agremiação foi o mais radical oficialmente proposto durante todo o Império” (p. 267). Ele ainda ressalta que os republicanos utilizaram amplamente a imprensa e as conferências públicas, como as conferências radicais.

Em conformidade com Basile (1990) “o movimento republicano, já na década de 1870, foi um dos principais agentes responsáveis pelo reativamento da esfera pública” (p.268). Fazendo uso, segundo Medeiros (2014, p. 20) de:

Diversas atividades públicas de massa. Além disso, ainda na década de 1870, a questão da escravidão volta à tona com o processo de promulgação da Lei do Ventre Livre (MEDEIROS, 2014, p. 20).

O assunto da abolição aparece principalmente com o fim da Guerra do Paraguai e com a subida das camadas médias do Quebra-Quilos, no Nordeste, contra a lei do novo sistema métrico-decimal; revoltas contra a Lei do Recrutamento Militar; e a revolta dos Mucker, no Rio Grande do Sul (BASILE, 1990).

Sobre a repercussão dessas conjunturas na imprensa, Sodré diz que a conciliação, iniciada em 1853, desvaneceu a imprensa política que ficou despojada de motivos. Esse era o momento das revistas e das sociedades de estudantes. A década de 1860 foi marcada como o período de homens de letras fazendo imprensa. Uma época áurea da conjugação entre literatura e imprensa. Raro era o tratamento de problemas objetivos na imprensa, excetuando-se casos como de Tavares Bastos no *Correio Mercantil das Cartas do Solitário*, em 1862.³²

³² BASILE, OP. CIT., p. 187-197.

Com o fim da Conciliação e da Guerra do Paraguai, a imprensa retornaria ao seu período de agitação política.

Sodré (1990) destaca neste período o jornal *A Reforma*, que teve seu manifesto de lançamento assinado por José Tomás Nabuco de Araújo, Bernardo de Sousa Franco, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Antônio Pinto Chichorro da Gama, Francisco José Furtado, José Pedro Dias de Carvalho, João Lustosa da Cunha Paranaguá, Teófilo Benedito Otoni e Francisco Otaviano de Almeida Rosa. Era um jornal que defendia o programa liberal: reforma eleitoral, reforma judiciária, abolição do recrutamento militar e da Guarda Nacional, abolição da escravatura.

Em 1868, Tavares Bastos, juntamente com Lafaiete Rodrigues Pereira passam a redigir o *Diário do Povo*, um jornal de combate dos liberais. Mas, em 1869, aquele passará a redigir a *Reforma*, esse teria sido o jornal mais importante da época, polêmico, que influenciou em muitas transformações da imprensa. Já em 1870, surgiria no Brasil o jornal *A República*, da ala radical dos liberais da época. Esse fora o período da imprensa republicana, tendo surgido mais de vinte jornais desta vertente entre 1870 e 1872. Com a eclosão da Questão Religiosa, vê-se um novo embate, desta vez entre os jornais católicos, como *O Apóstolo*, em defesa dos prelados, contra a imprensa anticlerical, como *Mequetrefe*, *O Mosquito*, a *Vida Fluminense*, *O Alerquim*; e a *Imprensa Ilustrada* (MEDEIROS, 2014).

Estas inquietações aguçaram o desejo por reformas políticas e civis reproduzidas na imprensa, que estendeu sua influência, que segundo Medeiros (2014) “ganhando nova fisionomia, progredindo tecnicamente, generalizando seus efeitos” (p.21), na compreensão de Basile (1990) “espalhava o quadro que o país apresentava” (p. 223).

[...] essa era a segunda fase fecunda da história da imprensa no Brasil; a primeira teria sido a da Regência, cuja tradição será resgatada pela imprensa deste período, superando a estagnação imperial (SODRÉ, 1990, p. 226-227).

Do ponto de vista de Sodré (1990) o progresso da imprensa durante a década de 1870 trouxe como consequência uma maior mercantilização.

Os jornais como *Província da São Paulo* viviam de anúncios e de assinaturas estimuladas por prêmios sorteados pela loteria, além da venda avulsa efetivada por jornaleiros, posteriormente, por bancas e pontos de venda. Esse período foi marcado por uma imprensa que tinha por objetivo discutir, pôr em dúvida, analisar, combater. Combater a pretensa sacralidade das instituições; da escravidão, da monarquia, do latifúndio (SODRÉ, 1999, p. 226-233).

Este período foi de grande destaque e relevância para a literatura do Brasil Império. Sodré (1990) chama a atenção para o valor do almanaque, que segundo ele:

[...] correspondia e, portanto, se adequava, a uma fase de precariedade das técnicas de impressão, ainda impreparada para fazer o livro: era o livro de um país que não tinha público para suportar a impressão de livros. O mais conhecido foi o *Almanaque Laemmert*, que sobreviveu própria tipografia Laemmert. Os poucos livros existentes eram impressos no exterior, em Portugal, na França ou na Alemanha. Ao lado dos almanaques, surgiram os opúsculos, folheto impresso que permitia a circulação de alguma coisa que não pretendia ou não podia chegar a ser livro, não almejava a sua duração (SODRÉ, 1999, p. 242).

Observamos que os apontamentos de Nelson Werneck Sodré para a história da imprensa no século XIX podem ser percebidos também na história da imprensa protestante do Brasil Império. O *Imprensa Evangelica* refletia de fato, o contexto sociopolítico e religioso de meados do século XIX.

Não obstante, em meados do século XIX, a história da imprensa protestante no Brasil ainda está se formando de modo insipiente. Podemos, enquanto pesquisador, ter uma visão superficial dos jornais publicados no Império neste período que tratavam do tema sobre religião, consultando o catálogo de periódicos digitalizados da Biblioteca Nacional, disponível no *site* Biblioteca Nacional Digital do Brasil, *Hemeroteca Digital Brasileira*.³³

Observou-se nesta pesquisa, que foi nas décadas de 1860 e 1870, que se deu a maior concentração da produção de periódicos no Brasil Império, inclusive o jornal *Imprensa Evangelica* (1864) *corpus* da nossa pesquisa, período este observado e destacado por Sodré (1990). Foi um período de grande ebulição política no Brasil.

Neste período de efervescências políticas tiveram repercussões religiosas, tendo em vista que os liberais desse momento passaram a defender a garantia de liberdade religiosa e a separação entre Igreja e Estado.

A pesquisadora Andréa Fonseca (2002), por exemplo, destaca que na fase inicial do protestantismo no Brasil, os missionários protestantes sentiam a necessidade de mostrarem sua especificidade. O meio utilizado para este objetivo era, principalmente pela palavra imprensa nos periódicos. Ela destaca em seu trabalho que os protestantes foram apontados

³³ **BRASIL.** Biblioteca Nacional Digital Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 30 de maio de 2016.

como a religião do progresso no Século XIX. Para Fonseca (2002), “a história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro” (p.2).³⁴

Dentre as publicações protestantes, além do *Imprensa Evangelica*, Fonseca (2002) relaciona os seguintes jornais: *Púlpito Evangélico* (1874-1875) e *O Pregador Cristão* (1875-1885), na província de São Paulo; *Salvação de Graça* (1873-1876), na província de Pernambuco; e *O Pregador Cristão* (1877-1887), na província do Rio Grande do Sul. No fim do século, já no período republicano, foram criados os jornais: *Estandarte* (1892); e *O Puritano* (1900), existente até os dias de hoje.

Para os missionários batistas o jornal era compreendido como um veículo de educação, afirma Fonseca (2002). Dentre os jornais dessa denominação estão: *Echo da Verdade* (1886-1900), na Bahia; *O Cristão Brasileiro* (1887-1900); *As Boas Novas* (1894-1900) e *O Jornal Batista* (1901 até os dias atuais), todos no Rio de Janeiro, de acordo com Fonseca (2002):

Alguns desses jornais procuravam apresentar o protestantismo como promotor do progresso, ao mesmo tempo em que se utilizavam de discursos polêmicos contra a religião oficial. Inicialmente temos a *Imprensa Evangelica*, mas que era superada pelo *Pregador Cristão*, que se propunha a defender um debate com um público maior no objetivo de participar das lutas pela reforma da sociedade brasileira. O jornal *Salvação de Graça* procurava não se envolver em polêmicas, o mesmo fazia o *Jornal Batista*: ambos eram defensores do progresso, mas não se envolviam em questões polêmicas e sociais (FONSECA, 2002, p. 4).

Lyndon Santos (2011) ao trabalhar com a questão da imprensa protestante no Brasil Império e no início do período republicano destaca a importância dos periódicos como meio de socialização e formação da rede de contatos estabelecida entre os seus redatores e os leitores protestantes. De acordo com Santos:

Esta rede construiu um conjunto de ideias e ideais, comportamentos e condutas, posturas e posicionamentos, visões e interpretações de mundo, que viriam sedimentar um *ethos* protestante no Brasil (SANTOS, 2011, p.195).

Os costumes e os comportamentos das pessoas que iam aderindo à fé protestante em meados do século XIX eram contemplados nos jornais através dos sermões, dos estudos

³⁴ FONSECA, Andreia Braga. A imprensa evangélica no Brasil do século XIX e XX: um olhar sobre a questão da escravidão e o progresso. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 10, 2002, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos do X Encontro de Anpuh*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002, p. 2. Disponível: http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=312. Acesso em 30 de maio de 2016.

bíblicos contidos e da catequese em suas páginas, com o objetivo de levar os novos fiéis a uma prática diferenciada do ser protestante, ou seja, um ethos protestante no Brasil.

Lyndon Santos (2011) ressalta que a imprensa protestante no Brasil oitocentista não teria sido eficaz sem a participação e as ações das livrarias, das sociedades bíblicas, dos redatores, dos agentes e dos colportores, que foram de acordo com Santos (2011, p. 196) “importantes agentes de penetração da prédica protestante em várias cidades e interiores do país”.

O crescimento do consumo e procura pela literatura protestante oitocentista se deu segundo Santos (2011),

[...] com o crescimento da população urbana nas principais capitais e o estabelecimento de igrejas nelas, por certo, foram fatores fundamentais na garantia e no aumento do consumo desta literatura (SANTOS, 2011, p. 195).

O pesquisador Hélio de Seixas Guimarães diz que no século XIX temos o mercado editorial norte-americano como exemplo de vigor produtivo. Segundo Guimarães (2004, p. 66) aponta com números a relação contrastante com o mercado brasileiro. No Brasil “Os livros saíam em edições de mil exemplares, e apenas títulos muito bem-sucedidos chegavam à segunda edição, que poderia demorar dez, vinte ou trinta anos”. João Leonel (2014, p. 65-81) ressalta em suas pesquisas que a “literatura religiosa americana era igualmente próspera”. Robert Baird (1844 apud LEONEL, 2014) descreve os esforços na divulgação da Bíblia em seu país mencionando a *American Bible Society*, a maior entre outras sociedades do mesmo gênero. Em 1843 a entidade promoveu a impressão de 216.605 cópias da Bíblia. Livros religiosos também eram intensamente publicados. Para Baird (1844 apud LEONEL, 2014):

Nenhuma área das atividades religiosas nos EUA tem sido mais vigorosamente desenvolvida do que a de preparar, publicar e fazer circular escritos morais e religiosos em várias formas (1844; 2014 p. 7).

Leonel (2014) fornece em suas pesquisas informações relevantes sobre as atividades da *American Tract Society*:

Para tanto, além das editoras ligadas a grupos religiosos específicos, havia a *American Tract Society*. Segundo relatório, em seus 18 anos de existência (1825-1843), a sociedade trouxe à luz 1.069 diferentes publicações. O total de cópias de suas obras em 1843 somavam 4.156.500 exemplares. Além disso, a referida sociedade ajudara na publicação de outras 1.850 obras que foram enviadas para outros países. Quanto aos jornais, os números norte-americanos impressionam, havendo um crescimento vertiginoso no número de periódicos no século XIX. Em 1828 havia 852 jornais. Passados 32 anos, em 1860 o número chega a 4051. Baird apresenta números ligados

exclusivamente aos jornais religiosos. Em 1843, “Mais de 60 jornais evangélicos são publicados semanalmente. Os Metodistas publicam 8, incluindo um em alemão [...]. Os Escoceses têm 12; os Batistas 20; os Presbiterianos [...] mais de 20. [...] No total, eles não devem ter menos de 250.000 assinantes”. E, segundo o autor, em relação aos jornais comerciais: Se considerarmos os editores de forma geral, devemos reconhecer que eles são prontos a disponibilizar suas colunas para a publicação de textos religiosos. Como Simonton vem ao Brasil em 1859, ele traz na bagagem o testemunho da expansão do impresso em seu país, principalmente o religioso, o que certamente exerce influência na decisão de criar no Brasil um jornal protestante semanal (LEONEL, 2014, p.70-71).

Assim sendo, não é estranho perceber através dos anais que os primeiros missionários protestantes ao se estabelecerem no Brasil em meados do século XIX trouxessem como principal estratégia de divulgação de sua fé a distribuição de Bíblias e um grande número de literatura religiosa. Eles foram abundantes na produção de escritos, desde atas das reuniões dos concílios e assembleias, como sermões, poesias, livros, relatórios, panfletos, livros, Bíblias, crônicas, poesias, folhetins, revistas e jornais.

Segundo Lyndon Santos (2011, p. 387) “Para o historiador, esse acervo, que está disperso em sua boa parte, significa um horizonte de pesquisas ainda a ser explorado [...]”. O mesmo pode se dizer para os estudiosos da literatura protestante.

Pelo levantamento feito no banco de Teses da CAPES, verificamos os locais onde dezenas de títulos eram editados e distribuídos pelos protestantes no Brasil em meados do século XIX. Constatamos que havia centros de produção localizados dentro e fora do país; vários dos títulos distribuídos no Brasil pelos missionários eram editados em Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Essa prática de recorrer-se a tipografias do outro lado do Atlântico, no entanto, não era exclusiva dos missionários protestantes, sendo corrente entre editores laicos. De acordo com Sodré (1999):

As editoras brasileiras, na segunda metade do século XIX, quando começou a existir público para a literatura, e ainda bastante limitado, mandavam imprimir no exterior, em Portugal, na França, na Alemanha. Essa norma entrou pelo século XX adentro. A impressão de livros aqui era exceção e não regra (SODRÉ, 1999, p. 242).

Corroborando com a afirmação de Sodré (1999), Vasconcelos (2013) afirma:

[...] dispomos de várias referências de livros e folhetos distribuídos no Brasil, mas editados em Lisboa, tanto em editoras comerciais, quanto na editora presbiteriana estabelecida em Portugal, como se vê nos seguintes títulos: *A Bíblia e o povo*. 5 ed. Lisboa: Typ.Ferreira de Medeiros, 1900. (Rua da Roza, 9); *A cruz de Miguel Lorio*. Lisboa: Typographia e Litographia de A. E. Barata, 1897; *A pequena Dot*. Lisboa: Typ. Moderna,

1895. (Rua dos Mouros, 39); *A primeira oração de Jéssica*. [Lisboa]: s/n., 1884. (Deposito - Janellas Verdes, 32); Ferreira de Medeiros, 1907; *O caminho de Deus para a paz*. Lisboa: Typ. Luso-Britannica, 1877. *O príncipe da paz*. Lisboa: Typ. Eduardo Rosa, rua da Madalena, 31; *O gozo do espírito – fructo do espírito*. Lisboa: Typographia de Vicente da Silva & Cia. 1896. R. de S. Mamede, 26; *O casamento e a vida doméstica*. Lisboa: Tipografia de Adolpho, Modesto e Cia., 1887. R. Nova do Loureiro, n. 39 e *O capitão de navios e seu grumete - Historia Verdadeira*. Lisboa: Livraria Evangelica, 1916. (Rua das Janellas Verdes, 32)³⁵ (VASCONCELOS, 2013, p. 3).

Segundo Vasconcelos (2013):

O endereço acima, no último título e em outros, indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa, ou seja, na rua das Janelas Verdes. O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, o qual foi comprado pelos presbiterianos num leilão público, o que, segundo os relatos dos próprios presbiterianos, levantou certa polêmica da parte dos católicos portugueses.³⁶ Outro estabelecimento que publicava títulos presbiterianos, situado na cidade do Porto, era a *Typographia a Vapor de José da Silva Mendonça* (à rua da Picaria, n. 30).³⁷ As publicações, todavia, encontravam-se à venda no mesmo endereço da tipografia dos presbiterianos, ou seja, na rua das Janelas Verdes, n. 28, que também abrigava o *depósito e livraria das Escrituras Sagradas e dos Tratados Religiosos*. Depósito igual funcionava no Porto, na Rua do Almada, n. 268, assim como um outro na Ilha da Madeira, à rua das Pretas, n. 72³⁸ (2013, p. 3).

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Júlio Andrade Ferreira (1992) afirma:

Os folhetos e livros não foram os únicos textos impressos no exterior pelos missionários. Em 1875, passou a circular em Pernambuco o jornal *Salvação de Graça*, dirigido pelo reverendo presbiteriano J. R. Smith, cujos exemplares foram todos impressos em Lisboa. Pioneiro entre os jornais protestantes do Nordeste, tratava-se de um jornal exclusivamente doutrinário, que durou apenas 12 números, deixando de circular após a morte de seu coeditor, Rev. Le Conte (1992, p. 169).

De acordo com Mendonça (1995):

Da mesma forma, alguns livros constituídos de cânticos para uso dos convertidos no Brasil eram editados em outros países. Exemplo disto é *Salmos e Hinos*, o qual, da segunda à quinta edição, todas ampliadas, foram

³⁵ **COLEÇÃO** Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo

³⁶ **FERREIRA**, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2a. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, vol. II, p. 168.

³⁷ **OS “IMPOSSÍVEIS”** do carácter e do destino. Porto: Typographia a Vapor de José da Silva Mendonça, 1905. **COLEÇÃO** Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

³⁸ **O RAPAZ** do Realejo ou “minha casa, doce lar”. Lisboa: Typographia de Adolpho, Modesto e Cia, 1883. **COLEÇÃO** Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

realizadas fora do Brasil: Lisboa (1871), Londres (1873 e 1877), bem como a sexta e a sétima edição, não ampliadas, foram feitas em Edimburgo, em 1879 e 1883³⁹. Existe, ainda, uma versão em três volumes, composta de 608 cânticos, sendo os dois primeiros editados em Edimburgo e o terceiro em Londres (1995, p. 223).

Constatamos através do Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa que muitos folhetos eram editados nos EUA. Exemplos: *A segunda vinda de Cristo*, *Vinde como estaes e O pai e o filho pródigo*, distribuídos no Brasil, foram editados por Robert T. Grant, cujo endereço era Box 830, Los Angeles, Califórnia.⁴⁰

De acordo com as pesquisadoras Alencastro e Renaux (1997):

Da cidade de Nova York, também, vieram várias publicações para o Brasil. As versões da Bíblia usadas para a leitura na escola em Blumenau, por exemplo, uma alemã e outra portuguesa, eram publicadas em Nova York (1997, p. 328).

De Nova York (EUA) vieram os folhetos *Vivo ou morto*, *Os livros apocryphos*, *Mariquinhas ou Deus em tudo*, *A escolha da fé*, *El Sendero perdido*, *O menino da mata e o seu cão Piloto*, *A lembrança do passado*, *Cartilhas com estampas*, *Marcos Steadman ou içai vossa bandeira*, *O caminho da paz*.⁴¹

De Londres (Inglaterra), vieram não apenas as Bíblias publicadas e enviadas pela Sociedade Bíblica Britânica e as edições de impressos por Robert Kalley, mas alguns títulos de folhetos, tais como *As Cartas de S. Pedro*, publicadas pela The Scripture Gift Mission.⁴²

Josnar Matos (1993) também afirma que nos primórdios da imprensa protestante no Brasil em meados do século XIX vários títulos eram publicados e editados por gráficas não religiosas:

No que se refere aos títulos publicados no Brasil, inicialmente, eram editados por gráficas seculares. Alguns textos tinham sua impressão e edição encomendada a editoras comerciais, como a Tipografia Universal Laemmert, a segunda mais importante do país ao longo da segunda metade do século XIX e a principal ao final do oitocentos, que foi responsável por editar vários textos protestantes. Esta tipografia, cujos proprietários eram os protestantes Eduardo e Henrique Laemmert, publicou o primeiro número do

³⁹ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado: Primeira fase: 1855 – 1864*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 168

⁴⁰ COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.

⁴¹ Publicados pela Sociedade de Tratados Americana. Rua de Nassau, 150, Nova York. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

⁴² COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa.

jornal *Imprensa Evangélica* (1864)⁴³, cujos exemplares estavam à venda na própria livraria dos Laemmert. No entanto, segundo Souza de Matos, estes impressores foram ameaçados, fazendo com que o jornal passasse a ser impresso pela Tipografia Perseverança. Pouco antes, em 1861, os Laemmert haviam publicado a primeira edição brasileira dos Salmos e Hinos, coleção de cânticos protestantes. Editaram, também, o opúsculo *A minha conversão – revelação de uma senhora á sua amiga catholica*, em 1885. Da lavra de Robert Kalley, publicaram três folhetos versando sobre a Semana Santa, em 1865 e 1866 (MATOS, 1993, p. 45).

Vasconcelos (2013) diz que quando os missionários protestantes queriam imprimir as suas publicações procuravam os irmãos Laemmert:

Não dispomos de indícios de que tenham os irmãos Laemmert editado por iniciativa própria alguma obra protestante, tendo-o feito atendendo a encomendas. Por sua vez, é de se supor que os missionários protestantes, quando desejavam imprimir suas publicações, procuravam os Laemmert devido à afinidade religiosa que tinham com os mesmos.⁴⁴ Como se vê das datas das publicações citadas logo acima, os Laemmert realizaram outras impressões protestantes após a impressão do primeiro número do jornal *Imprensa Evangelica*. Supõe-se, assim, que as supostas ameaças recebidas nesta data não foram tão sérias que os impedissem de continuar a prestar serviços editoriais aos protestantes (2013, p.5).

Vasconcelos (2013) ressalta que havia no Brasil muitos outros editores que imprimiam os textos protestantes além dos Laemmert:

Além dos Laemmert, vários outros editores, provavelmente por encomenda, publicaram os impressos protestantes em alguns estados do país. Em São Paulo, verificamos os seguintes impressores, estando alguns entre os de maior importância para o mercado editorial da época: Typ. a Vapor de Jorge Seckler, o mais importante editor da cidade ao final do século XIX; Weiszflog Irmãos & Cia., que deu origem à Editora Melhoramentos⁴⁵; Typographia Commercial de H. Rossi & Cia.; Irmãos Ferraz; Typographia Aurora; Typographia de Leroy King Book Walter & Cia.; Typographia de M. Barreto Filho e Octaviano; Typ. Nova Descalvado; Typ. Hennies Irmãos; Estabelecimento Graphico P. M. Higgins & Cia.; a Typ. Levi e, finalmente, na cidade de Campinas, a Typ. de Sihler. Há menor número de referências de impressos editados em outros estados por impressores comerciais, tais como a Typographia de J. Villeneuve & Cia.⁴⁶; Typ. Paul Schneider e a Typ.

⁴³ SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O Imprensa Evangélica: diferentes fases do jornal no contexto brasileiro predominantemente católico dos anos 1864-1892*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC-SP, p. 41.

⁴⁴ É provável que a receptividade pelos Laemmert à produção escrita dos protestantes no Brasil deva-se ao fato de que eram filhos de um pastor protestante, responsável por dar-lhes uma rígida educação e encaminhá-los para o ofício de impressores, onde começaram como aprendizes

⁴⁵ *Ibidem*, p. 333.

⁴⁶ O francês **J. Villeneuve** foi oficial da marinha imperial do Brasil, mas tornou-se editor ao adquirir, junto com um sócio, também ex-oficial, a editora de Plancher, em 1832. Em 1834, comprou a parte de seu sócio. Era o maior editor do Rio de Janeiro em 1848, tendo sido o primeiro no hemisfério sul a dispor de uma prensa

do *Correio Mercantil*⁴⁷, todas do Rio de Janeiro. Quanto ao Norte e ao Nordeste, encontramos referências aos seguintes impressores: no Pará, a Typ. Fonseca & Filho; na Paraíba, a Litographia, Encadernação e Pautação de Jayme Seixas & Cia.; e, no Maranhão, a Typographia J. A. Almeida & Cia e Tipografia da *Gazeta Caxiense*. No sul, há referência de impressos pela Livraria do Globo, de Porto Alegre; pela Tipografia a vapor Impressora Paranaense, de Curitiba (2013, p. 5).

As igrejas protestantes já estabelecidas em terras brasileiras, em curso com o avanço e a expansão de suas atividades confessionais, perceberam a necessidade de se criar as Casas Publicadoras Evangélicas, no sentido de atender as necessidades editoriais das suas referidas denominações, deixando assim, de depender apenas das publicações estrangeiras.

Vasconcelos (2013) relata o surgimento destas Casas Publicadoras Protestantes, começando com a Igreja Metodista:

Segundo relatos dos metodistas, presentes em uma das obras a abordar a história dos metodistas no Brasil,⁴⁸ na tentativa de minimizar as despesas com publicações por meio de gráficas comerciais, aquela denominação resolveu fundar sua própria editora. Em 1894, o missionário J. W. Wolling informava: conseguimos comprar no dia 18 de abril um bom prelo; e poucos dias mais tarde, todo o material necessário para a montagem da tipografia.⁴⁹ Os custos para montar a tipografia foram de 10:099\$940. A editora foi estabelecida numa sala alugada no centro de São Paulo.⁵⁰ A Casa Publicadora Metodista foi transferida para o Rio de Janeiro em 1896, aí permanecendo até 1912, quando a sede foi transferida para Juiz de Fora, onde permaneceu até o ano de 1917, quando voltou a ser instalada, novamente, em São Paulo. Conheceu, desde então, o seu melhor período editorial, passando a chamar-se *Imprensa Metodista*⁵¹ Como *Imprensa Metodista*, encarregou-se de publicações definidas por faixa etária e por gênero, tais como *A voz missionária* (destinado às mulheres); *Cruz de Malta e Flâmula Juvenil* (aos jovens); *Homens em marcha* (aos adultos); a editora publicou, também, títulos encomendados por instituições leigas, como o *Bem-te-vi*, um periódico infantil⁵² (VASCONCELOS, 2013, p.6).

mecânica, depois de uma rotativa e, ainda, a primeira linotipo. Editava o *Jornal do Commercio*, de maior tiragem da Corte. Cf. HALLEWELL, *op. cit.*, p. 148-9.

⁴⁷ LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã; Igreja Metodista do Brasil, 1968.

⁴⁸ *Apud*: LONG, *op. cit.*, p. 159-60.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 160.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 160.

⁵¹ *Ibid.*, p. 160.

⁵² BEDA, Ephraim. *Editoração Evangélica no Brasil*. Troncos, expoentes e modelos. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, USP, p. 12.

Em 1888, os missionários batistas que se estabeleceram no estado da Bahia criaram uma *oficina tipográfica*, instalada num antigo cárcere eclesiástico, ou num aljube⁵³ como era conhecido na época. Cinco anos depois, ou seja, no ano 1893, também na Bahia, a Junta de Missões de Richmond⁵⁴ montou uma tipografia, adquirida com uma contribuição no valor de US\$ 1.000. Já no ano de 1894, o Rev. Samuel Ginsburg, pastor batista, com os seus próprios recursos adquiriu uma tipografia na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Crabtree (1937, p.188) confirma o que escreveu Ginsburg no seu relatório do ano de 1894: “por esforço particular e sem qualquer auxílio de fora, montámos uma pequena typographia”. A iniciativa pessoal do pastor Ginsburg, mostra o valor que estes pastores tiveram na instalação e a constituição da imprensa no Brasil. Muitos destes pastores pioneiros não tiveram ajuda financeira das juntas de missões estrangeiras.

O historiador batista Crabtree (1937) evidencia que as três tipografias dos batistas foram no ano de 1900 centralizadas no Rio de Janeiro. Nesta ocasião o pastor Ginsburg ordena:

[...] uma certa quantidade de folhetos, algumas caixas de tipos e um prelo manual. [Da] Bahia, Taylor, tendo publicado 300.000 folhetos, vende as propriedades adquiridas ao longo de anos graças às ofertas recebidas de amigos nos Estados Unidos, somadas a doações suas, [...], e entrega o apurado a Entzminger (CRABTREE, 1937, p. 155).

Crabtree (1937) afirma que o pastor Entzminger, ao receber o dinheiro das propriedades vendidas na Bahia e com ofertas recebidas de amigos dos Estados Unidos da América do Norte, construiu a Casa Editora Batista, na cidade do Rio de Janeiro:

Este foi responsável pelo trabalho de editoração no Rio de Janeiro. Entzminger, então, ergueu nos fundos da Primeira Igreja Batista no Rio de Janeiro, da qual era pastor interino, um *casebre*, no qual estabeleceu o escritório e redação batista, que constituíram o início da Casa Editora Batista, resultado daquela fusão. Em 1905, utilizando material tipográfico trazido dos Estados Unidos por Entzminger, os batistas montaram uma tipografia, passando a Casa Editora Batista a imprimir os seus textos, dado que antes recorriam à editora presbiteriana e à metodista (CRABTREE, 1937, p. 189-190).

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Júlio Andrade Ferreira (1992) afirma que durante muitos anos os presbiterianos tiveram que contar com as casas publicadoras dos

⁵³ 1. Antigo cárcere eclesiástico, subterrâneo, que ficava junto a um mosteiro; prisão de padres. 2. prisão ou cárcere provisório. www.dicio.com.br/aljube Acesso 09.06.2016.

⁵⁴ **CRABTREE**, A. R. *História dos Batistas do Brasil*. Vol. I: até 1906. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937, *op. cit.*, p. 188

metodistas e dos batistas por ainda não terem a sua própria casa publicadora e registra que na ocasião da fundação do jornal *Imprensa Evangelica* os seus redatores contrataram a Editora Laemmert:

[...] os presbiterianos não contaram por várias décadas, no Brasil, com editora de abrangência nacional, como as casas publicadoras dos batistas e a dos metodistas, mas apenas de tipografias. Os impressos que utilizavam no Brasil, após as publicações realizadas pelos missionários pioneiros, deviam-se à editora presbiteriana instalada em Lisboa, à rua das Janelas Verdes, de que já se falou acima. Ainda na década de 1920, eram a Editora Metodista e a Casa Publicadora Batista que supriam os evangélicos com impressos confessionais produzidos no Brasil. Viriam a fundar uma casa publicadora apenas em 1945. Os missionários presbiterianos, ao publicarem a *Imprensa Evangelica*, contaram com os fundos escassos enviados pela Missão responsável pelo envio dos missionários. Assim, contrataram com a Editora Laemmert a publicação de 400 exemplares (FERREIRA, 1992, p. 309, 313, 417).

Os editores, após alguns anos, procuraram conseguir recursos advindos também da própria editoração no Brasil. Neste ponto, segundo Vasconcelos (2013):

[...] revela uma certa dificuldade em conciliar a necessidade de receitas para o custeio da editoração e o desejo de não interromper a publicação e distribuição dos impressos, considerados imprescindíveis à missão. Além disso, indica também que os recursos de origem estrangeira não eram tão volumosos que dispensassem a busca de fundos no Brasil (ASCONCELOS, 2013, p.7-8).

Ainda de acordo com Vasconcelos (2013):

Tais dificuldades eram inerentes à estreiteza do mercado editorial em função dos limites do público leitor durante a formação da imprensa no Brasil. Mesmo os grandes editores de então, quando procuram estabelecer uma imprensa e editoração mercantil, que garantissem pela venda ao público os seus ganhos e lucros, enfrentavam os limites do público leitor, como analisaram Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2002), ao tratarem do estabelecimento da leitura e da literatura como práticas sociais no Brasil⁵⁵ (VASCONCELOS, 2013, p. 8).

Decorridos vários anos da atuação das juntas de missões estrangeiras na publicação de impressos distribuídos e disseminados no Brasil, os protestantes nacionais iniciaram de forma coletiva a organização dos seus próprios meios de publicação. Foram vários os editores e autores protestantes que se empenharam neste propósito. Ainda neste período, de acordo com Vasconcelos (2013) “surgiram grupos de pessoas que compunham juntas nacionais, com o intuito de somar esforços para a publicação de textos protestantes” (p.8).

⁵⁵ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A Leitura Rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002, p. 121.

A fundação da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos (SBTE) foi fundada pelo pastor presbiteriano Rev. Eduardo Carlos Pereira:

Em 1883, o Rev. Eduardo Carlo Pereira, funda a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos (SBTE) que de acordo Themudo Lessa (1938, p. 229) tinha como “objetivo de produzir literatura evangélica em linguagem bem trabalhada e acessível ao povo dentro do contexto nacional”. Outro propósito da SBTE era o de arrecadar fundos para a publicação, pois de acordo com o Rev. Eduardo Carlos Pereira, seu idealizador: Ninguém, por certo, nega as grandes vantagens de pequenos folhetos na disseminação das verdades religiosas entre o povo. Ora, sendo manifesta a falta, em português, de pequenos tratados que, de uma maneira concisa, clara e edificante, anunciem aos pobres o Evangelho, pareceu-nos de uma conveniência intuitiva a criação de uma sociedade que, [...], pode, todavia, [...], fortalecer-se, de maneira a opor, no futuro, uma barreira eficaz a essa literatura corruptora que alaga infelizmente as diversas camadas de nossa sociedade (1937, p. 242).

Reportando-nos a Coleção Folhetos Evangélicos do Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa na cidade de São Paulo, verificamos que em 1890, a SBTE havia publicado 18 títulos em folhetos, em duas séries.⁵⁶

Após o terceiro ano de organização da SBTE, foi criado um Plano de Missões Nacionais, elaborado pelo Rev. Eduardo Carlos Pereira, que tinha por objetivo, de acordo com Josmar Matos (1993):

[...] despertar nas igrejas o senso de responsabilidade pela evangelização através do sustento de obreiros nacionais, contribuindo assim para a maior autonomia da igreja presbiteriana do Brasil (MATOS, 1993, p. 48).

Josmar Matos (1993) afirma:

Do referido Plano resultou a publicação em 1887, em Minas Gerais, da Revista das Missões Nacionais. Este periódico perdurou por mais de trinta anos, apresentando as finanças da denominação presbiteriana do Brasil (MATOS, 1993, p. 48).

Em 1887, no estado de Minas Gerais foi criada a Revista das Missões. A criação de tal revista foi consequência do Plano de Missões Nacionais. Este periódico circulou por mais de três décadas, apresentando as finanças da denominação presbiteriana do Brasil.⁵⁷

De acordo com Vasconcelos (2013) a Revista das Missões deixou de ser publicada em Minas Gerais e foi transferida para a cidade de Campinas, no estado de São Paulo:

⁵⁶ PEREIRA, Eduardo Carlos. A Língua. São Paulo: SBTE, 1890. **COLEÇÃO** Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

⁵⁷ RIZZO, JR., Miguel. *Nosso Objetivo*. Revista das Missões Nacionais, Ano 33, N. 280, Março de 1920, p. 1.

Em 1920, já sediada em Campinas, esta publicação passou por uma reformulação, tornando-se um dos órgãos oficiais da Igreja Presbiteriana no Brasil, destinando-se a discutir os problemas internos da comunidade presbiteriana (VASCONCELOS, 2013, p. 9).

Vasconcelos (2013) afirma que “para tentar superar a irregularidade e a carência de recursos para a publicação de um de seus jornais, foi decidido entre os presbiterianos” que,

Tratando-se das finanças do Norte Evangelico, foi resolvido que as Escolas Dominicaes deste Presbyterio levantem durante o anno, duas colletas especiaes para auxiliarem “O Norte Evangélico”, contanto que não seja augmentado o preço da assignatura. No mesmo sentido foi ainda resolvido que o Secretario Permanente escrevessem ás sociedades de senhoras pedindo que ellas levantem uma quantia especial, em cada anno, em beneficio do nosso orgam de propaganda.⁵⁸ Esta resolução não foi aplicada apenas pela Igreja Presbiteriana do Brasil, pois quando da junção dos antigos jornais batistas do Brasil para a publicação do denominado *O Jornal Batista*, os missionários decidiram pedir a contribuição mensal das igrejas desta denominação espalhadas pelo país.⁵⁹ Ainda em 1894, os metodistas, na tentativa de montarem sua tipografia para a publicação do *Expositor*, jornal da denominação, que até então era publicado em gráficas particulares, pedem que *tôdas as igrejas fizessem esforços especiais durante o ano para aumentar o número de assinantes, tendo como alvo 2.500 assinaturas*.⁶⁰ Além disso, foi pedido que *cada congregação metodista levantasse uma coleta especial para a mesma*.⁶¹ (VASCONCELOS, 2013, p. 13).

Vasconcelos (2013) ressalta a dedicação dos protestantes brasileiros no trabalho de divulgação e expansão do evangelho através da palavra escrita, bem como da cooperação de organizações e juntas de missões estrangeiras na obra missionária e editoração protestante no Brasil em meados do século XIX: e ressalta a importância das Sociedades Bíblicas:

Não obstante as iniciativas de protestantes brasileiros para organizar e financiar o trabalho de evangelização no país, até o final do período que abordamos nesta pesquisa, continuam a existir organizações protestantes estrangeiras criadas para a obra missionária e editoração protestante no Brasil. Em fins do século XIX, ao trabalho das Sociedades Bíblicas soma-se o de outras instituições com fins semelhantes, como a Sociedade Missionária de Auxílio ao Brasil (ou *Help for Brazil*, 1892), que foi organizada em Londres pela viúva do médico e pastor Rev. Robert Kalley, Sarah, e por James Fanstone (auxiliar de Kalley no Brasil). A Sociedade Missionária, de Sarah Kalley e Fanstone, agregou-se à União Evangélica Sul-Americana, instituição surgida em Edimburgo, em 1911, da fusão da Missão Evangélica Sul-Americana – fundada em Toronto em 1895, seu trabalho no Brasil

⁵⁸ O de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 1920, p. 6-7. Seminário Presbiteriano do Norte do Brasil (SPNB).

⁵⁹ CRABTREE, *op. cit.*, p. 189.

⁶⁰ LONG. *Do meu velho baú metodista*, *op. cit.*, p. 159.

⁶¹ *Ibidem*, p. 159.

começou em 1898, após sua sede ter sido mudada para Londres – com a União Missionária das Regiões Distantes⁶² (VASCONCELOS, 2013, p. 15).

Ao término do século XIX e começo do século XX, coexistiam os empenhos de brasileiros e de estrangeiros na intenção de difundir o protestantismo no país, tendo todos a disposição de publicarem e disseminarem os impressos protestantes (VASCONCELOS, 2013).

Ao concluir este capítulo, constatamos em nossa pesquisa que o início do protestantismo no Brasil se deu acima de tudo, pela contribuição da palavra impressa. Neste movimento o jornal *Imprensa Evangelica* teve um papel relevante. O protestantismo teve um sucesso inicial, devido à sua proposta religiosa.

O *Imprensa Evangelica* cumpriu a sua missão e incumbência. Trouxe em suas páginas diversos artigos e gêneros literários. Dava uma ideia do pensamento e posicionamento do protestantismo diante da Igreja Católica, que era a religião oficial do Brasil Império e de matérias de natureza moral e patriótica. Chegou aos lugares mais longínquos do Império, onde os missionários não tinham condições de chegar, fosse pela dificuldade de acesso ou mesmo pelo número reduzido de religiosos no Brasil. O *Imprensa Evangelica* difundia o ideário protestante a um número considerável de brasileiros

O jornal *Imprensa Evangelica*, segundo o afirma Ribeiro (1981) “a **Imprensa** vai lá, atende, prega, edifica, instrui, levanta o moral e o entusiasmo” (p. 101). (Grifo do autor).

Ribeiro (1981) ainda registra o valor do *Imprensa Evangelica*, como um veículo de contato dos presbiterianos brasileiros e as camadas altas da sociedade:

E serve de contato entre os presbiterianos e as elites nacionais. Denuncia maus tratos perseguições e é ouvida. Fere-se a luta nacional pela liberdade religiosa: seu apoio é procurado, e dado (1981, p. 101).

De acordo com Ribeiro (1981, p. 101) “a *Imprensa* prestou serviços inestimáveis”. Segundo ele:

A mente de todos os brasileiros não estava aberta à palavra escrita, pois eram analfabetos; mas os alfabetizados é que formavam opinião, nas catastróficas mudanças da sociedade imperial desde a Guerra do Lopes, e a eles se dirigia à *Imprensa* (1981, p. 101).

⁶² GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil. 1850-1914*. São Paulo, Brasiliense, 1973, p. 291-2.

Quinzenalmente o *Imprensa Evangelica* chegava a muitos lares e igrejas. Dava aos pastores e aos leigos informações sobre fatos e acontecimentos do Brasil e do mundo, tanto na esfera eclesiástica, como política, cultura etc.

IV. O Jornal *Imprensa Evangelica*: Fundadores, Sua Materialidade, Lugares De Distribuição, Artigos E Seus Objetivos

De acordo com o pesquisador Armando Araújo Silvestre (2016):

Para compreender a participação de um jornal na história, o pesquisador tem de fazer algumas indagações, logo de início: Quando se deu a sua fundação? Qual a sua função? A quem se dirige? O que busca? Quais resultados pretende obter? Com quais recursos circula e quais são os seus objetivos? Quem são os seus proprietários, editores, redatores e leitores? Quais são os seus opositores? Qual a sua postura ou linha política adotada? Com esses questionamentos preliminares, é possível delinear um perfil provisório dos periódicos eleitos como objeto de estudo, para fornecer pistas que apontem os caminhos trilhados pelo protestantismo presbiteriano no país, considerando que a imprensa protestante brasileira constitui farto manancial para o conhecimento do passado e possibilita o acompanhamento do crescimento das igrejas até os tempos atuais (SILVESTRE, 2016, p 2)

4.1. Fundação e Propósito

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Boanerges Ribeiro (1981) registra a fundação do jornal *Imprensa Evangelica* dizendo que havia vários meses que os missionários desejavam criar um jornal protestante; tal periódico poderia transformar-se em tribuna (ou púlpito) em todo o território brasileiro, e apoiar o ensino, dos recém-convertidos e seus filhos. Segundo este historiador havia um grupo formado pelos missionários Reverendos Ashbel Green Simonton, Alexander Latimer Blackford, Francis Joseph Christopher Schneider e José Manoel da Conceição capaz de fazer o jornal. Além dos pastores, contavam com Santos Neves, o poeta; talvez o Dr. Kalley quisesse colaborar (não quis) bem como o pastor luterano do Rio; Domingos Manuel de Oliveira Quintana, assíduo aos cultos, embora ainda não membro da Igreja Presbiteriana, poderia ser encarregado da administração (RIBEIRO, 1981).

Segundo Ribeiro (1981), O Rev. José Manoel da Conceição fez a sua pública profissão de fé e recebeu o batismo no dia 23 de outubro de 1864; na terça-feira, todos ainda no Rio, Santos Neves e Quintana foram à casa de Simonton buscar os originais do *Imprensa Evangelica*. “Primeiro nos ajoelhamos, e oramos entregando o novo trabalho, e nós próprios, à direção e controle de Deus”. Estes originais foram levados para Tipografia Universal de Laemmert. Pretendiam publicar um semanário, mas desistiram após sair o número 1; cobriram com tinta, à mão, a anotação de hebdomadário de cabeçalho, e substituíram-na: “Publica-se aos primeiros e terceiros sábados de cada mês – assina-se no escritório da redação, Rua do Hospício, n.º 99. Por ano 6\$, semestre, 3\$ e trimestre 1\$500. Número avulso 320 réis”. Após imprimir o 1.º número os irmãos Laemmert sofreram tais ameaças que desistiram, e a

impressão passou para a Tipografia Perseverança, localizada à Rua do Hospício n.º 99. O endereço de redação é o mesmo da tipografia. Não traz, além das indicações acima, as notações usuais de “Expediente”: Diretor, Redator ou Redatores, etc. Os artigos não são assinados, exceto uma poesia, “S.N.”; nas traduções indicam-se origem e/ou autor.

O primeiro número do *Imprensa Evangelica* saiu do prelo no dia 05 de novembro de 1864, com uma tiragem de 450 exemplares (RIBEIRO, 1981). O exemplar custava \$ 520 réis. Em registro de 26 de outubro de 1864 em seu diário, Simonton escreve sobre as tensões e a ansiedade experimentadas com os preparativos para o lançamento do primeiro número do *Imprensa Evangelica*:

Ontem de manhã Santos Neves e Quintana vieram até nossa casa receber os originais do primeiro número da Imprensa Evangélica, o jornal semanal que resolvemos publicar. Sinto mais a responsabilidade deste passo que de qualquer outra coisa que antes intentei. Primeiro nos ajoelhamos em oração e entregamos a Imprensa e nós mesmos à direção divina. O caminho parece aberto e só nos resta avançar com decisão (SIMONTON, 1982, p.194).

O que Simonton lia na imprensa secular na década de 1860 refletia a conjuntura político-religiosa vivida no Brasil Império do século XIX. Havia uma união entre Igreja Católica Romana e Estado, conferida pela Constituição Brasileira de 1824, que em seu artigo 5º declarava que:

A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fôrma alguma exterior do Templo (BRASIL, 1824).

A relação Igreja e Estado foi estabelecida tendo por base o direito de padroado e, principalmente, o regalismo. O regalismo, de acordo com a historiografia, se constituiu em uma série de práticas legislativas de interferência do Estado nas questões internas da Igreja, principalmente a partir do governo do Marquês de Pombal na segunda metade do século XVIII, e no caso brasileiro, promulgadas na Constituição Imperial de 1824 (SCAMPINI, 1974).

A década de 1860 ficou marcada não apenas pelas questões religiosas, mas também como um período político em que o entendimento entre o Partido Conservador e o Partido Liberal acaba e um grupo de partidários do conservadorismo passa a fazer parte do Partido Liberal e forma a Liga Progressista que tinha como propósito lutar por um projeto de reformas liberais, quais sejam: casamento civil, liberdade religiosa e separação entre Igreja e Estado (COSTA, 1999).

Foi neste contexto que o jornal *Imprensa Evangelica* foi criado por Simonton, em 1864. Em sua primeira edição, a redação apresenta sob o título de “Prospecto” os propósitos que visavam com a publicação do periódico. Para o jornal protestante, a sociedade brasileira vivia sob um “caos de ideias religiosas”, os homens em suas vidas cotidianas não revelavam a mesma atitude de devoção demonstrada em suas práticas religiosas. Os redatores visavam “a propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica, pelo órgão de uma folha, particularmente a isso consagrada”, além disso, declarava a redação:

[...] este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranho á toda e qualquer ingerência em política, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áqueles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus princípios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos - a liberdade de consciencia perante o Evangelho (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/1864, p. 1).

O exemplar número 1(um) do *Imprensa Evangelica* foi distribuído a endereços e pontos distantes do Brasil Império, entre os quais os de padres católicos romanos. Mais adiante veremos neste capítulo os pontos e lugares de distribuição deste periódico.

O *Imprensa Evangelica* era custeado pela *The Foreign Missionary*. A administração foi designada a Quintana; algum tempo depois se tornou necessário substituí-lo, e Camilo José Cardoso foi gerente e contador, bem como na Livraria, até a sua morte. Ao longo dos anos a direção do periódico foi alternada pelos missionários Simonton, Blackford e Chamberlain. No dia 9 de outubro de 1879 a redação transferiu-se para São Paulo, com a alegria e interesse dos jovens pastores brasileiros, que passaram a colaborar com artigos assinados. Voltou para o Rio em 05 de outubro 10 de 1889 (RIBEIRO, 1981).

Enquanto se implantava o protestantismo Brasil em meados do século XIX, em especial, a Igreja Presbiteriana do Brasil, o jornal *Imprensa Evangelica* foi seu órgão oficial e até hoje é o mais completo documento das transformações sociais trazidas pela nova denominação e de seu relacionamento com os movimentos reformistas seculares que nessa época mexeram com a nossa história (RIBEIRO, 1981).

Outros fatos importantes ocorreram por ocasião do lançamento do *Imprensa Evangelica*, como a apreciação do escritor brasileiro Machado de Assis,⁵⁷ na sua coluna semanal intitulada: FOLHETIM. AO ACASO - REVISTA DA SEMANA, no jornal *Diario do Rio de Janeiro*:

Nada do que diz o *Cruzeiro* é novo; mas nem por isso deixa de ser lamentável que se imprimam cousas taes emm um paiz onde a liberdade religiosa, se não é complete, está adiantada [...] Há dous factos para considerar no artigo do *Cruzeiro do Brasil*: 1º - O *Cruzeiro* allega a contribuição; mas a constituição garante a liberdade religiosa, como bem lembra a *Imprensa Evangelica*, sem proselytismo, - de outro modo fora burlar o princípio (MACHADO DE ASSIS, DIARIO DO RIO DE JANEIRO, 22 DE NOVEMBRO DE 1864, ANNO XLIV – 321, p. 1, grifo do editor).

Em 3 de novembro Kalley recebia seu exemplar do *Imprensa* com tinta mal seca e o convite para colaborar. Com data de 5 de novembro, e nesse dia, o periódico foi entregue ao público. A imprensa do Rio recebeu muito bem o *IE*; apreciou seus objetivos e o alto nível de erudição e cultura. Em uma das suas crônicas, Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros do século XIX, comentou e apoiou uma notícia do *Imprensa Evangelica*. Mais adiante veremos o comentário deste escritor. Logo depois de entregar o *Imprensa Evangelica* ao público, seus redatores se dispersaram: Blackford voltou para São Paulo, Conceição para Brotas e Simonton, viúvo, triste, talentoso e pertinaz ficou com a mais pesada carga da publicação, pois verificou que os administradores gastavam muito, e absorveu a administração (RIBEIRO, 1995).

Costa (2009) sustenta que por ocasião da fundação do *Imprensa Evangelica* houve manifestações de simpatia por parte da imprensa secular:

[...] houve também manifestação de simpatia por parte de pelo menos três jornais seculares do Rio de Janeiro, a saber: *O Constitucional*, *O Jornal do Comércio* e *O Diário do Rio de Janeiro*, conforme comenta e transcreve parte dos dizeres desses jornais a *Imprensa Evangelica* (19.11.1864, p. 1) em seu segundo número (2009, p. 106, grifo do autor).

O formato do *Imprensa Evangelica* alterou-se, à medida que o século prosseguia. Era impressa em um caderno de quatro folhas e oito páginas (in-quarto), a qualidade do papel não se manteve; volumes em áspero jornal, e outros em papel de maior peso e melhor textura. A partir de 1868 foram introduzidas gravuras a partir de uma matriz de metal com a intenção explícita de popularizar o periódico protestante. Foram editadas inúmeras publicações em séries, em forma de folhetins, desde romances, História da Igreja, de Wharey, até à Confissão de Fé, de Westminster e o Livro de Ordem da Igreja Presbiteriana do Brasil; ou biografias, como a de Bernardo de Palissy ou “ficção evangélica”, um gênero literário em que os heróis são protestantes que vencem perseguições ou outros obstáculos à vida cristã, como por exemplo, *O Peregrino*, de John Bunyan. Publicavam-se noticiários internacionais, comumente nas últimas páginas; nesse noticiário desenhava-se a imagem de uma Igreja

Católica Romana em crise, dividida, perdendo fiéis e sacerdotes pelo mundo a fora, bem como de missões protestantes mundiais, Bíblias fartamente distribuídas e lidas (RIBEIRO1981).

Uma semana antes do *Imprensa Evangelica* ser publicado, Simonton fez circular uma carta falando do futuro lançamento e de seus objetivos: no editorial da *Imprensa Evangelica* de 1865, lê-se:

O fim que tem em vista a redação da *Imprensa Evangelica*, pode ser explicado em bem poucas palavras. “De comum com a maior parte dos que têm refletido sobre a situação do país, estamos convencidos de que a primeira necessidade do presente é o desenvolvimento intelectual e moral de todas as classes do povo e é nossa também convicção geral de que toda a esperança de sólido progresso e de estabilidade só pode firmar-se na difusão geral de verdadeiros princípios morais e religiosos. “Segundo a opinião mais em voga, todo o remédio está na intervenção dos poderes do estado e todo o dever do indivíduo se limita a reclamar essa intervenção”. “Aqui divergimos”. “Cremos que é indispensável o concurso de todas as inteligências, e que qualquer esforço sincero para difundir uma instrução verdadeiramente moral e religiosa, é digno de louvor”. “A existência da *Imprensa Evangelica* é o resultado desta convicção, e ela se dedicará à explicação e disseminação dos preceitos e doutrinas do Evangelho, única fonte quer dar moral, quer da religião, único código que, bem entendido e fielmente observado, pode promover e assegurar a felicidade individual e social de qualquer povo” (IMPRESA EVANGELICA, 21.10.1865, p. 1-2).

Na sua linha editorial o *Imprensa Evangelica* evidencia já na sua primeira edição a sua intenção de colaborar para “curar” o “caos” que imperava no Brasil através da “propagação do Evangelho”, tendo como suporte inicial a família:

No meio do caos de idéias religiosas, que divide atualmente os homens, inútil fora descobrir-lhes as fontes donde borbulha o mal, se para curá-lo lhes não aplicássemos meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica, pelo órgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis de nossa parte a aplicação dos meios (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/1864, p. 1).

Também no primeiro número do periódico protestante, os seus editores deixam claro para que o jornal se destina:

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar senão o mínimo do nosso desígnio, ainda assim nos lisonjaremos jubilosos, por haveremos cumprido com o nosso dever. Tal é a única missão da *Imprensa Evangélica* (IMPRESA EVANGELICA, 5/11/1864, p. 1).

Na primeira edição, página número 1, o *Imprensa* ratifica o seu propósito de caráter religioso e ao mesmo tempo a sua disposição em apresentar um periódico atual que se moldará conforme o crescimento e avanço da nova Igreja:

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando à nossa folha o desenvolvimento que lhe convém, por publicações variadas, que sem se afastarem de seu principal objetivo, lhe procurarão o atrativo da novidade nas formas. Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como particular do indivíduo, estranho à toda e qualquer ingerência em política, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos àqueles para quem a religião de Jesus Cristo ainda não se tornou cousa indiferente, e, no meio da perversão universal e seus princípios divinos, não trairão ainda o dom mais precioso de Deus – a liberdade de consciência perante o Evangelho (IMPRESA EVANGELICA, 05./11/ 1864, p. 1).

Com efeito, o historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Boanerges Ribeiro (1981) ao registrar que “em Ubatuba, a igreja nasceu em torno dela Imprensa, (grifo nosso) e como resultado de sua leitura antes que ali chegassem pregadores” (p. 101). Diz que Simonton se entusiasmou com o jornal: escrevia sistematicamente e dava notícias de sua penetração inclusive em meios não protestantes.

Após um mês da sua publicação, Simonton em seu diário, faz uma nova referência ao *Imprensa Evangelica* em seu diário:

A Imprensa Evangelica tem-me dado muita ansiedade. Foi começada com o Padre [José Manoel da Conceição], eu e o Sr. Blackford na redação, deixando para Neves de Quintano (Sic) a gerência. Foi programada pra sair uma vez por semana. Poucos dias foram suficientes para mostrar a insensatez de tal plano e a certeza de ficarmos envolvidos em grandes perdas se não assumíssemos a gerência (SIMONTON, 1982, p. 195).

O *Imprensa Evangelica* circulou até 02 de junho de 1892, sendo, a partir do segundo número, editado quinzenalmente. No transcurso dos seus 28 anos o *Imprensa Evangelica* passou pela administração de vários editores. A princípio A.G. Simonton, de 1864 até sua morte em 1867. Logo após seu cunhado, o missionário A. L. Blackford assumiu a tarefa, estando à frente do periódico de 1868 a 1876. Posteriormente o editor foi o também missionário George W. Chamberlain, que durou de 1877 a 1885. Na última fase, de 1886 a 1892, houve um esforço que incluiu vários missionários norte-americanos e pastores brasileiros na gestão do jornal (LEONEL, 2014).

O *Imprensa Evangelica* transferiu-se duas vezes para São Paulo. A primeira em outubro de 1879, retornando para o Rio de Janeiro em outubro de 1889. A segunda, em maio

de 1891, onde, no ano de 1892, finalizou suas atividades. A missão norte-americana, que custeava o jornal, diante do afervoramento e das inquietações entre os missionários americanos e os pastores brasileiros, decidiu por encerrar as suas atividades (LEONEL, 2014).

Segundo Leonel (2014), o projeto de Simonton em produzir um periódico não era motivado por arrogância e nem um risco leviano. Contrariamente, ao chegar à província do Rio de Janeiro verificou a mesma estratégia sendo colocada em prática com sucesso pelo missionário Robert Kalley, de acordo com citações anteriores nesta pesquisa. E percebeu que a imprensa carioca era dinâmica e abria grandes possibilidades para a inserção de material propagandístico religioso, conforme registra em carta a *The Foreign Missionary*.

Simonton, em seu relatório pastoral de 1867, assim coloca seu envolvimento com o *Imprensa Evangelica*:

Outro trabalho que me tem roubado muito tempo é a publicação da Imprensa Evangélica. A importância de uma folha evangélica não pode ser contestada. Por este meio instruímos muitos que não estão ao alcance de outros meios atualmente empregados na pregação no Evangelho. Mesmo nesta Corte sucede isto. Um número de pessoas talvez maior que se pensa, só tem notícia do Evangelho pela leitura da Imprensa Evangélica (SIMONTON, 1867 *apud* FERREIRA, 1959, p. 36).

Figura 5 - Reunião do Presbitério do Rio de Janeiro



Fonte: acervo pessoal deste pesquisador.

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Julio Andrade Ferreira (1959) fez o seguinte registro acerca do conteúdo do *Imprensa Evangelica*:

A “Imprensa” se manteve por muito tempo com oito páginas. Tamanho de 20 por 30 centímetros, prestava-se a ser encadernada, e o próprio Simonton estimulava os leitores a fazê-lo, alegando que o material era de interesse permanente. Os editoriais são excelentes. Breves, mas expressivos, procuram despertar nos leitores o interesse pela salvação da alma. Há estudos, com forma de perguntas e respostas, sobre o “Pai Nosso”, posteriormente sobre os “Dez mandamentos”, e outros assuntos, de modo a constituir, como dizia, base para instrução no culto doméstico. Sai, em série, tradução de artigos de Adolfo Monod, sobre a “Leitura da Bíblia”: Tratasse de controvérsia amigável de uma jovem com o cura, discussão na qual vem a tomar parte um racionalista, sr. Lasalle. Muito sugestiva a série. Santos Neves publica poesias. Algumas das ilustrações tradicionais de nossos púlpitos, eu as encontrei na “Imprensa”. Na seção de noticiário, quase nada se diz de movimento evangélico no Brasil, mas comentam-se os problemas políticos de uma perspectiva evangélica. É enaltecida a defesa da liberdade de consciência; mostra-se o que se passa de significativo no mundo, pela vitória do Evangelho. Simonton escrevia com elegância e rigor. Presumimos que seus artigos fôssem revistos por alguém antes da publicação, pois nos relatórios de Simonton não há a mesma correção de linguagem, se bem que se perceba igualmente a limpidez de pensamento (FERREIRA, 1959, p. 35).

Santos (2009) diz que o projeto de criação do *Imprensa Evangelica* foi um dos mais arrojados projetos de Simonton durante sua ação missionária no Brasil. Este periódico foi criado num momento de crise pessoal, abalado pela viuvez, Simonton preparou um órgão de imprensa que seria o canal de interlocução dos presbiterianos com os membros da Igreja e com a sociedade. O lançamento do jornal, em 05/11/1864, foi um marco na história da missão presbiteriana e o momento do estabelecimento de um canal de comunicação ampla com a sociedade. De acordo com a pesquisadora:

Ao longo da sua existência, o *Imprensa Evangelica* demonstrou que o objetivo proposto por seus fundadores foi alcançado. A folha evangélica divulgou princípios bíblicos e morais, manteve seus leitores informados sobre os principais acontecimentos mundiais e a evangelização no mundo, relatou descobertas científicas do período, trouxe artigos de utilidade pública e serviu, acima de tudo, como veículo de melhoria educacional, à medida que propagava a palavra escrita e estimulava a leitura em um país onde a grande maioria da população era composta de analfabetos (SANTOS, 2009, p. 47).

Santos (2009, p. 47, 48, 49), conforme (Tabela 1), traz uma grande contribuição ao destacar em suas pesquisas diversos artigos que foram publicados no *Imprensa Evangelica* durante os seus 28 anos de circulação, entre eles:

Tabela 1- Alguns artigos veiculados no *Imprensa Evangelica*

1865: “Os voluntários da pátria, a sciencia e o Sr. Professor Agassiz” e em 1867 “Encantadores de serpente” e A exposição universal de 1867”.	1868: “Dados estatísticos”, sobre a população mundial, e “Dez regras de Thomaz Jefferson”.
1869: “Fatos sobre a prata”, “A flor do mar”, “A mosca ichneumon”, “O balão”, “O camelo” e “O jogo”.	1870: “A cegonha” e “O rinoceronte”.
1871: “A aranha”, “A figueira brava”, “Jabirú”, “Remédio contra hydropsia”, “Remédio para moléstias do peito”, “Estatísticas de morte em Paris”, “O veneno de cobra”, “população de Londres”, “Relógio elétrico”, “Transmissão do Som”, “A arte typographica no Brasil”, “Cura da lepra”, “O diamante” e “Os pássaros”.	1872: “Os esquimós”, “Estatística religiosa” e “O pato bravo”.
1873: “O camelo”, “O cão”, “O emprego do phenol contra as bexigas”, “Modo de conservar o peixe”, “Modo de afastar as formigas do pé das árvores”, “Novo para-raio”, “Extinção dos mosquitos “Dados estatísticos” e “Eucalyptus globutus”.	1874: “Pesos e medidas”, “Os habitantes do mundo”, “População da Inglaterra”, “A abestruz”, “Papel”, “A população da China” a “A população da Alemanha”.
1875: “Omontemaisalto”, “Alcatrão”, “Remédio contra frieira”, “Amazonas, o gigante dos rios” e “A cura do cancro”.	1876: “Estatísticas da Instrução na Europa” e “Ossos do corpo humano”.
1877: “O cancro”, “Dimensões da terra”, “os árabes”, “O jornalismo”, “Máximas de Jefferson” e “Socialismo”.	1878: “Utilidade do estudo da arithmetica” “Contra as bexigas”, “O começo da imprensa no Brasil” e “Exposição de Paris”.
1879: “O comunismo”, “Remédio para coqueluche”, “Noções úteis – phisica”, “população das principais cidades do mundo” e “Exposição de Paris”.	1880: “A Alexandria”, “O Egypto”, “Território e população norte-americano”, “Táboa chronologica”, “Velocidade da água, do som e da luz”, “Remédio para embriaguez”, “Positivismo” e “Imposto do vintém”.

1882: “Discurso do Sr. Pauster”, “Descobertas de múmias no Egipto” e “Receita para conservar o feijão”.	1883: “Guerras no mundo”, “Dívida brasileira” e População israelita no mundo”.
1884: “Abelhas”, “Água”, “As formigas”, “Flores”, “Extensão dos mares”, “Importantes Estatísticas”, “Laranjas e limões”, “longevidade das raças humanas”, “Ovos artificiaes”, “Plantas que se defendem”, “População escrava no Brasil” e “Reino Vegetal”.	1885: “Costumes indianos” e “Preceitos de Thomaz Jefferson, e judeu no mundo”.
1886: “Costumes da China”, “Estátua da liberdade” e “A idade dos animais”.	1887: “Datas da abolição da escravidão no mundo”, “Estradas de ferro no Brasil”, Estatística religiosa da Prússia” e “Estatística mundial das edições da Bíblia”.
1888: “Benefícios da limpeza” “As sete maravilhas do mundo” e “População da Sibéria”.	1889: “O número das estrelas”, “O álcool na diphteria”, “Plantas carnívoras”, “imigração no Brasil”, “Telephoto” e “O nosso planeta”.
1891: “O dia mais comprido do ano”, “Cabo telegráfico para os EUA. ”, “População do Brasil”, “A luz do Sol” e “Invenções e descobertas”.	1892: “Paris”, “A pesca do bacalhau”, “As florestas dos Estados Unidos”, “Descobertas aecheologicas” e “O trabalho”.

Santos (2009) afirma que é possível constatar “as diferenças editoriais entre as fases” (p.50), o *Imprensa Evangelica* “não citou o nome de todos os seus editores, redatores e colaboradores” (p.50). De acordo com Santos (2009) a lei em vigor no Brasil na ocasião da fundação deste periódico “não obrigava os editores a informar a autoria dos artigos publicados” (p. 50).

O *Imprensa Evangelica* era um jornal empenhado com a causa missionária e evangelística proposta pelos missionários americanos, o periódico protestante além de tratar de temas religiosos também versava sobre questões do dia a dia. Era um jornal que não se furtava de comentar e tomar partido nas questões que mobilizavam as atenções do Brasil império em meados do século XIX.

Os principais assuntos tratados no *Imprensa Evangelica* eram de caráter religioso e cultural, além de sermões, poesias, crônicas, folhetins, romances, catecismos, estudos bíblicos e notícias de acontecimentos religiosos pelo Brasil e pelo mundo. Tratava também, em algumas sessões, de assuntos políticos e não religiosos concernentes às questões da “liberdade de culto, aos direitos civis dos acatólicos e à imigração protestante” (VIEIRA, 1980, p.149).

Pereira (2007, p.7) diz que “outra característica do jornal era o seu caráter apologético”. O jornal *Imprensa Evangelica* travou grandes polêmicas com o jornal católico de influência ultramontana *O Apóstolo* (OLIVEIRA, 2001; ABREU, 1999), “num nível elevado para o usual da época” (p.150).

Quando do encerramento da publicação do *Imprensa Evangelica*, Pereira (2007) declara:

A *Imprensa Evangelica* foi publicada até 1892, quando, em uma resistência entre os pastores brasileiros e missionários americanos e a ida de Chamberlain para Pernambuco, deixou de ser editado (PEREIRA, 2007, p. 7).

O Brasil do século XIX vivia um momento onde o catolicismo oscilava num vaivém entre o ultramontanismo⁶³ e o jansenismo⁶⁴, Pereira (2007, p. 7) diz que “a chegada dos

⁶³ Do latim *ultramontanus*. O termo designa, no catolicismo, especialmente francês, os fiéis que atribuem ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. Na Idade Média, o termo era utilizado quando elegia-se um papa não italiano (“além dos montes”). O nome toma outro sentido a partir do reinado de Filipe, o Belo (século XIV) na França, quando postularam os princípios do galicanismo, no qual defendiam o princípio da autonomia da Igreja francesa. O nome ultramontano foi utilizado pelos galicanos franceses, que pretendiam manter uma igreja separada do poder papal e aplicavam o termo aos partidários das doutrinas romanas que acreditavam ter que renunciar aos privilégios da Gália em favor da “cabeça” da Igreja (o papa), que residia “além dos montes”. O ultramontanismo defende, portanto o pleno poder papal. Com a Revolução Francesa, as tendências separatistas do galicanismo aumentaram. As ideias ultramontanas também.

missionários protestantes trouxe, mais do que uma proposta evangelística, a visão do protestantismo norte-americano em sua era missionária”.

Pereira (2007) afirma que os missionários americanos viam na sua ação missionária uma “articulação entre salvação e o desenvolvimento social”. De acordo com ele:

[...] os missionários pioneiros, imbuídos da doutrina do Destino Manifesto, originalmente usada para justificar a ocupação do Oeste dos EUA e a anexação de territórios mexicanos, mas também posta como pano de fundo para ação missionária fora dos EUA viam em sua ação uma articulação de salvação espiritual e desenvolvimento social, um processo civilizatório, se bem que espiritualizado (PEREIRA, 2007, p.7).

O professor Mendonça (1995) afirma que este processo se constrói na articulação de territorialidades religiosas cristãs diferenciadas em relação ao catolicismo romano, visto como sinal de atraso e autoritarismo.

Enquanto alguns missionários e, principalmente, os líderes nacionais falam em verdade e não-verdade, reproduzindo assim as polêmicas da Reforma, uma grande facção de missionários se preocupa com os ideais democráticos e republicanos conduzidos pelo protestantismo, assim como seu liberalismo e progressismo. De um lado, vê-se a preocupação conversionista de católicos ao protestantismo, de outro o transplante cultural, a exportação do American way of life, tudo em obediência ao “Destino Manifesto” (MENDONÇA, 1995, p. 77).

É dentro deste cenário que foi fundado o jornal *Imprensa Evangelica*, o primeiro jornal acatólico publicado no Brasil e na América Latina, como veículo de pregação do evangelho e expansão missionária, de enfrentamentos apologéticos e divulgação dos valores e concepções do protestantismo a partir da visão norte-americana em solo brasileiro. De acordo com Pereira (2007) o *Imprensa Evangelica*:

Nas primeiras décadas do século XIX, devido a frequentes conflitos entre a Igreja e o Estado em toda a Europa e América Latina, foram chamados de ultramontanos os partidários da liberdade da Igreja e de sua independência do Estado. O ultramontanismo passou a ser referência para os católicos dos diversos países, mesmo que significasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais. Apareceu como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, um fechamento sobre si mesma, uma recusa do contato com o mundo moderno. Os principais documentos que expressam o pensamento centralizador do papa são as encíclicas de Gregório XVI (1831-1845), Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903) e Pio XI (1922-1939). Fonte:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ultramontanismo.htm

⁶⁴ O **jansenismo** foi uma doutrina religiosa inspirada nas ideias de um bispo de Ypres, **Cornelius Jansen**. Como movimento teve caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos, que se desenvolveu principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, no seio da Igreja Católica e cujas teorias acabaram por ser consideradas herética pela mesma, desde 16 de outubro 1656, através da bula *Ad sacram* subscrita pelo Alexandre VII. Defende uma interpretação das teorias de Santo Agostinho sobre a predestinação contra as teses tomistas do racionalismo aristotélico e do livre arbítrio.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jansenismo>

Surge como veículo de construção de novas territorialidades religiosas, alternativas ao Catolicismo Romano, mas que não se esgotam no campo teológico-doutrinário, se expandem para os campos da política, sociedade, literatura e cultura (PEREIRA, 2007, p. 8).

O *Imprensa Evangelica*, como qualquer produção escrita no cenário brasileiro do Oitocentos, era destinado a uma minoria letrada. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o primeiro censo realizado no Brasil data do ano de 1872 e relevou que o índice de analfabetismo entre a população de 5 anos para cima era de 82,3%. Se for considerada a idade mínima de 10 anos, o índice diminui um pouco, indo para 78%. Tais indicadores permaneceram praticamente inalterados até o censo de 1890, dois anos antes do *Imprensa* encerrar suas atividades (LEONEL, 2014).

Alderj Matos (2000) assegura que o jornal *Imprensa Evangelica*:

Era um órgão de propaganda evangélica que visava alcançar, sobretudo as camadas mais cultas da população e teve boa aceitação junto a certos grupos, particularmente liberais, maçons e alguns membros do clero (MATOS, 2000, p. 66).

Neste período em que o periódico protestante foi fundado, pouca gente lia no país, como já verificamos nesta pesquisa. Essa nossa afirmação pode ser constatada também, além do censo de 1872, nos registros dos viajantes que visitaram o Brasil no decorrer do século XIX, permanecendo entre muitos estudiosos até os tempos atuais, como se verifica na afirmação de Luis Felipe Ribeiro, a partir de dados colhidos na sua obra *Mulheres de Papel*:

Levando em consideração que a população do Rio de Janeiro era, em 1830, de aproximadamente 125.000 habitantes, os 400 exemplares do *Jornal do Commercio* de 1827 compreendiam 0,32% das pessoas da cidade, se cada uma adquirisse um exemplar do jornal. Ou seja, um exemplar para 312,5 habitantes. Já em 1840, a situação melhora bastante: para 137.078 habitantes, 4.000 exemplares; ou seja, um exemplar para cada 34,26 habitantes, perfazendo um total de 2,9% da população (LUIS RIBEIRO, 1996, p. 65).

Diante dos dados acima, Luis Felipe Ribeiro (1996, p.66) afirma: “Estes números todos apenas confirmam que se lia muito pouco no Brasil da época”.

Nesta pesquisa verificou-se que muitos estudiosos concordam com a opinião de Luiz Felipe Ribeiro quando ele afirma que “se lia muito pouco no Brasil da época”.

Entre os discursos que advogam nesse sentido, ecoam algumas afirmações pouco positivas em torno da leitura e da educação:

Quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Somente as classes acadêmicas e alguns empregados públicos saídos dessa classe. É a regra geral (ROMERO, 1902, p. 13).

Da distribuição das escolas na província, resultava um ensino primário precário composto por escolas assistidas por professores despreparados, incluindo muitas escolas fantasmas que só existiam nos relatórios anuais de ensino. (MARTINS, 1990, p.97).

Mesmo essas moças privilegiadas tinham reduzido acesso à leitura, pouco ou nada sabiam de história ou geografia, possuíam vagas noções de literatura ou cálculo (...) vivendo nos limitados horizontes domésticos, aguardando o casamento que deveria ser sua suprema aspiração. (ALMEIDA, 1998, p.56).

O que se pode constatar acima, é que estes pesquisadores apontam para o reflexo de um Brasil que tinha escolas com um ensino insatisfatório e que a leitura era restrita a uma pequena parte letrada da população.

Outra voz que evidencia a pouca produção de livros e menor ainda a leitura entre os brasileiros, era escritor e poeta Machado de Assis quando escrevia no *Diário do Rio de Janeiro* em 1862 e citou o movimento literário brasileiro como “dos mais insignificantes possíveis.”⁶⁵ Embora Machado tenha considerado o movimento literário, em 1862, como um dos mais insignificantes, com poucos livros sendo publicados, comprovei com as pesquisas realizadas para compor a cronologia do romance do século XIX que os números apontam para uma significativa produção literária. Entre 1822 e 1862 foram publicados, aproximadamente 138 obras de ficção, entre novelas, romances, contos ou folhetins.

Em desacordo com os discursos acima citados encontram-se registros que observam a evolução da prática de leitura entre os brasileiros nos anos oitocentos, resumindo a trajetória do leitor daquela época a partir de outra ótica mais positiva:

Quem se esforça em considerar com mesquinha tudo o que o Brasil possui, não deve entrar na Biblioteca Nacional, pois nela se encontra um estabelecimento com que o Brasil se aproxima dos maiores países da Europa.⁶⁶

É verdadeiramente notável o desenvolvimento que em nossa província vai tendo o gosto pela instrução.

(...) a primeira edição do *Livro do Povo*, de Antônio Marques Rodrigues, em 1861 (...) com mais de duzentas páginas compactamente impressas, mas bem ilustradas. Ele foi tão lido por sucessivas gerações de crianças brasileiras,

⁶⁵ LAJOLO, & ZILBERMAN. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999. p. 78.

⁶⁶ KOSSERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins Editora, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972. p. 126.

principalmente no Nordeste, que se tornou uma raridade bibliográfica apesar do grande número de exemplares impressos. (...). No total, parece que foram impressos trinta ou quarenta mil exemplares, tendo o autor doado mais de cinco mil a escolas.⁶⁷

Crescem então as oportunidades de leitura a partir dos aumentos dos negócios de imprensa e de livros, através de várias tipografias que surgem. (...).⁶⁸

Os livros escolares também atraíam os lojistas. (...) Na Notícia do catálogo de livros, de 1811, o livreiro Manuel Antônio da Silva anuncia seu estoque, em que encontram-se livros destinados ao ensino de retórica, gramática e matemática (...) Sem dúvida, a expectativa de público, sugerida por essa bibliografia, aponta um horizonte cultural em que a mocidade se alfabetiza, (...) É esta escola elemento essencial para, através da difusão do ensino e do patrocínio da familiaridade com os livros, favorecer o estabelecimento e o fortalecimento de práticas correntes de leitura.⁶⁹

Examinada desde a perspectiva dos escritores românticos, não é assim tão irremediável, grave, precária e culturalmente insatisfatória –como se poderia crer, a partir da leitura de viajantes e cronistas – a condição da leitura feminina.⁷⁰

(...) não podemos considerar que apenas aqueles, ou aquelas, que freqüentavam uma escola fora do ambiente doméstico tinham acesso às primeiras letras. (...) temos indícios de que a rede de escolarização doméstica, ou seja, o ensino aprendizagem da leitura, da escrita e do cálculo, mas sobretudo daquela primeira, atendia a um número de pessoas bem superior ao da rede pública estatal.⁷¹

Ferreira (1992) diz que embora tivesse oposição da Igreja Católica, o *Imprensa Evangelica* apresentava boa receptividade nos círculos liberais, além de ser lido por diversos padres católicos, pessoas de alta posição e envolvidas com a maçonaria.

Uma parcela da população da classe alta brasileira em meados do século XIX declarava ler o jornal presbiteriano *Imprensa Evangelica*, dentre os quais podemos destacar “um padre que se dizia filho de Diogo Antônio Feijó; Antônio Francisco de Paula e Souza, Ministro da Agricultura; e a mãe do jornalista Saldanha Marinho” (VIEIRA, 1980, p. 149). Assim sendo, o *Imprensa Evangelica* visava difundir e expandir os ideais religiosos protestantes entre a elite brasileira.

⁶⁷ HALLEWELL, Laurence. op. cit., p. 100.

⁶⁸ LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A Formação da leitura no Brasil*. op. cit., p. 125.

⁶⁹ idem, p. 133.

⁷⁰ idem, p. 248.

⁷¹ De acordo com as informações de Faria Filho, no estado de Minas Gerais, em 1827, havia 23 escolas públicas e 170 escolas privadas. FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de. “Instrução elementar no século XIX”. In: *500 Anos de Educação no Brasil*. 2ª. ed. Org. Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes Faria Filho & Cyntia Greive Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 144, 145, 150.

Simonton destacou a relevância da palavra escrita e o poder da imprensa em um conhecido discurso intitulado: *Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil* de 1867. Ele afirma:

[...] outro meio de pregar o evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos. Deste modo, pode-se dar notícias de Jesus a muitos que não querem assistir ao culto público. Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia (SIMONTON, 2002, p. 181).

O *Imprensa Evangelica*, tinha a clara intenção de oferecer ao mundo letrado do Brasil de meados do século XIX o ideário protestante como estudos sobre a Bíblia, confissões de fé e visão sobre os acontecimentos, história da Igreja e, também, orientar os novos convertidos à fé protestante e a prática do culto doméstico.

O *Imprensa Evangelica* pôs os presbiterianos e as demais denominações protestantes em contato com as elites brasileiras. Também divulgou a sua literatura. Num período em que havia poucos pastores e pregadores, especialmente no interior do país, o jornal instruíra, edificava e incentivava as pequenas igrejas. Normalmente, em muitos lugares isolados do Brasil, o dirigente leigo lia para a congregação os sermões e estudos contidos no *Imprensa* durante os estudos bíblicos e cultos públicos. “Em Ubatuba, a igreja nasceu como resultado da sua leitura, antes da chegada dos primeiros pregadores” (RIBEIRO, 1981, p. 101).

A conversão e o ingresso na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro de dois bons escritores: José Manoel da Conceição, ex-padre e o poeta Antônio José dos Santos Neves, sendo sucedidos por Júlio César Ribeiro Vaughan, romancista, gramático e jornalista e o Dr. Miguel Vieira Ferreira um dos cofundadores do Partido Republicano. Segundo Vicente (2014, p. 36) “Tais escritores eram responsáveis pela politização do jornal”.

4. 2. Fundadores, Idealizadores e Colaboradores do *Imprensa Evangelica*

4.2.1. Pastores brasileiros

Segundo o atual historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil Alderi de Souza Matos (2004), no período compreendido entre 1865 e 1900 os pastores brasileiros que contribuíram com o *Imprensa Evangelica* foram: o Rev. José Manoel da Conceição, um dos fundadores do jornal, Rev. Modesto Perestrello Barros Carvalhosa, que começou a colaborar no segundo trimestre de 1875; Rev. Antonio Bandeira Trajano (português naturalizado), um dos dirigentes do *Imprensa Evangelica*; Rev. Miguel Gonçalves Torres, colaborador de 1865

a 1872; Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, colaborador; Rev. Eduardo Carlos Pereira, redator; Rev. João Ribeiro de Carvalho Braga, que, com a esposa passou a escrever artigos para o jornal quando foi transferido para São Paulo, em 1879; Rev. Herculano Ernesto de Gouvea, colaborador.

Vale ressaltar que o corpo de editores e colaboradores relacionados ao *Imprensa* que, conforme vimos acima, era composto por intelectuais de diversas áreas do conhecimento. O seu fundador, Rev. Simonton, antes de aderir à Teologia, tinha conhecimento em Direito; José Manuel da Conceição, ex-padre, era homem polido que possuía amplo domínio nas artes retóricas; Júlio César Ribeiro Vaughan⁷² homem das letras, inclusive autor do romance *A Carne* (1888), relacionado pela historiografia literária ao Naturalismo brasileiro, era filólogo, poliglota, professor da Faculdade de Direito de São Paulo e também fundador do periódico *O Sorocabano*; Dr. Miguel Vieira Ferreira⁷³ doutor em Ciências Matemáticas e Físicas, engenheiro militar; Antonio José dos Santos Neves, poeta.⁷⁴

Em 1867, por ocasião da Reunião do Presbitério no Rio de Janeiro, Simonton apresenta um relatório intitulado: Os meios propícios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil. Ele apresenta seis estratégias para se plantar o Reino de Deus: 1) pregação fiel do Evangelho, 2) distribuição de Bíblias, livros e folhetos; 3) Evangelização através da amizade; 4) Pregação do Evangelho por pessoas bem preparadas; 5) Evangelização indireta através de escolas e 6) O poder da oração na evangelização do Brasil.

⁷² **VAUGHAN, Júlio César Ribeiro** (1845-1890) era mineiro e filho de pai americano, Júlio Ribeiro converteu-se ao protestantismo por intermédio de Schneider, filiando-se à Igreja Presbiteriana em 17 de abril de 1870. Escreveu um romance baseado na vida do José Manoel da Conceição, além de traduzir o primeiro volume da História da Reforma, de D'Aubigné. Começou a escrever no *Imprensa Evangelica* em 1870. Atuou, nalgumas ocasiões como pregador leigo. Contudo, a morte de seu filho provocou-lhe uma contra revolta contra Deus, levando-o abandonar o protestantismo declarando-se, após certo tempo, ateu e positivista. Dessa forma, seu vínculo com o protestantismo durou dez anos.

⁷³ **Dr. Miguel Vieira Ferreira** (1837-1895), maranhense, nascido em 1837, filho do Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira, formou-se no Rio de Janeiro em física e matemática, iniciou carreira no exército e trabalhou na comissão de demarcação das fronteiras entre Brasil e Peru. Ainda jovem, começa a escrever e publica seu primeiro livro na área de filosofia. Em 1870, filia-se, junto com seu irmão, ao clube e ao jornal republicano. No mesmo ano, assinou Um Manifesto Republicano, juntamente com os membros do referido clube. Assinaram esse manifesto outros que lutavam pela “causa protestante”. Este clube fundou o jornal A República. Entrou em contato com o protestantismo em 1873, ao visitar, às vezes, as reuniões da Igreja Presbiteriana. Envolvendo-se com o espiritismo em 1874, continuou a frequentar a Igreja Presbiteriana, contudo, assumindo posturas místicas, as quais Blackford combatia e o exortava a abandoná-las. Após abandonar o misticismo, foi eleito presbítero em 14 de setembro de 1874, mas afastado em 1879, pelo seu retorno às práticas místicas. No ano seguinte, foi afastado da comunhão por defender que recebia mensagens diretas de Deus. Nesse período, levou consigo alguns membros da Igreja Presbiteriana que o seguiam, fundando a Igreja Evangélica Brasileira.

⁷⁴ **Antônio José dos Santos Neves** (1827-1874) era baiano, poeta, e ingressou na Igreja Presbiteriana no ano de 1863, quanto era taquígrafo do Senado e funcionário do Ministério de Guerra. Era próximo do Blackford. Era membro do Partido Liberal e tentou fundar um jornal liberal, que faliu pouco tempo depois. Suas ideias políticas evidenciavam qual era uma das principais coisas que lhe atraía para o protestantismo (a ideia do progresso).

4.2.2. Pastores americanos

Matos (2004) também registra os nomes dos missionários americanos que contribuíram no *Imprensa Evangelica*: entre 1864 a 1900, foram os seguintes: Rev. Ashbel Green Simonton, fundador; Rev. Alexandre Latimer Blackford,⁷⁵ editor; Rev. Francis Joseph Christopher Schneider,⁷⁶ colaborado; Rev. George Whitehill Chamberlain, edito; Rev. Robert Lenington, colaborador de 1881 a 1884, em São Paulo; Rev. Emanuel Vanorden, colaborador das edições de março de 1874 a 1876; Rev. John Beatty Howell, relator em São Paulo, Rev. James Theodore Houston, redator; Rev. John Mirrou Kyle, redator no período de outubro de 1889 a junho de 1890; Rev. Donald Campbell McLaren, redator; Rev. Woodward Edmund Finley, colaborador; Rev. William Alfred Wadeell, diretor.

4.3. Consolidação do *Imprensa Evangelica*

O emprego da imprensa e a criação de jornais por missionários protestantes se tornaram práticas habituais dentro do protestantismo, desde a sua origem. O movimento reformista do século XVI, que deu origem às igrejas protestantes, em muito se serviu da imprensa. Os protestantes europeus usavam panfletos e impressos diversos para pôr em circulação as novas doutrinas religiosas que surgiram a partir da cisma com a Igreja Católica Romana, a partir de 1517, na Alemanha. A imprensa e o movimento reformista se

⁷⁵ O Rev. **BLACKFORD** formou-se em 1859 no Seminário Teológico do Oeste, em Allegheny, nos arredores de Pittsburgh. Foi ordenado em 1859, indo trabalhar na Junta de Missões Estrangeiras, em Nova York, onde conheceu Simonton, de quem se tornou amigo próximo e cunhado. Blackford chega ao Brasil, para ajudar Simonton, em 25 de julho de 1860 e logo se pôs a estudar português e a trabalhar, juntamente com Simonton, como agentes não remunerados da Sociedade Bíblica Americana. Blackford e Simonton foram influenciados pelas posturas cautelosas de Kalley. Em especial, Blackford fez amizade com um deputado do Império que o ajudava e protegia. Tal relação o encorajou a ir para o interior de São Paulo. Em 1863, percebendo a importância do campo da província de São Paulo, o casal Blackford, mudou-se para a capital, trabalhando inicialmente com pregação em inglês nas casas de outros prosélitos. Nesse período, ao ir até o interior de São Paulo conheceu José Manoel da Conceição. Blackford foi um dos editores do *Imprensa Evangelica*.

⁷⁶ O Rev. **Francis Joseph Christopher Schneider** (1832-1910) formou-se no mesmo seminário do Rev. **Alexander Blackford**, sendo ordenado em 1861 e, no mesmo ano, Schneider veio para o Brasil após uma viagem de Simonton pelo interior de São Paulo, na qual constatou a necessidade de um pastor para trabalhar com os colonos alemães daquela região. Dessa forma, ele enviou uma mensagem para o Conselho de Missão pedindo para enviar um missionário especificamente para esse trabalho. Schneider chegou ao Brasil no dia 25 de julho de 1860 no mesmo dia que Blackford indo do Rio de Janeiro para São José do Rio Claro, onde se concentrava grande quantidade de alemães. Depois, retornou o Rio de Janeiro, pode contribuir com a igreja já fundada e com a *Imprensa Evangélica*. Schneider encontrou dificuldade na questão dos sacramentos, tanto pela sua perspectiva teológica (pois era um presbiteriano pastoreando luteranos) quanto pelas práticas dos luteranos de levar seus para serem batizados por católicos, já que para eles a salvação dependia do batismo. Além do mais, Schneider se opunha a batizar aqueles que ele não considerava cristãos, embora assim se declarassem. Após forte resistência dos colonos e das campanhas contrárias do Holzel, pároco luterano anterior a Schneider, ele voltou para o Rio de Janeiro em 1863. Foi para Salvador-BA, em 9 de fevereiro de 1871, juntamente com a família e um membro da Presbiteriana do Rio, a fim de implantarem o trabalho presbiteriano naquela cidade. No ano seguinte, organizou essa igreja, em 12 de abril. Morreu em 21 de março de 1910, em São Paulo, sendo o último dos companheiros de Simonton a morrer.

favoreceram com a recíproca expansão: da mesma forma que os ideais protestantes foram difundidos com a produção e a propagação de impressos, a imprensa também se popularizava por meio da expansão e consolidação da Reforma⁷⁷ (FEITOZA, 2012).

O pesquisador Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros (2014) descreve a conversão do poeta Santos Neves ao protestantismo e parte da sua obra:

Antonio José dos Santos Neves se converteu ao protestantismo em 1863, era poeta, trabalhava como taquígrafo do Senado e era funcionário do Ministério da Guerra. Também foi membro do Partido Liberal e, em 1863, fundou um periódico liberal, *O Locomotivo Intelectual*, que teve curta duração. Segundo David Gueiros Vieira (1980), Santos Neves via o protestantismo como uma “*fonte de progresso*”. Como poeta escreveu uma obra de dois volumes, o primeiro intitulava-se *Louros e Espinhos*, continha versos patrióticos e religiosos sobre a Guerra do Paraguai, além de um apelo ao Imperador para conceder plena liberdade de culto no país; o segundo intitulava-se *Homenagem aos Heróis Brasileiros na Guerra Contra o Governo do Paraguai Sob o Comando em Chefe dos Marechais do Exército, Sua Alteza Real o Senhor Conde D’Eu e o Duque de Caxias. Oferecido a Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro II*⁷⁸. Como protestante, compôs uma série de hinos adotados pelas igrejas evangélicas. Em 1868, tornou-se maçom, convidado por um presbiteriano, Possidônio M. de Mendonça Jr; e, em 1872, publicou um poema em homenagem à Maçonaria no qual reclamava a abolição da escravatura⁷⁹. Com relação ao jornal *Imprensa Evangelica*, Simonton registra que Santos Neves “*compunha poemas para serem publicados no jornal*” (MEDEIROS, 2014, p. 30, grifos do autor).

Na conjuntura das mudanças que caracterizaram os tempos modernos, o protestantismo encandeava e fortificava a tradição que lhe era específica como proposta religiosa que valorizava a Bíblia, a palavra escrita e buscava propagar suas ideias e doutrinas através da ação e da relação direta com os textos. O *Imprensa Evangelica* inscreve-se nessa tradição antiga do protestantismo (FEITOZA, 2012).

De fato, o objetivo principal de Simonton era o de publicar um jornal semanalmente, divulgando o ideário da fé Reformada Protestante, no entanto, como ele mesmo registrou em seu diário: “[...] poucos dias foram suficientes para mostrar a insensatez de tal plano e a certeza de ficarmos envolvidos em grandes perdas se não assumíssemos a gerência” (SIMONTON, 1982, 26.11.1864).

⁷⁷Sobre esse assunto ver **QUINTEIRO**, Alejandro Pizarroso (organizador). *História da Imprensa*. Lisboa: Planeta Editora. 1994.

⁷⁸ **VIEIRA**, *op. cit.*, p. 150.

⁷⁹ **Idem**, *Ibidem*, p. 264. Vieira informa que Possidônio se ofereceu a ajudar a *Imprensa Evangelica* na solicitação de assinaturas em 1867; ele teria conseguido um número considerável de assinaturas.

Como consequência da mudança de planos de Simonton, o *Imprensa Evangelica* passou a ser publicado quinzenalmente. Na edição de 05 de novembro de 1864, ou seja, no primeiro número em que dizia “Publica-se todos os sábados”, a expressão “todos os sábados” foi riscada; no artigo explicativo a respeito da origem e propósito do jornal, onde estava escrito “Shairá semanalmente um número de 8 páginas”, teve a palavra “semanalmente” o mesmo fim. O editorial do segundo número explica:

A IMPRENSA EVANGELICA continuará a ter oito páginas de impressão, e, para não diminuir na matéria, julgamos melhor distribuí-la, nesse formato, duas vezes por mês, ficando assim definitivamente regularizada a sua publicação. Circunstâncias imprevistas nos obrigaram a esta alteração, para a qual contamos com o benevolente assentimento dos nossos assinantes. (IMPRENSA EVANGELICA, 19/11/1864, p. 1).

No relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, Simonton (1982, p. 6) diz que esse periódico foi publicado “como meio de levar o conhecimento de Cristo a muitos que não consentissem em frequentar o culto público”.

O Rev. Simonton estava perplexo com o que lia nos jornais da época a respeito de religião, pois, embora não houvesse ataques diretos ao protestantismo, os ultramontanos eram constantemente insultados. Além do mais, para ele parecia que a opinião pública estava tendendo para uma defesa maior da liberdade religiosa no país.

Os textos sobre temas notadamente teológicos protestantes eram geralmente escritos pelo Dr. Kalley. Todavia, outros artigos anticatólicos eram escritos por jornalistas, padres e políticos anticlericais. Esse forte interesse, ainda que negativo, pela religião, por parte dos intelectuais e dos políticos, foi o que levou Simonton a fundar o *Imprensa Evangelica* (VIEIRA, 1980).

O Dr. Kalley, provavelmente, teria influenciado Simonton a criar um jornal que tratasse especificamente da divulgação fé evangélica e dos ideais protestante, pois até então, apenas Kalley havia usado a imprensa com essa finalidade.

De outubro de 1855 a dezembro de 1866, o Dr. Kalley publicou aproximadamente trinta e cinco (35) artigos no *Correio Mercantil*. Traduziu do Inglês e publicou também, em série, *O Peregrino*, obra de John Bunyan. Por volta de 1864, Kalley iniciando a publicação de artigos no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Foi nesse momento que o *Jornal do Comércio* publicou alguns dos textos que mais irritaram a imprensa ultramontana (VIEIRA, 1980).

Vieira (1980) diz que alguns acontecimentos cooperaram para a fundação do jornal *Imprensa Evangelica*. Dentre esses fatos, tem-se a publicação de um artigo intitulado “*Os Fariseus*”, publicado em 1863, em um dos jornais do Rio de Janeiro. Não se sabe com certeza quem foi o autor do artigo, mas, se baseando nos cadernos de Tavares Bastos, David Vieira (1980) chega à conclusão de que o autor do artigo teria sido Tito Franco de Almeida:

Este havia assistido a um culto da Igreja presbiteriana do Rio de Janeiro e informava que estava “estudando o protestantismo”. Blackford registrou que soubera que o escritor tinha sido anteriormente “um tanto zeloso da religião de seus pais”, mas uma vez que sua atenção se voltara para a Bíblia “estudou- com avidez” [...] Tito Franco, nas palavras de Blackford “afirmara sem rodeios, que os fariseus de hoje em dia eram os *padres, os bispos e o Papa*, e que a Besta do Apocalipse não era outro senão o Papa ou papado (VIEIRA, 1980, p. 147, grifos do autor).

O outro fato que teria ocorrido em 1864 foi quando o deputado Pedro Luiz de Souza (1839-1884) fez um discurso contra os jesuítas na Câmara dos Deputados, discurso este que foi respondido por Macedo Costa no jornal *A Estrella do Norte*, em 1864. De acordo com David Vieira (1980):

Simonton ficara impressionado de ver “tantos estadistas brasileiros pensando e escrevendo sobre assuntos religiosos”. Por essa razão sentiu “a necessidade de publicar muito mais” do que tinha publicado, “pois por esse modo podemos pregar a uma classe que hesita em vir às nossas pequenas reuniões de pregação pública” (VIEIRA, 1980, p. 148).

Após esses fatos, Simonton decide, por fim, publicar o *Imprensa Evangelica*.

Logo após a edição do primeiro número do *Imprensa*, houve uma reação católica, por meio do jornal ultramontano do Rio de Janeiro, *O Cruzeiro do Brasil*, que noticiando o aparecimento de um periódico protestante na Corte, pedia ao vigário capitular do Rio de Janeiro que, após investigação do fato, tomasse as medidas necessárias como chefe do bispado (VIEIRA, 1980, p. 148-149).⁸⁰ Todavia, houve também manifestação de simpatia por parte de pelo menos três jornais seculares do Rio de Janeiro, a saber: *O Constitucional*, *O Jornal do Comércio* e *O Diário do Rio de Janeiro*, conforme comenta e transcreve parte dos dizeres desses jornais a *Imprensa Evangelica* (19.11.1864, p. 1), em seu segundo número.

⁸⁰Esse periódico seria extinto por falta de recursos em 22 de outubro de 1865 (IMPRESA EVANGELICA, 4.11.1865, p. 3).

O primeiro número do *Imprensa*, com 400 (RIBEIRO, 1995) ou 450 exemplares, foi impresso na Typographia Universal de Laemmert⁸¹, todavia por causa das ameaças sofridas pelos editores, eles se negaram a imprimir o seguinte número do *Imprensa*, “temendo que sua tipografia fosse atacada pelo populacho açulado pelos padres” (O ESTANDARTE, 04 e 11/01/1912, p. 5).

De acordo com Berger (1984) o segundo número do *Imprensa*, de 19 de novembro de 1864, foi impresso na Typographia Perseverança, localizada na Rua do Hospício nº 99⁸² (atual Rua Buenos Aires, no Centro do Rio de Janeiro/RJ). No relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro, no dia 8 de agosto de 1868, relata o Rev. Schneider:

A *Imprensa* Evangélica tem sido publicada sem interrupção alguma duas vezes cada mês durante o ano inteiro e embora seja impossível dizer que tenhamos conseguido bons resultados, quantos almejamos, contudo somos de opinião de não serem inúteis os trabalhos que com ela tivemos⁸³ (BORGES, 1984, p. 111).

Em seu relatório apresentado ao Presbitério⁸⁴ do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1866, Simonton diz que o *Imprensa Evangelica* objetivava, “levar conhecimento de Cristo a muitos que não consentissem em frequentar o culto público”. De fato, Boanerges Ribeiro afirma que “em Ubatuba, a igreja nasceu em torno dela [a *Imprensa*], e como resultado de sua leitura antes ali chegassem pregadores” (RIBEIRO, 1981).

Landes (1956) registra o “entusiasmo” de Simonton com o periódico:

⁸¹ Essa tipografia, localizada na Rua dos Inválidos nº 71, pertencia aos protestantes Eduard Laemmert e Heinrich Laemmert, que organizaram sua tipografia em 2 de janeiro de 1838, a qual se tornou no século XIX a segunda maior e mais importante gráfica do Rio de Janeiro (visitada inclusive por D. Pedro II em 9 de julho de 1862), perdendo apenas para a Garnier. Para se ter uma ideia de sua importância, no começo da década de 1860, com menos de trinta anos de fundação, ela já havia produzido 400 títulos de livros. Lembremo-nos de que, em 1863, o Rio de Janeiro, capital do império, só dispunha de 17 livrarias (HALLEWELL, 1985, p. 47) e, em 1868, 29 livrarias (ALMANAK LAEMMERT, 1869, p. 544). Em 1883, por exemplo, a Garnier Frères era responsável por quase a metade dos títulos publicados no Rio de Janeiro, e a Laemmert, por mais de um terço (HALLEWELL, 1985, p. 160 et seq.). A ligação de pelo menos um dos sócios da Laemmert com os presbiterianos verifica-se pelo fato de H. Laemmert ter sido um dos muitos estrangeiros e brasileiros que fizeram subscrições para financiar a construção do Templo Presbiteriano no Rio de Janeiro, inaugurado em 29 de março de 1874 (cf. VIEIRA, 1980, p. 289-290).

⁸² A partir do nº 15, de 3 de junho de 1865, página 8, da *Imprensa Evangelica*, o endereço da gráfica é apresentado como sendo na Rua do Hospício nº 91. Ela mudou de edifício, e, em 1875, a rua foi renumerada, recebendo, então, a gráfica o nº 85 (cf. IMPRENSA EVANGELICA, 3.6.1865, p. 8; BERGER, 1984, p. 111).

⁸³ Relatório de Schneider apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 08/8/1868. In: **Coleção Carvalhosa** – Relatórios Pastorais, 1866-1875 (fonte manuscrita).

⁸⁴ O governo presbiteriano, no qual um grupo de presbíteros eleitos forma um conselho que governa a igreja local por tempo determinado. As igrejas presbiterianas agrupam-se em presbitérios, sínodos e supremo concílio, numa estrutura hierarquizada onde cada instância (ou concílio) tem poderes sobre a inferior.

Simonton se entusiasmou com o jornal: escrevia sistematicamente e dava notícias de sua penetração inclusive em meios não protestantes: No dia 9 de maio de 1865, escreve à Junta Missionária dizendo que, ao ir a Santos, visitou dois assinantes da *Imprensa Evangelica*, aos quais fora enviado um de seus sermões recentemente publicado. Simonton esclarece que uma dessas pessoas é um americano casado em Lisboa, cujo sogro é marechal do Exército brasileiro, tendo um tio almirante na Marinha e dois outros ministros do Exterior. Essa pessoa disse que o sermão de Simonton estava circulando pela família inteira e sendo lido com grande interesse: “*Ele quer que eu publique outro e oferece cinquenta mil-réis para a despesa*”. O outro assinante que visitou lhe disse que a cópia do sermão estava circulando entre outras pessoas, tendo causado uma revolução nos conceitos que tinham a respeito dos protestantes. Simonton dá outras informações: um sacerdote do interior subscreveu o jornal e também um advogado do Rio (carta de 4 de maio de 1865); a mãe de Saldanha Marinho lia a *Imprensa Evangelica*; um padre, filho do Regente Feijó, procurou a Schneider para fazer a sua subscrição (carta de 8 de agosto de 1865); em 24 de janeiro de 1867, escreve dizendo que [...] muito poucos subscritores recusaram. [...] muito poucos subscritores recusaram renovar suas subscrições. Padres em altas posições têm confessado que a *Imprensa* é uma defensora da verdade (LANDES, 1956 p. 48 - 49, grifo do autor).

Simonton ao apresentar o seu relatório ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 12 de julho de 1867, não especifica os detalhes do seu trabalho no campo missionário, porém ele destaca o *Imprensa Evangelica*:

Outro trabalho que me tem roubado muito tempo é a publicação da *Imprensa Evangelica*. A importância de uma folha evangélica não pode ser contestada. Por este meio muitos se instruem, que não estão ao alcance dos [demais meios] atualmente empregados para a propagação do Evangelho (SIMONTON, 1866-1875, relatório de 12/07/1867).

O *Imprensa Evangelica* conquistou ao longo dos anos inúmeros assinantes e teve, aos poucos, uma gama variada de leitores: homens simples da capital e do interior, padres católicos, pessoas de alta posição e intelectuais, como o jovem cronista Machado de Assis, que fez referência ao jornal quando abordou a questão da liberdade religiosa⁸⁵:

As primeiras linhas desta revista são dirigidas a Teixeira de Melo, autor das Sombras e sonhos, atualmente residente em Campos (...) 1º – O Cruzeiro alega a constituição; mas a constituição garante a liberdade religiosa, e não há liberdade religiosa, como bem lembra a **Imprensa Evangélica**, sem proselitismo, – de outro modo fora burlar o princípio (ASSIS, 22/11/1864, grifo nosso).

⁸⁵ Machado de Assis continuou a discussão a respeito da questão religiosa na crônica seguinte de 22 de novembro de 1864, publicada no Diário do Rio de Janeiro. In.: (ASSIS, 1959, p. 244). Machado de Assis continuou a discussão a respeito da questão religiosa na crônica seguinte, de 29 de novembro de 1864, tratando da pregação do “Dr. Kelly” (provavelmente o nome de Kalley fosse então assim pronunciado).

Em novembro de 1864, a “questão Kalley” agitava a imprensa carioca. Um doutor Kalley fora hostilizado em Niterói por vender Bíblias protestantes. O jornal católico *O Cruzeiro*, lembrando que a Constituição consagrava o catolicismo como religião oficial, pediu ao governo providências contra o doutor Kalley. Mas a Constituição também garantia a liberdade religiosa, lembrou Machado, “e não há liberdade religiosa sem proselitismo”. Prosseguiu:

No dia em que se tiver saído da tolerância para a liberdade, teremos dado o último passo neste sentido. Que os leitores me permitam a figura – a tolerância assemelha-se a uma gaiola de papagaio, aberta por todos os lados, sem aparência mesmo de gaiola, mas onde a ave fica presa por uma corrente que lhe vem do pé ao poleiro. Quebre-se a corrente, de uma vez por todas, e dê-se liberdade ao pobre animal. (ASSIS, CRÔNICA, de 22/11/1864, grifos nosso).

O *Imprensa Evangelica* foi um instrumento de integração da Igreja Presbiteriana do Brasil na segunda metade do século XIX. As congregações foram sendo organizadas em várias capitais e cidades interioranas do país através do trabalho incansável dos missionários americanos; as igrejas não tinham presbíteros.⁸⁶ Com o *Imprensa Evangelica*, assistência pastoral de alto nível chegava quinzenalmente, trazendo notícias da aliança Reformada Mundial; da aliança Evangélica Brasileira; dos avisos ministeriais coagindo autoridades relapsas a darem à “religião tolerada” a proteção da lei; da organização de novas igrejas, planos de expansão e construção de novas congregações; da generosidade de protestantes anglo-saxões dando dinheiro para missões e impressão de Bíblias.

4.4. Funções Específicas do *Imprensa Evangelica*

Com o título “PROSPECTO” apresentado na primeira edição do *Imprensa Evangelica* (1864, n. 1, p. 1) fica evidente o que o periódico almeja junto aos seus leitores: “A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção doméstica” (n. 1, p. 1), porém, acrescenta “[...] iremos dando a nossa folha o desenvolvimento que lhe convém por publicações variadas, que, sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractativo da novidade nas formas. ” (1864, n.1, p. 1). Observamos que a preocupação de Simonton em ajustar o *Imprensa Evangelica* nos padrões do periodismo do século XIX é de oferecer aos seus leitores uma variedade de publicações, atraindo-os através de novas formas.

⁸⁶ O Presbítero regente é o representante imediato do povo, por este eleito e ordenado pelo Conselho, para, juntamente com o pastor, exercer o governo e a disciplina e zelar pelos interesses da Igreja a que pertencer, bem como pelos de toda a comunidade, quando para isso eleito ou designado. Fonte: Manual Presbiteriano, Seção 3ª – Presbíteros e Diáconos – Artigo 50. Casa Editora Presbiteriana, 1991.

O que vem reforçar a ideia de Roger Chartier (1999) de que não há texto fora do suporte que é dado a ler:

[...] não existe nenhum texto fora do suporte que dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor. Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos: os que decorrem do estabelecimento do texto, das estratégias de escrita, das intenções do “autor”; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os preestabelecidos pelo autor (CHARTIER, 1999, p. 127).

Tudo indica que Simonton compreendia que o periódico precisava atender não apenas a demanda religiosa, mas sua função de trazer para seu público leitor o conhecimento e o entretenimento.

O jornal *Imprensa Evangelica* cumpriu dessa maneira o seu papel pedagógico e didático de instruir e expandir a doutrina da fé cristã protestante, de acordo com os objetivos determinados pela nova igreja, a Igreja Presbiteriana do Brasil. O periódico protestante teve um papel preponderante para disseminar o pensamento presbiteriano e o protestantismo por todo o Brasil oitocentista. Os missionários presbiterianos fundadores do *Imprensa Evangelica* tinham convicção de que a religião era um elemento determinante do comportamento e do progresso humano. Ao enfatizar a importância da ação, do trabalho diligente, o protestantismo investia na possibilidade de que se alcançasse não apenas o progresso moral do indivíduo, mas também industrial, técnico e econômico, que culminaria no progresso do país, em sua transformação em uma nação civilizada.⁸⁷

O cientista da religião Silas Souza (2011), afirma:

[...] se o protestantismo representava o ideal de progresso, a palavra imprensa num País quase analfabeto se constituiu em um interessante aspecto do imaginário da época, pois via nos missionários e na nova confissão religiosa uma possibilidade de alcançar aquele ideal (SOUZA, 2011, p. 187).

Feitoza (2011) destaca que uma das funções específicas do *Imprensa Evangelica* era a divulgação das doutrinas protestantes e colocá-las em circulação na sociedade brasileira em meados do século XIX. Sendo assim, os missionários presbiterianos, as missões e a Igreja Presbiteriana do Brasil, investiam na possibilidade de aumentar o número de seus leitores. Para tanto, se fazia necessário que os textos publicados estivessem de acordo com a confissão

⁸⁷ FEITOZA, op. cit., p. 75.

religiosa adotada e fossem expressos em linguagem clara e simples, de modo a atrair a atenção e o interesse das pessoas dos diferentes estratos da sociedade, cultos ou não, católicos ou não, agnósticos ou não.⁸⁸

Ainda de acordo com Feitoza (2011) o *Imprensa Evangelica* tinha como objetivo oferecer a sociedade letrada brasileira os ideais da fé cristã protestante, como por exemplo, “estudos sobre a Bíblia”:

Esse jornal protestante tinha a clara intenção de oferecer ao mundo letrado do centro-sul brasileiro o ideário protestante de estudos sobre a Bíblia, confissões de fé e visão sobre os acontecimentos. Porém, tal intenção foi ultrapassada pelas variadas funções que o periódico exerceu (FEITOZA, 2011, p.4).

O primeiro censo sobre a população brasileira foi editado em 1872, mostrava que havia uma taxa de mais de 80% de analfabetismo entre a população brasileira. Feitoza (2011, p. 6) diz que por mais que os fundadores do *Imprensa Evangelica* desconhecêssem tais informações exatas quando da criação do jornal, “esse enorme analfabetismo era algo no mínimo perceptível no centro-sul brasileiro”.

Alderí Matos (2000) afirma que o *Imprensa Evangelica* tinha como alvo atingir as camadas “mais cultas” da sociedade brasileira:

[...] era um órgão de propaganda evangélica que visava alcançar, sobretudo as camadas mais cultas da população e teve boa aceitação junto a certos grupos, particularmente liberais, maçons e alguns membros do clero” (HILSDORF, LEMBO, MATOS, 2000: 66). Pessoas de alta classe do Brasil oitocentista declararam ler o jornal presbiteriano, dentre eles, podemos citar um padre que se dizia filho de Diogo Antônio Feijó; Francisco de Paula e Souza, Ministro da Agricultura; e a mãe do jornalista Saldanha Marinho (VIEIRA, 1980: 149). Portanto, o jornal fundado pelos missionários visava divulgar os ideais religiosos protestantes entre a elite letrada do centro-sul brasileiro (MATOS, 2000, p. 66).

Além dessa função, podemos citar outra que não esteve tão explícita entre os missionários que publicavam o jornal, que era a função de orientação do culto doméstico. A Constituição do Império proibia às igrejas acatólicas a celebração de cultos em templos religiosos, conforme apresentado nesta tese. Portanto, as celebrações religiosas dos acatólicos no Brasil estavam limitadas em casas sem aspecto de templo e em muitas residências se realiza o culto doméstico.

⁸⁸ FEITOZA, op. cit., p. 76.

O jornal *Imprensa Evangelica*, principalmente na sua primeira fase, compreendida entre os anos de 1864 a 1867, fase esta que corresponde ao período em Simonton foi editor, vemos a preocupação em trazer artigos sobre “Instrução e culto doméstico”, que fornece ao leitor do periódico uma série de instruções para o ensino da Bíblia no contexto familiar. Dessa forma, o *Imprensa Evangélica* servia de subsídio para essa liderança leiga que nem sempre era assistida com a presença constante dos ministros presbiterianos.⁸⁹

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Alderi Matos afirma que

Numa época em que havia poucos pregadores, principalmente no interior, o periódico instruía, edificava e incentivava as pequenas comunidades. Era comum, em muitos lugares isolados, o dirigente leigo ler para a congregação os sermões e estudos da *Imprensa* durante as reuniões. Em Ubatuba, a igreja nasceu como resultado da sua leitura, antes da chegada dos primeiros pregadores.⁹⁰

Nesse sentido, como vimos no parágrafo acima, saíam publicações em série como “Instrução e Culto Doméstico” e “Breve Para Meninos” que visavam instruir os líderes leigos nas celebrações do culto doméstico, bem como garantir certa uniformidade e homogeneidade à fé protestante em terras brasileiras.

Marco Aurélio Monteiro Pereira (2008) afirma que o referido jornal surge como instrumento de construção de novas territorialidades religiosas no Brasil oitocentista que se apresentavam como alternativas ao Catolicismo Romano.⁹¹

⁸⁹ FEITOZA, op. cit., p. 8.

⁹⁰ MATOS, Alderi Souza de. A Atividade Literária dos Presbiterianos. Disponível em <http://mackenzie.br/10982.98.html>. Acessado em 07.06.2016.

⁹¹ PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. Territorialidades Religiosas non Brasil Oitocentista: A Imprensa Evangélica e a Implantação do Presbiterianismo no Brasil (1864-1892). Revista Brasileira de História das Religiões. Setembro de 2008.

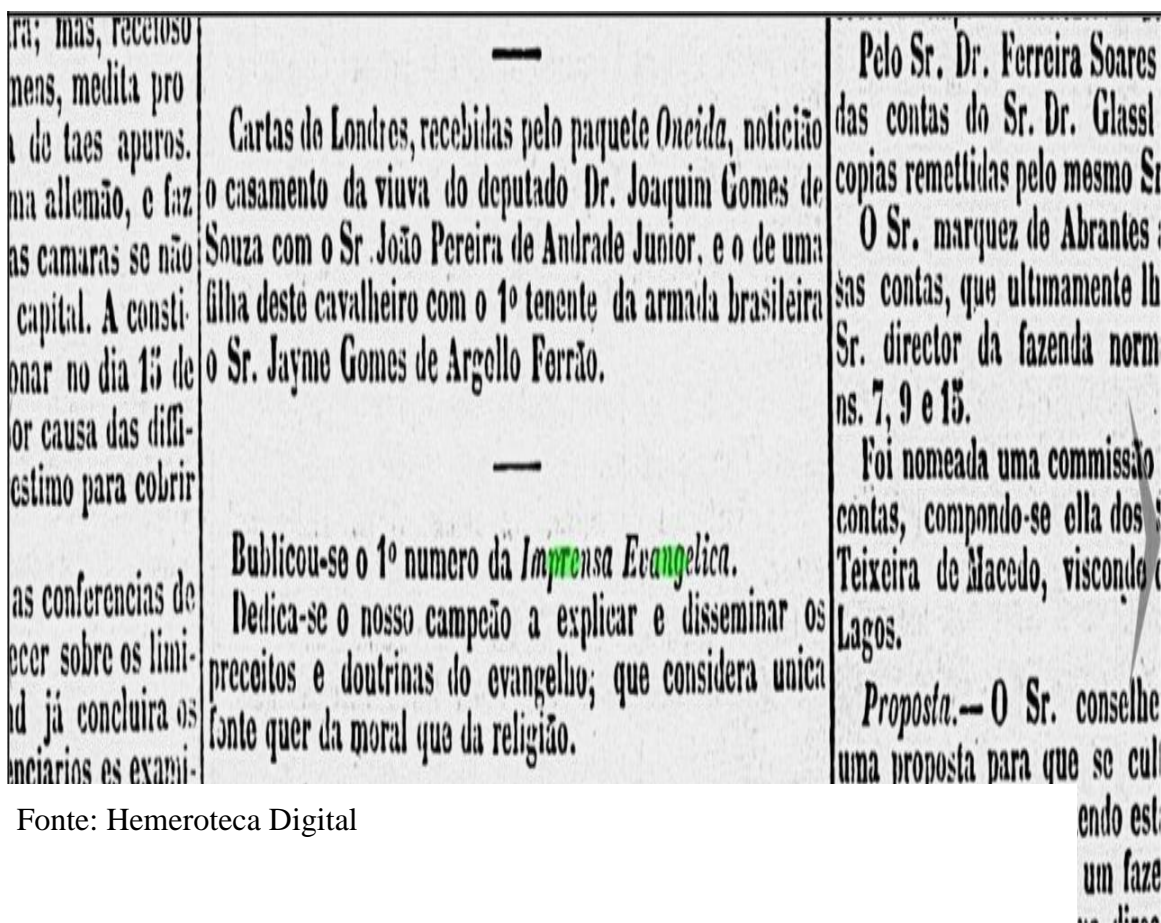
V. ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS DO IMPRENSA EVANGELICA

A fundação do *Imprensa Evangelica* foi repercutida na imprensa laica brasileira. Como uma prática comum à imprensa no século XIX, alguns jornais contemporâneos noticiaram o fato e parabenizaram a iniciativa de criação do periódico protestante. *O Correio Paulistano*, publicado na cidade de São Paulo, como o próprio título indica, na sua edição nº 02541, de 3 de dezembro de 1864:

Pela mala do vapor “Pirahy” chegada hontem da corte até 6 do corrente (...) Começará a publicar-se uma revista hebdomadária sob o título de Imprensa Evangelica (O CORREIO PAULISTA, 03/12/1864, p. 1. EDIÇÃO 02541).

No dia seguinte à distribuição do primeiro número, 05 de novembro de 1864, o *Correio Mercantil* noticia em primeira página na seção “Notícias diversas”, conforme figura nº 6:

Figura 6 – Notícia da publicação do primeiro número do *Imprensa Evangelica* pelo *Correio Mercantil* - 05/11/1864. Edição 0030:



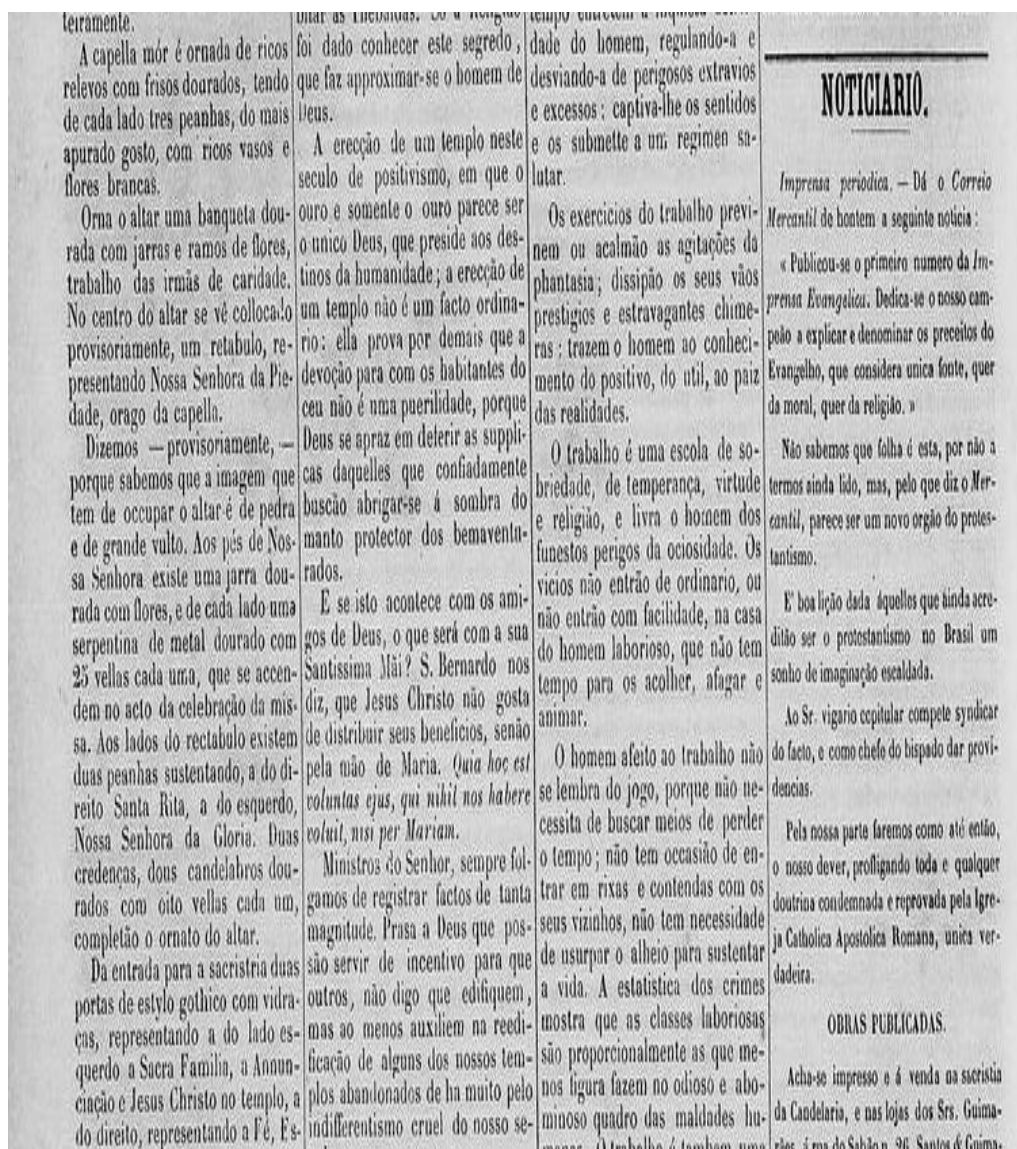
Fonte: Hemeroteca Digital

Cruz (2014) em sua pesquisa também registra o fato que o jornal *O Diário do Rio de Janeiro*, na sua edição de 05 de novembro de 1864, apresenta e elogia o *Imprensa Evangelica* na primeira página em seção intitulada “Noticiário”:

[...] com este título começa a publicar-se hoje uma revista hebdomadária consagrada, segundo diz a redacção no fim do seu programa – á liberdade de consciência perante o Evangelho. [...] partidários da liberdade de consciência, folgamos com a aparição de mais um lutador no campo da moral. É da discussão elevada, esclarecida e tolerante, que nascem as convicções firmes. O primeiro numero da *Imprensa Evangelica*, que temos á vista, é escrito com dignidade, com moderação próprias de verdadeiros christãos, de homens que respeitam as crenças alheias, para fazer respeitar as próprias (CRUZ, 2014, p. 132).

De acordo com Cruz (2014), os jornais católicos, que traziam seções polêmicas contra o protestantismo, também noticiaram o surgimento de um jornal protestante na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil. O *Cruzeiro do Brasil* que circulava na capital do Império, datado de 06 de novembro de 1864 (p. 04), reproduz em suas páginas o anúncio do surgimento do jornal protestante (Cf. Figura 7) que fora um dia antes veiculado no *Correio Mercantil* e faz uma advertência aos seus leitores:

Figura 7 - Página do jornal católico *Cruzeiro do Brasil* (Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1864) noticiando (e criticando) o lançamento do *Imprensa Evangelica*. Rio de Janeiro 5 de novembro de 1864.



NOTICIARIO.

Imprensa periodica. — Dá o *Correio Mercantil* do bontem a seguinte noticia:

« Publicou-se o primeiro numero da *Imprensa Evangelica*. Dedicou-se o nosso campo a explicar e denominar os preceitos do Evangelho, que considera unica fonte, quer da moral, quer da religião. »

Não sabemos que folha é esta, por não a termos ainda lido, mas, pelo que diz o *Mercantil*, parece ser um novo orgão do protestantismo.

É boa lição dada aquelles que ainda acreditão ser o protestantismo no Brasil um sonho de imaginação ocidental.

Ao Sr. vigario ceptular compete syndicar do facto, e como chefe do bispado dar providencias.

Pela nossa parte faremos como até então, o nosso dever, profligando toda e qualquer doutrina condemnada e reprovada pela Igreja Catholica Apostolica Romana, unica verdadeira.

OBRAS PUBLICADAS.

Acha-se impresso e á venda na sacristia da Candelaria, e nas lojas dos Srs. Guimarães, á rua do Sabão n. 26. Santos & Guimaraes.

A publicação do *Imprensa Evangelica* e dos possíveis males que sua leitura poderia causar, continuou sendo destaque na primeira página do *Cruzeiro do Brasil*, onde se encontra:

Não era um sonho de uma imaginação escaldada, nem tão pouco infundado receio quando escreviamos que o protestantismo estava contaminando a capital do Império levando a discórdia e o desespero ao centro das famílias. Ahi esta essa alluvião de folhetos espalhados pela população, innoculados de veneno o mais corruptor, das máximas as mais perigosas e destruidoras dos preceitos da igreja. Ahi estão essas reuniões de domingos, onde a Biblia é truncada, despedaçada, interpretada à vontade de cada um; onde o Papa é chamado de ante-christo, os sacerdotes harpias da humanidade, e os sacramentos invenções de padres. E agora, não contentes com isto, os protestantes lançam mão de um outro meio mais poderoso para espalhar o crime; a imprensa veio em seu auxílio, e uma folha denominada *Imprensa Evangelica*, órgão puramente dissidente, se publica aos sabbados na capital do Imperio. Parece incrível que isso se dê em uma nação catholica, aos olhos de uma nação que prima pelo seu sentimento religioso. Da *Imprensa Evangelica* não se teria publicado se quer um numero se as leis do nosso paiz fossem mais bem cumpridas, se o espírito da nossa constituição fosse melhor interpretado.[...]Não é que tenhamos medo que a *Imprensa Evangelica* convença pela verdade grande numero de nossos compatriotas, é sim porque tememos o que pode a ousadia desses homens, que anarchisarão com quejandas ideas a França, a Allemanha e ultimamente Portugal e Italia.[...]E' de mister que alguém erga voz contra as doutrinas pregadas pela Imprensa Evangelica, vozes autorisadas venhao esclarecer o povo e lhes mostrar o perigo dessas leituras; é isso o que nos ordena o Apostolo. Talvez que amanha o remédio já seja tarde, e que o mal não tenha mais cura (CRUZEIRO DO BRASIL, (13/11/1964)).

O jornal *Cruzeiro do Brasil*, edição de (08/01/1865) alguns meses após o lançamento do *Imprensa Evangelica*, na seção intitulada “Interior”, publica uma carta endereçada pelo correspondente da folha católica em São João d’El Rei (interior de Minas Gerais) no qual informa à redação:

A propaganda turbulenta Kelly de Nietheroy⁹² [*Sic*] tem repercutido até cá por estas paragens; pois várias pessoas de letras aqui da cidade tem recebido, já por 2 ou 3 correios, não poucos exemplares do papelucho condemnado que se intitula *Imprensa Evangelica*, incubado provavelmente sob as inspirações dissidentes do mesmo pseudo-pregador ou especulador das variações Bossueticas. Porém os nossos bons catholicos tem recambiado, pelas mesmas vias, esses boletins tribunicios da desunião (CRUZEIRO DO BRASIL, 08/ 01/ 1865).

Diante das notícias acima, pode-se perceber que o *Imprensa Evangelica* já estava chegando a várias cidades fora do Rio de Janeiro. Verifica-se, também, a preocupação dos

⁹² Possivelmente o correspondente fez menção aqui ao pastor e médico congregacional **Rev. Robert Kalley** que, na época, estava estabelecendo o protestantismo também em Niterói (RJ). Mesmo não tendo relação com a folha evangélica, a imagem de Kalley era associada diretamente pelos católicos à propagação das doutrinas protestantes.

editores católicos, ao constatarem que, de fato, o *Imprensa Evangelica* tinha sido recebido e lido por pessoas letradas da lata sociedade carioca, o que nos dá uma indicação sobre os possíveis leitores do jornal *Imprensa Evangelica*.

A pesquisadora Edwiges Rosa dos Santos (2009) preconiza o estudo do *Imprensa Evangelica* subdividindo-o “em quatro fases” (p.57) editoriais, a partir da gestão dos principais líderes, ou seja, “os reverendos presbiterianos que acumularam funções pastorais e jornalísticas” (p.57). Santos considerou para cada fase, os principais protagonistas, o perfil formal do jornal, os principais temas e uma síntese parcial. Para a nossa pesquisa as contribuições de Edwiges Santos são importantes no sentido de fornecer um panorama abrangente da história do *Imprensa Evangelica*, dos títulos, dos jornalistas e colaboradores e dos aspectos gráficos. Porém, o que de fato nos interessa nas folhas evangélicas para além dessas questões é o resgate das várias maneiras de ler, escrever e dizer o que era considerado literatura protestante no em meados do século XIX, bem como o papel fundamental que o suporte jornal teve como agente propagador do literário e cultural. Desta maneira, nos apropriaremos das fases propostas por Santos para uma necessária contextualização do jornal em questão.

Santos (2009) reitera:

No desenvolvimento de cada um dos itens citados, foram considerados os contextos socioeconômicos, religiosos, culturais, educacionais e políticos do Brasil império que serviram de pano de fundo à pesquisa (SANTOS, 2009, p. 58).

Cruz (2014) recorrendo às pesquisas de Santos (2009, p. 59-129) assim resumiu:

A primeira fase do *Imprensa Evangelica*, entre os anos de 1864 a 1867, consta de sua fundação até a morte do seu idealizador Rev. Simonton. Entre os primeiros colaboradores estavam o ex-padre José Manoel da Conceição (1822-1873); Antônio José dos Santos Neves, funcionário do Ministério da Guerra, taquígrafo do Congresso e também poeta; o físico e matemático Dr. Miguel Vieira Ferreira (1837-1895); Domingos Manuel Quintana (S/D), um membro da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro e o romancista Júlio César Ribeiro Vaugahan (1845-1890) (CRUZ, 2014, p. 133).

O discurso predominante da primeira fase do *Imprensa Evangelica* foi a divulgação da doutrina presbiteriana, além de artigos que proporcionavam o enfrentamento direto com a Igreja Católica. De acordo com Santos (2009):

Os artigos procuravam direcionar os leitores para uma comparação entre o Brasil católico e os países que adotavam o protestantismo ou que admitiam a liberdade de prática religiosa (SANTOS, 2009, p. 77).

A segunda fase do *Imprensa Evangelica* estende-se entre os anos de 1868 a 1876, sob a gestão do cunhado de Simonton, o Rev. Alexander Latimer Blackford (1829-1890), que assumiu a direção da folha após a morte daquele em dezembro de 1867. A morte precoce do Reverendo foi anunciada com pesar, não apenas nas páginas do jornal que com tanto zelo fundara e para o qual contribuiu três anos, como nas folhas católicas com que trocavam correspondências e artigos. Essa fase pode ser caracterizada por certa liberdade dos editores e colaboradores da *Imprensa Evangelica* em reivindicar os direitos políticos para os protestantes. Do ponto de vista político, a gestão de Blackford coincidiu com o desprestígio do regime monárquico. Assim, o jornal também propôs um discurso mais politizado envolvendo a Questão Religiosa e uma ampla literatura de caráter polemista com discussões em torno dos dogmas católicos, da maçonaria e da liberdade religiosa.⁹³

Entre os anos de 1877 a 1885, o Rev. George W. Chamberlain (1839 -1902) passa a gerir a terceira fase do periódico protestante. O crescimento da denominação presbiteriana no Brasil, o aumento do número de igrejas e dos membros contribuiu para uma participação mais ativa de brasileiros na redação do *Imprensa* que, mesmo tendo recebido a colaboração de brasileiros desde sua fundação, se encontrava até então sob forte influência dos reverendos e missionários norte-americanos. Essa fase, caracterizada por um maior envolvimento dos nacionais nas atividades da denominação, coincidiu com um período de certa liberdade religiosa e, do ponto de vista político, com uma diminuição do prestígio do regime imperial. Nesse período, a redação do jornal, que sempre havia sido editado no Rio de Janeiro, foi transferida para São Paulo tomando-se como justificativa o fato de a cidade paulista abrigar a elite intelectual da Igreja Presbiteriana (NEVES, 2009, p. 101). Além disso, o jornal passou a ser impresso por outras tipografias considerando que, até então, as impressões haviam sido feitas pela Tipografia Perseverança. Entre as observadas nos jornais, encontram-se: Typographia G. Leuzinger & Filhos localizada na Rua do Ouvidor (1877); Typographia de D. M. Hazlett, localizada na Travessa da Barreira, n. 15 (1878, 1879); Typographia Universal E. & H. Laemmert, localizada na Rua dos Inválidos, n. 71 (1879); Typographia da Província, localizada na Rua da Imperatriz, n. 44 (1880); Typographia a Vapor de Jorge Seckler, na Rua Direita, n. 15 (1881 a 1883); Typographia a Vapor King, cujo endereço não constava nas publicações.⁹⁴

⁹³ *Idem*, p. 134

⁹⁴ CRUZ, *op. cit.*, p. 134.

Ainda na gestão do Rev. Chamberlain, o jornal alterou sua periodicidade: de quinzenal para semanal, entre 1878 e 1880; mensal, em 1881; voltando a ser quinzenal a partir de 1882. Um dado interessante é que, no ano de 1881, o jornal foi ampliado com a inclusão da *Revista Christã*, sendo anunciada no cabeçalho em forma de subtítulo. O jornal passou, então, de 8 para 32 páginas com edição mensal.⁹⁵

A quarta fase do *Imprensa Evangelica*, entre os anos de 1886 a 1892, ocupou-se de temas gerais relacionados à religião, ao Catolicismo e ao embate com o periódico católico. *O Apóstolo*. Agora, a folha encontrava-se mais sedimentada, com um leque mais ampliado de leitores. Um discurso mais confiante acerca dos direitos civis dos evangélicos cerceava os números do órgão impresso gerando uma série de entraves com a religião oficial do Brasil. A esta altura, os únicos colaboradores remanescentes da fundação da folha nos anos 60, eram os reverendos Blackford e Chamberlain. Esses, porém, estavam envolvidos com outros projetos evangelísticos o que, conseqüentemente, reduziu a participação no jornal, que passou aos cuidados do Rev. Donald C. Mc Laren (1859-1930).⁹⁶

Outros redatores não foram mencionados pelo *Imprensa Evangelica* até o ano de 1891, quando a edição de 02 de maio desse ano anuncia:

AOS LEITORES - Com este número a *Imprensa Evangelica* passa para o cuidado editorial do Sr. J. A. Corrêa, com um grupo de hábeis collegas. O trabalho de revisão e de remessa fica a cargo dos estudantes de Theologia (IMPRESA EVANGELICA, 02 /05/1881, p. 137).

O editor Joaquim Alves Corrêa (1863-1933) era presbítero da Igreja Presbiteriana de São Paulo e aderiu ao grupo de membros brasileiros que desejava uma maior autonomia para a igreja nacional.⁹⁷

O historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Júlio Andrade Ferreira (1992) destacando a importância do *Imprensa Evangelica* para o trabalho evangelístico dos missionários, afirma:

Os editoriais são excelentes. Breves, mas expressivos, procuram despertar nos leitores o interesse pela salvação da alma. Há estudos, com forma de perguntas e respostas sobre o “Pai Nosso”, posteriormente, sobre os “Dez Mandamentos”, e outros assuntos, de modo a constituir, como dizia, base

⁹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 134.

⁹⁶ CRUZ, *op.cit.*, p. 135.

⁹⁷ MATOS, Alderi. In.: Vultos da História Presbiteriana no Cemitério dos Protestantes de São Paulo. 2011. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/10231.html> Acesso em 12.06.2016.

para a instrução no culto doméstico. Sai, em série, tradução de artigos de Adolfo Monod, sobre a “Leitura da Bíblia”. Santos Neves publica poesias. Na seção de noticiário, quase nada se diz de movimento evangélico no Brasil, mas comentam-se os problemas políticos numa perspectiva evangélica. É enaltecida a defesa de liberdade de consciência; mostra o que passa de significativo no mundo, pela vitória do Evangelho. (...) A importância de uma folha evangélica não pode ser contestada. Por este meio instruímos muitos que não estão ao alcance de outros meios atualmente empregados na pregação do Evangelho. Mesmo na Corte sucede isto. Um número de pessoas, talvez maior que se pensa só tem notícia do Evangelho por meio da leitura da *Imprensa Evangelica* (FERREIRA, 1992, p. 67-69).

O *Imprensa Evangelica* servia como meio de instrução para os fiéis convertidos ao protestantismo. O periódico instruía, edificava e incentivava as congregações que iam sendo organizadas no interior do país e que não contavam com a presença de pastores. Nesses lugares muitas vezes um dirigente leigo utilizava os sermões e os estudos do *Imprensa Evangelica* para instruir a congregação, como já mencionamos anteriormente.

Silvestre (1996 apud MEDEIROS, 2014) ao analisar os temas das diversas publicações do jornal *Imprensa Evangelica*,

(...) também identificou que sua intenção era principalmente edificar as pequenas comunidades de fiéis e proclamar a mensagem protestante presbiteriana no Brasil (2014, p. 34).

Pedro Barboza de Souza Feitoza (2014, p.14), baseando suas pesquisas em Alderi Souza Matos (2004) e David Gueiros Vieira (1980), afirma o jornal “expressava a visão dos missionários protestantes acerca dos acontecimentos no Brasil e no mundo”.

Tinha também a intenção de oferecer aos letrados do centro-sul brasileiro o ideário protestante através de estudos bíblicos, confissões de fé e discussão sobre os acontecimentos contemporâneos. Além disso, ao exercer um papel de orientação para os cultos domésticos, o jornal procurava manter uma uniformidade e homogeneidade da fé protestante em terras brasileiras.

Santos (2009, p. 56) enfatiza que o *Imprensa Evangelica* “tinha a função de valorizar a palavra escrita” e ao mesmo tempo incentivava a educação dos fiéis protestantes na “leitura da Bíblia” e na “literatura evangélica”. Entre os leitores do periódico não havia só cristãos protestantes, mas também pessoas com intenções de tomar conhecimento dos artigos religiosos e “acompanhar as disputas religiosas” publicadas nas diversas edições. Para esta historiadora, não importava a razão pela qual os leitores “assinavam ou compravam” o jornal; no fim, todos “eram alcançados pela mensagem protestante”.

O pesquisador Valdiney Marques Oliveira (2013) ao tratar da fundação do *Imprensa Evangelica*, afirma que o mesmo nasce num momento histórico de transição ideológica:

O *Jornal Imprensa Evangelica* se apresenta num histórico de transição ideológica. As correntes do pensamento filosófico, religioso e científico no mundo ocidental são fundamentadas no pragmático e tecnológico que enriquece o próximo século. O protestantismo conseguiu individualizar a salvação na experiência religiosa, sustentando ideias antagônicas com o evolucionismo. O *Jornal Imprensa Evangelica*, sendo presbiteriano, vai além, refletindo a caminhada protestante no Brasil por defender a causa protestante em comum, independente da denominação presente no país. Os jornais religiosos geralmente transmitem seus ideários doutrinários, mas o *Imprensa Evangélica* mantinha os seus leitores informados do cenário religioso geral, dos acontecimentos políticos e científicos, podendo ser classificado como mais que jornalismo protestante, mas como parte da imprensa brasileira (OLIVEIRA, 2013, p. 29, grifo do autor).

É possível observar no *Imprensa Evangelica* uma linguagem arcaica e os erros de grafia por ser editado por missionários americanos residentes no Brasil, que ainda não dominavam bem a língua portuguesa, e por parecer que não havia nenhum linguista ou profissional da língua portuguesa fazendo as devidas correções. Em todas as edições, a começar pelo cabeçalho encontram-se numerais em algarismo romano (OLIVEIRA, 2013).

Santos (2009) mostra a importância do *Jornal Imprensa Evangelica* como fonte de pesquisa dos acontecimentos do século XIX, da inserção do protestantismo no Brasil e das relações Brasil Império com a Igreja Católica Romana.

O *Imprensa Evangelica* começa a circular dois anos depois da fundação da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro (1862), que era formada por brasileiros e portugueses. Simonton funda a igreja, o jornal, o presbitério e a uma escola paroquial, anexo a igreja por ser interessado em educação e na alfabetização do povo brasileiro. Os missionários já utilizavam a imprensa da época como estratégia empregada para a divulgação e expansão o da fé protestante, a exemplo do Rev. Robert Kalley, mas a criação de um jornal próprio trouxe maior liberdade, agilidade e expansividade da doutrina protestante. O periódico contava com a simpatia de alguns membros do governo, mas foi criticado por setores conservadores da Igreja Católica. A aceitação por parte dos leitores e a tolerância do governo incentivou os presbiterianos e outras denominações a investirem em publicações em periódicos. De acordo com Santos (2009):

Ainda que tenha tido boa aceitação por parte de alguns jornais e leitores e tolerância por parte do governo, o jornal sofreu imediata oposição de setores mais radicais da Igreja Católica. Baseados no artigo 25 do Ato Institucional

de 29 de março de 1817, os redatores do *Imprensa* enfrentaram as oposições e mantiveram as publicações (SANTOS, 2009, p. 42).

Segundo Silvestre (1996):

A liberdade da imprensa é proclamada, ficando, porém, o autor de qualquer obra, e seu impressor, sujeito a responsabilidade pelos ataques feitos à Religião, à Constituição, aos costumes, e caráter dos indivíduos, na maneira determinada pelas leis em vigor (SILVESTRE, 1996, p. 19).

Temas sobre a educação são amplamente difundidos no *Imprensa Evangelica*, inseridos com os significados mais diversos, mas sempre conotando o processo de relação pessoal, nas mais diversas esferas. A relação pessoal, interpessoal, também com o Estado, com a Religião oficial do Estado, a qual na época da publicação do jornal *Imprensa Evangelica* era a Igreja Católica Apostólica Romana, com as bases morais, com o mundo e de fato, por se tratar de um texto de cunho religioso, com Deus, e, na nova visão de religião, o protestantismo. Ao longo da existência do jornal, são apresentadas trezentas e sessenta e uma (361) inserções, isso em vinte e oito (28) anos e quinhentas e trinta e uma (531) publicações do jornal, o qual atingia a tiragem de quatrocentos e cinquenta (450) exemplares a cada quinzena, sempre sendo publicados aos sábados.

Os missionários e editores do *Imprensa Evangelica* procuraram superar as dificuldades devidas ao seu número limitado, recorrendo à disseminação de sua pregação pela imprensa em suas várias vertentes. Lançaram mão dos recursos que a imprensa secular oitocentista utilizava, apostando no poder de persuasão que atribuíam à palavra impressa. Esta estratégia trouxe êxito para os referidos missionários.

Segundo a pesquisadora Edwiges Rosa dos Santos (2009) os artigos no *Imprensa Evangelica* trataram de assuntos variados e de interesse dos protestantes brasileiros e dos leitores em geral, entre eles exposições e preleções bíblicas, catolicismo, documentos e história das igrejas reformadas, traduções de livros, notícias do crescimento do protestantismo em outros países, biografias, ficção evangélica, crônicas, poesias, folhetins e algumas séries, a questão da abolição da escravidão no Brasil, maçonaria, críticas aos adeptos do Carnaval, indicação de livros, liberdade religiosa, casamento civil, espiritismo etc.

A sua circulação foi noticiada por alguns jornais do Rio de Janeiro. O jornal “*O Diário*” faz referência ao *Imprensa Evangelica* afirmando que é um jornal “escrito com dignidade.”⁹⁸

⁹⁸ FERREIRA, História da Igreja Presbiteriana do Brasil, vol. 1, p. 51.

Da sua inauguração até o falecimento do Rev. Simonton, a circulação e a influência do jornal *Imprensa Evangelica* foram crescentes. O periódico teve boa aceitação pública, inclusive de padres, que não só liam como também assinava. Foi um importante veículo da propagação protestante no Brasil e seu principal porta-voz doutrinário enquanto circulou.⁹⁹

Seu objetivo principal era formar um alicerce doutrinário para a instrução no culto doméstico publicando “apenas artigos que estivessem ligados direta ou indiretamente à religião”.¹⁰⁰ O jornal *Imprensa Evangelica* foi fundamental na expansão e divulgação da fé presbiteriana e no crescimento das igrejas mais longínquas. As famílias e as igrejas se reuniam em torno da leitura desse jornal suprimindo a constante falta de pastores para as recém-implantadas igrejas locais, edificando, instruindo e estimulando a fé de muitos. Sabe-se, como já nos referimos, que pelo menos a Igreja Presbiteriana de Ubatuba/SP nasceu como resultado direto de sua leitura antes da chegada dos primeiros pregadores.¹⁰¹

A publicação de artigos em periódicos era útil à inserção protestante em terras brasileiras. Era um dos meios que Simonton utilizou e defendeu em seu sermão diante do Presbitério do Rio de Janeiro em julho de 1867, ao dizer que:

[...] outro meio de pregar o Evangelho é a disseminação de Bíblias e de livros e folhetos religiosos [...]. Devemos trabalhar para que se faça e se propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia (SIMONTON, 1982, p. 181).

Na compreensão de Edwiges Rosa dos Santos (2009):

A utilização da imprensa fez parte das estratégias empregadas pelo protestantismo de missão para divulgação e expansão do Evangelho em terras brasileiras. Conhecendo o alcance da imprensa, os primeiros missionários divulgaram seus ideais em artigos publicados nos jornais já existentes (SANTOS, 2009, p. 41).

De acordo com Vieira (1980) Simonton teria percebido entre as elites um “forte interesse, ainda que negativo, pela religião, por parte dos intelectuais e dos políticos, foi o que levou Simonton a fundar o dito jornal” (p.147).

Alderli de Matos (2007) também ressalta que o público alvo do *Imprensa Evangelica* que era lido entre políticos liberais, membros da maçonaria e até por clérigos: “Visava

⁹⁹ **BARBOSA**, Negro Não Entra na Igreja, p.171.

¹⁰⁰ **SANTOS**, Edwiges Rosa dos, O Jornal Imprensa Evangélica – Diferentes Fases no Contexto Brasileiro (1864-1892), São Paulo: Ed. Mackenzie, 2009, p. 94.

¹⁰¹ **MATOS**, Alderli S. “A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil”. Em: Fides Reformata, vol. XII, nº 2, São Paulo, 2007, p. 46.

alcançar, sobretudo as camadas mais cultas da população e teve boa aceitação junto a certos grupos, particularmente liberais, maçons e alguns membros do clero” (p.66).

A pesquisadora Micheline Reinaux de Vasconcelos (2007) constata que o “alcance da editoração” do *Imprensa Evangelica* “incomodou o clero romano”. Segundo a pesquisadora:

Entre as formas de tentar estimar o alcance da imprensa incluem-se o volume das tiragens, os relatos dos missionários, os depoimentos dos convertidos e a reação da Igreja Católica. Infelizmente, as tiragens nem sempre eram reveladas. Igualmente, também até o momento não encontramos qualquer referência de um convertido sobre o papel da imprensa em sua conversão ou vida devocional. Isto nos restringe a basearmos-nos, principalmente, nas informações dos missionários protestantes e na reação católica. Analisando os discursos dos dois polos, protestantes e católicos, percebemos que o alcance da editoração protestante deve ter sido grande o suficiente para incomodar o clero romano e animar os missionários (VASCONCELOS, 2007, p. 345).

Neste ponto da pesquisa destacamos alguns dos importantes assuntos tratados pelo jornal *Imprensa Evangelica*, não na sua ordem cronológica, mas pelo interesse no assunto tecendo alguns comentários sobre a visão dos redatores presbiterianos.

5.1. A Escola Dominical¹⁰²

As escolas dominicais são a menina dos olhos dos protestantes.

Sempre que é possível, junto ao templo ou sala de culto, abre a escola dominical [...]. Consiste esta escola em reunir meninos e meninas, jovens de ambos os sexos, e mesmo adultos, separados em secções, com o fim de ler e estudar a Bíblia e com a obrigação de todos decorarem, cada domingo, ao menos um texto principal, chamado “áureo”. [...] cada seita explica a sua doutrina [...] (ROSSI, 1938, p. 137)

O Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867) foi o primeiro missionário presbiteriano a se estabelecer no Brasil (12/8/1859) antes dele esteve o Rev. James Cooley Fletcher (1823-

¹⁰² O termo “**Escola Dominical**” surgiu com o jornalista protestante Robert Raikes, na Inglaterra, a partir de 1780. Raikes começou a oferecer instrução para crianças pobres aos domingos pela manhã e à tarde. A Escola Dominical nasceu para servir como ensino público gratuito, orientado pelos princípios da educação cristã e, especialmente, por meio da leitura da Bíblia. Há duas versões para a gênese da Escola Dominical no Brasil. O reverendo metodista James L. Kennedy afirmou que a primeira Escola Dominical no país foi inaugurada pelo missionário Justin Spaulding em junho de 1836 no Rio de Janeiro com a frequência de aproximadamente trinta pessoas, das quais algumas eram brasileiras (RIBEIRO, 1932, p. 326-327). Outra versão afirma que o casal de missionários escoceses Robert e Sara Kalley foram os fundadores da Escola Dominical no Brasil com a primeira celebração em 19 de agosto de 1855, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. “Inaugurada pela senhora Kalley para instrução bíblica de crianças. Cinco filhos de uma família inglesa foram os primeiros alunos [...] dois ou três domingos depois o senhor Kalley dirigia uma classe composta de homens de cor, com os quais conversava a respeito das Escrituras” (ROCHA, 1941, p. 33).

1901), todavia, ele não pregou em português nem fundou igreja alguma, pois esta não era a sua missão, contudo, realizou um trabalho notável.¹⁰³

Em sua viagem de 55 dias, Simonton mesmo sem a aprovação do Capitão,¹⁰⁴ “nominalmente católico,”¹⁰⁵ estabeleceu uma Escola Dominical nos "aposentos dos marinheiros", tendo boa aceitação e interesse; todavia, se isto o agradava, não o iludia, conforme ele mesmo escreveu três dias antes de desembarcar no Rio de Janeiro:

Dois ou três (marinheiros) disseram que pretendem mudar de vida no futuro, mas temo que isso signifique apenas uma auto-reforma. Acham que precisam deixar o mar para corrigir a vida. Conversei com a maioria deles, e fiquei a par de suas vidas; todos se parecem; ou foram abandonados sem parentes ou amigos, ou queriam ver o mundo e gozar a mocidade (...). Mas não se podem levar a sério todas essas promessas. Eles se arrependem no mar e pecam em terra (DIÁRIO DE SIMONTON, 1852-1867, 9/08/1859).

Simonton, antes de vir para o Brasil estudara um pouco o português em New York,¹⁰⁶ no entanto, não se sentia seguro, como é natural, para pregar nesta nova e difícil língua.

No *Imprensa Evangelica* temos 109 menções sobre a Escola Dominical no Brasil e no mundo, escritas por seus articulistas, entre elas:

Progresso do Evangelho. Hespanha. A velha Igreja Romana de S. Basilio em Sevilha, na Hespanha, tem sido aberta para o culto evangélico protestante. Funcionam tambem no mesmo edificio uma boa escola diária e uma **escola dominical**. Em Sevilha ha agora cinco cougregações de protestantes hespanhoes, com seus ministros evangélicos tambem hespanhoes, e mais de 700 discípulos nas escolas dominicaes. Roma. Ha presentemente oito ministros ou evangelistas de diversas igrejas evangélicas trabalhando em Roma. Têm sido abertas seis salas para o culto em diferentes partes da cidade. Nestes lugares de reunião faz-se culto pelo menos vinte vezes por semana, e assistem 400 para 500 pessoas (IMPRESA EVANGELICA, 04/11/1871, grifo nosso).

Uma **Escola Dominical**. A pouca distancia de uma pequena villa, morava uma piedosa família, digna da mais alta consideração entre os habitantes d'aquelle lugar. Apezar de ter uma bella casa e de possuir uma riqueza considerável, nao manifestava orgulho perante aquelles que tinham somente uma humilde choupana e que estavam privados das cousas mais bellas e interessantes d'esta vida. A bondade e o amor que manifestava faziam commover o coração o mais endurecido, e d'esta sorte ella conseguiu ganhar nao só o coração dos grandes mas até o dos pequeninos. Além d'isto era uma

¹⁰³ Consultar **Hermisten M.P. Costa**, Os Primórdios do Presbiterianismo no Brasil, São Paulo, 1997.

¹⁰⁴ Ashbel Green **Simonton**, Diário, 1852-1867, 4/7/1859.

¹⁰⁵ Ashbel Green **Simonton**, Diário, 1852-1867, 4/7/1859; 11/7/1859; 25/7/1859; 9/8/1859.

¹⁰⁶ Júlio A. **Ferreira**, História da Igreja Presbiteriana do Brasil, 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 21.

familia que gozava d'aquella paz, que o mundo nao conhece e que Jesus Christo promete dar a todos aquelles que confiam nelle. Todos os dias de manha e de noite reuniu-se a familia com todos os seus criados para o culto domestico; e quem passasse em alguma d'aquellas noites silenciosas que se gozam no campo, ouviria de vez em quando os hymnos que resoavam até grande distancia. Alguns dos camponezes, ainda que sympathisavam com esta boa familia, todavia nao o queriam manifestar, porque tinham medo que o padre, seu cura, o soubesse; porque este tinha ameaçado com a excommunhao a todo aquelle que desse ouvidos a uma tal gente, pois segundo diziam alguns dos mais ignorantes tinha negócios com satanaz. Decorrido algum tempo, abriu-se uma escola dominical n'esta mesma casa, e foram convidados alguns d'aquelles camponezes a mandar seus filhos. No primeiro domingo do mez de Janeiro pela tarde principiou a fnccionar a escola, e com tao bom êxito, que no domingo seguinte um crescido, numero de crianças veiu acompanhado por seus pais, que assistiram ao ensino de cânticos e orações recitados de cor por alguns dos meninos. Esta boa familia assim tao desejosa pelo bem de seus semelhantes, nao deixou de ser anathematisada pelo cura e por alguns dos mais fanáticos do lugar; e não poucos foram insultados em um sermão para este fim destinado pelo bom do padre. Porém isto em nada destruiu a obra que Deus tinha operado tão rapidamente nos ternos corações das crianças e em muitos dos velhos. Desde então todos os Domingos reuniam-se os grandes e os pequenos para receberem o ensino da palavra de Deus, explicada por um gracioso e benigno ancião, que de pé no meio de todos, se regozijava em ver realizado o pedido de suas supplicas ao Creador. Pouco tempo depois, foi enviado um missionário aquelle lugar que tomou conta d'este trabalho, e nao muitos annos depois quasi toda a gente da villa eram christaos sinceros e dedicados ao serviço de Deus. Então no correr de alguns annos a antiga villa estava quasi uma cidade, e as trevas, que por longos annos pairavam sobre ella, foram dissipadas, graças aos esforços empregados por esta nobre familia, que não cessou de pedir a Deus pela conversão d'aquelle povo supersticioso e ignorante. Ah! quanto não é digno de ser este exemplo imitado ! E quantos não ha que, gozando de toda a liberdade, se tem esquecido deste sagrado dever de maadar seus filhos beber as sãs doutrinas do Evangelho. E' n'elles que está o futuro da nação e da igreja de Deus (IMPrensa EVANGELICA, 06/01/1872, p.5, grifo nosso).

Antes de se apartarem, a menina pediu a sua amiga para arranjar-lhe um Novo Testamento. Esta com grande interesse prometeu dar-lhe um que tinha recebido de prêmio na **escola dominical** (IMPrensa EVANGELICA, 02/03/1872, p.38, grifo nosso).

Syria. Nesse paiz a missão evangélica tem 22 **escolas dominicaes** com 900 alumnos. 2 collegios com 62 alumnos. 2 collegios para meninas com 125 alumnas e 2.107 discípulos nas escolas de primeiras letras. A **escola dominical** de Beyruth tem 350 alumnos, que pagam o ordenado de um colportor (vendedor de livros evangélicos entre os Beduinos). Sua sociedade beneficente de mocos sustenta um outro missionário. A escola tambem publica o Morning Star. Jornal mensal, redigido pelo Dr. Jessup (IMPrensa EVANGELICA, 16/05/1874, p. 78, grifos nosso).

Na edição do dia 19 de setembro de 1874, o *Imprensa Evangelica* divulga o endereço e o local de funcionamento da Escola Dominical, da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro:

Culto. Na Igreja Presbiteriana, Travessa da Barreira n. 15, ha culto todos os Domingos ás 11 horas da manhã e ás 7 horas da noite, e todas as Quintas feiras ás 7 horas da noite. A **escola dominical** reúne-se ás 5 horas da tarde **todos os Domingos para o estudo familiar da Biblia em classes** (IMPRESA EVANGELICA, 19/09/1874, p. 143, grifos nosso).

De acordo com Alderi Matos (2011) a Escola Dominical chegou ao Brasil com as primeiras missões protestantes. A primeira Escola Dominical permanente foi fundada pelo casal Robert e Sarah Kalley em Petrópolis, no dia 19 de agosto de 1855. Sarah Kalley havia sido grande entusiasta desse movimento na sua pátria, a Inglaterra. A primeira Escola Dominical presbiteriana foi iniciada pelo Rev. Ashbel Green Simonton em maio de 1861, no Rio de Janeiro. Reunia-se nos domingos à tarde, na Rua Nova do Ouvidor. Essa escola aparentemente foi organizada de modo mais formal em maio de 1867. Um evento comum em muitas igrejas presbiterianas brasileiras nas primeiras décadas do século 20 era o “Dia do rumo à escola dominical”, quando se fazia um esforço especial para trazer um grande número de visitantes.¹⁰⁷

O fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil Rev. Simonton registrou em seu diário pessoal a realização da primeira Escola Dominical dirigida por ele em português. Cabe ressaltar aqui, que a Escola Dominical, é uma das instituições mais importantes na vida religiosa das igrejas protestantes. Em seu diário, Simonton fez a seguinte anotação no dia 28 de abril de 1860: “realizei uma Escola Dominical em minha própria casa” e acrescenta: “foi meu primeiro trabalho em português”. Para esta pesquisa, é importante ressaltar o material utilizado nesta primeira Escola Dominical, anotados no diário: “A Bíblia, o catecismo de história sagrada e o Progresso do Peregrino, de Bunyan” (SIMONTON, 2002, p. 140). O fato de Simonton registrar o uso da Bíblia mostrar a importância que os missionários presbiterianos americanos davam a leitura e o estudo das Sagradas Escrituras. O costume de ler a Bíblia e estudá-la ocorre até os dias de hoje entre os presbiterianos. O uso e o estudo do catecismo de história também eram um hábito comum entre os protestantes. Seu uso confirma o zelo dos missionários protestantes com o ensino confiável das doutrinas bíblicas em conformidade com a teologia reformada do século XVI. Com relação ao uso do livro escrito por Bunyan, Leonel (2016) destaca em suas pesquisas o trabalho de propagação da Bíblia e de livros religiosos como parte das atividades dos missionários e mesmo de leigos que atuavam em solo brasileiro. Segundo ele o livro *O Peregrino* era vendido juntamente com a Bíblia, “portanto, o livro tornava-se uma chave de compreensão da Bíblia” (LEONEL, 2016, p. 59).

¹⁰⁷ Consultar o Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper: <http://www.mackenzie.br/6980.html>

E acrescenta: “*O Peregrino* tornou-se a fonte de maior influência na formação ético-teológica do protestantismo nascente” (LEONEL, 2016 p. 61).

Mendonça (1995) afirma que,

Os pastores e missionários presbiterianos usavam como estratégia missiológica, estabelecer escolas paroquiais como forma de educar o povo para que pudesse ler a Bíblia. O Rev. Miguel Torres fez o mesmo a ponto de a escola fundada ser conhecida como “A Escola de ‘seu Miguel, que começara em casa de dona Bárbara, foi instalada no prédio onde é hoje o hotel de Caldas. Morava o rev. na própria casa do externato. A sala de aula era a mesma que servia para Escola Dominical e cultos. Nas paredes dessa sala viam-se os mapas geográficos, quadro negro e, um cartaz grande, em letras mui legíveis, os dez mandamentos. A um canto, harmônio. No começo das aulas, cantavam-se hinos evangelísticos, um dos quais principiava com as seguintes palavras “Eis-nos, grande Instruidor...” havia na residência, sala de visitas com biblioteca. Lembra-se o informante de dois lindos quadros, ambos de borboletas de várias cores, feitos pelo rev. Miguel Torres. Aprazível este cômodo (MENDONÇA, 1995, p. 111).

Ainda segundo Alderi Matos (2011) um destacado incentivador das Escolas Dominicais foi o Dr. Eliézer dos Santos Saraiva (1879-1944), presbítero da Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, que promoveu as primeiras convenções de Escolas Dominicais do Brasil, bem como encontros de confraternização e piqueniques. Outro grande incentivador foi o Rev. Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932), que traduziu, adaptou e escreveu por vários anos as Lições Internacionais (*Livro do Professor*, 1921-1929), um valioso material para crianças, jovens e adultos. No início do século vinte surgiu a União Brasileira das Escolas Dominicais, depois Conselho Nacional de Educação Religiosa, cujo trabalho foi continuado pela Confederação Evangélica do Brasil.¹⁰⁸

As primeiras Escolas Dominicais eram realizadas nas casas dos próprios missionários que também cooperavam como professores. Com o passar do tempo e, conseqüentemente, o crescimento desta instituição, sua organização foi sendo modificada, passando a funcionar em uma sala anexa à igreja ou na própria sala do culto.

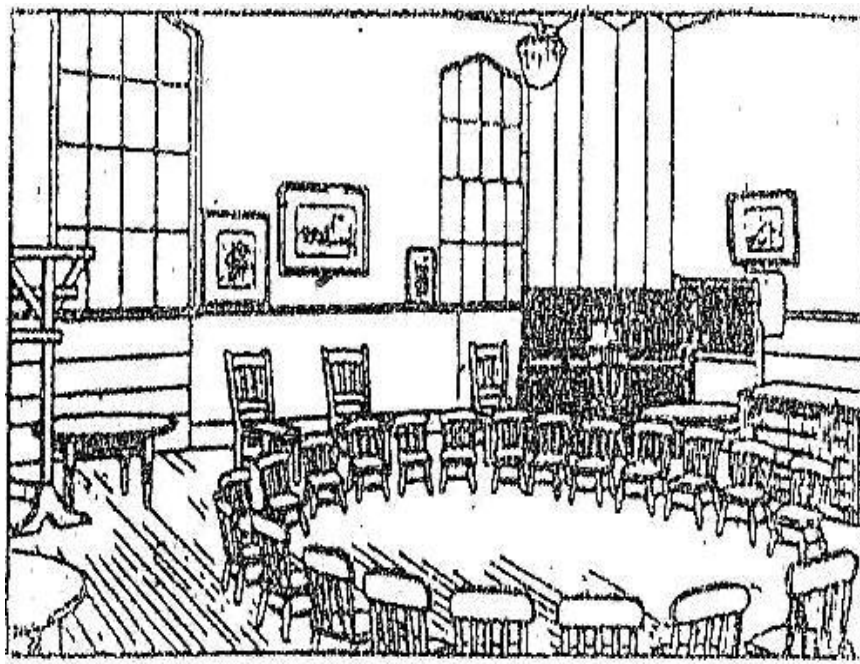
Os primeiros alunos que o Rev. Simonton recebeu para o estudo bíblico, no salão que ele abriu na Rua Nova do Ouvidor (atual Travessa do Ouvidor) em 1861, eram pessoas do povo, interessadas em uma instrução sobre assuntos religiosos à qual nunca tiveram acesso. Assim o missionário os descreveu:

¹⁰⁸ Consultar o Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper: <http://www.mackenzie.br/6980.html>

Três dos frequentadores regulares estão inteiramente dependentes de mim para receber instrução. Cardoso me dá grandes esperanças; tenho quase certeza de que está convertido. Seu entendimento e apreciação das Escrituras, sua delicadeza de consciência e a mudança de sua vida evidenciam a operação do poder divino transformando o seu coração. Carvalho, o 'Ferreiro', é atento e parece de inteligência modesta. Até que ponto se fixam impressões na sua mente não posso dizer. Sua mulher prometeu comparecer quando ajustar suas roupas. O outro jovem que tem freqüentado ultimamente parece sincero e persuadido da verdade e importância de uma religião espiritual (SIMONTON, 2002, p. 150).

As pesquisadoras Bertinatti e Ester Nascimento (2011) asseveram que nos anos 20 do século XX, as propostas de organização do espaço físico apresentaram seus princípios baseados no discurso higienista, tais como boa iluminação, ventilação e espaço amplo. Baseavam-se ainda nos avanços em relação à pedagogia, que prezava por espaços adequados a cada faixa etária. Kerr (1925, p.11) apresentou ilustrações “do equipamento modelo da Escola Dominical, em gravura”, conforme segue abaixo:

Figura 8 - Sala de Aula da Escola Dominical: Jardim da Infância



Fonte: KERR, W. C. Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana.

Segundo as pesquisadoras, pode-se observar na figura 7 o modelo para as salas de aula do jardim de infância, com grandes janelas que possibilitariam um espaço arejado. Destacam-se também as gravuras, imagens e o posicionamento das cadeiras, colocadas de maneira

estratégica para que as crianças ficassem próximas e visualizem a todos, sem mesas, facilitando as atividades lúdicas destinadas a essa faixa etária, enquanto as cadeiras para os professores eram posicionadas atrás das crianças. Este tipo de organização, em círculo, demonstrava a igualdade entre os membros da igreja.¹⁰⁹

De acordo com Nascimento e Bertinatti (2011):

Tendo em vista que a Escola Dominical prezava por um número reduzido de alunos em cada sala, a análise da figura também permitiu observar que havia 21 cadeiras para as crianças e três cadeiras para adultos, que provavelmente seria para o professor e os seus auxiliares, uma vez que, com 21 crianças o professor não seria capaz de colocar em prática o grande objetivo desta instituição, a formação do caráter. De acordo com Kerr (1925:15) a redução do número de alunos era uma das diferenças entre a Escola Dominical e as escolas seculares. Como você vem fazendo. Você utiliza duas formas de citação (NASCIMENTO E BERTINATTI, 2011, p. 5).

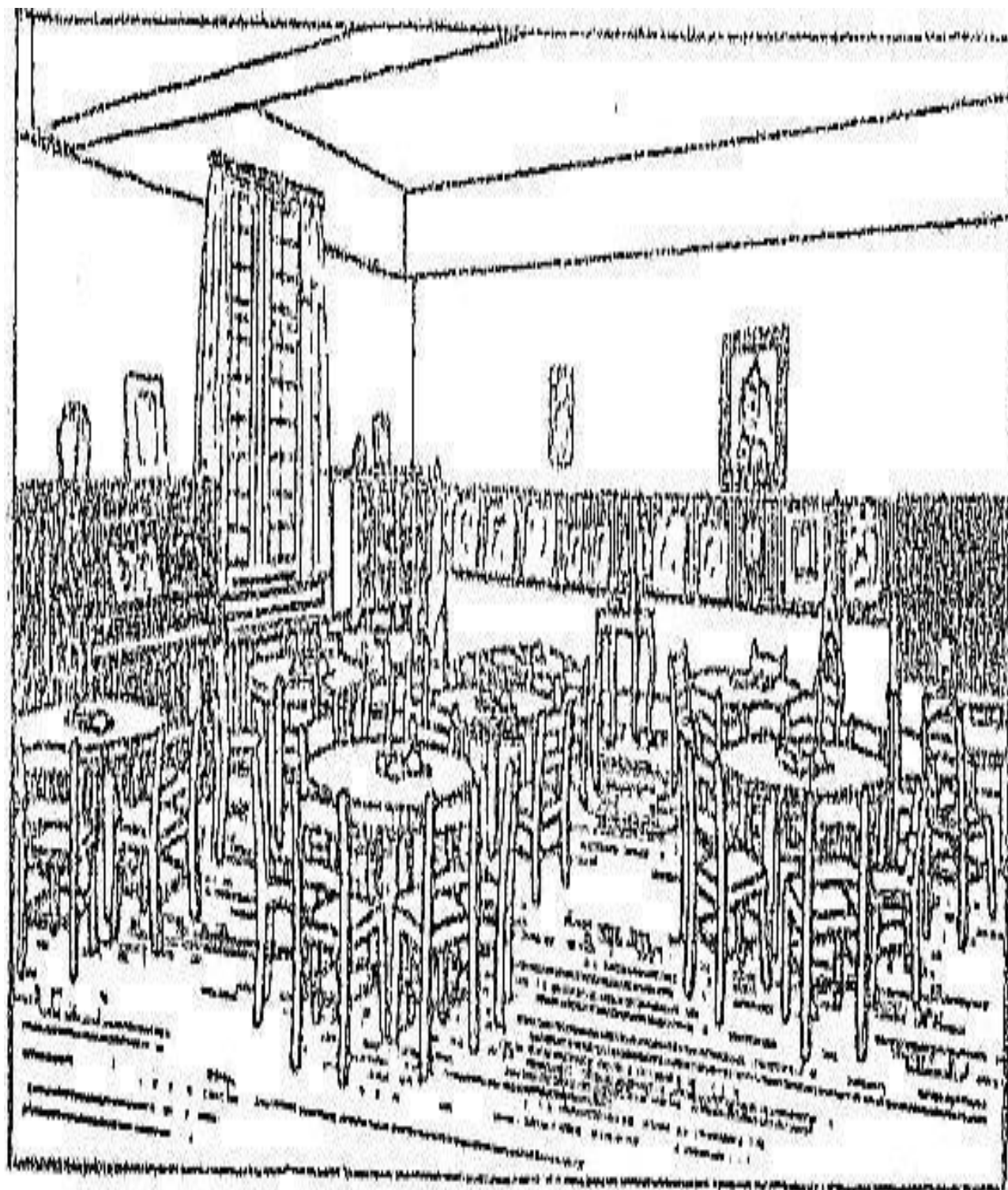
Kerr (1925) reitera:

[...] na escola secular há classes de 30 a 35 alunos, sem prejuízo para o seu objetivo que é adquirir conhecimentos. Nas classes de Escola Dominical, de seis a dez crianças bastam, desde que se visa a formação do caráter, e nesse caso é de importância considerável a equação pessoal (KERR, 1925, p. 15).

Considerando as afirmações acima, a orientação para o Departamento Primário seguiria a mesma norma, porém, com algumas diferenciações, como se pode constatar na Figura 9:

¹⁰⁹ **Bertinatti e Nascimento**, *Os modelos de organização das Escolas Dominicais Presbiterianas no Brasil: O Ideal e o Possível*, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p. 5.

Figura 9 - Sala da Escola Dominical: Departamento Primário



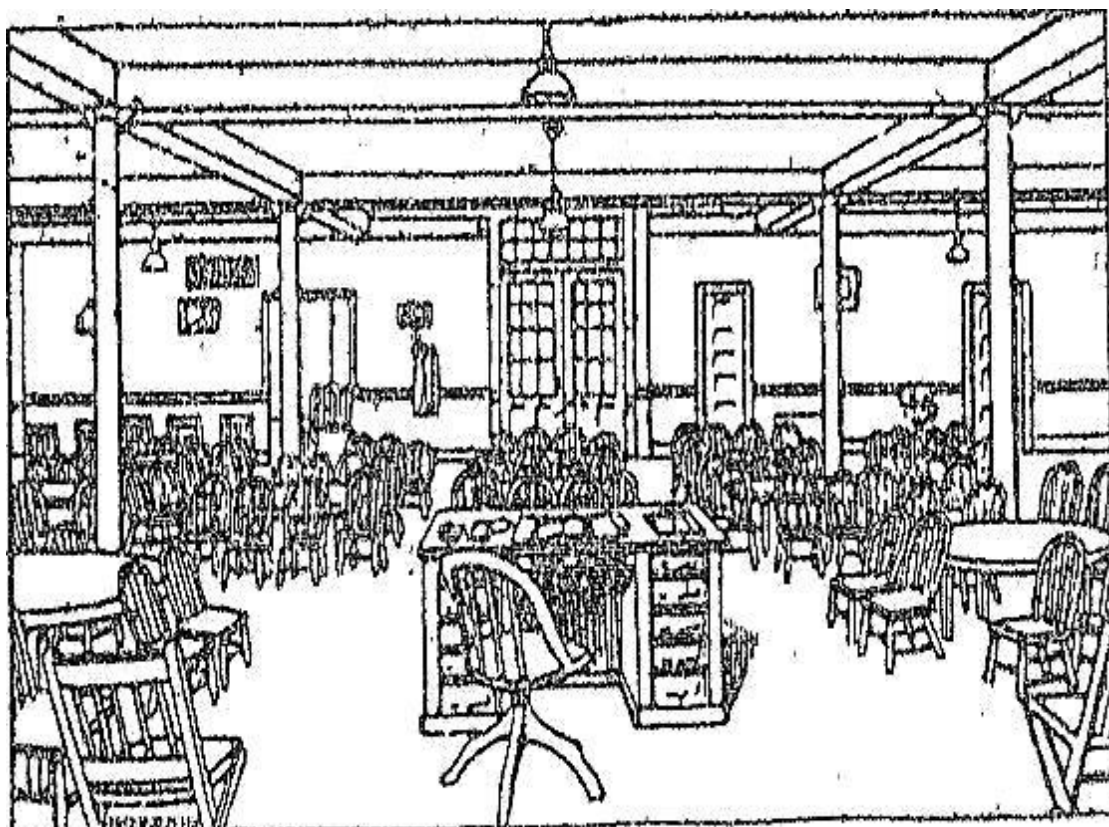
Fonte: KERR, W.C. 1925. Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil.

O Departamento Primário deveria apresentar as salas enfeitadas. A disposição das cadeiras deveria estar ao redor das mesas, levando-se em consideração a altura de cada criança, tanto quanto as mesas. Este departamento requeria organização e cuidados pedagógicos de seus educadores, conforme se trata o jornal *O Puritano* (1914):

(...) a criança em cadeira alta, sem descanso para os pés acha dificuldade em concentrar suas faculdades na lição e não pode usar bem as mãos em escrever (O PURITANO, 17 DE SETEMBRO DE 1914, p. 4).

Quando uma escola, por algum motivo, não possuisse cadeiras adequadas para as crianças, deveria fazer uso de bancos, os mesmos, também, deveriam adequar-se com a altura dos alunos. (Figura 10)

Figura 10 - Sala da Escola Dominical: Departamento Intermediário



Fonte: KERR, W. C., 1925. Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo.

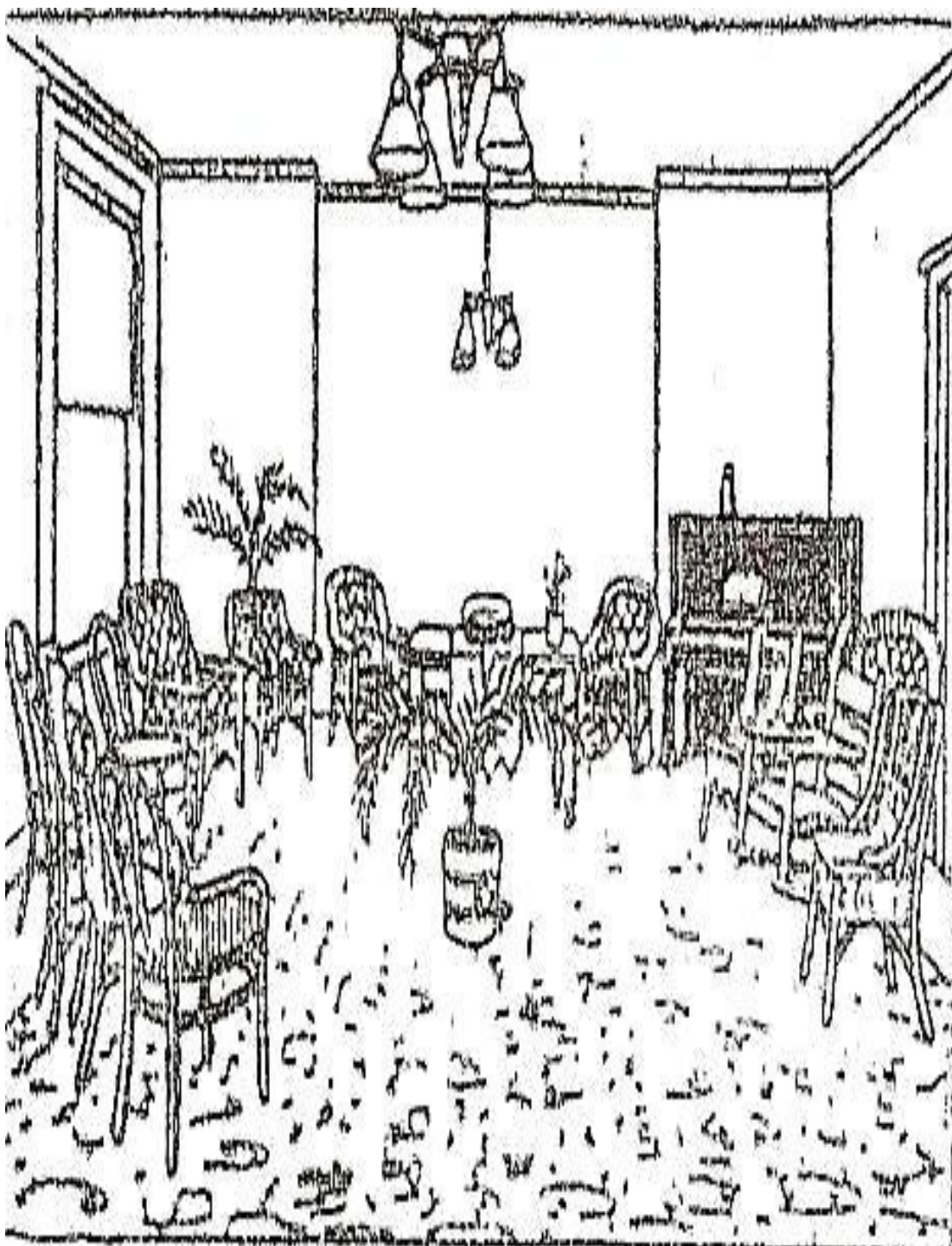
A figura 10 mostra que o Departamento Intermediário deveria seguir um padrão didático e pedagógico de acordo com a idade do público alvo. A disposição das carteiras

deveria favorecer o começo das aulas com uma devocional, o “cultivo de atitudes como a lealdade, o amor, a reverência e a susceptibilidade de incentivos espirituais” (KERR, 1925:15). As salas das classes juvenis e das crianças ficavam distanciadas umas das outras, para que uma não atrapalhasse a outra nas atividades dos cânticos, na leitura oral e na recitação de poesias, crônicas etc.

Verifica-se que as Escolas Dominicais tinham salas para jovens e adultos.

A sala dos adultos ficava em um lugar mais tradicional, local próprio para os estudos e diálogos mais profundos. A disposição das cadeiras era circular, todos vendo todos, no piso havia tapete e um piano. A sala era ornada com plantas. A mesa do educador ficava ao centro, local apropriado para uma boa visão do professor e tornar a aula descontraída.

Figura 11 - Sala da Escola Dominical: Sala de Moços e Moças



Fonte: KERR, W.C. 1925. Importância da Pedagogia na Consolidação da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A sala dos jovens era agradável e confortável, favorecendo o debate num clima amistoso e descontraído. Possuía poltronas e cadeiras. A mesa do professor ficava no centro, proporcionando uma boa visão de todos.

Notamos a preocupação dos professores em oferecer para cada faixa etária um espaço adequado do ponto de vista da pedagogia e da forma didática de trabalhar.

As Escolas Dominicais, como a maioria delas até hoje, eram divididas por departamentos, proporcionando para os alunos salas adequadas para a sua faixa etária. Cada departamento funcionava para proporcionar o melhor acolhimento e a adequação aos alunos. O horário de funcionamento das Escolas Dominicais era no período da manhã ou à tarde, somente aos domingos. A abertura da Escola Dominical durava em média trinta e cinco minutos. A aula tinha a duração de 1 hora. Abaixo, vemos algumas informações sobre o dia e horário de funcionamento de algumas escolas dominicais, conforme *O Puritano*:

Igreja Presbiteriana do Rio (...) a Escola Dominical funciona aos domingos, no mesmo Templo, das onze horas às onze e quarenta e cinco minutos. (...) Congregação Presbiteriana da Ponte do Caju, a Escola Dominical abre-se aos domingos à tarde, às cinco horas (...) Congregação Presbiteriana de Botafogo, a Escola Dominical funciona das seis às sete horas da tarde, também aos domingos (...) Igreja Presbiteriana de Niterói, a Escola Dominical abre-se aos domingos, às onze horas da manhã (*O PURITANO*, 11 /10/ 1906, p. 6).

O jornal *O Puritano* (1914) trazia um noticiário sobre Escola Dominical, dizendo que a mesma deveria abrir sempre no horário marcado com tudo preparado para receber seus alunos.

Cada oficial, professor e aluno devem almejar que a escola dele seja a melhor na cidade, no estado ou na Igreja toda. Uma das coisas que mais contribui para melhorar a escola é disciplinar seus membros (*O PURITANO*, 10 /09/ 1914, p. 3).

Os professores das Escolas Dominicais das Igrejas Presbiterianas do Brasil eram tidos como referências de conduta ética, moral e espiritual. Serviam como exemplos e modelos para os seus alunos. Eles traziam as crianças para a Escola Dominical e ao mesmo tempo, motiva cada uma a permanecer firme. Eram professores amorosos, carinhosos, ilibados e respeitáveis. Segundo Marchant (1909):

[...] a simpatia não se conquista por meio de um sistema, nem tão pouco por meio de um belo edifício, nem ainda pela distribuição de bonitos prêmios. A simpatia brota espontânea no coração da criança quando aquecido em uma atmosfera onde reine a simpatia e o amor (*MARCHANT*, 1909, p. 21).

De acordo com Reinaux (2007) a grande quantidade de impressos produzidos pelos missionários visava também atrair crianças, jovens e adultos para a Escola Dominical:

Verifica-se que a gama de impressos utilizados pelos protestantes eram proselitistas e ideológicos, visando à formação nas escolas chamadas bíblicas e nas classes especiais para os prosélitos chamados de convertidos. O uso da literatura na educação secular também tinha cunho religioso até então, do catolicismo romano, que era a religião oficial, mas com a chegada da literatura evangélica, uma nova ideologia cristã, teológica, religiosa e política começa ser inserida em todas as camadas da população. As publicações destinavam-se às crianças, aos jovens e adultos e até mesmo aos estrangeiros residentes em terras brasileiras, almejando uma adesão ampla aos projetos indicados. Havia, também, impressão de material para uso dos convertidos, como as revistas destinadas a serem utilizadas na escola dominical (REINAUX, 2007, p. 01).

A Escola Dominical foi idealizada para ser um braço forte para as igrejas protestantes, objetivando e oferecendo a melhor educação cristã ao povo sobre a Bíblia e as suas doutrinas. A sua finalidade era a ensinar a Palavra de Deus através de professores altamente capacitados, aptos para ensinar e a conduzir os fiéis “ao serviço de Deus e da humanidade” (REIS, 1909, p. 13), instruíam para a salvação por meio da fé em Jesus Cristo. “Se temos que ensinar meia dúzia de garotos num rancho ou debaixo de uma árvore, podemos fazer isso alegre e efetivamente” (O PURITANO, 31 /12/ 1914, p. 04).

Os missionários presbiterianos já no começo de seu trabalho de evangelização através da imprensa reconheceram a importância da formação cristã das crianças. Tal fato pode ser visto no *Imprensa Evangelica*, quando o redator afirma que:

[...] confessadamente a instrução domestica é cousa de primeira importancia (...). Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da Imprensa Evangelica um artigo que possa indicar um methodo conviniente para a satisfação deste dever (IMPRESA EVANGELICA, 03/12/1864, p.8).

Os missionários protestantes de meados do século XIX atribuíram à Escola Dominical uma importância relevante, fato este, que os levou a produzir publicações especialmente dedicadas a ela. O jornal *Norte Evangélico* de 1909, em um texto do Rev. H.C. Tucker, afirma que a “Escola Dominical” é “moderna” e “importante”:

As escolas publicas, as bibliotecas, a imprensa evangélica, as sociedades de temperança, os hospitaes, as Sociedades Bíblicas, as sociedades missionárias, a Associação Christa de Moços, o movimento voluntario de estudantes, as sociedades de jovens, o Exercito da Salvação e a Escola Dominical são organizações comparativamente modernas, e a mais

importante de todas ellas é a Escola Dominical (NORTE EVANGÉLICO, 28/10/1909, p. 3).

O jornal *Norte Evangélico* de 1921 afirma para “os Ministros Evangélicos” a “importância” e a relevância da Escola Dominical:

Sabem todos os Ministros Evangélicos a importância do estudo methodico e sistemático da Palavra de Deus na Escola Dominical. [...] E sabem todos que do trabalho da Escola Dominical depende a Evangelização do Brasil (NORTE EVANGÉLICO, 14/03/ 1921, p. 4).

De acordo com a pesquisadora Micheline Reinaux de Vasconcelos (2014):

Neste ponto, é possível perceber que os líderes protestantes nacionais pareciam ter assimilado as ideias dos missionários sobre o papel do ensino doutrinário. Desde 1899, ano de seu primeiro congresso, passou a existir a Associação Mundial de Escolas Dominicais, que se dedicava a organizar tudo o que se refere às Escolas Dominicais (ROSSI, 1938, p. 136). Em princípios da década de 1920, verifica-se no Brasil que estava em atividade uma instituição com aqueles mesmos objetivos, a União Brasileira das Escolas Dominicais (UBED). A atuação dessa instituição denota a importância das publicações didáticas e, em particular, para as escolas dominicais, uma vez que publicava textos protestantes para o ensino religioso, entre outros. No mesmo período, anunciava-se, por meio dos impressos, a organização do dia Rumo à Escola, dia especialmente consagrado à concentração das escolas dominicais nos Templos Evangelicos, a ser celebrado no dia 22 de outubro de 1922.¹¹⁰ Tratava-se, provavelmente, de dedicar aquele dia à indicação dos membros das diversas confissões a importância das escolas dominicais e de que participassem delas (VASCONCELOS, 2014, p. 58).

Assim sendo, a Escola Dominical serviu como uma ferramenta para doutrinar, ensinar e firmar as bases sobre a fé cristã protestante, bem como para alfabetizar muitos brasileiros e brasileiras. A Escola Dominical ensinava a ler.

5.2. “*Catecismos Da Nossa Redenção*”

Nos arquivos particulares do Rev. Vicente Themudo Lessa, encontram aproximadamente 644 títulos publicados entre 1860 e 1938; sendo que 12 deles são catecismos. Atualmente, tais arquivos e impressos fazem parte o acervo do Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, situado na Primeira Igreja Presbiteriana Independente, na cidade de São Paulo, também conhecida como Catedral Evangélica de São Paulo, situada à Rua Nestor Pestana, 136 - Consolação - São Paulo/SP. Dentre os impressos catalogados, especificamos três catecismos: *Breve Catechismo*, *O Breve*

¹¹⁰ O SOLDADO Christão. São Paulo: Imprensa Methodista, 1922. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

Catecismo e Cartilha com Estampas publicadas em 1892 e 1927. Observamos que o terceiro catecismo não consta a informação acerca do ano de publicação. Não é do interesse deste pesquisador à análise dos três títulos mencionados; todavia, registramos que eles encontram-se na *Coleção Folhetos Evangélicos*, além desses, outros catecismos, a saber: *Cathecismo da Expição*,¹¹¹ *Catechismo Bíblico para as classes infantis*,¹¹² *Catechismo da Nova Jerusalém ou Nova Igreja Christã*,¹¹³ *Um novo catecismo*,¹¹⁴ *Catecismo anti-sabbatico*,¹¹⁵ *Catecismo de doutrina christã para a instrução dos meninos*,¹¹⁶ *Porções escolhidas da palavra de Deus*,¹¹⁷ *Cem textos das Escripturas Sagradas*,¹¹⁸ *Vinte e um ensaios sobre as Escripturas Sagradas*.¹¹⁹ Os catecismos foram muito usados pelos missionários americanos e europeus para a instrução e a educação doutrinária dos novos adeptos à fé protestante. Tornou-se uma literatura imprescindível na obra de evangelização no Brasil.

Nos 47 volumes que integram a *Coleção Folhetos Evangélicos*, encontramos no 28º volume o *Breve Catecismo de Westminster*, de autoria do Rev. Belmiro de Araújo, publicado em 1892 pela Typographia e Lithographia d'O Pelicano, na Província da Paraíba. Ministro do Evangelho, o autor do referido título iniciou a obra com uma introdução prestando esclarecimentos ao leitor, na qual afirma ter o objetivo de facilitar a compreensão da religião protestante para leigos interessados.

O Breve Catecismo de Westminster foi formulado por teólogos ingleses e escoceses da Assembleia de Westminster, no século XVII. É um catecismo resumido, de orientação calvinista, composto de 107 questões. Junto da Confissão de Fé de Westminster e do Catecismo Maior de Westminster, compõe os símbolos de fé das igrejas presbiterianas ao redor do mundo. Originalmente elaborado para o uso com crianças, revela, contudo, um conteúdo de grande valor, aplicável a adultos.

¹¹¹ VAUGHAN, Kenelm. *Cathecismo da expiação*. Rio de Janeiro: Typo-graphia do Apostolo, 1882, p. 42.

¹¹² SCHIEFFELIN, Samuel B. *Catechismo biblico para as classes infantis*. Maranhão: Typographia de J. de A. Almeida & Cia, 1895, p.75

¹¹³ S.A. *Catechismo da Nova Jerusalem ou Nova Igreja Christã*. Rio de Janeiro: Pap. Sul-Americana, 1906.

¹¹⁴ S.A. *Um novo catechismo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Methodista, s.d. p. 16.

¹¹⁵ HIRTH, Benedicto. *Catecismo anti-sabbatico*. São Paulo: Estabelecimento Graphico "Cruzeiro do Sul", s.d. p.39.

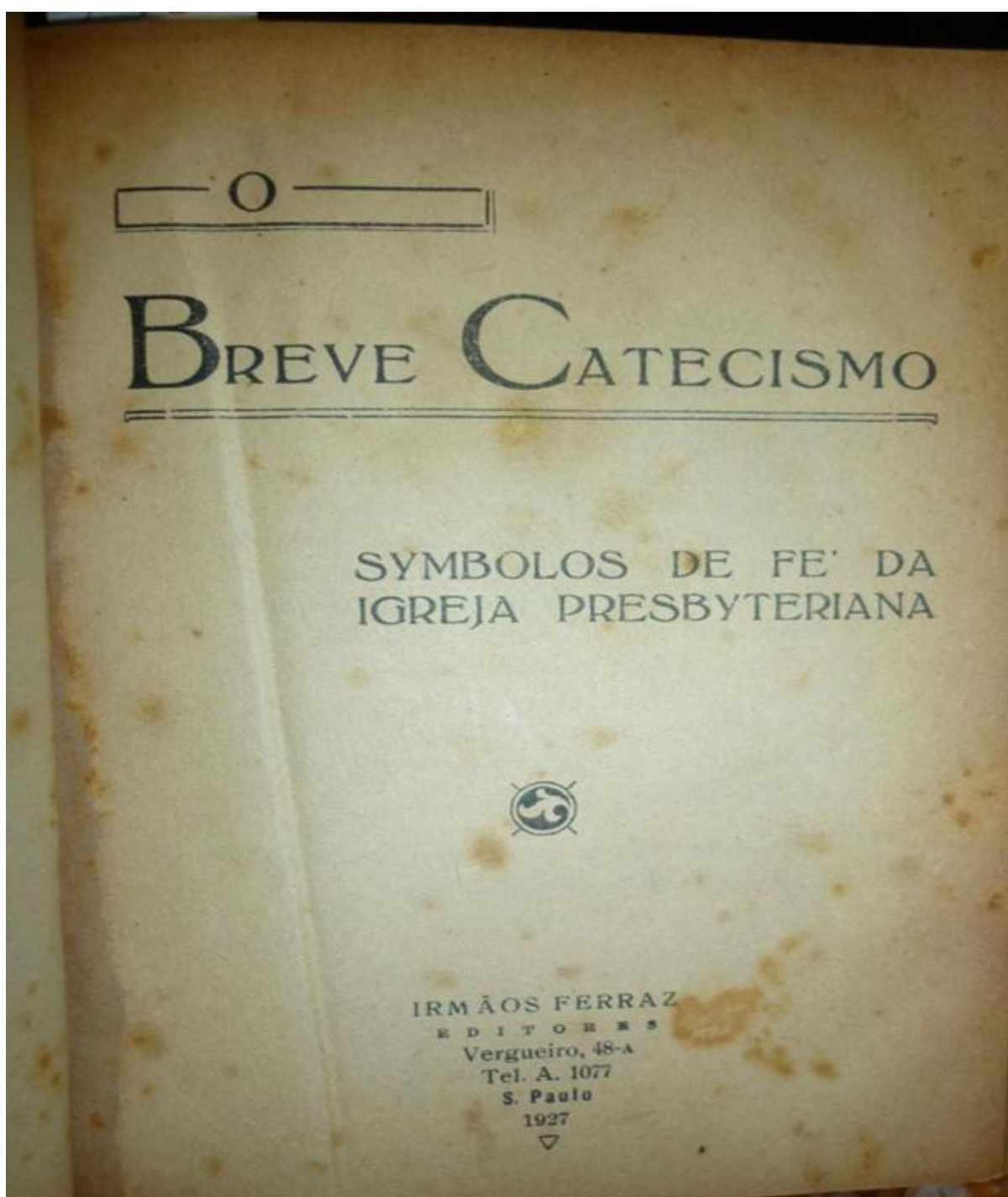
¹¹⁶ S.A. *Catecismo de doutrina christã para a instrução dos meninos*. Rio de Janeiro: Typographia do Puritano, 1924. P.35.

¹¹⁷ S.A. *Porções escolhidas da palavra de Deus*. Los Angeles: Casa Biblica de Los Angeles, s.d. p.64.

¹¹⁸ S.A. *Cem textos ensaios das Escripturas Sagradas*. Lisboa: Typographia de Adolpho Modesto & Cia, s.d. p. 16.

¹¹⁹ S.A. *Vinte e um Ensaio sobre as Escripturas Sagradas*. Rio de Janeiro. Casa Publicadora Baptista, 1903, p. 92.

Figura 12 - Capa do *Breve Catecismo*



Fonte: Coleção Folhetos Evangélicos. São Paulo: Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, 2016.

O Breve Catecismo tem como especificidade uma função didática e pedagógica do texto. Nele é apresentado na forma de perguntas e respostas, seguidas de pequenos trechos bíblicos com observações do autor, dedicadas por inteiro ao resumo da temática abordada. A concepção que se desenvolve é histórica, orientada pela principal fonte a Bíblia, com o objetivo declarado de evidenciar claramente e, de forma convincente, “que devemos crê [sic] em Deus” (ARAÚJO, 1982, p. 1). Nesta primeira parte, os temas explorados são relativos a Deus e à criação do homem e do mundo. É notória a preocupação do autor em explicar com clareza as pessoas da divindade:

P. Quem é Deus?

R. Deus é um Espírito infinito, eterno, imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade.

P. Há mais de um Deus?

R. Há um só Deus, o Deus vivo e verdadeiro

P. Quantas pessoas há na Divindade?

R. Há três pessoas na Divindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo e estes três são um Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória (ARAÚJO, 1982, p. 4-5).

Na segunda parte, composta por seis lições distribuídas em 96 perguntas e respostas, o texto segue uma divisão temática, com o objetivo de explorar diferentes condições do homem perante Deus, desde a sua criação até a sua glorificação no céu. Segundo Orlando e Dantas (2008), o principal objetivo do catecismo é,

ensinar os preceitos da Igreja como verdades absolutas e, para um aprendizado mais efetivo, é preciso que esses ensinamentos sejam enraizados nos indivíduos sem dar margem a maiores questionamentos (ORLANDO e DANTAS, 2008, p. 9).

Assim, o tema mais sabido é referente aos Dez Mandamentos, com 62 perguntas e repostas. Ademais, são discutidos: criação, pecado, salvação, morte e ressurreição. Nesta parte, as seis lições expressam estados vivenciados pelo homem.

1º Estado

P. 10. Como criou Deus o homem?

R. Deus criou o homem macho e fêmea, conforme a sua própria imagem, em conhecimento e santidade, com domínio sobre todas as criaturas.

2º Estado

P. 12. Que ato especial de providência exerceu Deus para com o homem no estado em que ele foi criado?

R. Quando Deus criou o homem fez com ele um pacto de vida com a condição de perfeita obediência: proibindo-lhe de comer da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de morte.

3º Estado

P. 13. Conservaram-se nossos primeiros pais no estado em que foram criados?

R. Não. Nossos primeiros pais, sendo deixados à liberdade de sua própria vontade, caíram do estado em que foram criados, pecando contra Deus (ARAÚJO, 1982, p. 6-7).

No começo do ano de 1865 o jornal *Imprensa Evangelica* edita uma sequência de estudos denominada *Breve Catecismo para meninos*, uma tradução do inglês. O texto que introduz o catecismo diz: “nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutares, e o fazemos com a melhor boa vontade” (IMPRESA EVANGELICA, 04/02/1865, p.8). Os artigos para crianças ou de histórias que envolvem crianças estão sempre presentes neste jornal, quase sempre acompanhados de gravuras. São 34 estudos sobre o *Breve Catecismo da nossa redenção* publicados no periódico.

O *Imprensa Evangelica* de 1867 publica em nove números sobre a série do “*Catecismo da nossa redenção*”. A intenção dos redatores era apresentar aos seus leitores como na “*mente*” Deus havia idealizado a redenção do homem desde a “*criação do mundo*”, ou desde a “*eternidade*”, dividindo a história da salvação em diferentes períodos. Na edição de 06 de abril de 1867 encontramos:

Catecismo da nossa redenção. A QUEDA. (Continuação da pag. 44.) Que relações existiam entre Deus e o homem no estado de innocencia em que este foi creado? - O homem era dotado de intelligencia, de affeições e de uma vontade livre, mas ao mesmo tempo a sua felicidade ficava dependente da sua perfeita submissão á vontade de Deus, o qual para toda a creatura racional é o supremo bem. - Qual a consequência de crear o homem assim dotado de livre arbítrio e de pol-o debaixo dá lei soberana de seu Creador? - A todo o momento o homem estava exposto ao perigo de peccar; e o menor peccado necessariamente deveria acarretar a sua perdição. - Que ordem especial deu Deus a Adão no dia em que este foi creado e feito o senhor do paraizo para cultivar-o e gozar de suas delicias? - Come de todos os fructos das arvores do paraizo mas não comas do fructo da arvore da sciencia do' bem e do mal. Porque em qualquer dia que comeres delle, inorrerás de morte. Gen.: 16, 17. - Como se ha de entender esta prohibição aparentemente arbitraria? E' de todo razoável crer que á condição de obediencia perpetua e universal foi substituída esta pro- vação exterior e fácil, ficando Adão durante certo prazo por fiador de todos os seus descendentes de sorte que se elle fosse fiel em guardar este preceito, todo o

genero humano deveria ser confirmado na graça de Deus e na posse da vida eterna; mas se fosse desobediente todo o gênero humano deveria ficar incurso nas conseqüências desta desobediência. Rom.: 12-18. - Como se chama a providencia especial sob cuja acção o homem foi posto? O pacto de obras; porque tanto para Adão como para a sua posteridade a vida eterna devia ser o prêmio da obediência, e a morte o castigo da desobediencia. Que considerações nos levam a julgar esta determinação de Deus como uma prova de sua benevolencia? - Na falta de alguma providencia extraordinária, como o foi o pacto de obras, cada indivíduo deveria responder por si só e permanecer sempre sujeito á provação e ao perigo de pecar e cair. Semelhante provação individual, além da inconveniência de nunca findar, mal poderia ter bom exito em caso algum, em razão do desenvolvimento tardio da faculdade de discernir o bem do mal, entretanto que os sentidos e appetites do corpo estão na sua maior força nos primeiros annos de nossa existência. - Além disto, ficaria prejudicada a solidariedade da raça humana, e o plano da nossa redempção pela intervenção de um fiador nao seria exequível. Jesus Christo foi constituido o representante dos que por elle se salvam, em virtude dos mesmos princípios de justiça e equidade que ligam á primeira transgressão de Adão a queda de todo o gênero humano. Rom : 12-18; I Cor. XV: 21, 22 e 45-49. Porém constituindo a Adão o chefe e representante de toda a raça, limitando o prazo dentro do qual devia ser provado, e estabelecendo como o toque de sua obediência ura preceito exterior, fácil e bem definido, o Creador fez as disposições que melhor promettiam favorecer a nossa raça. Que pena ficava annexa á transgressão do preceito de Deus relativo á prohibição do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal? (IMPRESA EVANGELICA, 06/04/1867, p. 50, grifos do editor).

Na edição de 20 de abril de 1867 os editores do *IE* trabalham a doutrina do plano de salvação:

Quando é que o plano da nossa redempção foi concebido e traçado na mente de Deus? – As distinções de tempo passado e futuro não têm cabimento quando se trata dos decretos divinos, que sempre são eternos. O plano de nossa redempção foi determinado desde a eternidade. Efesios I:4. Apoc. XIII: 8 e XVII:8. – E em que época foi que Deus começou a divulgar aos homens o seu plano eterno? (IMPRESA EVANGELICA, 20/04/ 1867, p. 62).

O *Breve Catecismo* da nossa redenção é voltado aos novos protestantes e assume o diálogo com clareza, empregando frases curtas e termos simples, como método mais adequado para inculcar nos crentes os preceitos religiosos protestantes. Para Bertinatti (2011):

O *Breve Catecismo*, [...] consistia em um excelente resumo de Teologia, cujo preparo cuidadoso foi levado a efeito por 121 distintíssimos ministros e teólogos de Inglaterra e Escócia, nos anos de 1643 a 1648 em Londres, para uso dos crentes (BERTINATTI, 2011, p. 37).

Em termos de comparação com o *Breve Catecismo* (1892), citado anteriormente, são encontradas pequenas diferenças quanto à organização das perguntas, apresentação do Credo

e ano de publicação. Apesar da diferença em relação ao período de publicação, encontramos as mesmas perguntas e a mesma grafia, com exceção do título.

Em 15 de junho de 1867, o *IE* publicou um artigo com o título “A escola dos materialistas”, o periódico afirma que “atualmente o materialismo está na moda”. O editor faz uma crítica aos materialistas. Estes eram radicais e contrários ao governo exercido por Deus sobre todos os homens:

Estas ideias, próprias de uma época de profunda decadência moral, são divulgadas entre todas as classes como se não fossem demais viverem como os brutos, muitos não têm pejo em defender calorosamente a these da commum origem do homem e do bruto. Aquelle apenas é um animal levado à maior perfeição pela acção de forças physicas (IMPRESA EVANGELICA, 15/06/1867, p. 90).

Ainda nesta edição de 15 de junho de 1867, os editores reproduziram em série uma ilustração, com o título “Narração de cousas memoráveis passadas no Palácio dos macacos em Paris no 1º de janeiro do anno da graça de 1865”, de Noë-Antoine-François Piaux. Essa série foi publicada nas edições de 6 e 20 de julho de 1867. O propósito das ilustrações era contestar a teoria da evolução de Charles Darwin, principalmente na questão de que o homem teria evoluído do macaco. A ilustração conta a história fantasiosa de um cientista que tenta convencer os macacos a se tornarem homens. Conforme o discurso vai progredindo, a redação passa a ideia de que não há vantagens em se evoluir de macaco para homem e no fim é o cientista que se torna um macaco:

Na manhã de S. Sylvestre do anno da graça de 1864, todo o pessoal (referome aos animaes) do Jardim das Plantas em Paris, estava alvorotado. Uma pega, vinda de Genova na véspera, trouxera a grande notícia, que Micromegas, o discípulo predilecto do illustre Vogty, estava prestes a chegar com a redacção em peso do Racionalista, incluindo Tembaud, o cão da secretaria, afim de elevar um dos animaes, - uma pega não designava qual, à dignidade de homem (IMPRESA EVANGELICA, 15/06/ 1867, p. 94).

No primeiro número do *Imprensa Evangelica* (1864) encontra-se um artigo titulado “Testemunho de homens distintos sobre a excellencia da Biblia”, falando sobre o valor que grandes vultos da história davam a Bíblia, dentre eles o historiador Muller e Sir Francis Bacon:

Diz Muller, o grande historiador: “O Evangelho é o cumprimento de todas as esperanças, a perfeição de toda a philosophia, o interprete de todas as revoluções, a chave de todas as apparentes contradicções no mundo physico e moral. Elle é a vida; é a immortalidade. Desde que conheceis o Salvador, tudo é claro; com elle nada há uq não tenha fácil solução.” Diz Sir. Francis

Bacon: “as tuas creaturas tem sido os meus livros; porém as tuas Escripturas muito mais; eu te procurava pelas ruas, nos campos e nos jardins, mas te achei nos teus templos. Eu creio que a palavra de Deos, pela qual a sua vontade é revelada, continuou em revelação e tradição com Moysés; e que as Escripturas existião desde o tempo de Moysés até os dos apóstolos e evangelistas; em cujo tempo, depois da vinda do Espirito-Santo, o livro das Escripturas foi concluído e fechado, para não receber qualquer nova addição; e que a igreja não tem o poder, depois de completas as Escripturas, de ensinar ou mandar cousa alguma contraria à palavra escripta” (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/ 1864, p. 2).

A partir de 05 de janeiro de 1867, o *IE* passa a publicar uma série de artigos, “Altos brados dos santos padres a todos os christãos, reccommendando com insistência a leitura da Biblia”.

1.º **S. Clemente**, bispo de Roma, (1) desperta à leitura da Biblia, escrevendo: Lêde diligentemente as Santas Escripturas, que são os verdadeiros oráculos do Espirito Santo. 2.º **Santo Ignacio**, um dos discípulos dos apóstolos, (2) bispo em Antioquia e martyr, escreve: Nunca mais guardemos com ociosidade o domingo, ao modo judaico, mas cada um de nós o guarde para proveito das almas; nem pelas recreações corporaes, mas pelo deleite na meditação das Escripturas Sagradas. 3.º **S. Polycarpo**, discípulo do apostolo João, bispo em Smyrna, e martyr, (3) escreve: Tenho confiança em vós, que sejais versados nas Escripturas Sagradas. 4.º **S. Justino** martyr, (4) escreve: Vinde, e tomai parte na sabedoria, que com nenhuma outra cousa póde ser comparada; fazei-vos sabios pela divina palavra, porque esta com sua virtude penetra nossas almas; Ella nos guia a mais altas concepções; Ella, de mortaes que somos, nos torna immortaes, e nos conduz deste mundo ao outro. Não somente lemos estes livros... mas também vol-os offerecemos, como vedes, para que os examineis. 5.º **Santo Irenêo**, (5) escreve: A igreja annuncia ao Pai de Nosso Senhor Jesus Christo; e das mesmas Escripturas póde, quem quer, aprender a conhecê-lo. Chegará à convicção todo aquelle que por si mesmo ler diligentemente as Santas Escripturas. Tanto a lei de Mosaica, como a do Novo Testamento, são ambas uteis para todos os tempos, e dadas por um e o mesmo Deus para o bem do genero humano. Nós temos a palavra de Deus para regra da verdade. Lêde com diligencia o Evangelho que nos é transmitido pelos apóstolos; lede os prophetas e ahi achareis narrados os sucessos, a doutrina e os soffrimentos de Nosso Senhor. (1) Morreu no anno 118. (2) Morto no anno 116. (3) Morto no anno 169. (4) Morto no anno 165. (5) Morto no anno 202 (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/1864, p. 7, grifos nosso).

5.3 “Instrucção e Culto Doméstico”

Com a subscrição “Instrucção e culto doméstico” o *Imprensa Evangelica* publica um catecismo em perguntas e respostas sobre a oração que o Senhor Jesus ensinou: O Pai Nosso. Estas perguntas e respostas vão do primeiro ao terceiro número do periódico protestante. Com a mesma subscrição, a partir do Nº 4 de 17 de dezembro de 1864, o editor passa a trabalhar com Os Dez Mandamentos.

Para Alderi Souza de Matos (2007, p. 46), o *Imprensa Evangelica*, instruía, edificava e incentivava as pequenas igrejas do interior, carentes de pastores. Nesses lugares, muitas vezes um dirigente leigo utilizava os sermões e os estudos do periódico para ensinar a igreja. “Em Ubatuba, a igreja nasceu como resultado da sua leitura, antes da chegada dos primeiros pregadores”. Alguns artigos do periódico evidenciam essa assertiva, tais como: “Instrucção ao culto domestico” (IMPRESA EVANGELICA, 5/11/1864, p. 3), ou “Catecismo de nossa redempção” (IMPRESA EVANGELICA, 20/04/1867, p. 62).

Instrucção e culto doméstico

O PAI NOSSO

Meu filho, o que é orar?

E dizer a Deos tudo o que sentimos e pedir a Elle em nome de Jesus tudo o que precisamos. Os meninos podem dirigir-se a Deos com a mesma confiança com que se dirigem a seus pais. - - Quaes são as culpas que a gente muitas vezes commette em suas orações?

Muita gente, em vez de fechar-se em seu quarto onde a alma sem distracção pôde elevar-se a Deos que está presente em toda a parte, busca os lugares mais públicos para serem vistos dos homens (Matt. 6,6). Alguns, á imitação dos pagãos, repetem sempre as mesmas palavras, como se o Deos dos christãos não pudesse logo comprehender o que desejamos. (Matt. 6, 7.)

Como é que Deos quer que o chamemos? Não é admirável, que Deos, sendo tão grande e glorioso, consentisse e desejasse que homens peccadores, e até os pequeninos, lhe dessem o nome de pai?

Se elle não nos tivesse fallado pela boca de seu Filho Jesus Christo, teríamos animo para assim orar?

Não; mas agora que elle assim quer, como nao devemos estar satisfeitos e alegres!

Como é que um bom pai trata a seus filhos?

Elle os ama, os sustenta, os ensina e os corrige quando fazem cousas mal feitas.

Dizendo-se: Nosso Pai, será verdade que Deos promete tratar-nos assim?

Deos assim trata a todos os seus filhos.

Como podemos ser filhos de Deos? {Gálatas 3,26},

Que significa a palavra nosso?

Que Deos tem muitos filhos, e todos os homens são irmãos, e devem amar uns aos outros e orar uns pelos outros.

Porque se diz estar Deos nos céos?

Para nos fazer entender a grandeza e a gloria de Deos, e a mentira daquelles que ensinão que Deos habita na terra ou tem semelhança alguma. Deos é celeste e invisível. - Qual é a primeira petição do Pai Nosso? Qual è a razão de principiar esta oração assim?

Para dar, a saber, que a gloria do nome de Deos é o fim principal do homem e de todas as cousas. (Rom. 11,36 e 14,7-9.)

Como é que se santifica o nome de Deos? ²

Santificamos o nome de Deos quando temos no coração taes pensamentos e sentimentos, que, ao ouvirmos ou pronunciarmos o seu nome, o laçamos com reverencia, humildade e amor. ²Como fazem os Anjos a este respeito? (Isaias 6, 3.).

Será possível que as pessoas, que a cada momento fallão em Deos, o fazem com esta reverencia?

Não; pois as mais das vezes é só por costume.

Que mandamento da lei é violado por este máo costume? {Êxodo 20, 7.)

Qual é a segunda petição? (V. 10.)

O que é o reino de Deos? (Rom. 14, 17.) ²

Pedindo que o reino de Deos venha, o que é que desejamos?

Que Deos nos faça a nós e a todos os homens justos, cheios da paz e felizes.

Qual é a terceira petição? (V.10)

Como se faz a vontade de Deos nos céos?

Perfeitamente.

Para que alguém faça este rogo sem hipoçrisia e mentira, o que é indispensável? - Todo aquelle que vive em peccado, violando qualquer preceito da lei de Deos, enquanto continuar a viver assim não pôde pedir de coração: Venha a nós o teu reino (IMPrensa EVANGELICA, 05/11/1864, p. 2-3, grifos nosso).

De acordo com Leonel (2016):

O ensino familiar é explicitado na edição de n. 4 do jornal quando o autor inicia o texto com a instrução: “Primeiro que tudo mande o *chefe de família ou mestre* abrir a Esçriptura Sagrada no livro [...]” “INSTRUÇÃO E CULTO DOMESTICO”, 1864, p. 3, (grifo nosso). O gênero catecismo também privilegia a oralidade e contato social, uma vez que o formato de pergunta e resposta dispensa os ouvintes da posse do jornal. O alvo do ensino, as crianças, também é indicado no primeiro texto de “Instrução e culto domestico” (1864, p.2, grifo nosso), na primeira pergunta: “- Meu *filho*, o que orar?”. Os adultos também são incluídos nesse processo

educativo. Em certos momentos, há orientações para que o dirigente da reunião os exorte a considerar os ensinamentos bíblicos: “(faça ver o pai ou a mãe [sic] de família, como Jesus pagou por sua obediência e morte na cruz [...])” (“INSTRUÇÃO E CULTO DOMESTICO”, 1864, p.7, LEONEL, 2016, p. 95).

Ainda, como parte da “INSTRUÇÃO E CULTO DOMESTICO”, o editor sugere ao leitor que decore o texto do Evangelho de Mateus capítulo 11, versículos 28-30:

Para decorar. Um convite. Vinde a mim todos os que andais em trabalho e vos achais carregados, e eu vos aliviarei: tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas, porque o meu jugo é suave e o meu peso leve. (Matt. 11, 28-30) (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/1864, p. 3, grifos nosso).

O editor, também, escreve para os leitores uma oração:

Oração.

Senhor, nosso Deus, nós te damos graças por nos ensinares a chamar - Pai nosso que estás nos céus. Faze com que te amemos, te reverenciemos e te obedeçamos como filhos. Perdóá-nos as nossas culpas por amor de Nosso Senhor Jesus Christo. Ajuda-nos a glorificar o teu nome, enquanto estivermos sobre a terra, para que, em morrendo, sejamos levados para onde não haverá mais peccado, nem dôr, nem pranto, e onde o Senhor enxugará as lagrimas de todos os olhos! Amem (IMPRESA EVANGELICA, 05/11/1864, p. 3, grifo nosso).

A seguir, vemos uma continuação do Catecismo da nossa redenção, na edição de 20 de abril de 1867, do *IE*:

Catecismo da nossa redenção.

O PRÓTO-EVANGELHO. (Continuação da pag. 51.)

Quando é que o plano da nossa redenção foi concebido e traçado na mente de Deus?

- As distinções de tempo passado, e futuro não têm cabimento quando se trata dos decretos divinos, que sempre são eternos. O plano da nossa redenção foi determinado desde a eternidade. Efesios 1:4. Apoc. xiii: 8 e xvii: 8 (IMPRESA EVANGELICA, 20/04/1867, p.62, grifos nosso).

Para os pesquisadores Pedro Barboza de Souza Feitoza (2010), Alderi Souza de Matos (2007) e David Vieira (1980), *o Imprensa Evangelica* “expressava a visão dos missionários protestantes acerca dos acontecimentos no Brasil e no mundo”. Tinha também a intenção de oferecer aos letrados do centro-sul brasileiro o ideário protestante através de estudos bíblicos, confissões de fé e discussão sobre os acontecimentos contemporâneos. Além disso, ao exercer

um papel de orientação para os cultos domésticos, o jornal procurava manter uma uniformidade e homogeneidade da fé protestante em terras brasileiras.

No volume III, número 8, de 20 de abril de 1867, o *Imprensa Evangelica* começa a publicar A vida de Bernardo de Palissy:

Temos á vista uma biographia de Bernardo de Palissy, nome talvez estranho á maior parte de nossos leitores, mas bem conhecido entre os amadores das belas artes por toda a Europa. M. de Lamartine o elogia nos seguintes termos: “Bernardo de Palissy é o mais bello typo da classe dos artistas. Tanto por seu exemplo como por seus trabalhos tem influído sobre a civilisação e merecido que o seu nome se inscrevesse no rol daquelles que eunobrecem a humanidade.” Porém, dispensando por ora todos os elogios a que Bernardo de Palissy tenha direito faremos um rápido esboço dos acontecimentos de sua vida, na esperança de que assim bebamos lições e impressões que nos tornem mais aptos para desempenhar cabalmente os nossos respectivos deveres. Era já casado e tinha um menino de tão tenra idade que não sabia ainda chama-lo de pai. Alugando uma casinha decente, Bernardo de Palissy poz-se a procurar que fazer em sua arte de úgrimensor, pintor e lavrante de vidros. Em breve reconheceu-se nelle um talento não vulgar, sobretudo uo primeiro dos mencionados oíDcios. Mas infelizmente faltava-lhe o trabalho que lhe desse meios sufficientes de subsistencia neste ramo, e força era applicar-se á arte de pintor, e ao fabrico de vasos de vidro. Não foi possível a Bernardo de Palissy seguir a rotina dos mais artistas de sua classe" fazer um trabalho puramente material. A sua alma era demais sensível ás bellezas da natureza e ambiciosa de realizar o bello e o ideal que nessa fonte pura tinha bebido. Em summa, Bernardo de Palissy era um artista em toda a extensão da palavra, e quem o tivesse visto a examinar a collecção de objectos curiosos que todos os dias crescia a olhos vistos, "teria já predito a sua vida tal qual vamos narral-a. Citamos suas proprias palavras: « De veras é grato contemplar as maravilhosas obras da natureza, nem sei como melhor empregar-me do que em glorificar a Deus e engrandecel-o por causa de suas maravilhas. Ao passar por entre as avenidas de castanheiros, ouvi o murmúrio do ribeirinho cujas águas se desusavam sobre as pedras lisas de seu leito, e vi os passarinhos a tagarellas na densa folhagem das arvores; então me veio á memória a linguagem do Ps. cm: « Que fazes sahir fontes nos valles e passar por entre os outeiros. Junto a ellas morarão as aves do céu, soltando vozes por entre os ramos das arvores. • « Então exclamei: Oí Senhor, quão magníficas sao as tuas obras! Todas as cousas fizeste com sabedoria! » Daqui se collige que De Palissy era homem religioso e lido nas Santas Escrituras. Teve a ventura de viver na época da grande reforma que tanto ruido fez na Europa, ruido que ainda hoje repercute nas longínquas plagas do Brazil. A Escritura Sagrada acabava de ser impressa e exposta aos olhos de ura mundu cansado do jugo de padres cujo ensino era um tecido de contos de velhas e cuja vida era a vergonha dos tempos. De Palissy tinha lido admirado o código original da igreja, e não tardou a compenetrar-se de seus grandes princípios. Neste estudo fui coadjuvado por Hamelin, zeloso reformador vindo de Genebra, quartel-general da igreja reformada. Vamos á humilde morada de nosso heróe, e veremos a mudança operada 'pelo Evangelho em sua vida interior. A estampa o mostra occupado em seu culto domestico. O Livro dos livros está aberto sobre o seu joelho. Lisette, assim se chamava sua mulher, está sentada ao pé d'elle com seu fílhinho nos braços. Deus lhes falia nas paginas em que De Palissy vai lendo. Ao depois,

fechado o volume, ambos ajoelham-se para dirigirem-se a Deus, supplicando-lhe o perdão de suas culpas pelos infinitos merecimentos de Jesus Christo, e o supprimento de todas as suas necessidades temporaes e espirituas. Aqui por emquanto deixemos o nosso heróe. (Continua) (IMPRESA EVANGELICA, 20/04/1867, p.60-61).

Edwiges Rosa dos Santos (2009) afirma:

Mais que encorajar, o jornal tinha a função de valorizar a palavra escrita e incentivava a educação, sobretudo entre os fiéis para a leitura da Bíblia e a literatura evangélica (SANTOS, 2009, p.56).

Entre os leitores do *IE* não havia somente os convertidos ao protestantismo, mas também pessoas com intenções de tomar conhecimento dos artigos religiosos e acompanhar as disputas religiosas publicadas nas diversas edições do periódico.

5.4. O Ensino Religioso E A Educação

Necessidade da educação religiosa. Lê-se na Opinião Conservadora de S. Paulo: « A religião é o elemento mais fecundo para a grandeza das nações; sem religião não ha liberdade, não póde have-la. « A verdade só se encontra no Evangelho, e é por ella que se ennobrecem os homens o so tornam legitimamente livres: abra-se-o pois e explique-se as idéas ahi santamente consagradas. Necessidade da educação religiosa. Lê-se na Opinião Conservadora de S. Paulo: « A religião é o elemento mais fecundo para a grandeza das nações; sem religião não ha liberdade, não pôde havei-la. « A verdade só se encontra no Evangelho, e é por « D'esde que uma nação, diz um sábio pensador, nao toma por base da educação publica a religião que adoptou, prepara para si um máo futuro. » (IMPRESA EVANGELICA, 02/07/1870, p. 111, grifo nosso)

Neste tópico iremos nos deter um pouco mais devido à importância dada pelos missionários a educação e por ser um tópico muito importante para o crescimento espiritual dos protestantes de meados do século XIX.

O valor dado à instrução entre os convertidos a fé protestante, desde as suas origens no Século XVI, pode ser explicada pela imprescindibilidade do domínio da leitura exigida pela fé reformada, centralizada na Bíblia, ou seja, *Sola Scriptura*¹²⁰ (Somente a Escritura).

De acordo com a pesquisadora Geysa Abreu (2003) a educação era uma tradição cultural, presente nas Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos, por meio da qual se ensinaria a ler e se difundiriam os “princípios religiosos e valores culturais inerentes ao presbiterianismo” (p. 47).

¹²⁰ *Sola Scriptura* é o ensinamento da fé reformada de que a Bíblia é a única palavra autorizada e inspirada por Deus e é única fonte para a doutrina cristã, sendo acessível a todos.

Boanerges Ribeiro (1973) afirma que os pais devem ser os repensáveis pela a educação religiosa dos filhos:

Os filhos, da igreja visível, e dedicada a Deus pelo batismo, estão sob a inspeção e governo da igreja, e dever-se-lhes-á ensinar a ler; e, ao apresentar a criança ao batismo, os pais deviam prometer perante a congregação ensinar-lhe ou mandar ensinar-lhe a ler, para que venha ler por si mesmo a Santa Escritura (RIBEIRO, 1973, p. 184).

Em *A Ética Protestante E O Espírito do Capitalismo*, Max Weber (2006) percebeu a nítida diferença entre as maneiras pelas quais protestantes e católicos se lidam com a educação formal: os protestantes buscavam uma formação mais humanística, os católicos voltavam-se para os estudos técnicos e mais pragmáticos. Além disso, notar “[...] uma grande diferença perceptível [...] quanto ao tipo de educação superior que católicos e protestantes proporcionam a seus filhos” (WEBER, 2006, p. 39).

Para os pesquisadores Souza e Dias (2014) a educação é tema pertinente à ética e a cultura protestante, visto que a Reforma Protestante do século XVI, trouxe novas compreensões sobre a educação. A inserção do protestantismo no Brasil não se deu longe de preocupações educacionais, educar era também uma atividade missionária. Portanto, os colégios e as igrejas podem ser colocados lado a lado, aqueles funcionando como braços estendidos destes.

Fonseca (2010) mostra a estratégia dos missionários protestantes em fundar escolas como uma maneira de criar raízes em solo brasileiro: “Além da prédica do Evangelho, os protestantes usaram a estratégia de fundar escolas como meio de fincar as raízes evangélicas em terras brasileiras” (p. 20).

O Rev. Eduardo Carlos Pereira¹²¹ (1920, apud LAGUNA), um dos primeiros pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil em fins do século XIX, defendia essa posição:

O culto reformado repousa sobre um livro, a Bíblia: o protestante deve, pois, saber ler. O culto católico-romano repousa sobre os sacramentos e sobre certas práticas, que não exigem leitura. Para isso não é preciso saber ler, é antes um perigo, porque abala o princípio de obediência passiva, sobre que se apoia todo o edifício romano [...] é por isso que a organização da

¹²¹ Devo salientar que para Eduardo Carlos Pereira, a eliminação do analfabetismo não era a única preocupação, ele acreditava que a nação brasileira tinha que ser ensinada com princípios do evangelho, mudando seu comportamento, moral e social. Para esse fim poderia utilizar da instrumentalidade da educação escolar. Para ele, o evangelho era um modo de vida, que deveria fazer parte de toda esfera da vida cotidiana das pessoas, influenciando na sua forma de pensar e agir, em relação o comportamento em sociedade. Para Mendonça “o protestantismo constituía um modo de vida, aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudança de padrões de cultura” (MENDONÇA, 1995, p.96).

instrução popular data da reforma (PEREIRA, 1920, p.121 apud LAGUNA, 1999, p. 132,133).

A concepção dos missionários americanos e europeus que vieram para o país em meados do século XIX, a leitura da Bíblia era condição primordial para conversão do pecador, porém o analfabetismo do povo brasileiro era um empecilho à divulgação da fé protestante, “a religião do livro”. Assim sendo, a instrução era um suporte indispensável às atividades de evangelização e leitura da Bíblia, sendo as escolas paroquiais, segundo Mendonça (1984, p. 99), “instrumentos necessários para a implantação e permanência do protestantismo em qualquer lugar”, ou, nas palavras do fundador do presbiterianismo brasileiro, Rev. Simonton (RELATÓRIO, 1867):¹²² a criação de escolas era um “meio indispensável para assegurar o futuro da Igreja evangélica no Brasil.”

De acordo com o pesquisador Éber Ferreira Silveira Lima (2008):

Para a fé protestante de maneira geral, a Bíblia, chamada de “a Palavra de Deus”, é fundamental, bem como a pregação nela baseada. Existe no protestantismo uma cultura da palavra, proveniente dos pressupostos teológicos que encontram suas raízes em Martinho Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564). A teologia protestante caracteriza-se como sendo a “teologia da palavra”, quer em oposição ao sacramentalismo católico, quer como afirmação de sua modernidade histórica. Portanto, ler e pregar a “Palavra de Deus” – o que corresponderia a essa cultura da palavra – tornou-se condição histórica sine qua non do protestantismo (LIMA, 2008, p. 59).

A leitura da Bíblia é incentivada pelo *IE* por meio de diálogos e histórias. Como por exemplo: “Lucia ou a leitura da Bíblia por Adolfo Monod”, “[...] Conversa sobre a inspiração da Bíblia” (IMPRESA EVANGELICA, 06/05/1864, p. 4). No jornal *Imprensa Evangelica*, trechos do livro de Monod aparecem como folhetins entre os anos 1864 e 1867.

Lucia¹²³ é uma obra de ficção. Foi publicada em Londres em 1842, pela Religious Tract Society. O livro começa a ser publicado a partir do primeiro número do *IE* (05/11/1864) em forma de folhetim e vai até o número 28 (23/12/1865). A obra surgiu originalmente na França em 1841, sendo traduzida na Inglaterra [sem data], nos Estados Unidos em 1843, em Portugal em 1865, e no *Imprensa Evangelica*, a partir da versão inglesa.

¹²² Em sua atividade missionária no Brasil, Simonton chamava a atenção para a necessidade da Igreja se tornar uma escola na qual os membros pudessem aprender a explicar o evangelho, “fazendo oração e tomando uma parte ativa em conferências sobre as doutrinas da salvação” (RELATÓRIO apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro, por Ashbel Green Simonton, 1867).

¹²³ No original, em francês, temos o nome, “Lucila”, no entanto, no *Imprensa Evangelica*, o nome usado é “Lucia”.

Lucia ou a leitura da Bíblia é um romance evangélico epistolar. Tal subgênero desenvolveu-se no século XVIII e tem em *La Nouvelle Héloïse* (1761), de Jean-Jacques Rousseau, um de seus representantes mais ilustres. Monod utilizou importantes paratextos, como trechos bíblicos na capa do livro, para estimular o leitor a decidir-se por uma leitura mais aprofundada da Bíblia. Pode-se constatar isso no início do livro com a citação de dois textos bíblicos:

Examinai as Escripturas, pois julgais ter nellas a vida eterna: e ellas mesmas são as que dão testemunho de mim -Palavras de Jesus Christo. S.João.5-39”, “Estes pois eram mais generosos do que aquelles que se acham em Thessalonica, os quaes receberam a palavra com ancioso desejo, indagando todos os dias na Escripturas, se estas coisas eram assim – Actos dos Apóstolos Cap. 17, v.11 (MONOD, 1865, p. 1).

Ressalta-se que o autor de Lucia, Adolfo Monod (1802-1856), foi um pastor protestante dinamarquês que fez o seu ministério na França. Lá se tornou muito influente e tinha prestígio na Europa do século XIX. Monod foi considerado o pregador protestante mais importante do século 19. Em vista disso, a publicação de trechos do de seu livro estão no *Imprensa Evangelica* em forma de folhetins como afirmamos acima, há uma hipótese de que pode ter sido direcionada pelos seus editores, que eram pastores protestantes como ele. Outra razão a ser considerada é a forte presença do catolicismo no Brasil do século XIX. Os editores do jornal *IE* eram missionários preocupados em formar uma nova mentalidade religiosa no território brasileiro. João Leonel (2016) afirma que os missionários protestantes se utilizaram de algumas estratégias para promoverem essa mudança, com destaque para a última:

Ante um catolicismo de presença secular nestas terras, os missionários protestantes aqui chegados, em meados do século XIX, procuraram formar uma mentalidade religiosa diferenciada daquela experimentada até então. Para isso, desenvolveram três estratégias: a primeira, oral, constituía-se dos sermões pregados e do relacionamento informal com os novos crentes, oportunidade de esclarecimento a respeito da nova fé e de suas práticas; as duas seguintes, impressas, consistiam na disseminação de Bíblias entre os novos adeptos, seguida por estímulos frequentes para que se estabelecesse uma prática de leitura consistente. Essa estratégia era fundamental, visto que fornecia suporte para a primeira, os sermões. A terceira estratégia caracterizou-se pela utilização de leitura religiosa: sermões transcritos em jornais e livros, bem como textos ficcionais [...] (LEONEL, 2016, p. 46).

Dentro da mesma linha de raciocínio de Leonel (2016), Robert Darnton (2009) trata da importância do leitor e da leitura, especialmente nos séculos XVIII e XIX:

Nos séculos XVIII e XIX, os leitores tentavam digerir os livros, absorvê-los em sua totalidade, corpo e alma. Alguns extremistas interpretavam a leitura como digestão de maneira literal: era o caso de uma mulher em Hampshire,

Inglaterra, que comeu um Novo Testamento, dia a dia e folha por folha, entre duas fatias de pão com manteiga, como remédio para convulsões. Mais frequentemente, a ingestão de livros assumia a forma de um exercício espiritual, cujo caráter físico ainda se mostra nas páginas remanescentes. Os volumes da biblioteca de Samuel Johnson, agora de propriedade da sra. Donald F. Hyde, trazem suas folhas dobradas e amassadas, como se ele tivesse percorrido à força (DARNTON, 2009, p. 159).

As pesquisas de Darnton (2009) contribuem para uma compreensão e assimilação da leitura no século XIX:

Naturalmente, a história dos livros não começou ontem. Ela se estende até a cultura da Renascença, se não antes; e começou a sério no século XIX, quando o estudo dos livros como objetos materiais levou ao crescimento da bibliografia analítica na Inglaterra. Mas o trabalho contemporâneo representa um desvio das correntes estabelecidas de estudos na área, cujas origens podem ser remontadas ao século XIX, passando pelos antigos números de *The Library* e *Börsenblatt für den Deutschen Buchhandel* ou pelas teses na *École des Chartes*. A nova corrente se desenvolveu nos anos 1960 na França, onde se enraizou em instituições como a *École Pratique des Hautes Études*, sendo divulgada em publicações como *L'apparition du livre* (1958), de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, e *Livre et société dans la France du XVIIIe siècle* (2 v., 1965 e 1970), de um grupo ligado à VI Section da *École Pratique des Hautes Études*. Os novos historiadores do livro inseriram o tema dentro do leque de assuntos estudados pela escola dos *Annales* de história sócio-econômica. Ao invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo. Compilaram estatísticas a partir de solicitações de privilêges (uma espécie de direito de publicação), analisaram o conteúdo de bibliotecas particulares e mapearam correntes ideológicas através de gêneros pouco lembrados, como a *bibliothèque bleue* (brochuras primitivas). Não se interessavam por livros raros e edições de luxo; pelo contrário, concentraram-se no tipo mais comum de livros, porque queriam descobrir a experiência literária dos leitores comuns. Colocaram fenômenos conhecidos como a Contra-Reforma e o Iluminismo sob um ângulo pouco conhecido, mostrando o quanto a cultura tradicional ultrapassava a cultura de vanguarda no consumo literário de toda a sociedade. Embora não apresentassem um conjunto sólido de conclusões, eles demonstraram a importância de levantar novas questões, de usar novos métodos e acrescentar novas fontes [...] A história dos livros ficou tão povoada de disciplinas auxiliares que já não é possível distinguir seus contornos gerais. Como o historiador do livro poderia negligenciar a história das bibliotecas, das edições, do papel, dos tipos e da leitura (DARNTON, 2009, p. 109-111).

Já Roger Chartier (1994) trabalha com uma premissa que poderia definir toda a sua abordagem: “Ler é sempre ler alguma coisa.” (CHARTIER, 1994, p.14). Ele afirma que a reconstrução histórica desse processo exige, inicialmente,

[...] considerar que as suas significações são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores (e editores). Estes últimos, de fato, não se defrontam jamais com textos abstratos, ideais e

desprendidos de toda a materialidade: manejam ou percebem objetos e formas cujas estruturas e modalidades governam a leitura (ou a escuta) procedendo à possível compreensão do texto lido ou ouvido (CHARTIER, 1994, p. 12-13).

Para Chartier, é preciso considerar a questão da materialidade da leitura, por ser ela uma prática “encarnada em gestos, em espaços, em hábitos.” (CHARTIER, 1994, p. 13). Longe de postular efeitos universais para o ato de ler, uma história da leitura “deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura.” (CHARTIER, 1994, p.13). Inclui-se aqui a questão das competências (a gradação entre alfabetizados e analfabetos), as convenções de leitura que definem os usos legítimos do livro, as maneiras de ler e a interpretação para cada comunidade de leitores (CHARTIER, 1994, p.13).

O *Imprensa Evangelica* publica vários textos bíblicos transcritos para doutrinar os seus leitores a respeito da salvação pela graça exarada na Bíblia:

Pela graça é que sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós: porque é um dom de Deos. — Eph. 2:8. PROVAS. Matt. 16:17; João 6:44; Rom. 3:20-24, e 11:6. Eph. 1:19. Phil. 1:29; 2Tim. 1:9; Tito 3:5-7 (IMPRESA EVANGELICA, 06 /05/ 1864, p. 7).

Oliveira (2013) enfatiza que a leitura faz o ser humano apto para interpretar, pensar livremente e verificar que os dogmas são imposições, algumas vezes cegas. Ele compreende que a visão do protestantismo no início é de abertura de mentalidade para reação contra o que estava posto.

Oliveira (2013) reforça, ainda, que o *Imprensa Evangelica* trazia artigos sobre a importância do ensino religioso e “questionava a maneira, não somente em relação à igreja com o Estado, mas a qualidade do ensino oferecido”. Segundo Oliveira a religião católica foi propalada no ensino primário por parte da Igreja Católica Apostólica Romana e o poder pensante dos jovens ficou neutralizado. O *Imprensa Evangelica*, na sua edição do dia 06 de maio de 1864, publica um artigo que clareia a leitura pela ótica protestante em meados do século XIX:

A maior parte de nossa mocidade [...] timbre de nada saber da religião. Dizem: Queremos seguir a religião de nossos pais e guardar as conveniências sociaes. Isto nos basta. Não queremos saber de nada que perturbe-nos a consciência e ainda menos cuidar delia. » E do povo ignorante e menos instruído quantos milhares ha que nada absolutamente sabem da religião, senão ó o Padre Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, as orações que dirigem a seus santos particulares padroeiros e talvez o Credo Apostólico e os Dez Mandamentos, e estes troncados e redivididos, como se

achão nas cartilhas em voga no ensino primário. Todos quantos quizerem podem verificai por si que nisto não ha exageração alguma, mesmo quanto á corte e as outras grandes cidades, que se julgao o centro das luzes da nação. Quanto ao interior sabemos por indagações pessoasas em varias partes, que ainda é pior, se tanto é possível. Em muitas partes é tal a ignorância e superstição, que o povo traz no corpo, como efticazes contra todo o mal, e como meios de alcançar o próprio céo, contos os mais ridículos e absurdos, que santeiros estrangeiros vendem por orações supra-sanías; havendo mesmo caso (com pezar o dizemos) em que parochos em suas igrejas têm benzido de uma vez centenares destas blasphemias zombadas da religião. O maior zelo religioso de alguns entre este pobre povo mostra-se em discutir qual imagem (do Senhor Bom Jesus, por exemplo), seja a mais milagrosa, a deste ou a daquelle lugar (IMPRESA EVANGELICA, 06/05/1864, p.1).

O que se pode observar neste artigo é que há uma cobrança por parte dos missionários protestantes para que haja uma educação religiosa efetiva, que ensinem a moral, a condição humana, saia dos dogmas da religião oficial que todos professam e deem lugar para o livre pensamento.

Oliveira (2013) atesta que “o Estado laico não deve manter ensino religioso, o mesmo deve sair do clero e voltar-se para a família” (p. 32). Segundo Oliveira “Não se trata de revolta contra o clero, mas de educação individual e não em massa”. Com isso o protestantismo fala a linguagem do liberalismo a que o governo defende. É uma tentativa de aliviar o governo, em vez de o governo sustentar o povo, o povo é que deve sustentar o governo. Assim, de acordo com o *Imprensa Evangelica*, na sua edição nº. 13, de 6 de maio de 1864, p. 2: “sob a e inspiração do ministro de Deus que o menino deve receber a educação e desenvolver as qualidades do coração”. Para os editores do *Imprensa* a educação religiosa ocorre no lar. Com isto os pais não podem abrir mão da responsabilidade da educação de seus filhos na moral e na religião, como se pode ler no próprio artigo do *Imprensa*:

Não ignora V. Ex. Revma. quando depende do exacto cumprimento dos deveres parochiues a satisfacão de tão importante necessidade; e que é principalmente no seio da familia, sob as inspirações do ministro de Deos, que o menino deve receber a educação e desenvolver as qualidades do coração. Não queremos dizer que o governo, com este, nem com todos os avisos que neste mesmo sentido possa referendar, terá desempenhado todo o seu dever. Resta sem duvida ainda muito a fazer de sua parte, e muito que merece a sua prompta attenção. Nem queremos inculcar que os actuaes prelados do imperio sejam os únicos responsáveis pelos males de que se queixam, ou que sejam competentes para fazer vigorar os meios remediaes indicados. (IMPRESA EVANGÉLICA, 06/05/ 1864, p. 2).

Dando a família o direito da educação religiosa, o protestantismo teria como entrar com a disseminação de seus princípios, uma vez que a educação se daria nos lares, em outros locais e na orientação do padre ou do pastor. O Estado não pode se isentar da

responsabilidade da educação e da boa ordem. Os pais e os ministros religiosos não podem ser culpados pela desordem moral da sociedade, devendo o Estado fazer sua parte em cooperação com a família (OLIVEIRA, 2013).

Na sua edição de 03 de março de 1866, o jornal *Imprensa Evangelica* critica a proteção da Igreja de Roma recebida pelo Império e faz a seguinte similaridade do episódio bíblico do profeta Elias com os profetas de Baal e Jezabel:

Ellias e os proplictas de Baal. Perto de nove séculos antes do nascimento de Nosso Senhor, Ellias começou a exercer o officio de propheta no reino de Israel. Orei de então era chamado Acab, e estava casado com Jezabel, uma princeza sidonia. Esta, querendo seguir a religião de seus pais, erigio sumptuosos templos a Baal (pois assim se chamava o idulo dos Sidonios) e conseguiu levar seu marido e a grande maioria da nação a apostatar do culto do Deos verdadeiro. O zelo do rei 3 de sua infame rainha foi levado a ponto de matar desapiadadamente todos os prophetas do Senhor. Os verdadeiros servos de Deos celebravão seu culto ás escondidas nas cavernas dos montes, como ainda se faz onde a idolatria pievalece, e alei civil não garante a liberdade da consciência. Porém Deos nunca aband o n a de todo a sua Igreja. Nunca houve apostasia tão universal que não apparecesse alguém, liara ao menos protestar contra a idolatria reinante, e dar testemunho da fé primitiva e pura. Ellias era um grande Reformador, tão cheio de zelo, e de fé em Deos, que, comquanto todos os mais se curvassem diante de Baal, elle não o faria por pretexto algum. Por aviso do Senhor, Ellias um dia apresentou-se ao rei, e, com uma coragem que hoje em dia rarissimas vezes caracteriza aos intitulados ungidos do Senhor, disse ao rei: « Quem perturba a Israel, és tu e a casa de teu pai, por terdes deixado os mandamentos do Senhor, e por terdes seguido a Baal. Mas não obstante, manda agora, e faze ajuntar todo o povo de Israel no Monte Carmelo, e os 450 prophetas de Baal, e os 400 prophetas dos Bosques, que comem á mesa de Jezabel. » Acab fez a vontade de Ellias; convocou uma assembléa extraordinária sobre o Monte Carmelo, a que assistirao os prophetas idolatras e grande numero do povo. Foi uma conferência religiosa para determinar a quem convinha dar culto, se a Jehovah, ou se a Baal. Tomando a palavra, Ellias disse: « Até quando claudicareis vós para duas partes. Se o Senhor é o Deos, segui-o; se porém o é Baal, segui-o », palavras essas que devem ficar gravadas em toda a consciência. Se o Senhor é o Deos verdadeiro, é misteu adorarmos e servirmos a Elle só. A fim de decidir esta simples questão de facto, Ellias pediu aos prophetas falsos, que edificassem um altar a Baal, pondo nelle em ordem o sacrificio do costume, promettendo de sua parte edificar outro aliar a Jehovah. Assim se fez, e dentro em breve os dous altares se achavão prompts. Ao pé do altar do Senhor ficava só Ellias. E' razoável crer que moita gente entre o povo ainda tivesse a convicção de que Jehovah era o Deos verdadeiro, mas, como hoje succede, curvar-se á decisão da maioria da nação e dos poderes civis e ecclesiasticos Ninguém ousou declarar-se por Ellias. Ao redor do altar de Baal se achavão agrupados centenaresde prophetas falsos. Por aqui vê-se que em matéria da fé a verdade nem sempre está do lado das autoridades nem da religião do estado. Ficou convencionado entre Ellias e os prophetas de Baal, que estes primeiro invocariam a seu deos a mandar fogo para consumir o sacrificio sobre o seu altar, e depois Ellias invocaria a Jehovah no mesmo intuito. O Deos que respondesse com fogo, deveria ser tido por verdadeiro. Em conformidade desta vonvenção,

começou a invocação de Baal. Os seus sacerdotes gritarão, dançando em torno do seu altar: Baal ouve-nos, Baal ouve-nos. É desnecessário dizer que Baal não lhes respondeu nem mandou o fogo. Vendo este espectáculo triste o qual durou desde manhã; até ao meio-dia, Ellias afinal, começou a zombar de sua cegueira, dizendo-lhes: Gritai mais alto, porque o vosso deos, ou está talvez fallando a alguém, ou está em alguma estalagem, ou no caminho, ou talvez dorme, e necessita que o acordem. • Estimulados pelo mordaz escarneo de Elias, elles redobrarão o seu ardor, dansando com mais ímpeto, ferindo-se com canivetes até se cobrirem de sangue, e repetindo o monótono e horrível grito: « Raal, ourenos, Baal, ouve-nos. Chegado o tempo em que era costume offereer-se o sacrifício no templo em Jerusalém, Ellias chamou o povo, fez abrir um regueiro em roda do altar de Deos, e enchê-lo de agua. Também fez derramar agua sobre a lenha e a victima no altar. Então orou assim: « Senhor, Deos de Abrahão, de Isaac e de Jacob, mostra hoje que tu és o Deos e que eu sou teu servo, e que por tua ordem eu fiz todas estas cousas. Desceu logo o fogo do Senhor, e consumio o sacrifício, Lambendo o mesmo pó e agua que estava no regueiro. O povo inteiro prostrou-se em terra, e disse: Jehovah é o Deos, Jehovah é o Deos. Na estampa vemos o que se passou neste momento. Ellias está orando, o povo prostrado em terra, e á pouca distancia vê-se o altar de Baal e seus prophetas fulminados pelo anathema divino. Quando já era tarde, reconhecerão a loucura e impiedade da sua" apostasia. A voz do sangue dos justos, mortos ás suas mãos, clamava a Deos desde muito tempo, e Ellias estava incumbido de executar o decreto divino a seu respeito. O povo, que elles seduzirão e enganarão, nao deixou escapar a nenhum delles. Todos forão agarrados e mortos. Se a sentença de Deos foi terrível, não o foi menos o crime vingado. Deos é zeloso pela sua honra, e nunca consentirá que se tribute a outrem o culto que é devido todo inteiro a Elle só. Esta historia é narrada no cap. XVIII do terceiro livro dos reis na versão de Figueiredo, ou cap. XVIII do primeiro livro dos reis, segundo a versão de Almeida (IMPRESA EVANGELICA, 03/03/1866, p. 37-38, grifo nosso).

O editor usa a história do episódio do profeta Elias com os profetas de Baal, para expressar que a religião que recebia proteção do governo de Acabe e Jezabel era falsa. A mentira estava tanto no governo de Acabe, como na religião dos Baalins. A verdade, no entanto, estava no profeta Elias, o qual, por afrontar a mentira de Baal e seus profetas, é duramente perseguido por Jezabel, a esposa do rei Acabe. Com isto, a matéria do *Imprensa Evangelica* usa o episódio para questionar a verdade imposta pelo Estado e a Igreja oficial do Estado, no caso do Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana. De acordo com a *Imprensa Evangelica* de:

Esta historia é narrada no cap. XVIII do terceiro livro dos reis na versão de Figueiredo, ou cap. XVIII do primeiro livro dos reis, segundo a versão de Almeida (IMPRESA EVANGELICA, 03/03/1866, p. 38).

O modelo de educação oferecido pelo catolicismo era insatisfatório de acordo com as informações levantadas na publicação do jornal *Imprensa Evangelica* em 1867, conforme se observa:

É preciso estudar o modo porque se educa a mocidade. A vida interior de nossas famílias, as escolas de primeiras e segundas letras e; sobretudo o ensino e as impressões que, as mulheres e crianças bebem nas cartilhas e no culto da igreja e no interrogatório do confessorário, estas são as nascentes da vida íntima do povo. Sem que a mulher, o clero e os professores públicos compreenda a índole do governo e sinceramente adoctem os princípios liberaes em que a constituição assenta, os oradores das câmaras legislativas pregam no deserto. Faz gosto ouvil-os declamar. Sabem como tudo sé faz na Inglaterra, na Allemanha, na França e nos Estados-Unidos. Porém parecem ignorar que o fomecimento do material, a criação e educação dos cidadãos está entregue ás classes menos instruídas e mais fanáticas do paiz. As ordens religiosas e monásticas, os bispos e clero ultramontanos, junto com os professores públicos e as mulheres que lhes obedecem cegamente ó ensinam por suas cartilhas, essas são ás classes incumbidas de fornecer o material para o edificio de nossas liberdades. Fazem tijolos nos antigos moldes com tão pouca consistência, firmeza e independência de caracter, que delles não se faz um templo de liberdade. Falta a nosso povo iniciativa individual; pois na sua educação tudo é rotina. Os educadores do povo têm receio de estimular e desenvolver a intelligencia de seus alunos. As perguntas indiscretas merecem uma reprehensão tão severa que não se repetem. Em materia de religião tudo é dogma, E' de rigorosa necessidade, ou pensar como os outros pensam, ou deixar de pensar, ou finalmente pensar de um modo, e por condescendência obrar de outro (IMPRESA EVANGELICA, 16/02/ 1867, p. 26).

A educação é um tema amplamente tratado pelos missionários americanos no *Imprensa* e colocada com diferentes significados e sentidos. Durante os 28 anos de circulação do jornal *Imprensa Evangelica*, verificamos 361 inserções em 531 publicações do jornal, o qual atingia uma tiragem de 450 exemplares a cada quinzena, sempre sendo publicados aos sábados.

O reformador Martinho Lutero,¹²⁴ fez a seguinte afirmação: “[...] ainda que não existisse alma, nem inferno, nem céu, seria preciso ter escolas para satisfazer nossas necessidades como habitantes deste mundo [...]” (GARRIDO, 2006, p. 1).

Para os missionários americanos e editores do jornal *Imprensa Evangelica* a educação era vista como um dos principais meios de se implantar o Protestantismo no Brasil. Encontramos nos anais da história que desde a chegada dos primeiros missionários protestantes europeus e americanos, houve um grande esforço em incentivar a alfabetização dos brasileiros e a modernização da educação do Brasil. De acordo com Thomas (2005):

¹²⁴ **Martinho Lutero** nasceu em 1483 em Eisleben, formou-se em estudos bíblicos na Universidade de Wittenberg. Foi professor, pregador e publicou noventa e cinco teses teológicas em protesto contra a venda de indulgências pela Igreja Católica. Em 1521 foi excomungado da Igreja por ordem do papa Leão X. Lutero reafirmou suas convicções na Dieta (reunião parlamentar) de Worms, de onde saiu como proscrito. Suas teorias tiveram apoio e repúdio de acordo com as circunstâncias. Morreu em

A busca do letramento tem muitas vezes uma função religiosa desvinculada dos ideais de progresso econômico ou cultural [...] O princípio por trás disso era o ideal Luterano de que todos tinham de ser capazes de ler a Palavra de Deus por si mesmos. Ele pode ter tido outros efeitos colaterais, mas as metas e consequências imediatas eram religiosas (e Protestantes) (THOMAS, 2005, p. 30).

Para o Rev. Simonton o incentivar a leitura e a escrita tinha sim uma relação muito grande ao progresso e a propagação do protestantismo. Ele e os demais missionários protestantes americanos e europeus acreditavam que a educação era fundamental para expansão e a inserção do protestantismo no Brasil. Simonton registrou em seu Diário esse pensamento:

Outro meio indispensável pra assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil é a educação [...]. Em outros países, é reconhecida a superioridade intelectual e moral da população que procura as igrejas evangélicas: o Evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer os maiores esforços para avantajá-lo nas sendas do progresso (SIMONTON, 2002, p. 184).

De acordo com a Roseli de Almeida Massotti (2007) em sua dissertação, as escolas se reuniam nas igrejas e começaram a se transformar em classes de alfabetização, mudando o perfil dos frequentadores da igreja: as camadas populares se juntavam à classe média baixa que já fazia parte do corpo de membros. Conseqüentemente, o melhor modo de ter bons cristãos é modificar o meio em que vive através de investimentos humanos, financeiros e culturais. Esse suporte foi fundamental à questão educacional. Tal crença afirma a ideia da ótica protestante valorizando a educação como meio de transformação acreditando que essa “[...] acabaria por transformar a sociedade para melhor e inseri-la no corpus christianum” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 32).

Para Garrido (2006) a implantação de um sistema educacional protestante era a melhor forma de evangelizar: Segundo ele,

[...] a implantação de um sistema educacional protestante era a melhor forma de evangelizar [...] eles irão passar os seus valores, dogmas e conceitos de sociedade tendo como consequência à formação de pessoas aptas e predispostas a aceitarem a doutrina pregada por esses missionários reformistas (GARRIDO, 2006, p. 3).

Garrison (1986), pesquisando a influência do protestantismo na educação, afirma que “todo o verdadeiro protestante, pensa que o ensino primário é a chave mestra do edifício social desde que o povo educado será dócil e melhor” (p.177).

Os editores do jornal *Imprensa Evangelica* lutam para que se tenha uma educação religiosa efetiva, que ensinem a moral, a condição humana, saia dos dogmas do catolicismo que era a religião professada no Brasil Império e abram-se espaços para o livre pensamento. A particularização das responsabilidades, o cumprimento dos deveres.

De acordo com o editor do *Imprensa Evangelica*, o Estado laico não deve manter ensino religioso. Defende que o ensino deve sair das mãos do clero e voltar-se para a família. Com isso o protestantismo fala a linguagem do liberalismo a que o governo defende. É uma tentativa de aliviar o governo, em vez de o governo sustentar o povo, o povo é que deve sustentar o governo. Assim, a educação religiosa do “menino” deve ocorrer no seio da família para que ele desenvolva “as qualidades do coração”. Os pais não podem negligenciar da responsabilidade de educar os seus filhos na moral e na religião, como destaca o periódico:

Nao ignora V. Ex. Revma. quando depende do exacto cumprimento dos deveres parochiues a satisfação de tão importante necessidade; e que é principalmente no seio da familia, sob as inspirações do ministro de Deos, que o menino deve receber a educação e desenvolver as qualidades do coração. Não queremos dizer que o governo, com este, nem com todos os avisos que neste mesmo sentido possa referendar, terá desempenhado todo o seu dever. Resta sem duvida ainda muito a fazer de sua parte, e muito que merece a sua prompta attenção. Nem queremos inculcar que os actuaes prelados do imperio sejam os únicos responsáveis pelos males de que se queixam, ou que sejam competentes para fazer vigorar os meios remediaes indicados (IMPRESA EVANGELICA, 06/05/ 1864, p. 02).

Os protestantes desde a sua origem rejeitaram qualquer mediação da Igreja Católica Romana, até mesmo por meio dos sacramentos. A única autoridade reconhecida pela fé protestante reformada é a Palavra de Deus, constante das Sagradas Escrituras (Sola Scriptura). A Palavra de Deus age por seu contato pessoal mediante a ação do Espírito Santo, engendrando a fé, e com ela a salvação. Daí a importância dada pelas igrejas reformadas à pregação da palavra de Deus, à tradução da Bíblia para as línguas vernáculas, à interpretação pessoal ou ao livre exame dos textos bíblicos.

Usando a leitura da Bíblia como base, o *Imprensa Evangelica* instiga os seus leitores a refletirem sobre a educação para todas as pessoas, independentemente de sua classe social. O uso da Bíblia e do Catecismo sugere a inculcação de valores morais, éticos e religiosos que deveriam nortear a prática educacional das famílias.

Tomei desde então nas mãos o livro da palavra de Deus, e, com um coração desejoso de promover com ella a felicidade dos meus semelhantes, disse comigo mesmo: Quero ver se com effeito este livro oferece remédio a todas as nossas enfermidades, sem fazer excepção alguma de pessoas; quero ver se

ha com effeito no mundo um livro, que seja em tudo próprio e perfeito para fazer a educação de todos os homens, seja elle o mais pobre ou o mais rico, seja o primeiro ou o ultimo na ordem social (IMPRESA EVANGELICA, 15/06/1867, p. 93).

O principal alvo do periódico era formar uma base doutrinária para a instrução no culto doméstico publicando “apenas artigos que estivessem ligados direta ou indiretamente à religião” (Santos, 2009, p. 99). Essa é a razão porque o *Imprensa Evangelica* foi muito útil na difusão da fé presbiteriana e no crescimento das igrejas mais distantes. As famílias e as igrejas se reuniam em torno da leitura desse jornal suprimindo a constante falta de pastores para as recém-implantadas igrejas locais, edificando, instruindo e estimulando a fé de muitos. “Sabe-se que pelo menos a igreja de Ubatuba nasceu como resultado direto de sua leitura antes da chegada dos primeiros pregadores” (Matos, 2007, p. 46).

Para os editores do *Imprensa Evangelica* a administração dos bens pessoais estava sujeita a boa ordem. Aqueles que não tinham recursos próprios para suprir suas necessidades, corriam riscos de furtar os outros. O furto era visto também como atraso nos pagamentos e dívidas não honradas. De com a Imprensa:

O emprego de uma boa parte de nossos bens em promover a gloria de Deus e o bem temporal e espiritual de nossos semelhantes; o dinheiro assim empregado é dado a juro ao Senhor. Provérbios XIX, VI. Como poderemos contribuir para o melhoramento da sorte e da fortuna de nosso próximo? Não só abstendo-nos do emprego de meios illicitos para lucrar á sua custa, mas também favorecendo-o por meios directos, consultando seus interesses, e suprimindo suas necessidades; e tudo isto de muitos modos. Devemos concorrer pura que se façam e executem leis justas, sábias e próprias para promover o bem publico. O gozo do direito de propriedade - depende de um governo justo e estável, da sábia administração das leis, e da moral pública. Devemos promover o espirito de associação em opposição ao espirito de egoismo que só olha o interesse próprio. A prosperidade dá sociedade depende de associações de industria de qualquer estabelecimento desta natureza vale a felicidade de muitas famílias (IMPRESA EVANGELICA, 20/10/1866, p. 159).

O *Imprensa Evangelica* trata do assunto do ensino religioso de tal forma que questiona, não somente a relação da Igreja Católica com o Estado, mas a qualidade do ensino oferecido pelo Império. A religião católica propagou no ensino a sua ideologia. O editor do *IE* aponta que os jovens estavam alienados quanto à religião:

A maior parte de nossa mocidade [...] timbre de nada saber da religião. Dizem: Queremos seguir a religião de nossos pais e garantir as conveniências sociaes. Isto nos basta. Não queremos saber de nada que perturbe-nos a consciência e ainda menos cuidar delia. » E do povo ignorante e menos instruído quantos milhares ha que nada absolutamente

sabem da religião, senão ó o Padre Nosso, Ave-Maria, Salve-Rainha, as orações que dirigem a seus santos particulares padroeiros e talvez o Credo Apostólico e os Dez Mandamentos, e estes troncados e redivididos, como se achão nas cartilhas em voga no ensino primário. Todos quantos quizerem podem verificai' por si que nisto não ha exageração alguma, mesmo quanto á corte e as outras grandes cidades, que se julga o centro das luzes da nação. Quanto ao interior sabemos por indagações pessoas em varias partes, que ainda é pior, se tanto é possível. Em muitas partes é tal a ignorância e superstição, que o povo traz no corpo, como efticazes contra todo o mal, e como meios de alcançar o próprio céo, contos os mais ridículos e absurdos, que santeiros estrangeiros vendem por orações supra-sanías; havendo mesmo caso (com pezar o dizemos) em que parochos em suas igrejas têm benzido de uma vez centenares destas blasphemias zombadas da religião. O maior zelo religioso de alguns entre este pobre povo mostra-se em discutir qual imagem (do Senhor Bom Jesus, por exemplo), seja a mais milagrosa, a deste ou a daquelle lugar (IMPRESA EVANGELICA, 06/05/ 1864, p. 01).

Quando o protestantismo foi implantado no Brasil as escolas protestantes se reuniam nas igrejas, que era uma estratégia dos missionários para ensinar as primeiras letras ao povo iletrado, ou seja, a leitura da Bíblia. Desta forma, as escolas protestantes começaram a se transformar em classes de alfabetização, mudando o perfil dos frequentadores da igreja: as camadas mais pobres da população se juntavam à classe média baixa que já fazia parte da membresia da igreja.

Já no Brasil do século XXI, a educação é um direito do cidadão e um dever do Estado conforme o artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Título VIII. Da Ordem Social. Capítulo III. Da Educação, da Cultura e do Desporto:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Porém esta não era a realidade dos cidadãos do Brasil Império em meados do século XIX. Esta questão foi apresentada no *Imprensa Evangelica* em 1867. Eram educados somente os meninos filhos dos nobres e o clero.

O jornal *Imprensa Evangelica* fez pesadas críticas ao sistema educacional brasileiro. Na edição de 2 de julho de 1870, discutia os números relativos à educação apresentados por um Ministro do Império à Assembleia Geral, que afirmava haverem apenas 3.962 estabelecimentos de instrução primária e secundária, para um número de 126.846 indivíduos, enquanto que nos Estados Unidos havia duzentas mil escolas para sete milhões de alunos, com instrução de alto nível. O periódico disparou:

No Brasil existe um estabelecimento de instrução publica por 2,019 habitantes, ao passo que nos Estado Unidos cada escola publica está na razão de 184 habitantes. O paralelo que parece ter estado na intenção de S. Ex. não abona muito os nossos esforços a bem do ensino publico (IMPRESA EVANGELICA, 02/07/ 1870, p. 111).

5.5. A Educação Moral

A educação moral era preconizada pelos missionários como educação para a vida social, um ethos que acompanhava a vida dos convertidos em seus aspectos pessoais e dignitários de ser humano. A educação moral preparava o ser humano para a vida. A conduta moral, o respeito por si e pelo próximo são imprescindíveis. É colocado dentre outras exigências para a educação moral, a questão do descanso. A igreja precisava evangelizar as pessoas e isso só poderia acontecer se houvesse no domingo um tempo de descanso e de busca de sabedoria espiritual, assim a guarda de um dia de descanso era tida como base doutrinária. Ele era necessário para o descanso do corpo e o alimento da alma:

A sabedoria divina, que tudo previne, ha 33 seculos, determinou que uma sétima parte do tempo devia ser reservada para o descanso do corpo e o alimento da alma. Pelo consenso unanime dos christãos o domingo" é o dia de descanso que se deve guardar. Mas, por falta de leis e costumes que dera força e vigor ao preceito divino, o domingo é profanado em toda a parte, e as classes que mais necessitam de ensino religioso são condemnadas a permanecerem sempre na sua ignorância (IMPRESA EVANGELICA, 17/08/1867, p. 122).

Os missionários deram continuidade à tradição cristã com respeito a guarda do domingo. Esta tradição historicamente fundamentada no sábado judaico, o qual deu origem ao cristianismo, é que se prestava culto a Deus, tendo o cristão um tempo de descanso físico para o trabalho espiritual, ou da igreja. Tanto a Igreja Protestante quanto a Igreja Católica se firmaram no mesmo dia de guarda, ou seja, o domingo, Dia do Senhor.

5.6. O Ensino Para As Mulheres

A educação para as mulheres adquiriu espaço na educação e letramento com a inserção do pensamento protestante em meados do século XIX. O editor do *Imprensa Evangelica* afirma que sendo a mulher ainda coadjuvante, não poderia ser privada da educação. Segundo o editor:

A educação da mulher e a sua elevação á posição social que lhe compete. A reclusão imposta as mulheres como preceito de moral argúe ignorancia das leis da natureza. Nenhuma sociedade há de se moralizar sem que a coadjuve por sua presença e exemplo. Se ella não tiver forças para isso, o único remedio será uma educação moral e religiosa que lhe dê essas forças (IMPRESA EVANGELICA, 15/09/1866, p. 140).

Esta educação para as mulheres foi conferida aos colégios particulares e, no Brasil, segundo Almeida (1998) era vista com desconfiança pelas famílias, pela sociedade e pelo Império. Conquanto estas moças viessem das classes privilegiadas tinham pouco acesso à leitura, tinham um conhecimento diminuto de história ou geografia, pouco conhecimento de literatura e cálculo. Segundo os costumes da sociedade oitocentista aplicavam-se mais à aprendizagem de uma língua, como o francês, restringindo-se na vida doméstica, esperando o casamento, que deveria ser sua suprema aspiração e para o qual eram preparadas por toda vida.

Nesse ponto de vista, vemos no artigo do *Imprensa Evangelica* (1880), que o editor se surpreendeu ao relatar o “avanço” das mulheres nos Estados Unidos, quanto à sua participação efetiva e não auxiliar na sociedade americana. De acordo com o editor:

Votação de mulheres nos Estados-Unidos – Desde 12 de Outubro deste anno principiou a vigorar no Estado de New York nos Estados-Unidos, uma nova lei que dá as mulheres o direito de votar nas eleições dos districtos escolares. Votam, portanto sobre os directores das escolas publicas, sobre o notario, o collector de impostos e sobre questões de taxas e quaesquer outras questões que podem ser legalmente tratadas nestas reuniões. Tem direito de votar toda a mulher filha do paiz, ou naturalizada, ou que desde de 12 de outubro de 1874 tenha declarado sua intenção de tornar-se cidadã, que seja mãe ou tutora de uma criança que durante o anno precedente á eleição tem assistido nas escolas publicas por oito semanas ou mais, e tambem a que aluga propriedades no districto e paga imposto; a que possui bens no valor de 100\$000, quer seja roupa, mobilia ou qualquer cousa que não seja necessario para o uso diario; e a que possui acções de bancos ou estradas de ferro, letras ou hypothecas no valor de 100\$000 ou mais. A lei de votação foi modificada desta maneira a pedido do governador do estado por immensa maioria na assembléa, e será mui interessante notar os resultados de uma reforma tão radical. Dá-se o voto ás mulheres em questões de escolas e taxa porque julgam que nestas cousas ellas têm tanto interesse como os homens. Mas se for provado que as mulheres têm igual interesse em tudo que diz respeito ao bem estar do seu paiz, então o que farão? (IMPRESA EVANGELICA, 04/09/1880, p. 349).

Na edição do jornal *Imprensa Evangelica* (1880), lê-se, outra consideração acerca da educação das mulheres, sobre o título: “A mulher e a religião”:

E’ evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da família e consequentemente da sociedade. A Ella é que está affecta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanática ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e pessima será a sociedade em que influirem elles (IMPRESA EVANGELICA, 04/09/ 1880, p. 276).

E o artigo finaliza da seguinte maneira:

A mulher de hoje também estuda, também pensa, sabendo conhecer o que é útil e o que é mau para a família. Ella também quer o progresso, também quer o engrandecimento da humanidade, pela realização das idéias modernas (IMPRESA EVANGELICA, 04/09/1880, p. 276).

Figura 13 - Prédio do Mackenzie - 1890



Fonte: <http://up.mackenzie.br/a-universidade/historia/>

5.7. A Criação das Escolas Americanas

Lê-se no *Imprensa Evangelica* de julho de 1870 a necessidade e a importância que os missionários americanos davam à educação, tanto religiosa quanto a secular:

Necessidade da educação religiosa. Lê-se na Opinião Conservadora de S. Paulo: « A religião é o elemento mais fecundo para a grandeza das nações; sem religião não ha liberdade, não pôde havei-a. « A verdade só se encontra no Evangelho, e é por Ella que se ennobrecem os homens o so tornam legitimamente livres: abra-se-o, pois e explique-se as idéas ahi santamente consagradas. Necessidade da educação religiosa. Lê-se na Opinião Conservadora de S. Paulo: « A religião é o elemento mais fecundo para a grandeza das nações; sem religião não ha liberdade, não pôde havei-a. « A verdade só se encontra no Evangelho, e é por « D'esde que uma nação, diz um sábio pensador, nao toma por base da educação publica a religiãt. Que adoptou, prepara para si um máo futuro» (IMPRESA EVANGELICA, 02/07/1870, p. 111, grifo do editor).

No ano de 1870, fundou-se, em São Paulo, a primeira Escola Americana no Brasil, antecessora do Mackenzie College, atual Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi Miss Mary Chamberlain quem recebeu em sua sala de jantar as meninas e os meninos que sofriam constrangimento nas escolas por causa da convicção religiosa para os educarem, foi ela quem cuidou para que estes alunos se inserissem no ideal de progresso da missão Presbiteriana no país, mas é o Rev. George Chamberlain quem leva o nome de fundador da Escola Americana.

No discurso inaugural do prédio da Rua da Consolação, em expansão da Escola Americana, Chamberlain diz:

[...] desde que uma senhora americana recebeu na escola, por uma hora cada dia, umas poucas meninas brasileiras ensinando-as a ler e lendo a elas as palavras do mestre vindo de Deus [...] a Escola Americana estava em gérmen naquele pequeno ajuntamento de meninas por uma hora diariamente. (GARCEZ, 1970, p. 55).

O Mackenzie College começou como vimos acima por um trabalho desenvolvido por Miss Mary Chamberlain, a esposa do Rev. Chamberlain, a quem ele mesmo engrandece como destaca Garcez (1970). As primeiras aulas foram ministradas em sua residência: Rua Visconde de Congonhas do Campo, nº 1. Não havia distinção de cor ou raça, a educação era mista, meninas e meninos, também não haveria diferença de religião, não haveria propaganda religiosa, embora o ensino fosse apoiado na moral cristã. Foram adotados métodos pedagógicos modernos, segundo o modelo americano: método intuitivo e estudo silencioso, em vez da decoração excessiva e do estudo em voz alta.

De acordo com a pesquisadora Jamilly da Cunha Nicacio (2011):

O método intuitivo foi bem aceito e difundido por ser considerado, entre os educadores, como o mais adequado à educação das classes populares. Suas raízes históricas vinculam-se ao declínio do ensino escolástico e à ascensão dos preceitos da pedagogia moderna, ligados ao modelo norte-americano de alfabetização. Em contraposição ao ensino livresco, o ensino intuitivo defende que toda forma de aprendizagem deve começar pela educação dos sentidos (NICACIO, 2011, p. 77).

Figura 14 - Residência dos Chamberlain. Local onde se iniciaram as atividades da Escola Americana



Fonte: Arquivo Mackenzie

As professoras que trabalharam na educação, tanto as norte-americanas como as brasileiras que se converteram ao protestantismo, além da educação dos meninos e meninas, empenharam e se dedicaram na formação de novos quadros profissionais que pudessem dar continuidade ao seu trabalho em esfera local. Para esse fim, dedicaram na criação de escolas que pudessem não só educar meninos e meninas, como formar educadores e educadoras para o ensino primário, que no final do século XIX passava por tentativas de implantação e reforma em São Paulo.

As escolas americanas contavam com a inclusão de várias disciplinas em seu currículo, como educação física, ciências, que eram também sinônimos de modernização do sistema educacional e que, posteriormente, influenciaram as renovações curriculares do final do século XIX.

Para a pesquisadora Jamilly da Cunha Nicácio (2011) a escola era vista com salvadora do país e “um instrumento de modernização”:

No Brasil, no final do século XIX, a escola foi elevada à condição de redentora da nação e de instrumento de modernização por excelência. O novo modelo, baseado no método intuitivo, agradava Rui Barbosa que buscou neste, inspiração para suas reformas no ensino. O método intuitivo, conhecido como lições de coisa, consistiu no núcleo principal da renovação pedagógica, na qual o ensino deveria partir do particular para o geral, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato (NICÁCIO, 2011, p. 63).

De acordo com Nicácio (2011) em pouco tempo a sala de jantar da casa da missionária Miss Mary Chamberlain, já não conseguia abrigar o grande número de alunos e fez-se necessário encontrar um espaço maior para receber tantos alunos que para lá fluíam. Em 1870, a Junta de Missões passou a enviar dinheiro para ajudar a manter a escola que até então funcionava com os proventos do casal, dando autorização para que esta se estabelecesse num local maior. A escola mudou-se para uma casa de cultos e, em 1871, começaram a chegar mais professores para ajudar nas aulas.

O jornal *Imprensa Evangelica* de 10 de junho de 1880, noticia a festa de instrução da Escola Americana. Observa-se que o artigo aponta ao falar das “riquezas intellectuaes” das alunas: “as prendas domesticas:”

A Escola americana desta cidade fez, no dia 10 do corrente, a sua festa de instrução. Diante de luzido auditorio prestaram exame os seus alumnos e alumnas apresentando estas, a par de suas riquezas intellectuaes, o trabalho das mãos as prendas domesticas. Os exames foram relativamente bons.

Abrilantaram o acto as professoras e alumnas do collegio Morton, estabelecido á rua da Boa Morte. Em intervallos foram executadas lindas peças de musica pelas alumnas, distinguindo-se a execução de um trecho da afamada opera de nosso patricio Carlos Gomes, O Guarany (IMPRESA EVANGÉLICA, 10/06/1880, p. 178).

O referido artigo reafirma a importância e o valor do trabalho feminino na educação em meados do século XIX, num período em que as mulheres eram consideradas valorosas, ao apresentarem trabalhos ligados ao lar e à sensibilidade feminina. A “riqueza intellectual” de uma menina estaria ligada ao trabalho manual, ao desempenho musical e a um comportamento feminino, percebido no discurso do jornal, quando pensamos nos termos usados pelo autor: “riquezas, prendas, lindas peças de música”.

Nesta mesma edição do *Imprensa Evangelica*, os editores do periódico descrevem os cursos que eram oferecidos pela Escola Americana, dez anos após o início de suas atividades e os seus custos. A Escola Americana era dirigida pelo casal Reverendo George Whitehill Chamberlain e sua esposa Mary Ann Annesley Chamberlain. Miss Mary Chamberlain recebia por uma hora por dia as alunas em sua casa. Em 10 anos de funcionamento, a escola já contava com três departamentos distintos, que atendiam à demanda escolar de um grupo variado de alunos, desde o jardim da infância, passando pela escola primária e atendendo, especificamente, as meninas, num internato onde estas poderiam assistir às aulas e, ainda, obter instruções sobre o trabalho com a agulha e “tudo quanto diz respeito á boa direcção de uma casa de família”:

Escola Americana. Esta escola que funciona á rua de São João n° 60 (esquina da rua Ypiranga) consiste de tres departamentos, á saber: O Kinder-Garden ou Jardim das Crianças Sob a direcção de uma senhora americana, que estudou o systema em uma das melhores escolas deste genero nos Estados-Unidos, ajudada por duas moças, uma americana e outra brasileira. Escola Primaria Cujo curso tambem é de tres annos, e inclue Francez, Inglez, Allemão e Latim. Geographia, Historia Patria, Historia Universal, Filosofia mental e Physica. Arithmetica e noções de escripturação Mercantil, Álgebra, Geometria, Desenho e Musica. Havera tambem exercicios em composição e declamação. A escola está organizada sob o mesmo plano que as escolas publicas de Nova-York, e o curso de estudos de cada anno, tanto quanto permitem as diversas circumstancias dos dous paizes, é o mesmo. No fim de cada semestre ha exames oraes e por escripto, segundo o gráu de adiantamento que mostrarem, os discipulos passarão para classe superior ou permanecerão na mesma classe para cursarem por mais seis mezes os mesmos estudos. Ha tambem annexo á escola um Internato para Meninas. O director recebe em sua familia um numero limitado de meninas, que assistirem ás aulas da Escola Americana, e fora das aulas têm horas marcadas para os trabalhos de agulha e para o ensino pratico de tudo quanto diz respeito á boa direcção de uma casa de familia. Ainda ha logar para quatro meninas no internato. Condições de Admissão Jardim das crianças,

por trimestre ---- 15\$000 Escola primaria >> ---- 15\$000 Escola Secundaria
>> ---- 30\$008 Musica Instrumental >> ---- 25\$000 Pensionistas, por
semestre ---- 300\$000 Jóia de entrada dos pensionistas ---- 500\$000
Pagamento adiantado (IMPRESA EVANGELICA, 10/06/ 1880, p. 183,
grifo nosso).

Os princípios que deveriam nortear as ações didáticas e pedagógicas da Escola Americana são derivados do pragmatismo norte-americano.

Ribeiro (1981) destaca um anúncio de página inteira no *Imprensa Evangelica* de 1886, assinado pelo então diretor Horace Lane, publicado na última página do periódico onde se “reafirma a vitalidade da visão pedagógica” e da vida da “Eschola até 4 de julho de 1885”, ou seja, após 15 anos de existência. O anúncio foi:

ESCOLA AMERICANA (INSTITUTO DE S. PAULO) FUNDADO EM
1870

CONDIÇÕES HYGIENICAS

Colocado no planalto mais saudável do Império e possuindo edifícios próprios, construídos especialmente para INTERNATOS E AULAS, e arranjados segundo as regras da moderna ciência sanitária, este estabelecimento oferece para a saúde dos alunos garantias que não se acham no litoral. Compreende-se este estabelecimento de instrução primária, secundária e superior, dois internatos e um externato, a saber: INTERNATO PARA MENINOS – Rua de D. Maria Antonia, Consolação (um dos arrabaldes mais aprazíveis da cidade acerca de um quilometro do Externato). INTERNATO PARA MENINAS – Rua de São João, Esquina da do (sic) Ipiranga. EXTERNATO MISTO – Rua de São João, Esquina da do (sic) Ipiranga. O CORPO DOCENTE é composto de dez professores hábeis e experimentados. As aulas são mistas e tem lugar no Externato, onde se reúnem os alunos de ambos os Internatos e Externatos. Nesta co-educação dos sexos temos o apoio dos homens que mais estremeceem pela educação da mocidade. Um cavalheiro eminente exprime-se a este respeito do modo seguinte: “A convicção que tenho de que as escolas de ambos os sexos são, de muito, preferíveis às de um só sexo, funda-se em longo estudo e observação conscienciosa da matéria, e é tão profunda que eu não auxiliarei nem pecuniária nem moralmente às que forem para um só sexo... Aqueles cuja educação depender de mim, nunca hão de ir para escolas onde não se admitem ambos os sexos... Minha convicção a respeito funda-se em observações tão copiosas que eu não a discuto mais”. O ENSINO MORAL E RELIGIOSO continua a ser francamente Evangélico. As Escrituras Sagradas tem o lugar de honra como fonte pura da verdade, e os dez mandamentos da Lei de Deus, são a norma do ensino moral. O ESTUDO DA FILOSOFIA, necessário à conservação da saúde, ao desenvolvimento físico e à formação de costumes puros é obrigatório para todos os alunos. O CURSO DE ESTUDO compreende todos os preparatórios exigidos para matricula nas academias, e é dividido e ensinado pelos métodos progressivos, que a experiência tem mostrado serem melhores e mais praticáveis. Estes métodos são objetivos e intuitivos e afastam-se o mais possível dos antigos sistemas. CURSO NORMAL. Começará no semestre vindouro o novo Curso Normal, que abrange o ensino pratico da pedagogia. DISCIPLINA. Exige-se

obediência de todos os alunos, visto como uma parte da educação consiste na sujeição. Esta obediência, porém deverá ser prestada de boa-vontade e sem aviltamento. OS CASTIGOS CORPORAIS SÃO ABSOLUTAMENTE PROIBIDOS em todas as repartições do estabelecimento. CONDIÇÕES PARA INTERNOS Pensionistas por semestre 300\$000 / Jóia de entrada 40\$000 / Lavagem de roupa por trimestre 15\$000. Os alunos trarão apenas, para o fornecimento de seu quarto, a roupa de cama. Os pagamentos são feitos em semestres adiantados. Música e quaisquer estudos não incluídos nos cursos (sic) serão pagos à parte. REABERTURA DAS AULAS A 10 DE JANEIRO PRÓXIMO FUTURO A matrícula está aberta na casa do abaixo assinado, à rua da Consolação n.118, mas fechar-se-á em janeiro para os alunos de instrução secundária, impreterivelmente. As pessoas que desejarem mais informações poderão entender-se, quanto ao INTERNATO DE MENINAS com a diretora, Miss Elmira Kuhl, e quanto ao INTERNATO DE MENINOS E EXTERNATO MISTO, com o abaixo assinado, em sua residência ou por carta à Caixa do Correio n. 14. Horace M. Lane, M.D. Diretor (RIBEIRO, 1981, p. 251-256, grifos do autor).

Figura 15 - Primeiro Prédio do Mackenzie - 1890



Fonte: Arquivo Mackenzie

Figura 16- Mackenzie no início do Século XX, após a missão ter recebido a doação do advogado John Mackenzie - 1920.



Fonte: Arquivo Mackenzie

No ano de 1892, as professoras Miss Elmira Kuhl e Miss Dascomb foram para cidade de Curitiba, e fundaram a Escola Americana, filiada da Escola Americana Presbiteriana de São Paulo, com 66 alunos matriculados. Nos 23 anos em que as missionárias administraram o colégio o mesmo se tornou referência da mensagem Presbiteriana na cidade (HACK, 1985). O trabalho permaneceu até a morte das missionárias em 1917. Neste sentido, podemos citar, ainda, o Colégio Internacional de Campinas, transferido para Lavras, Minas Gerais, que hoje é o Instituto Gammom, aberto no dia primeiro de fevereiro de 1893 com nove alunos, uma semana mais tarde havia quatorze, Miss Chambers e Miss Reed eram as professoras, D. Carlota era tesoureira da missão e D. Henriqueta Armstrong dirigia o internato das meninas trazidas de Campinas (HACK, 1985).

Os missionários protestantes resgataram o papel educativo das mulheres nas escolas protestantes.

Destacamos que os locais em que se encontravam os colégios presbiterianos ocupavam pontos estratégicos dos missionários.

Figura 17 - Colégio Internacional de Campinas/SP



Fonte: Arquivo Mackenzie

A respeito da aceitação do modelo educacional norte-americano no Brasil, ressaltamos a importância da Escola Americana, que teve seu primeiro corpo docente composto apenas por mulheres conforme as informações apresentadas por Gomes (2000) o que reforça a ideia da participação ativa dessas mulheres no processo educacional norte-americano. Assim, destacamos, a seguir, as disciplinas ministradas pelas professoras: Matemática, Miss Mary Parker Dascomb; História, Prof.^a. Palmyra Rodrigues; Geografia, Prof.^a. Adelaide Molina; Francês e Música, Miss Mary Annesley Chamberlain.

O Colégio era composto por 30 alunas, procedentes da Rua Visconde de Congonhas do Campo, havia mais 12 candidatas inscritas ao final de 1871. Nesse novo formato, havia meninos e meninas, iniciando-se no Brasil a escola mista. As despesas escolares corriam por conta do casal Chamberlain. O ensino era, então, inteiramente gratuito. Ao mudar-se para a Rua Nova de São José, a Escola passou para a jurisdição do Board de Nova York¹²⁵ e, de acordo com o plano financeiro recomendado, foi organizada a seguinte tabela de preços para o ensino, a vigorar em 1872: 12\$000 por trimestre; 1\$000 para papel e pena (GOMES, 2000).

A grade curricular de estudos da Escola Primária compreendia: Leitura; Escrita ou Caligrafia; Princípios de Aritmética, com o perfeito reconhecimento das quatro operações aritméticas em números inteiros, fracionados, complexos e proporções; Gramática da língua nacional; e Elementos de Ortografia. A Escola Secundária compreendia: Princípios da Moral cristã e da Religião do Estado; Noções de Civilidade; Elementos Gerais de Geografia; Leitura da Constituição e da História do Brasil. Ao sexo feminino também era ensinado o uso da agulha de coser e de meia, o bordado, as regras de talhar e coser os vestidos, próprios da educação doméstica (FRANÇA, 2009).

De acordo com o historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil Alderi Souza de Matos (2004), no ano seguinte, a escola passou a ocupar as instalações da igreja, na Rua Nova de São José, nº 1, sob a direção da missionária Mary P. Dascomb. Em setembro de 1876, a escola transferiu-se para a Rua de São João, esquina com a Rua do Ipiranga, onde também passou a funcionar o internato para meninas e, dois anos depois, o jardim de infância.

Em setembro de 1880, o *Imprensa Evangelica* apresenta um texto escrito por Amelia C. da Silva Couto, no qual ela critica e condena alguns atos praticados pelas mulheres, demonstrando a submissão que parte delas, também, e caso a mulher não siga seu “*destino manifesto*”, que é zelar pela família, poderá ser considerada uma ignorante, e uma péssima

¹²⁵ **Board de Nova York:** órgão gestor das missões e dos missionários presbiterianos norte-americanos.

educadora e assim também será a sociedade, onde os que influenciados por essa “péssima” mulher estiverem.

O Rev. João Fernandes Dagama, chegou à cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, ainda anos 70 do século XIX, onde organizou a Igreja Presbiteriana e logo depois a Escola Americana. Logo em seguida foi para a cidade de Araraquara onde construiu uma igreja em 1873; voltando a Rio Claro, em 1877 fundou um internato e externato para órfãos que funcionou até 1886. Estas escolas fundadas por Dagama distinguiram-se por oferecerem um ensino de alto nível e possuírem em seu quadro docente excelentes professoras. As mulheres eram as principais trabalhadoras nas escolas, de acordo com o ideal educativo norte-americano de alocar às professoras a responsabilidade de ensinar crianças, desde os primeiros anos do século XIX. O Rev. Dagama viajou por diversas cidades do interior paulista fundando igrejas e escolas. Os missionários ao fundarem igrejas e escolas deveriam efetivar a leitura da Bíblia. Contribuindo, assim, com a alfabetização dos brasileiros. Era essa a principal aspiração dos missionários americanos e para isso submeteram-se ao clima quente, sofreram perseguições, enfrentaram doenças, tiveram dificuldade de adaptação ao país e não foram poucos os que não resistiram e voltaram à pátria, ou morreram vitimados por moléstias, bem dentro do espírito de trabalho, perseverança e pregação, a ética protestante de que nos fala Weber (1980):

Isto porque todos, sem exceção, recebem uma vocação da Providência Divina, vocação que deve ser por todos reconhecida e exercida. Essa vocação não é, como no luteranismo, um destino ao qual cada um deva se submeter, mas um mandamento de Deus a todos, para que trabalhem na sua glorificação (WEBER, 1980, p. 211).

No que diz respeito a educação, os missionários protestantes conseguiram êxito no Brasil Império, principalmente entre a população de baixa renda e os imigrantes europeus. Após a proclamação da República, passaram a exercer sua influência nas mentes ilustradas do país, quando os ideais liberais e progressistas fariam com que as elites e setores da classe média voltassem seus olhos para o ensino protestante tão distanciado, em objetivos e métodos, da educação católica.

5.8. A Valorização da Mulher

No *Imprensa Evangelica* de 05 de janeiro de 1865, o Rev. Simonton afirmava que a mulher, em virtude de sua conversão ao protestantismo, “de fraca tornava-se forte para as mais árduas e nobres empresas”. Esse alargamento, que não se fazia em detrimento da valorização do papel da mulher na esfera doméstica, tinha no envolvimento feminino com o

ensino um de seus pontos altos. Como veremos, a educação era considerada pelos presbiterianos norte-americanos como um ministério, cuja missão era não só alfabetizar e possibilitar a leitura da Palavra, mas também difundir os valores da cultura reformada, sendo a mulher estimulada a assumir a função docente.

Segundo Seixas (2010) os editores do *Imprensa Evangelica* também contribuíram para uma discussão acerca da educação das mulheres, pois elas foram consideradas as educadoras por excelência no meio familiar; sua influência sobre a formação do caráter infantil era de tamanha importância que já não poderiam ser mais ignorantes, supersticiosas ou alienadas. O seu papel era colaborar para que as futuras gerações se apegassem ao amor, ao trabalho, ao progresso e à moralização da sociedade, segundo o jornal.

Uma série de artigos foi publicada pelo *Imprensa* tratando desse assunto, entretanto, o que chama atenção é o caráter ainda bastante conservador dado ao propósito pelo qual as mulheres deveriam ser educadas. A esfera da família nunca é abandonada. Nestas palavras do ex-padre e primeiro pastor protestante brasileiro, José Manoel da Conceição, escritas em 17 de dezembro de 1880, esta ideia se torna bastante clara: Ilustração do Sexo Feminino:

Com o aperfeiçoamento do ensino, e o desenvolvimento da educação, espera-se procriar uma geração melhor do que foi a de outrora. O muito que nos métodos seguidos até aqui, muito principalmente quanto aos meninos, faltava, o muito que por outro lado era supérfluo, ou menos necessário, bem como os inconvenientes e absurdos respectivamente ao tratamento dos alunos, tem excitado a atenção e reflexão dos homens filantrópicos e inteligentes. [...] Os progressos dos povos em experiências, descobertas e várias ciências contribuíram principalmente para a necessidade do melhoramento do ensino público da mocidade, para que o tempo de compreender tantas coisas dignas de se saber, de granjear tão vários conhecimentos úteis e necessários na vida civil, não seja muito limitado, ou fique com esforços e fadigas de aprender amargurada a idade mais prazenteira, e descuidadosa da vida humana, primitivamente consagrada ao desenvolvimento das forças do corpo. Mas, a força adestrada, a variedade das faculdades, riqueza dos vários conhecimentos, que hoje em dia não podem faltar ao homem em todas as condições do mundo social, são mais indispensáveis à mulher. Os requisitos do homem de hoje, visto que o campo de todas as artes, ofícios, negócios, ramos do comércio, ciências e outras precisões, se aumentou, tornaram-se mais amplos do que foram anteriormente. Porém a mulher conservou ainda as mesmas relações para com o mundo e a vida, que teve nos tempos remotos. O círculo e o gênero das obrigações da mulher demarcadas pelas eternas leis da natureza, em nada se aumentou nem diminuiu. Não obstante isto, julgava-se dever promover a civilização feminina, e aperfeiçoar o ensino desse sexo. Também esta tendência era louvável, e o será enquanto a instrução se limitar àquilo que convém ao destino natural da mulher. Esposa amorosa, companheira alegre, mãe cuidadosa da casa, primeira ama da mocidade, eis aí o emprego da mulher (IMPRESA EVANGELICA, 17/12/ 1880, p 393-394).

Ainda de acordo com Seixas (2010) outro texto que chama atenção no periódico foi escrito por uma mulher declaradamente católica, mas que rejeita o ultramontanismo e a superstição, segundo ela, exacerbada de alguns setores da Igreja. Amélia C. da Silva Couto, que escreveu para o jornal *Colombo*, de onde o *Imprensa* transcreveu o artigo intitulado A mulher e a religião, em 04 de setembro de 1880,

É evidentemente sabido que a mulher é a base primordial da família e conseqüentemente da sociedade. A ela é que está afeta a obrigação de preparar os cidadãos, por isso que é mãe e como tal educadora. Desde que a mulher seja ignorante, viciosa, fanática ou supersticiosa, educará pessimamente os filhos e péssima será a sociedade em que influírem eles. A crença religiosa, seja ela qual for, é uma necessidade para o espírito feminino, na nossa idade, mas essa crença deve ser aquela que brota espontânea no coração, como as flores silvestres na agrura dos campos incultos; é necessário que seja a crença sem fanatismo, sem superstição, que é o que abate o espírito. É necessário demonstrarmos que não somos essas estúpidas, essas fracalhonas, que, como dizem os homens, deixam-se facilmente iludir, deixam-se escravizar. A mulher de hoje também estuda, também pensa, sabendo conhecer o que é útil e o que é mau para a família. Ela também quer o progresso, também quer o engrandecimento da humanidade, pela realização das ideias modernas (IMPRESA EVANGELICA, 04/09/1880, p. 276).

Em 13 de março de 1886, outro artigo sobre a educação feminina foi publicado pelo *Imprensa*. Numa espécie de manual para a formação do caráter das moças, o autor (não identificado) lista uma série de medidas a serem tomadas pelos pais para garantir que suas filhas se tornassem o "impulso" para o progresso e modernização da sociedade brasileira, que, como já disse, foi a bandeira levantada pelos protestantes ao longo de sua fase proselitista no século XIX. É uma lista bastante longa, que enfatiza a responsabilidade paterna para com a educação moral das meninas no seio da família: Como se forma o caráter nobre das moças:

Apenas a menina tiver atingido sete anos, deve-se ir ensinando a ler e escrever. À leitura se deve juntar a moral, amor ao trabalho, amor fraternal, amor filial, qual a importância da economia doméstica. Todos os dias devem as mães e os pais, como os mestres, ir conduzindo pacientemente o espírito da menina para estes princípios, com a teoria como a prática, a fim de formar-se o coração nobre da moça. Uma menina educada com doutrinas morais, com o costume do trabalho até a idade de 16 anos, ficará preparada para o necessário da vida e para o belo. [...] Só por estes dois meios – moralidade e instrução superior, é que a moça chegará ao império das boas qualidades, impondo-se à consideração da sociedade que aprecia o bom e o belo. Juntando-se à educação doméstica e moral a instrução superior, teremos moças com a energia capaz de resistir às desatenções prejudiciais à reputação daquelas que querem primar pela moral. A moça pode ser amável, dedicada, conversar agradavelmente com todos que privam com ela, porque com estas qualidades é que privará a efetividade do sexo, é que nobilitará a família e fará certamente a glória de sua pátria. A planta quando é nova

presta-se a amoldar-se à vontade do cultivador, assim é a moça que, para ser virtuosa, ou moça assisada, deve ser preparada desde a infância. O que será de uma menina de temperamento próprio para assomos grosseiros e inquietudes, de desvanecimento para o luxo, se não tiver uma educação moral exemplar, se não se infiltrar no espírito juvenil a necessidade do trabalho, da economia, de docilidade, da paciência e do estudo das letras? Quando as moças compreenderem que devem elevar-se pelas virtudes e pelo cultivo da inteligência, serão o mecanismo delicado que há de mover a sociedade pela síntese do progresso humano, sendo o belo sexo parte do impulso (IMPRESA EVANGELICA, 13/03/1886, pág. 83-84).

O *Imprensa Evangelica* de 1885 continua publicando textos que falam sobre a importância da educação feminina. O texto de Maria Amélia Vaz de Carvalho é forte e claro, ainda que conservador: A educação da mulher:

Educar a mulher é arrancá-la na infância ao seu berço fofo e tépido de beijos, e levá-la por caminho de uma majestade austera que ela nunca criou. É prepará-la para a grande luta moral que é a vida, com os cuidados com que Esparta, a guerreira cidade antiga, preparava os seus filhos para a luta do corpo, para a vitória da destreza física. É associá-la pela compreensão e pela simpatia a todos os trabalhos e investigações do homem moderno; é dar-lhe ao lado deste um lugar honroso e definido, não igual, pois que são diversas as atribuições de ambos mas equivalente em direitos e em deveres. É fazer-lhe compreender bem claro que as seduções do corpo – seu orgulho supremo e seu constante desvanecimento – quando não são reflexo da formosura e da robustez da alma, não passam de um laço ignóbil, armado ao animal maléfico e bravo que todo o homem encerra em si. Educar a mulher [é] levá-la a compenetrar-se do seu papel providencial na família, e achá-la grande, útil, elevada, digna de saciar as mais levantadas ambições, e também – o que é de uma importância capital – de pesar como uma responsabilidade tremenda no ânimo mais altivo. É dar-lhe uma ideia perfeita do dever e da justiça, um ideal a que tendam incessantemente as aspirações do seu espírito, uma religião que a hipocrisia e os cálculos interesseiros não maculem nem amesquinhem, que se resuma para ela no sacrifício sem voluptuosidades dissolventes e amor sem êxtases histéricos e sem raptos de paixão sensual. Não basta, porém, exprimir tudo que se ousa esperar da mulher de amanhã, é preciso também lançar um olhar demorado e justo ao que é a mulher de hoje. Só assim poderão compreender-se os erros que é preciso desarraigar, os preconceitos que é indispensável destruir, a distância enorme que temos de transpor para chegar ao momento da sua completa e salutar transformação (IMPRESA EVANGELICA, 17/10/1885, p. 158).

O periódico protestante, ainda, em dezembro de 1880, em um artigo escrito pelo Rev. José Manuel da Conceição, ajuda-nos a compreender por que a mulher é vista apenas como *auxiliadora* dentro da igreja, pois identificamos, claramente, a diferenciação entre homens e mulheres:

Ilustração do sexo feminino. Em nenhuma idade e época tanto foi fallado, escripto e ensinado da educação da mocidade do que na presente. Por toda a parte ouve-se fallar da criação de novas casas de educação, de melhoramento das escólas. Este zelo louvavel, que se apodera dos povos tem

por objecto, não só o aperfeiçoamento dos meninos como também das meninas. [...] Os progressos dos povos em experiências, descobertas e varias sciencias contribuíram principalmente para a necessidade do melhoramento do ensino publico da mocidade, para que o tempo de comprehender tantas cousas dignas de se saber, de grangear tão vários conhecimentos uteis e necessarios na vida civil, não seja muito limitado, ou fique com esforços e fadigas de aprender amargurada a idade mais prazenteira, e descuidada da vida humana, primitivamente consagrada ao desenvolvimento das forças do corpo. Mas, a força adestrada, a variedade das faculdades, riqueza dos vários conhecimentos, que hoje em dia não podem faltar ao homem em todas as condições do mundo social, são mais indispensaveis á mulher. Os requisitos do homem de hoje, visto que o campo de todas as artes, officios, negócios, ramos de commercio, sciencias, e outras precieções, se augmentou, tornaram-se mais amplos do que foram anteriormente. Porém a mulher conservou ainda as mesmas relações para com o mundo e a vida que teve nos tempo remotos. O circulo e o gênero das obrigações da mulher demarcadas pelas ternas leis da natureza, em nada se augmentou nem diminui. Não obstante isto, julgava-se dever promover a civilização feminina, e aperfeiçoar o ensino desse sexo. Também essa tendência era louvavel, e o será emquanto a instrucção se limitar áquillo que convem ao destino natural da mulher. Esposa amorosa, companheira alegre, mãe cuidadosa da casa, primeira ama da mocidade, eis ahi o emprego da mulher. Entretanto, aqui também passava-se muitas vezes com um zelo benévolo os limites, e no lugar do natural foi substituído pela arte. Têm-se fundado collegios prorios para meninas em beneficio de meninas e moças, que não gozam de educação em outra parte, e n'outro tempo estavam privadas de toda de toda a cultura, e expostas ao desdém e á seducção. Já de per si, a idéa de um estabelecimento publico destinado á instrucção de moças é opposta á melhor educação do sexo feminino. A esphera futura do homem é para fóra, é o mundo, é nas pretenções e fadigas dos homens e suas ordens; alli é a sua escola ... A area futura da mulher no exercicio da virtude é a vida domestica: é esta a escola da mulher. Porém é a vida domestica d'uma família diversa da que levam n'um collegio. Alli a reunião instituída por Deus todo sabio, de velhos e moços, idosos e crianças de ambos os sexos; alli ha variedade de disposições do animo, do modo de pensar, deveres, direitos naturaes das differentes idades; ahi a filha aprende a conhecer as boas e más partes do governo de uma casa, bem como da convivencia; alli aprende a obedecer os mais velhos, guiar os mais moços, a ser companheira de seu parceiro, a commandar as subordinados. E' por essa razão que a vida domestica no meio de irmãos e irmãs, e Paes, de pequenos e adultos é a verdadeira escola das filhas. Em estabelecimentos publicos faltam paes, aos quaes se abra o coração filial, confidencias; porém aos mestres e mestras elle se fecha de modo a cahir em desagrado; emquanto o decoro exterior é observado com escrúpulo, tornando-se esse habito a ser essencial. Ahi faltam tantos incidentes diários de pouca monta concernentes á vida domestica; alli as singulares situações do ensino que abatam o fundo do coração; uma monotonia fria, inanimada, de ouvir e obrar substitue o lugar disso, e nos melhores pedagogos e companheiros, os olhos do alumno não vêm se não estranhos. Alli faltam os caros Paes, os quaes se tributa respeito involuntariamente, ahi os pequenos que precisam de affagos. A menina não acha senão mestres ou mestras, dos quaes fórma conceito menos indulgente, companheiras de diferentes faculdades, em cuja sociedade ella sómente se fórma socia de leviandade e etiqueta, sem se familiarisar com os gostos e desgostos da vida domestica. (IMPrensa EVANGELICA, 1880, p. 393, grifo nosso).

No quarto parágrafo, o Rev. Conceição fala das oportunidades que se abriram para os homens,

[...] os requisitos do homem de hoje, visto que o campo de todas as artes, officios, negócios, ramos de commercio, sciencias, e outras precieções, se augmentou, tornaram-se mais amplos do que foram anteriormente nas artes, officios, negócios, ramos de commercio, sciencias (IMPRESA EVANGELICA, 1880, p. 393).

Ainda de acordo com ele, para as mulheres nada mudou, ele acredita ser importante a promoção da “civilização feminina”, mas, enquanto esta se limitar

[...] áquilo que convem ao destino natural da mulher. Esposa amorosa, companheira alegre, mãe cuidadosa da casa, primeira ama da mocidade, eis ahí o emprego da mulher (IMPRESA EVANGELICA, 1880, p. 39).

De acordo com Cunha (2000):

Em menos de cinquenta anos, as cidades mais importantes do país tinham uma escola americana protestante com classes onde predominavam professoras, abertas aos filhos dos convertidos e aos setores interessados em proporcionar aos seus descendentes uma educação diferenciada da tradição católica e da ineficiência da escola pública de então, constituindo uma alternativa aos colégios internos católicos e competindo com as particulares. A obra educativa missionária havia dado seus frutos (CUNHA, 2000, p. 65).

5.9. A Educação dos Filhos Cabe a Família

Em conformidade com a publicação do *Imprensa Evangelica* (1866) que apresenta Ana, mãe do menino Samuel como aquela que levou seu filho e entregou aos cuidados do templo, transferindo sua responsabilidade de educação para o sacerdote Eli:

O menino Samuel. A vida de Samuel, contida no 1.º Livro dos Reis, é de grande **mérito litterario**. Seria difficil achar outro escripto do mesmo gênero que a par de uma linguagem tao singela, apresetasse retratos tão aprimorados como os de Anna e de seu filho. O segredo do encanto destas narrações bíblicas, a nosso vêr, resulta da arte com que nellas se faz a separação entre os elementos essenciaes da natureza humana e seus accidentes, dando-se realce aquelles, e deixando estes em escuro O quadro que nos apresenta a Ana, orando á porta do templo e pedindo ao Senhor, que lhe tirasse o opprobrio de esterilidade, com o qual não podia mais, tem tal vivacidade de cores que o leitor admira-se de sentir sua sensibilidade involuutariamente movida por uma scena que tevê lograr ém época tão remota (IMPRESA EVANGELICA, 02 /06/ 1866, p. 85, grifos nosso)

A tradição judaico-cristã estabelece a família como a responsável pela educação dos filhos. A família é um dos alicerces da formação humana e de sua espiritualidade. A família é o lugar privilegiado para o diálogo entre pais e filhos, lugar para desenvolver a compreensão e

transmitir os princípios que regem as relações sociais, espirituais e antropológicas. A Bíblia delega à vida familiar, à sabedoria dos pais, à missão dos filhos e ao compromisso mútuo na vida.

As relações familiares de acordo com a tradição judaica tinham como princípio fortalecer os seus vínculos. O amor, que na tradição judaica não tinha muito espaço, nem era um valor primário (cf. Esdras: 9-10), vai encontrar na tradição cristã, em especial no Novo Testamento uma didática e uma pedagogia diferentes, provocativa e exigente (cf. Mateus: 19.1). A Lei judaica não é mais o princípio que rege as relações familiares, por que esta tem como objeto primário a força e os interesses externos. Na família cristã a proposta para esta nova realidade é de que os fundamentos não estejam mais nos princípios jurídicos de direitos culturais, de consanguinidade, de pertença ao clã, mas no amor (cf. 1 João: 2, 8). A família, dentro do Novo Testamento, não está enquadrada nos parâmetros de uma nova doutrina de pureza, de velhos vínculos deteriorados ou mesmo de perfeição de comportamento moral. As leis da consanguinidade, do parentesco ou das genealogias tem um valor menor em relação à integração e inserção na comunidade. A família vive agora uma nova relação de pertença onde irmãos e irmãs de linhagens genéticas diferentes se encontram para viver e testemunhar a vontade do Pai (cf. Marcos: 3, 31-35).

Se a educação é de responsabilidade da família e esta não o faz, transferindo para a religião, em suma, isenta quem de fato deveria assumir que é o Estado. Em análise última, sempre será o Estado o responsável pela educação. Nas discussões modernas sobre educação, diz-se que o tripé da educação é: família, sociedade e escola. Tanto as famílias como sociedade e escola dependem de políticas públicas controladas e implantadas pelo Estado, logo, o responsável único pela educação em qualquer nível que ela possa ocorrer, será sempre do Estado.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Art. 1º, LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996).

Assim sendo, a religião e o ensino religioso entrariam nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e ainda como manifestações culturais. Não podendo ser a responsável pela educação, uma vez que agindo assim, seria parcial e não abrangente, respeitando as diferenças sociais e culturais da nação.

Os missionários presbiterianos americanos no Brasil incentivados e motivados pela própria ação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos utilizaram como estratégia expansionista, entre outras, a organização de escolas em território brasileiro. Nesta perspectiva Cussi (1997) afirma que:

A fundação destes colégios foi, antes de tudo, com o intuito de servir como estratégia de divulgação dos trabalhos missionários, visando promover, ainda que simultaneamente, os valores protestantes. Utilizados como forma de proselitismo religioso, estes colégios americanos oram sendo incorporados pela elite local, embora esta não necessariamente se tornasse protestante (CUSSI, 1997, p. 110).

“O evangelismo através da educação era uma propaganda indireta que tinha como objetivo atrair as elites nacionais para o presbiterianismo” (LÉONARD, 1981, p. 134).

Segundo consta no relatório da reunião dos membros da Comissão de Educação da Igreja Presbiteriana Norte Americana, dirigido à Assembléia Geral da Igreja e ao Sínodo de New Jersey em 1840, apontava o valor da educação no processo de crescimento do protestantismo. Um relatório educacional realizado pelos pastores Rev. Samuel Miller e Rev. J. J. Janeway, membros desta comissão, constava as razões pelas quais a Igreja Presbiteriana Americana adotava este instrumento como meio de expansão do protestantismo e qual a forma de melhorar as condições de aprendizado dos fiéis. O relatório consta de 80 páginas. Este relatório de acordo com esta reunião do Sínodo de New Jersey está dividido em duas partes: a primeira é elaborada pelo Rev. Samuel Miller e trata da educação religiosa cristã em geral (p. 5- 40), e a segunda (p. 41- 80), preparada por Janeway trata da questão das escolas confessionais. Na primeira parte do relatório o Rev. Miller avalia a importância da educação dos filhos com um farto embasamento teológico e histórico. Na segunda parte o Rev. Janeway, ressalta os princípios da Reforma Protestante do século XVI, destacando que a educação também é um princípio fundamental do movimento reformado e uma ação constante da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos desde a sua origem (SILVA, 2013, p. 5).

Observa-se que por ocasião da inserção da Igreja Presbiteriana no Brasil (1859) havia uma preocupação dos missionários americanos de implantar ao lado de cada Igreja uma escola. Segundo Mendonça (1995) “As escolas paroquiais foram instrumentos necessários para a implantação e permanência do protestantismo em qualquer lugar” (p. 99). Estas escolas tinham como objetivos, de acordo com Silva (2013):

Primeiro, responsabilizar os pais por não cuidarem da educação de seus filhos. Segundo, responsabilizar os filhos por não gostarem do regime de uma escola bem dirigida. Terceiro, afirma que os costumes dos pais, a falta de confiança e moralidade não permitem que uma escola central seja frequentada por todos como acontecia nos Estados Unidos da América. Quarto, afirma que não existiam professores e professoras preparados para

desempenharem essa missão. Quinto, responsabiliza o governo por não admitir a instrução livre (SILVA, 2013, p. 5-6).

Os missionários presbiterianos da América do Norte trouxeram para o Brasil de meados do século XIX, além de novas ideias, como a salvação pela fé e não pelas obras e uma nova organização eclesiástica, uma nova imagem para a mulher. No jornal *Imprensa Evangelica* de (15 set. 1865, p. 6), Simonton defende uma igualdade entre o homem e a mulher:

É a glória do evangelho ter libertado a mulher da pior de todas as escravidões, colocando-a de novo ao lado do homem como sua igual companheira [...]. Se o homem deve ao Evangelho a salvação da sua alma, a mulher, além da salvação eterna da sua alma, deve reconhecer-se grata por outra, a salvação temporal [...] (IMPRESA EVANGELICA, 15/09/, 1865, p. 6).

O catolicismo que imperava no século XIX colocava a mulher como propriedade do marido (HOORNAERT, 1977, p. 223, 376) os missionários presbiterianos afirmavam sua posição como “igual companheira” do homem.¹²⁶ Para Simonton, o papel da mulher se somava ao do homem no serviço de expandir os ensinamentos da Reforma Protestante do século XVI. Contudo, não significava que o papel da mulher na sociedade, e mesmo dentro da estrutura eclesiástica protestante, fosse igual à masculina. Como destacou Natalie Davis para o caso europeu, aqui também as mulheres não podiam ocupar posições de comando na Igreja, mantendo ainda uma posição de submissão diante dos homens. Mas, mesmo restrita em relação à atuação masculina, a participação das mulheres na vida litúrgica, no cantar e no estudar a Bíblia ao lado dos homens, era, diferente do que acontecia no catolicismo, valorizada e estimulada.

Fica claro ao ler o *Imprensa Evangelica* que a ideia de igualdade entre homens e mulheres na família e na Igreja, esse protestantismo que aqui se instalara cria condições para um abrangente campo de atuação da mulher, considerado socialmente legítimo, para além da esfera doméstica. No *Imprensa Evangelica* (05 jan. 1865), Simonton afirmava, como já vimos acima, que a mulher, em virtude de sua conversão ao protestantismo, “de fraca tornava-se forte para as mais árduas e nobres empresas”. Esse alargamento, que não se fazia em detrimento da valorização do papel da mulher na esfera doméstica, tinha no envolvimento

¹²⁶ Muitos dos processos de disciplinarização efetuados pela Primeira Igreja Presbiteriana Brasil no Rio de Janeiro, no século XIX, eram referentes a maus tratos dos maridos para com as esposas. Segundo Duarte (1996, p. 131), os missionários disciplinaram com “suspensão da comunhão e até expulsão da Igreja maridos que batiam em suas esposas.”

feminino com o ensino um de seus pontos altos. A educação era considerada pelos missionários presbiterianos americanos como um ministério, cuja missão era não só alfabetizar e possibilitar a leitura da Palavra de Deus, ou seja, a Bíblia, mas também difundir os valores da cultura reformada, sendo a mulher estimulada a assumir a função docente na família e na escola.

O *Imprensa Evangelica*, quando o redator afirma que:

[...] confessadamente a instrução domestica é cousa de primeira importancia (...). Julgamos prestar um grande serviço offerecendo em cada numero da Imprensa Evangelica um artigo que possa indicar um methodo conviniente para a satisfação deste dever (IMPRESA EVANGELICA, 05/01/ 1865, p.7).

No início do ano de 1865 o periódico protestante, apresenta uma série intitulada Breve catechismo para meninos, uma tradução do inglês. O texto que introduz o catecismo diz: “nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutareas, e o fazemos com a melhor boa vontade” (IMPRESA EVANGELICA, 04/02/ 865, p. 7-8).

Os artigos para crianças ou de histórias que envolvem crianças estão sempre presentes no *Imprensa Evangelica*, quase sempre acompanhados de gravuras, conforme (figura 24) abaixo:

Figura 18 - Imprensa Evangelica (02/05/1891) destinado ao público infantil

IMPRESA EVANGELICA 143



RELIGIÃO, TRABALHO E LEALDADE

I.

Para uma luctação se achava no mundo, si se não fosse lá de ser para a terra.—Psalms xx. 11.

Theophilo era filho do papa muito pobre, que apenas podiam dar-lhe a instrução primaria. Não tinham fortuna alguma, mas eram devotos a Deus e trabalhadores. Ninguém poderia dizer delle que era transgressor das leis do moral evangelica; nem desobediencia de seguir austeridade sem da vida.

O pai de Theophilo era judeu e ganhava pouco. Trabalhava e trabalhava sempre, para que não viesse a faltar o pão a seus filhos. Havia, porém, uma grande fome na terra em que viviam; os rios tornavam-se tão curtos, que o seu salario já não chegava para se despenha, posto que trabalhava todo dia que o entendia. Não teve outro remedio senão mandar Theophilo á rua pedir esmola, por mais que lhe custasse tomar um tal remedio.

O rapaz tinha seus quatorze annos: era humilde e tinha agradavelis maneiras, o que fazia com que todos vivesse alguns delicias de lhe dar alguma coisa. Theophilo, porém, preferia trabalhar a mendigar.

Mas quem havia de empregar uma criança tão hume e de tão pouca idade?

Um dia foi elle pedir esmola a um homem de trinta e cinco annos, pouco mais ou menos, que passava pela rua e parecia embetido em profundas reflexões. O cavalheiro olhou para o rapaz e fez o seguinte, vendo a sua hume physionomia. Metto a mão na algibeira, deu uma moeda ao pequeno mendigo, sem olhar para o que dava, e continuou a caminhar.

Theophilo examinou a moeda que recebia e viu que era um real. Não se a contentou com o real e olhando-o, disse-lhe:—O senhor, agradeço-me.

—Talvez que te dêem muito pouco, mas rapaz, responde o estrangeiro e de novo mette a mão na algibeira.

—Não, senhor, deu-me de mais. Deu-me uma paga de ouro.

Chamo de aldrágoa, em vista de uma tal resposta, explicou o cavalheiro.

—Deves ser filho de algum velho judeu, meu amigo. Como te chamam?

—Theophilo Walter.

—Que officio tens tu?

—Jornaleiro.

—Onde mora elle?

Theophilo indicou a rua e o numero.

Deu, disse o estrangeiro. E' verdade, explicou-se quando te dei a moeda; todavia já não guardo-a, visto que estou tão honesto. Vai para casa e dá-a a teu pai.

Theophilo agradeceu ao estrangeiro a esmola tão acultada que lhe dava e, muito contente, foi para casa. Ali a alegria foi indizível; a litta chegou para muitos dias, visto que a familia era numerosa. Era uma felicidade para aquella pobre gente, principalmente para Theophilo. Elle tinha a certeza de que tem consciência de não ter faltado aos seus deveres.

* * *

No dia seguinte pela manhã cedo, a grande cavalheiro apresentou-se na casa onde morava a familia Walter. Theophilo sentiu-se a litta e primeira visita a se apresentar dele. O cavalheiro deu-lhe a mão, cumprimentou os seus pais e falou muito com elles. Reprimendo para a humilde luctação não tinha um pouco algum signal de desconfiança de de delem. Conversou muito com Theophilo, ficando muito satisfeito em visto das suas respostas firmes e intelligentes. O rapaz mostrou os seus palecos muito piedoso e muito confiante em Deus.

Dirigido-se ao sr. Walter, perguntou o humilde cavalheiro:

—O que pretendes fazer desta rapaz?

—Um judeu como eu? Trabalhando ganhará o seu pão quotidiano, porque a fome, que reina agora, não pode dar o sustento.

—Sim, muito bem. Mas o rapaz parece hume e não poderá trabalhar como seu pai.

—Que quer? O costume faz muito e a tua vontade ainda mais. Uma vez que elle tem os seus vinte annos, achará as forças necessarias para o trabalho.

O estrangeiro olhou para Theophilo, avaliando as luctações e tornando a cabeça. Este trabalho não serve para o rapaz. Devo antes frequentar as aulas de um collegio e depois aprender um officio. Não gostarias de aprender, meu rapaz?

Theophilo sorriu, mas o seu coração não que hume ganhar os livros. O estrangeiro examinou-o e ficou muito satisfeito.

—O que falta ao rapaz, disse o pai, não é intelligencia ou zelo, mas sim o dinheiro para pagar os estudos. Ex isto o posso resolver.

O estrangeiro sorriu outra vez e cobrou e continuou o mesmo.

—Ainda não me falta, disse, mas não pôde aprender. Daqui a duas semanas, se for tempo, a rapaz de chegar até onde se deseja que elle chegue. Pagar-lhe-ei as despezas de collegio e voltarei daqui a duas semanas. Então me apresentarei a elle. A quantos meias me despezas das aulas?

Vinte libras, meu senhor!

—Aqui ao teu, e mais dez para a compra de livros. Si o rapaz quizer trabalhar como eu, respondei. Como já disse voltarei daqui a duas semanas, si Deus quizer. Até lá: adeus!

O estrangeiro pegou do seu chapéu e retirou-se. O sr. Walter quis perguntar-lhe o nome, mas já não era tempo.

Theophilo sorria: os seus desejos mais ardentes estavam cumpridos. Rogou a Deus que desse saúde e fortuna ao seu benfeitor, protegendo-o em todos os seus caminhos.

Tudo que Deus faz é bom

(Parábola de Charles Ansel)

O homem devia habituar-se a pensar sempre que tudo que Deus faz é bom feito, e a aceitar tudo que dimana d'Elle, até mesmo as contradições, porque ellas mesmas nos são muitas vezes proveitosas, quando lhes sabemos tirar proveito.

Um homem tão piedoso que sabia apertar deante de uma cidade, cujas portas estavam fechadas, e nenhuma se lhe abria.

Si bem que tivesse morrendo de sede e de fome, resignou-se a passar a noite ao relento.

—O que Deus faz é para nosso bem, murmurou elle consigo, deitando-se ao chão, depois de encostar a sua cabeça num tronco de palmeira; e accendeu uma lanterna, que condaria para guiar-se durante as noites de escuro.

Mas, enquanto dormia, desencadeou-se uma tempestade, que apagou-lhe a luz.

Então appareceu um leão, e despedaçou a sua molesta. O homem acordou-se logo e achou-se só no meio das trevas.

—O que Deus faz é para nosso bem, murmurou de novo, e esperou tranquillamente o amanhecer do dia.

Apenas o sol nasceu, dirigiu-se para a porta e a encontrou aberta. A cidade estava devastada, saqueada e deserta.

Um bando de salteadores havia acia peneirado durante a noite e conduzido captivos os seus habitantes, depois de haver assassinado a muitos. Si elle escapou.

—Não dizia eu, murmurou, que tudo quanto Deus faz é para nosso bem? Ordinariamente, só no dia seguinte subimos a rua porque na vespéra Elle não nos contendeu o que desejávamos.

J. L.

Fonte: Hemeroteca Digital: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

5.10. Centralidade da Palavra de Deus

“Nós cremos somente na Bíblia, e a Bíblia inteira é a única regra de fé e prática para o cristão.” Esta afirmação é como que um dogma para o protestantismo e reflete todo o pensamento da fundamental doutrina da Igreja Protestante Reformada a “*Sola Scriptura*” ou somente as escrituras.

A Bíblia ocupa um lugar na Igreja Reformada Protestante como fonte da Revelação que inspira a reflexão teológica, catequética e pastoral. Na Igreja primitiva “a comunidade era perseverante em ouvir a doutrina dos apóstolos, na comunhão fraterna, na distribuição do pão e nas orações” (cf. Atos, cap. 2: 42-47).

Para os protestantes a Bíblia é o Centro do culto

Devido a essa centralidade da Bíblia na visão protestante de mundo, têm razão Viola Sachs e Sacvan Bercovitch de chamarem a atenção para o lugar das Escrituras Sagradas na constituição da identidade norte-americana, em contraste com o papel desempenhado pela tradição nas origens da identidade religiosa brasileira. Esse tema foi também objeto de análise de Roberto DaMatta, Carlos Rodrigues Brandão e Maria Isaura Pereira de Queiroz nesse mesmo texto.¹²⁷ Por outro lado, o mundo dos protestantes brasileiros é resultado da expansão do campo religioso norte-americano, daí o risco de não entendermos adequadamente as estratégias missionárias e comunicacionais dos presbiterianos no século XIX, se não levarmos a sério a pré-história desses sistemas de comunicação religiosa na formação e desenvolvimento da cultura norte-americana (CAMPOS, 2004, p.149).

O início das atividades dos protestantes no Brasil, depois das tentativas dos huguenotes¹²⁸ franceses no século XVI e dos holandeses no Nordeste no século XVII, foi marcado pela chegada de viajantes divulgadores de livros religiosos, que iniciaram a distribuição de Bíblias e de literatura protestante em várias partes do país. Com a chegada oficial dos missionários protestantes, a partir de 1855, começava uma ampla transformação do campo religioso.

“Três verdades importantes” foi o título de um artigo publicado pelo *Imprensa Evangelica* que destacou a centralidade da Bíblia como palavra de Deus revelada e como manual de conduta e de salvação para todos os que professam a fé evangélica. Conforme o periódico protestante, as Escrituras eram o único “caminho” para apresentar aos brasileiros a “salvação da alma” e “Jesus como único mediador entre Deus e os homens” (IMPRESA

¹²⁷ Viola Sachs, Rubem César Fernandes, Roberto DaMatta et alii, *Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional*, Rio de Janeiro, Graal, 1988.

¹²⁸ GIRALDI, Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 37-38; REILY, Duncan A. *A História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Aste, 2003, p. 78.

EVANGÉLICA, 07/09/1867, p. 129). A instrumentalização dessa compreensão da Bíblia como elemento conversionista pelos protestantes motivou discórdias por parte dos católicos, e vice-versa. Todo aquele que ama a Jesus, e suspira pela sua vinda, verá nisto um sinal de aproximação do tempo em que haverá um só rebanho e um só Pastor (IMPrensa EVANGÉLICA, 6/1/1866, p. 2-3).

5.11. Estratégia, Distribuição e Editores do *Imprensa Evangelica*

Durante a nossa pesquisa realizada no campo da cultura impressa no Brasil, constatamos que é a partir dos anos 60 do século XIX que o processo de produção, circulação, venda e distribuição de materiais impressos como, por exemplo, jornais, panfletos, folhetins, livros etc. Houve um aumento expressivo, relacionado ao momento de popularização do livro no Brasil. Trazendo como consequência, uma nova organização do mercado de impressos amparada por aspectos determinantes tais como baixos preços, diversificação de conteúdo, inovações técnicas, estratégias de divulgação, inserção de gravuras, entre outros tornou-se elemento favorável para o acesso de um número maior e mais diversificado de pessoas a esse objeto cultural e seus usos.

Segundo El Far (2006):

Não tardou em atrair a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros [...] que trouxeram na bagagem uma bem-vinda experiência no campo de impressões e publicações (EL FAR, 2006, p. 18-19).

Na província do Rio de Janeiro houve um desenvolvimento e crescimento do espaço urbano, daí verificou-se a necessidade de instrução da população, o que veio a contribuir para que um aumento no número de tipografias, editoras, mercadores ambulantes e livrarias espalhadas por esta província.

Os missionários protestantes e seus colaboradores utilizaram de muitas maneiras para pôr em circulação as suas publicações, no desejo de expandir as suas doutrinas ao maior número de pessoas. A atividade de distribuição da Bíblia e de impressos protestantes era considerada parte imprescindível dos esforços de evangelização do Brasil.

Objetivando a expansão missionária e evangelística para levar a Bíblia por todo o Brasil, os missionários protestantes organizaram uma rede de depósitos e livrarias. Neste período houve aumento de suas atividades editoriais. A partir dos anos 70 do século XIX, a divulgação e circulação de impressos protestantes eram realizadas no país através da atividade editorial das Sociedades Bíblicas, como já discutimos nesta pesquisa. Os precursores foram os

depósitos de Bíblias estabelecidos pela Sociedade Bíblica Americana (SBA) e outro pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE), ambos na província do Rio de Janeiro, respectivamente em 1854 e 1856.¹²⁹

O jornal *Imprensa Evangelica* do dia 20 de abril de 1872 anuncia os endereços destes depósitos:

Depósito das Escripturas Sagradas. RUA SETE DE SETEMBRO 69. N'esta Casa vendem-se Bíblias e Novos Testamentos em todas as línguas. Há também depósitos em :LORENA. – Casa do Sr. Manoel José Carneiro, Largo Imperial. SOROCABA. – Casa do Sr. José Antônio de Souza Bertholdo. Pateo de S. Bento. PARÁ, Casa dos Srs. Carlos Seidl & Com. Rua Formosa (IMPRESA EVANGELICA, 20/04/1872, p. 64, grifo do editor).

As Sociedades Bíblicas, por sua vez, eram associações voluntárias em funcionamento por todo o mundo, desde o início do século XIX como órgãos de intervenção internacional na área religiosa. Segundo Ester Nascimento (2006), as Sociedades Bíblicas,

(...) eram organizações administrativas pertencentes a comunidades protestantes com o objetivo de manter a propaganda evangélica no seu país e no exterior (NASCIMENTO, 2006, p. 12).

As Sociedades Bíblicas determinavam o percurso de propagação dos seus impressos e definiam os temas, os autores, os agentes e os colportores.

Segundo Ferreira (1992) por sua vez, em São Paulo, à Rua Direita, o estabelecimento mercantil do comerciante William D. Pitt também serviu de depósito para Bíblias e livros religiosos.¹³⁰

Ao contrário dos depósitos, as livrarias eram estabelecimentos melhor estruturados para a difusão dos impressos protestantes. Embora fosse uma empresa comercial laica, a livraria Laemmert, também no Rio de Janeiro, possuía em seus estoques livros protestantes, o mesmo se dando na Casa Garraux¹³¹ localizada em São Paulo, que vendia livros e tratados protestantes, além dos números da *Imprensa Evangelica*.¹³² A Casa Garraux gozou da reputação de melhor livraria e papelaria do Brasil desde os anos

¹²⁹ GIRALDI, Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 37-38; REILY, Duncan A. *A História Documental do Protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Aste, 2003, p. 78.

¹³⁰ FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Vol. I. 2a. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 118.

¹³¹ Fundada em 1860, no princípio, era uma filial da Garnier do Rio de Janeiro, administrada por Anatole Louis Garraux. Desde 1873 Garraux já se tornara um livreiro autônomo. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua História. 2ª. Ed. Rev. e amp. São Paulo: Edusp, 2005, p. 302.

¹³² FERREIRA, *op. cit.*, vol. I, p. 173.

1880, sendo o seu proprietário um importante livreiro.¹³³ Os impressos protestantes poderiam ser adquiridos, também, em *quase todas as livrarias do Recife*, bem como, em Maceió, na Livraria Santos (NORTE EVANGELICO, 1909, n. 1, p. 4, grifo do editor).

A grande dedicação dos missionários e colportores na distribuição e difusão da Bíblia levou-os a se submeterem às condições extremas nos rincões do Brasil, tendo que enfrentar perseguições por causa da sua religião entre outros contratemplos que não os desmotivaram a se espalhar pelo território brasileiro. Com isso, criaram uma grande rede de atuação no Brasil no século XIX. Como bem aponta Alderi Matos (2007):

Para facilitar a distribuição das Bíblias, principalmente no vasto interior do país, as sociedades passaram a contratar 'colportores', homens simples, dedicados e corajosos que escreveram algumas das páginas mais inspiradoras da história da evangelização do Brasil. Eles saíam por toda parte, deslocando-se a cavalo, de trem, barco e a pé, vendendo Bíblias, Novos Testamentos, panfletos e periódicos a quem encontrassem. Por força do seu trabalho, eram também evangelistas e plantadores de igrejas. Foram companheiros e, com frequência, precursores dos missionários e dos pastores nacionais. O trabalho destes últimos muitas vezes foi facilitado pela atuação dos incansáveis colportores (MATOS, 2007, p. 1).

De acordo com Nascimento (2002) um episódio que referencia o trabalho dos colportores ao chegarem ao Brasil no século XIX era o costume e a disciplina de escrever cartas e relatórios para a sua sede em Londres, relatando todos os acontecimentos com relação ao trabalho feito por eles no Brasil. Eles não somente se comunicavam com os seus superiores na sede, como também, se comunicavam entre si, desta forma destacamos o valor de se comunicar e interagir do grupo. De acordo com Darnton (2005):

Em resumo, o processo de comunicação se dava de diversas maneiras em muitos ambientes. Sempre envolvia discussão e sociabilidade, portanto não era simplesmente uma questão de mensagens transmitidas por uma linha de difusão e receptores passivos, mas sim um processo de assimilação e reelaboração de informações em grupo (ADARNTON, 2005, p. 77).

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira é considerada um dos muitos frutos do Grande Despertamento¹³⁴, que teve lugar na América do Norte e Nova Inglaterra no início dos Oitocentos. Período no qual,

¹³³ HALLEWELL. *O Livro no Brasil*. Sua História. 2ª. Ed. Rev. e amp. São Paulo: Edusp, 2005, p. 302.

¹³⁴ Entende-se aqui, que o Grande Despertamento, ou simplesmente avivamento, tratou-se de períodos de revoluções no pensamento religioso, que buscava “revitalização e aprofundamento da experiência religiosa na vida de indivíduos e grupos.” (MATOS, 2005, p. 131). Esse Grande Despertamento contribuiu decisivamente para o movimento missionário do século 19, que levou a mensagem evangélica e instituições evangélicas (igrejas, escolas, hospitais) a todas as regiões da terra, inclusive o Brasil.

[...] surgiram algumas das principais instituições que estão agora em operação, tanto para a melhoria social quanto moral da humanidade. Entre estas, as missões aos pagãos, e outras nações não-iluminadas, encontrou um lugar cedo e proeminente; e as missões estrangeiras foram logo seguidas, ou melhor, acompanhadas de esforços diversificados para a promoção da educação, a difusão de folhetos e livros religiosos [...] (BROWNE, 1820, p. 1)

De acordo com Nascimento 2002, entre os anos de 1840 a 1884 foram feitas as transcrições de 68 cartas enviadas à Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira por 17 colportores. Estas cartas foram traduzidas e analisadas. Conforme Tabela 2 elaborada pela pesquisadora, destaca-se os nomes dos colportores e seus locais de trabalho:

Tabela 2 - Agentes da BFBS e seus respectivos Locais de Atuação (1840-1858)

Agente	Anos	Local	Nº de Cartas enviadas
Edward G. Parker	1840/ 1842/ 1846/ 1851	Bahia	9
William Dadson	1840/ 1844/ 1845/ 1846/ 1850/1851/ 1854/ 1857	Rio de Janeiro	13
Nathaniel Sands	1856	Rio de Janeiro	2
James Hogg	1845/ 1856	Bahia	2
James Henderson	1840	Pará	1
James Fletcher	1853/ 1855	Rio de Janeiro	2
James Burnett	1840	Maceió-AL	1
William Elliot	1856	São Paulo	1
Verqueiro	1856	Santos-SP	1
J. F. Lippold	1849	Petropolis-RJ	1
Henry Hadley	1855	Rio de Janeiro	1
A. L. Blackford	1869/1872	Rio de Janeiro	2
G. Caley	1870	Bahia	1
J.M.J. dos Santos	1884	Rio de Janeiro	1
José M.M. de	1872/1874/1875	Rio de Janeiro	19

Carvalho			
Dr. Kalley	1874/1875	Theresópolis/RJ	3
Edward Lane	1876	Campinas/SP	2

Fonte: Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, 2002.

Para corroborar com a nossa pesquisa conseguimos, através do trabalho de Nascimento (2002), conforme Tabela 3 a relação dos manuscritos informando o seu remetente e destinatário com seus respectivos locais e a data de envio das cartas aos seus superiores:

Tabela 3 - Relação dos manuscritos (1840-1884).

Remetente/Local	Destinatário/Local	Data
A.L. Blackford/-*	Holden/Londres	02/10/1869
J. Burnett/Maceió-AL	J. Thornton/Rio de Janeiro	15/06/1840
William Elliot/São Paulo	Secretário da BFBS/Londres	06/05/1856
G. Caley/Bahia	Knolleke/Londres	19/10/1870
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	11/01/1840
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	06/10/1840
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	21/08/1840
Edward G. Parker/Bahia	J. Thornton/Rio de Janeiro	06/02/1840
James Henderson/Pará	J. Thornton/Rio de Janeiro	20/02/1840
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	22/02/1842
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	27/06/1842
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	14/04/1846
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	14/06/1851
Edward G. Parker/Bahia	John Jackson/Londres	17/11/1851
Huntercombe*	Miss Parker*	17/01/1852
James Thornton/Rio de Janeiro	John Jackson/Londres	01/05/1841

James Thornton/Londres	John Jackson/Londres	30/08/1841
Tuekniss/Pernambuco	Ed. Whiteley/Oporto-PT	10/12/1841
Verqueiro & co./Santos-SP	Henry Knowlleke/Londres	10/05/1856
J. f. Lippold/Petropolis-RJ	G. Graham/Rio de Janeiro	30/01/1849
Nathaniel Sands/Rio de Janeiro	*/-*	25/01/1856
Nathaniel Sands/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	08/02/1856
J.M.J. dos Santos/Rio de Janeiro	*/Londres	25/11/1884
William Dadson/Rio de Janeiro	Andrew Brandam/Londres	17/06/1844
William Dadson/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	10/03/1845
William Dadson/Rio de Janeiro	Andrew Brandam/Londres	10/03/1845
William Dadson/Rio de Janeiro	Secretário da BFBS/Londres	07/06/1846
William Dadson/Rio de Janeiro	Andrew Brandam/Londres	08/06/1840
William Dadson/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	22/03/1850
William Dadson/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	08/02/1854
Anotação/Rio de Janeiro		05/02/1857
William Dadson/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	08/02/1857
William Dadson/Rio de Janeiro	Henry Knowlleke/Londres	11/04/1851

Janeiro			
William Dadson/Rio de Janeiro	de	Henry Knowlleke/Londres	12/05/1851
William Dadson/Rio de Janeiro	de	Henry Knowlleke/Londres	14/07/1851
William Dadson/Rio de Janeiro	de	Henry Knowlleke/Londres	13/08/1851

Fonte: Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, 2002.

*Os dados referentes à localização dos agentes não foram encontrados (NASCIMENTO, 2002).

Conforme Tabela 3, vimos que estes colportores foram cautelosos ao identificar os seus locais de trabalho, bem como em datar tais correspondências. O zelo dos colportores facilitou e auxiliou o trabalho de muitos pesquisadores que estudam a história dos impressos protestantes no Brasil.

Na Tabela 4 identifica-se a quantidade e títulos dos impressos protestantes que circularam no Brasil entre os anos de 1856-186.

Tabela 4 - Circulação de Impressos Protestantes no Brasil (1856 - 1864).

DATA/ANO	COLPORTOR E LOCAL	TIPO DE IMPRESSO	QUANTIDADE E TÍTULO DOS IMPRESSOS
1856	-	Livros, livretos e folhetos	200 ou 300 Bíblias e aproximadamente 2.000 ou 3.000 livretos e folhetos
09/1856	Francisco da Gama (RJ)	Livros e folhetos	12 Bíblias, 48 Novos Testamentos, 10 folhetos <i>Divina Autoridade</i>
11/1856	Francisco da Gama (RJ)	Livros	51
12/1856	-	Livros e folhetos	34 Novos Testamentos 45 folhetos
01/1857	-	Livros e folhetos	29 Bíblias 36 Novos Testamentos 31 folhetos
02/1857	-	Livros e	68 Bíblias

		folhetos	28 Novos Testamentos 33 folhetos
03/1857	-	Livros e folhetos	56 Bíblias 14 Novos Testamentos 21 folhetos
04/1857	-	Livros e folhetos	35 Bíblias 13 Novos Testamentos 22 folhetos
05/1857	-	Livros e folhetos	45 Bíblias 29 Novos Testamentos 24 folhetos
05/1857	Rio de Janeiro	Folhetos e cartilhas para as escolas	850 folhetos <i>Viagem do Christão</i> ; 1.700 folhetos <i>Três perguntas sobre a Bíblia</i> “e uma boa quantidade de cartilha (bem aceitas nas escolas), como <i>Henriquinhos</i> , além de outras publicações compradas na Sociedade Americana de Tratados” (p. 53).
06/1857	-	Livros e folhetos	29 Bíblias 14 Novos Testamentos Sete folhetos
-	-	Livros e folhetos	262 Bíblias 168 Novos Testamentos 183 folhetos Distribuição gratuita e quatro Novos Testamentos e 1.076 folhetos
12/1858	Laranjeiras/SE.	Folhetos	300 folhetos <i>Divina Autoridade</i> Seis folhetos que constam na Bíblia 20 folhetos <i>Viagem do Cristão</i> 20 folhetos que constam no Novo Testamento 160 folhetos
03/1859	-	Livros e livretos	12 Bíblias portuguesas 20 Novos Testamentos dourados

			20 Novos Testamentos pequenos 20 Novos Testamentos ordinários 20 Bíblias alemãs e 20 Novos Testamentos alemães
01 a 06/1859	-	Livros	731 Bíblias portuguesas 95 Bíblias alemãs 18 Bíblias inglesas Duas Bíblias italianas Uma Bíblia hebraica 971 Novos Testamentos portugueses 100 Novos Testamentos alemães 12 Novos Testamentos franceses Seis Novos Testamentos italianos 10 Novos Testamentos espanhóis Um em grego
1863 a 1864	Francisco da Gama; Francisco de Souza Jardim; Manuel Fernandes	Livros	419 Bíblias 854 Novos Testamentos

Fonte: Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, 2002.

As Sociedades Bíblicas desempenharam um papel relevante com o trabalho dos colportores na disseminação dos impressos protestantes no Brasil do século XIX, como por exemplo, do agente Kalley. Na Tabela 5 seguem os nomes dos colportores e a sua área de atuação (1855-1867):¹³⁵

Tabela 5 - Colportores e Área de Atuação (1855-1867).

COLPORTOR	LOCAL DE ATUAÇÃO
Antônio Marinho da Silva	Pernambuco

¹³⁵ De acordo com a pesquisadora Nascimento (2002), a fonte utilizada impossibilitou a identificação de algumas áreas de atuação.

Antônio Patrocínio Dias	Pernambuco, Vitória (ES) e Portugal
Bernardino de Oliveira Rameiro	Rio de Janeiro
Francisco da Gama	Rio de Janeiro
Francisco de Souza Jardim	Pernambuco
Francisco Silva Jardim	Magé, Porto de Caxias (RJ)
Felíx M. Ferreira	Porto Alegre (RS) e Cachoeira (BA)
Guilherme D. Pitt	Rio de Janeiro e São Paulo
Henrique Vieira	-
João Antônio de Meneses	Pernambuco
João José da Costa	São Paulo
João Manuel G. dos Santos	-
João Severo	-
José Bastos	-
José de S. Diogo	-
José Pereira de Souza Louro	Magé (RJ) e Minas Gerais
Manuel B. de Menezes	-
Manuel de Souza Jardim	Rio de Janeiro
Manuel Fernandes	Rio de Janeiro
Manuel José da Silva Viana	Bahia e Pernambuco
Manuel P. Cunha Bastos	Minas Gerais
Manuel Vieira de Souza	Rio de Janeiro e Portugal
Patrocínio Dias	Pernambuco
Pedro Nolasco de Andrade	Sergipe

Fonte: Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, 2002.

De acordo com Nascimento (2007)

Esses vendedores de impressos que trabalhavam para Kalley recebiam em média 50\$000 (cinquenta mil réis) por mês, o que corresponde a uma hora de trabalho diário. Entretanto, quem trabalhasse mais de uma hora por dia receberia 60\$000 (sessenta mil réis) e, por todo o dia, 80\$000 (oitenta mil réis). Os vendedores tinham por obrigação fazer um relatório diário, bastante minucioso, para apresentar semanalmente a seu agente. Registravam data, locais que passavam, os títulos e a quantidade vendida e distribuída gratuitamente. Deviam descrever a cidade visitada, seu comércio, a presença da Igreja Católica e os prováveis pontos de fixação. Se seu chefe estivesse fora, o documento seria enviado semanalmente pelos Correios, de modo que o agente acompanhasse todo o movimento de seus subordinados (NASCIMENTO, 2007, p.16).

Os dados levantados nas Tabelas 4 e 5 acima, elaboradas por Nascimento (2002) indicam que os impressos protestantes foram importantes ferramentas de trabalho para a ação desses abnegados protestantes, utilizando-os com o objetivo de inserir e difundir a nova religião em terras brasileiras, tendo sido o principal veículo de divulgação de suas ideias, permitindo, assim, a definitiva inserção do protestantismo no Brasil.

O escritor M.L.G. Ségur (1864) em sua obra *Conversações Familiares* acerca do protestantismo atual, afirma que a Igreja Católica Romana teceu pesadas críticas sobre papel das Sociedades Bíblicas e seu trabalho de propagação de impressos protestantes no Brasil.

De acordo com Ségur, um “catholico mui piedoso” admirara-se de que o Papa “as[sociedades bíblicas] houvesse solenemente condenado e as tivesse apelidado PESTES” (SÉGUR, 1864, p. 121)

Os impressos protestantes produzidos em grande quantidade no século XIX tinha circulação garantida no Brasil através do trabalho incansável de seus colportores.¹³⁶ Estes colportores eram agentes das Sociedades Bíblicas. Alguns eram missionários, outros eram representantes das próprias igrejas protestantes organizadas no Brasil, como por exemplo, Kalley. As Sociedades Bíblicas traçavam o percurso de comunicação de seus impressos, definindo os temas, os autores e os colportores.

Em nossas pesquisas desenvolvidas no Banco de Dissertações e Teses da CAPES (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>) e na Hemeroteca da Biblioteca Nacional, (<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-evangelica/376582>) verificamos que muitos dos títulos distribuídos pelos missionários que atuavam aqui no Brasil, haviam sido editados em Portugal, Estados Unidos e Grã-Bretanha.

¹³⁶ Os mascates carregavam sempre consigo uma sacola aberta ou cesta comprida a sua frente, pendurada no pescoço, contendo livros, almanaques e folhetos. Por isso, foram denominados pelos franceses de colporteur (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

Também apuramos que não foram apenas os missionários que trabalhavam no Brasil que recorriam às tipografias do estrangeiro, esta era uma prática comum entre os editores laicos. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1999, p. 242), as editoras brasileiras na segunda metade do século XIX mandavam imprimir em Portugal na França e na Alemanha. Essa norma adentrou pelo século XX. Para Hallewell (2005, p. 200), a razão para a preferência da produção europeia se justificava por fatores de ordem econômica: a confecção de livros e outros impressos na Europa e nos Estados Unidos apresentava menores custos e qualidade superior à produzida no Brasil.

Nesta fase de expansão de farta literatura protestante no Brasil, além da utilização de livrarias seculares, foi criada uma livraria de cunho confessional pelos protestantes. De acordo com o jornal *Imprensa Evangelica* datado de 1872:

A IMPRENSA EVANGÉLICA. FOLHA RELIGIOSA. Assignatura "4\$000 or anno". Publica-se nos primeiro e terceiro sabbados de cada mez. - Assigna-se na Corte no escriptorio da Redacção, n. 11 Travessa da barreira;—no escriptorio da typographia Perseverança, rua do Hospício n. 91; ou por carta a redacção, dirigida à aixa n. 251 do correio geral:— Pará, na livraria dos Srs. Carlos Seidl & Comp. rua Formosa:—Lorena, em casa do Sr. Manoel José Carneiro, Largo Imperial:—Sorocaba, em casa do Sr. José Antônio de Souza Bertholdo, Pateo de S. Bento:— Campinas, no escriptorio da Gazeta de Campinas:—Brotas, em casa do Rev. Sr. R. Lenington : — S. Paulo, em casa do Sr. A. L. Garraux, rua da Imperatriz ns. 38 e 40 : — Bahia, em casa do Rev. F. J. C. Schenaidler, Ladeira dos Afflictos' n. S13: —Petropolis, em casa do Sr. Cândido Joaquim de Mesquita, á rua de Joinville: —Em Iguape, em casa do Sr. Joaquim José de Oliveira (IMPRENSA EVANGELICA, 20/04/1872, p. 64).

Em 1872, a Livraria Evangélica já estava em funcionamento, localizada na Travessa da Barreira, n. 11, Rio de Janeiro. Outra, a Livraria Evangélica da Igreja Presbiteriana, funcionava na capital da Bahia, na primeira década do século XX. De maior relevância, porém, foi a fundação da Livraria Liberdade, também no Rio de Janeiro, que abriu suas portas em 1923. Conforme o anúncio veiculado no *Norte Evangelico*, vendiam,

[...] grande variedade sobre obras evangélicas, literatura, estudos, consultas, pedagogia religiosa, hmnarios com ou sem musica, folhetos diversos, folhetos de propaganda, artigos para escolas dominicais, edições de livros, folhetos e revistas (NORTE EVANGELICO, 1923, n. 6, p. 3).

Os redatores do periódico no qual o anúncio foi divulgado assim saudaram a inauguração da Livraria Liberdade:

Faz se mister confessar que de ha muito nos ressentiamos da falta de uma livraria desse genero, isto é, exclusivamente evangelica, capaz de fornecer

aos crentes evangelicos e a todos que se interessam por uma sã literatura, livros de literatura evangelica, de estudos, de pedagogia religiosa e que tais (NORTE EVANGELICO, 1923, n.6, p. 3).

O surgimento de depósitos e de livrarias que facilitassem a comercialização e venda dos livros protestantes não foi, no entanto, satisfatório para assegurar a propagação das edições destas confissões. No intuito de obter sucesso na distribuição e divulgação de sua literatura confessional no país, os editores protestantes utilizaram o trabalho e a atuação de seus missionários disseminados por várias capitais do Brasil (VASCONCELOS, 2010).

Segundo um anúncio no *Imprensa Evangelica* em princípios da década de 1870, havia depósitos em:

Casa do Sr. G. B. Northrup, n. 72, rua de Baixo. Brotas, em casa do Rev. Sr. R. Lenington; São Paulo, em casa do Rev. Sr. G.W. Chamberlain. — Em Lorena [SP] — Casa do Sr. Manoel José Carneiro. Largo Imperial. Sorocaba [SP] — Casa do Sr. José Antonio de Souza Bertholdo, Pátio de São Bento. Pará — Livraria dos Srs. Carlos Seidl e Comp., rua Formosa. Campinas — Iguape, em casa do Sr. Joaquim José de Oliveira. Taubaté, em casa do Sr. Julio César Ribeiro (IMPRESA EVANGELICA, 16/07/ 1870, p.109).

No jornal *Norte Evangélico* de 1909 são anunciados depósitos em várias partes do país:

Pará pode ser encontrado em casa do rev. Antonio Gueiros; em S. Luiz do Maranhão, em casa do rev. Belmiro de A. César; em Fortaleza, em casa do rev. A. Almeida; na capital da Parayba, em casa do rev. Motta Sobrinho; no Rio de Janeiro, em casa do rev. Álvaro Reis (NORTE EVANGELICO, 1909, n.1, p. 4).

Verifica-se que a maior parte dos endereços indicados como depósitos era residência de membros das denominações nas respectivas cidades, demonstrando o interesse e a dedicação destes fiéis na divulgação de literatura protestante, tornando imprescindível a atuação pessoal de membros das igrejas protestantes pelo Brasil.

As dificuldades com a distribuição não devem ter sido, porém, um problema apenas dos editores protestantes, uma vez que o próprio Monteiro Lobato, na década de 1910, deparou-se com a escassez de pontos de venda como o maior obstáculo à comercialização de seus livros no Brasil. Assim, além das livrarias e da rede de distribuição da *Revista do Brasil*, Lobato utilizou-se de diversos estabelecimentos comerciais pelo Brasil (farmácias, armazéns,

bancas de jornal, papelarias) para a distribuição dos 3.000 exemplares da primeira edição de Urupês.¹³⁷

Além do recurso aos depósitos, às livrarias comerciais e à criação de livrarias próprias, empregaram também alguns indivíduos que ficavam encarregados diretamente da distribuição de periódicos protestantes. O jornal *Imprensa Evangelica*, o primeiro jornal protestante no Brasil e na América Latina, embora distribuído pela Laemmert e pela Garraux, teve sua distribuição inicialmente atribuída a Quinta, um membro da Igreja Presbiteriana do Rio¹³⁸, suprindo, provavelmente, os leitores que não pudessem dirigir-se àquelas livrarias. O que não deixa de evidenciar uma organização ainda precária, já que a importante função de distribuição ficava a cargo de uma única pessoa. Certamente esta precariedade observou-se com mais frequência no período inicial do trabalho editorial protestante, dado que o jornal em questão passou a ser publicado ainda em meados do século XIX, mas ainda não havia sido sanado no século seguinte.

Muitas vezes, os editores utilizaram o trabalho de agentes membros de denominações protestantes em várias cidades do Brasil para representarem-nos, com o objetivo de armazenar em suas casas as publicações que lhes eram enviadas e, muitas vezes, estavam incumbidos de distribuí-las, e, ainda, deveriam levantar novos assinantes de suas publicações periódicas. Na cidade pernambucana de Canhotinho, um homem chamado de Sr. José Leitão de Almeida foi nomeado como agente das publicações dos jornais *Norte Evangelico* e do *Expositor* em 1921. Fato semelhante ocorreu com o Sr. Elpídio Ribeiro para a cidade do Recife, naquele mesmo ano.¹³⁹

De acordo com Vasconcelos (2010):

A fragilidade deste esquema pode ser inferida para os casos em que os encarregados da distribuição e obtenção de assinaturas interrompiam, por alguma razão, suas atividades, acarretando dificuldades no conjunto da distribuição. Pode-se observar um destes casos quando do falecimento do Sr. Camillo José Cardoso (VASCONCELOS, 2010, p.135).

O *Imprensa Evangelica* em sua edição 1871 noticiou a morte do Sr. Camilo José Cardoso:

¹³⁷ HALLEWELL, *op. cit.*, p. 319-320.

¹³⁸ RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria o Semeador, 1995, p. 43.

¹³⁹ “**Nossas publicações**”. *Norte Evangélico*, Garanhuns: 10 de dezembro de 1921. Ano XIV, n. 32, p.3; “Aviso”. *Norte Evangélico*. Garanhuns: 20 de dezembro de 1921, Ano XIV, n. 33, p. 3.

Necrologia. A 14 do corrente falleceu o Sr. Camillo José Cardoso, que desde o primeiro anno da Imprensa Evangelica serviu de agente d'ella n'esta cidade, sempre empregando diligentes esforços a bem da empreza. Ha quasi dez annos, que abandonando os erros religiosos em que foi criado, professou a sua fé na Igreja Presbyteriana d'esta Corte; na qual durante os últimos cinco annos elle exercia o officio de diacono com notável zelo e critério. Como amigo o Sr. Cardoso era muito dedicado, como crente abraçava com fervor e firmeza as verdadeiras doutrinas do evangelho, como empregado era fiel e zeloso no desempenho de seus deveres. Padeceu com uma resignação e paciência sobrenaturaes os soffrimentos da moléstia violenta que em três dias o levou para o túmulo, e morreu com a calma e paz de quem tem a ancora de sua alma segura dentro do véo. Graças demos a Deus pela luz de vida e immortalidade que nos deu por seu bem amado Filho Jesus Christo (IMPRESA EVANGELICA, 18/11/1871, p. 169, grifo do editor).

De acordo com Vasconcelos (2010):

A centralização em uma única pessoa das correspondências de uma congregação no Ceará também gerou problemas semelhantes. Os jornais que deveriam ser enviados à Igreja Presbiteriana daquele estado estavam sendo enviados pelos correios ao reverendo B. Donnantuoni, que havia mudado para o Maranhão e informado aos correios que enviassem a correspondência em seu nome para o novo endereço. Por este motivo, o missionário Cortez informava em 1916 que “só agora nos chegaram os últimos jornais do ano passado e os primeiros deste”¹⁴⁰. O missionário não diz, mas é provável que o rev. Donnantuoni estivesse anteriormente encarregado de receber toda a correspondência da igreja e dos membros da mesma para sua distribuição, não tomando as devidas providências quando se mudou do estado, o que afetou a entrega dos jornais (VASCONCELOS, 2010, p. 135).

As limitações e dificuldades na disseminação de periódicos não eram, todavia, exclusividade da imprensa protestante. Segundo Juarez Bahia (1990), mesmo para os jornais da imprensa secular durante o século XIX era:

Desconfortável, mesmo para um jornal oficial, chegar pontualmente às mãos dos leitores. A ênfase que se dá à assinatura e à venda avulsa em ponto fixo primeiro, nas livrarias e, por volta de 1840, também nas lojas de costume-demonstra a inexistência de outras formas de distribuição (BAHIA, 1990, p. 15).

As dificuldades em entregar os jornais, ainda segundo o autor, aos leitores, sobretudo aos residentes fora das cidades onde são impressos, perduraram até 1870, apesar de atenuadas a partir de 1844, quando os serviços de correio passam a entregar correspondência a domicílio (BAHIA, 1990, p.15).

Conquanto as referências acima sejam do Oitocentos, já no começo do século XX, percebe-se, também, as mesmas dificuldades mencionadas pelo autor acima. Diante da

¹⁴⁰ CORTEZ, Natanael. *A Sagrada Peleja*. Fortaleza: UFC; Programa Editorial Casa José de Alencar, 2001, p. 65.

dificuldade na distribuição dos jornais presbiterianos, o Rev. Natanael Cortez, que estava em Fortaleza, informava em janeiro de 1916 que,

[...] até o dia de hoje não nos chegou o “Expositor” de dezembro, como também nem um exemplar do O Norte Evangélico deste ano! Será relaxamento do Correio, ou será dos expedidores dos jornais em Garanhuns. Estamos pela segunda hipótese. É crônico e parece quase irremediável este mal. Não sabem os empregados da nossa Redação em Garanhuns o prejuízo que o seu desleixo traz a todo o trabalho... Aqui temos lutado com dificuldade para angariar as assinaturas recomendadas pelo Presbitério, por isso que somo flagelados, e o fato de nos não haver chegado a tempo o 1º. Número do “Norte” mais nos embaraçou, porque além da crise apareceu a má vontade (CORTEZ, 1916, p. 57).

A editoração protestante durante meados do século XIX foi, majoritariamente, empreendida por instituições missionárias americana e europeias e de seus representantes.

Nesta pesquisa foi possível verificar que as fontes de financiamento, inicialmente de origem estrangeira, também transitavam para o sustento pelos recursos das igrejas e das instituições editoriais protestantes estabelecidas no país.

5.12. Editores

De acordo com a pesquisadora Alessandra El Far (2007) é na segunda metade do século XIX, que o mercado editorial desenvolveu-se no Brasil. Muitos livreiros, nesse período, decidiram unir à venda de livros, trabalhos editoriais de grande investimento. No afã por um público maior e heterogêneo, esses livreiros procuraram oferecer um amplo e diversificado número de obras interessantes e sugestivas. Nas prateleiras das livrarias era possível encontrar diversas traduções dos folhetins franceses, de textos filosóficos do iluminismo europeu, manuais de boas maneiras, histórias infantis, livros de poesia, de religião, de orações, de direito, etc. Com as novas tecnologias de impressão, o livro no Brasil, pouco a pouco, deixou de ser um produto caro, reservado apenas às elites abastadas e ilustradas. O uso do papel de menor qualidade, as capas brochadas e o tamanho econômico das edições conferiram aos editores a liberdade de proclamar nos jornais: “Não vale hoje a desculpa de que não se pode ler porque o livro é caro!” (GAZETA DA TARDE, 22/6/1896). O cronista João do Rio, que tinha o hábito de andar pelas ruas do Rio de Janeiro a fim de obter temas atrativos para as suas colunas nos jornais, em diversos textos, comentou sobre a proliferação de obras a preços irrisórios. Numa ocasião, ele citava o livreiro Cruz Coutinho, que junto ao seu acervo de caros livros de direito, decidia vender romances “em sofrível papel”. Em sua opinião, os “reclames” para esse tipo de publicação cumpriam à risca sua tarefa. Com muito alarde, eles anunciavam as novidades e promoções do momento:

“Trezentos réis! Quase o preço do *Jornal do Comércio!*”, “Cinco tostões pelo Sigamo-lo! uma história tão bonita”, ou então como sugeria o literato, “fica pelo preço de uma limonada”.¹⁴¹

Neste primeiro momento de recepção e circulação de livros no país, esse material estava mais relacionado à erudição, ao estudo, ao trabalho intelectual, posteriormente, com a popularização do impresso, é possível perceber outras apropriações por parte de seus leitores.

Ainda de acordo com Alessandra El Far (2006) esse aquecimento cultural “[...] não tardou em atrair a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros [...] que trouxeram na bagagem uma bem-vinda experiência no campo de impressões e publicações” (p. 18-19).

A cidade do Rio de Janeiro teve principalmente no seu espaço urbano um grande desenvolvimento cultural, no começo, associado ao aumento da necessidade de instrução, cooperou para um grande crescimento de tipografias, editoras, mercadores ambulantes e livrarias espalhadas na cidade (CRUZ, 2014).

Essa configuração editorial secular pode ser considerada também do ponto de vista cultural protestante. Desde dos anos 30 do Dezenove, a propagação e circulação de impressos protestantes eram realizadas no Brasil por meio da atividade editorial da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e pela Sociedade Bíblica Americana, fundadas respectivamente em 1804 e 1816. Favorecendo o andamento de distribuição de Bíblias o Rev. Thomas Charles, do País de Gales, fez uso do seguinte método: 1º traduzir a Bíblia segundo os originais no maior número possível de línguas; 2º imprimi-la ao preço mais acessível; 3º distribuí-la a todas as camadas sociais. A Sociedade Bíblica Americana era financeiramente subsidiada por doações voluntárias dos membros de igrejas e pelas próprias igrejas protestantes, favorecendo assim, o surgimento de novas agências estabelecidas no mundo todo dando origem às novas sociedades bíblicas nacionais.¹⁴² Destaca-se, neste período, que a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi instituída com o objetivo disseminar propagar Bíblias (CRUZ, 2014)

A respeito dessa questão, Zimmer (2013) esclarece:

As várias controvérsias teológicas do século anterior ainda estavam muito vivas, resultando em uma série de Bíblias com notas tendenciosas, procurando enfatizar a doutrina de uma ou outra corrente teológica. A nova Sociedade, por isso, não queria se envolver em tais discussões. Sua única preocupação é que as pessoas pudessem ter acesso às fontes da fé cristã na Bíblia, ao invés de qualquer uma das interpretações particulares do evangelho (ZIMMER, 2013, p.117).

¹⁴¹ Autores e editores. As edições populares”, O Dia, 02/07/1901.

¹⁴² A Sociedade Bíblica do Brasil foi organizada em junho de 1948 sob o lema “Dar a Bíblia à Pátria.”

De acordo com CRUZ (2014) a literatura protestante escrita em língua portuguesa elaborada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira foi, no início, também veiculada em Portugal, considerando as críticas a religião católica e à instituição encontrada na obra *Conversações familiares acerca do Protestantismo Actual* escrito por M. L. G. de Ségur, traduzidas de sua sétima edição francesa. De acordo com Cruz (2014) este livro reflete o pensamento católico europeu sobre a organização das Sociedades Bíblicas e a trabalho executado por essas na disseminação de impressos protestantes. Para Zimmer:

[...] Fundam-se multiplicadas associações para fazerem guerra à religião catholica e estas sociedades bíblicas, evangelicas e outras, referem publicamente, em seus relatórios annuaes os esforços e os progressos que alardêam triumphalmente os milhões que o espírito de tudo sabem reunir em França, e sobre tudo, nos países estrangeiros, para alimentar o seu zelo, e remunerar os seus triumphos. [...] Um catholico mui piedoso, que na meditação da sagrada Escripura encontra substancial alimento para a vida religiosa, me perguntava se as sociedades bíblicas, espalhando copiosamente exemplares da mesma Biblia, não faziam em summa uma coisa util as almas, e não davam, sem o saberem, profícuo auxilio a Igreja Catholica. Admirava-se este de que o Papa as houvesse solemmente condemnado e as tivesse apelidado “PESTES” (ZIMMER, 2013, p.03, 122, grifo do autor).

Foi por iniciativa do Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) ministro da Igreja Presbiteriana a “criação de uma sociedade, integrada por pastores e fiéis de todas as igrejas, com o objetivo de editar panfletos evangélicos” (RIBEIRO, 1987). Isso se deu devido ao crescimento e a expansão de igrejas e congregações por todo o país. Foi o primeiro passo para alcançar um relativa autonomia editorial da cultura impressa protestante que neste período até então, estava subordinada por autores, tradutores e editores estrangeiros. Com ajuda financeira vindo dos membros das Igrejas Presbiterianas do Brasil foi instituída em 1883, a SBTE. Esta instituição publicou diversos folhetos nos últimos vinte anos do século XIX dos quais, segundo Mendonça (1995) “mais de 90 mil exemplares foram editados e distribuídos”, (p. 87).

No *Imprensa Evangelica* constata-se, a partir de 1883, várias notas e artigos referentes à Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos compreendendo uma lista de colaboradores, trazendo informações burocráticas sobre a entidade entre outros dados. Em sua edição de 19 de julho de 1884 evidencia uma nota com pedido de desculpas, escrito pelo então secretário Manoel da Paixão, pelo atraso de publicação do primeiro folheto anunciado para o mês abril do ano corrente. Tratava-se do folheto denominado: *O Culto dos Santos e dos Anjos* (1884), de autoria do Rev. Eduardo Carlos Pereira de Magalhães:

Figura 19 - *Imprensa Evangelica* contendo justificativa sobre o atraso da publicação do primeiro folheto da Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos

JULHO 19.	IMPRESA EVANGELICA	107
<p>Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos</p> <hr/> <p>Por motivos inteiramente alheios á Mesa de Censura só sahirá neste mez o folheto que devia ter sahidio em Abril. Lamentamos profundamente a demora, e esperamos que ella não se repetirá a respeito de outros folhetos que no principio de Setembro hão de ser apresentados á Mesa, assim como acreditamos que semelhante falta de modo algum arrefecerá nos corações dos assignantes da Sociedade de Tratados, o enthusiasmo e dedicação por uma causa tão santa, como a em que nos achamos empenhados.</p> <p>S. Paulo, 9 de Julho de 1884.</p> <p>O secretario,</p> <p>MANOEL DA PAIXÃO.</p>	<p>em 1870. Delle temos noticia pelo relatório do ministro do imperio de então, que diz:</p> <p>« Tendo de effectuar-se no curato da Sapucaia o enterramento de um suicida empreiteiro de obras da 3.^a secção da estrada de ferro de D. Pedro II, foi-lhe negada a sepultura em sagrado; e o cadaver ficaria insepulto, ainda recorrendo-se á autoridade ecclesiastica superior (o que aliás não será sempre possível), si não se tomasse a deliberação de enterra-lo fóra do cemiterio publico alli existente, cuja área toda se acha benta.</p> <p>« Trazido o facto ao conhecimento do governo, impossivel era deixar de regular-se a materia como aconselham os deveres de humanidade e as prescripções da hygiene publica.</p> <p>« Sepultar os cadaveres de modo que não fiquem expostos a profanações é não sómente dever, mas interesse dos vivos.</p> <p>« Si a cerimonia funebre não póde em certos casos ser acompanhada das</p>	<p>« Os nobres ministros entenderam nada dever dizer sobre os tres pontos estranhos á proposta, de que me occupei. SS. Exs. hão de permittir-me que explique o seu silencio; e, pois, direi que o governo pretende:</p> <p>Quanto ao 1.^o, isto é, quanto ao facto occorrido na parochia de S. Bernardo da provincia de S. Paulo, tomar medidas para que elle não se repita.»</p> <hr/> <p>Agua milagrosa</p> <hr/> <p>Segundo se vê da seguinte noticia já temos aqui no Brazil agua tão milagrosa como a de Lourdes.</p> <p>Escreveram de Serinhaen ao <i>Diario de Pernambuco</i>:</p> <p>« Em terras do engenho Anjo, no alto de uma ladeira, distante desta villa meia</p>

No editorial de 1884, do *Imprensa Evangelica* de autoria do Rev. Eduardo Carlos Pereira de Magalhães trouxe uma defesa da SBTE em relação às críticas de que os valores dados pelos sócios contribuintes para a manutenção da instituição editorial poderiam prejudicar a coleta nas igrejas. Em suas palavras, o Rev. Eduardo Pereira revela a quantidade de impressos distribuídos além de exaltar a importância da Sociedade para o protestantismo no âmbito propagandístico:

Não devemos, por consequência, encherar tão somente uma certa corrente pecuniária desviada de seu curso mundano, ou simplesmente vinte mil tractados espalhados annualmente na vasta superfície deste império. Alarguemos nossas vistas, e não só consideremos as consequências espirituales, mas a significação, principalmente em face dos contratempos, e a influencia moral desses factos notaveis. Quanto a significação, a Sociedade é a afirmação, em pequena escala, do espirito de iniciativa, vital e autonomico, do espirito genuino do christianismo ; ella é a comprehensão por parte de nossas egrejas, de seu elevado destino ; ella é a acceitação incipiente, si me permitem o termo, do character missionário, propagandista, que distingue singularmente a religião do Filho de Deus. Eis o que ella significa. E agora, quem nos poderá dizer a influencia salutar que seu exemplo ha de necessariamente exercer na marcha progressiva de nossas egrejas? Influencia que ha de pesar sobre a actual geração e que será um poderoso incentivo para as gerações successivas. Diante deste esforço para a difusão do Evangelho será despertada a consciência dos crentes a respeito de um dever de transcendente importancia. Elles comprehenderão facilmente a urgente necessidade de não ficarem atraz de nossos irmãos do Velho Testamento, que diziniavam seus bens para o serviço do Senhor. E, abundando sua abastadíssima pobreza em riquezas de sua beneficência, (2 Cor. VIII: 2), e provando pelas multiplicadas contribuições a boa índole de sua caridade ou a sinceridade de seu amor, não se farão esperar as bênçãos d' Aquelle que snministra semente ao sementeiro, multiplicando a sementeira e aumentando os fructos ela justiça. (2 Cor. IX: 10) Aquelles, pois, (que nutrem em seus espiritos a vaga idéa de que a Sociedade diminuirá de algum modo as collectas de nossas egrejas, não só se levantam contra os factos, mas, consequentemente, contra suas leis. Taes pessoas, parece-me a mim, desconhecem as leis da graça divina e do espirito christão (IMPRESA EVANGELICA, 20/12/1884, p. 186).

Inúmeros folhetos e diversos materiais foram impressos pela Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos, conquanto tenham sido impressos por várias tipografias como apresenta Cruz (2014)

(...) como por exemplo, a Tipografia de Lery King Boowalter & Co em São Paulo. A qualidade do papel o esmero da tipografia das capas foram decaindo. Com o passar dos anos, A SBTE com esforços dos seus associados conseguiu levantar uma tipografia também na cidade de São Paulo, na qual passou a imprimir o jornal protestante *O Estandarte* (1893), mas aos pouco foi sendo inativada lentamente em detrimento das Missões Nacionais da denominação presbiteriana, do Seminário Teológico e do próprio *O*

Estandarte. Houve, em 1903, uma tentativa de reativá-la, porém sem sucesso (CRUZ, 2014, p. 206).

É notório o trabalho dedicado de Simonton e de seus colegas missionários em criar textos e traduzi-los para leitura piedosa dos protestantes brasileiros, bem como das publicações de Robert Kalley muitas delas impressas nos Estados Unidos da América, Portugal e na Inglaterra, aponta que uma boa parcela da literatura protestante lida em meados do século XIX no Brasil vinha de países estrangeiros.

Ressaltamos, nesta pesquisa, que o hábito de recorrer as tipografias europeias e americanas, era um hábito de escritores protestantes e não protestantes. Conforme Sodré (1977), as editoras brasileiras na segunda metade do século XIX mandavam imprimir em Portugal, na França, etc. Segundo Hallewell (2005, p. 200), o motivo pelo qual os escritores brasileiros recorriam   produ o européia era por questões financeiras: a composi o de livros e outros impressos na Europa e nos Estados Unidos tinha um custo inferior aos praticados no Brasil.

Muitas são as referências de livros e folhetos em língua portuguesa, que foram distribuídos no Brasil, a despeito de terem sido impressos nos Estados Unidos da América e na Europa. Esses impressos eram produzidos tanto por editoras comerciais, quanto na editora presbiteriana constituída em Portugal (Livraria Evangélica). Entre eles, destacamos:

- Os De stas e a verdade das Escrituras. Lisboa: Tipografia do Dicionário Universal Portuguez (1893).
- Ao Aseptico: uma carta sobre a ressurrei o de Jesus tirada do Evangelho em Triunfo. Londres: Tipografia de Clowes e Filhos (??).
- O Novo Testamento do Senhor e Salvador Jesus Cristo. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia (1858)
- Observa es   Instru o Pastoral do Exmo. Bispo do Porto sobre o Protestantismo por R. R. Kalley. Porto: Imprensa Civiliza o de Santos & Lemos (1879).

A pesquisadora Cruz (2014) destaca o endereço e o papel da Livraria Evangélica:

A Livraria Evang lica¹⁴³, situada na “Rua das Janelas Verdes”, em Lisboa (Portugal), era uma Agência da Sociedade de Tratados Religiosos, que deu início as suas atividades ainda no Século XIX e, em 1913, separou-se da BFBS estabelecida em Portugal desde 1864.   Sociedade Bíblica coube,

¹⁴³ “Rua das janelas Verdes, no. 32” indica o local onde os presbiterianos instalaram sua tipografia em Lisboa (Livraria Evangelica). O edifício era um antigo e extinto convento Carmelita, conhecido por Marianos, sendo posteriormente arrematado pelo escocês Rev. Steward (FERREIRA, 1992).

então, prosseguir na propagação da Bíblia, Testamentos e Porções da Bíblia, através da intensificação do trabalho de colportagem; à *Livraria*, por sua vez, incidir na vertente editorial o que aconteceu até o ano de 1935. Em poucos anos de atividade, já contabilizava 40 títulos publicados, em 1878, dentre os quais, folhetos evangélicos (doutrinário e de controvérsia), novelas históricas, além de alguns livros que foram, primeiramente, publicados à moda de folhetins nos jornais confessionais (AFONSO *et all*, 2012) o que vem a comprovar o constante intercâmbio de escritos, fator característico da cultura impressa oitocentista. A *Livraria* não apenas editava e fazia imprimir os impressos evangélicos, como também servia de posto para venda de material protestante produzido por outras tipografias da região. É o caso da obra *Uma exposição de fatos* (1875), escrita pelo Rev. Robert R. Kalley e impressa pela “Tipografia Luso-britannica de H. T. Wood”, onde consta na capa o endereço “Rua das Janellas Verdes, 28” (CRUZ, 2014, p. 208-209).

De acordo com Cruz (2014) no Brasil de meados do século XIX,

(...) muitos títulos evangélicos foram também editados pela Tipografia Universal Laemmert, a segunda editora comercial mais importante do país ao longo da segunda metade do século dezenove e a principal ao final do Oitocentos (HALLEWELL, 2005). Esta tipografia pertencia aos dois irmãos protestantes Eduardo e Henrique Laemmert, responsáveis (conforme dito anteriormente) pela impressão do primeiro número do também primeiro periódico protestante brasileiro, o jornal *Imprensa Evangelica* (1864), cujos exemplares estavam à venda na própria livraria dos Laemmert, como vimos no decorrer deste estudo. Mesmo com as perseguições da Igreja Católica ocorridas por ocasião da impressão do periódico protestante, os editores franceses já haviam editado e impresso outras obras protestantes. Em 1861, por exemplo, os Laemmert foram os responsáveis pela publicação da primeira versão brasileira da coletânea de hinos da autoria de Sara Kalley, os Salmos e Hinos. Além disso, folhetos e livros produzidos pelo Rev. Dr. Robert Kalley foram também editados pelos Laemmert (CRUZ, 2014, p.211).

O *Imprensa Evangelica* (1874) apresenta uma publicação dos Laemmert:

Noticiário. Os velhos Catholicos.— Os Srs. Laemmert acabam de publicar a Profissão d'Fé dos Velhos Catholicos na Alemmanha, elucidada na Carta pastoral de Monsenhor o Bispo Joseph Hubert Reinkins, seguida da Exposição dos Obstaculos da Reforma catholica; vertida para o Portuguez pelo Dr. Miguel Vieira Ferreira. Agradecemos a offerta desta obra, que mui o recommendamos a nossos leitores. Reservamos para outra ocasião algumas reflexões sobre o assumpto (IMPRESA EVANGELICA, 29/08/1874, p. 128, grifo do editor).

Na seção “Annuncios” do *Imprensa Evangelica*, de 18 de abril de 1874, informa que

ANNUNCIOS. Sahiu á luz em casa dos Editores E. & H. Laemmert, a interessante publicação intitulada **TRAÇOS HISTÓRICOS E PONTOS**

**PRINCIPAES DE DIVERGENCIA DAS IGREJAS EVANGELICA
PROTESTANTE E CATHOLICA ROMANA** po ERICH STILLER

Pastor evangelico, doutor em Theologia - broch. preço 500 rs., carton, 610 rs. Sendo geralmente ignoradas ou intencionalmente desfigurados os princípios e

doutrina da religião professada pelos protestantes, as pessoas que desejam esclarecer-se acerca de tão importante assumpto encontrarão na presente obrinha uma clara e sucinta exposição dessa doutrina, precedida de um interessante esboço de sua origem e desenvolvimento (IMPRESA EVANGELICA, 18/04/1874, p. 64, grifos do editor).

Como se pode observar na (Figura 20) a seguir, não há mostras de que os irmãos Laemmert tenham editado por iniciativa própria alguma obra protestante, tendo-o feito atendendo a encomendas. No que lhe concerne, é possível supor que os missionários protestantes, ao pretender publicar obras, procuravam os Laemmert devido a certa afinidade religiosa.

Figura 20 - Página do *Imprensa Evangelica* constando anúncio de obra evangélica editada pelos Laemmert.

<p>Dizem os viajantes que as ruas de Veneza são excessivamente estreitas e tortuosas, e que só ha um meio que pôde salvar o estrangeiro nessa cidade de perder-se inteiramente nesse labyrintho de voltas e encruzilhadas. A vereda ou passeio principal está calçado de marmore branco, e leva directamente para a <i>Ponte di Rialto</i>. De maneira que quem segue esta linha branca, pôde desenredar-se de toda a dificuldade a este respeito.</p> <p>Que bello emblema de Jesus, cuja vida pura e perfeita, delineada nos evangelhos como um guia seguro para nossos pés por entre os caminhos tortuosos da vida, leva-nos directamente para a realização de todas as nossas aspirações. Elle mesmo nos diz: «Eu sou o caminho. Ninguem vem ao Pai, senão por mim». Quem o segue sempre alcançará afinal o verdadeiro fim de sua existencia.</p> <p>As voltas podem ser muitas, mui grandes e dif.</p>	<hr/> <h2 style="text-align: center;">ANNUNCIOS.</h2> <hr/> <p style="text-align: center;">Sahiu á luz em casa dos Editores E. & H. Laemmert, a interessante publicação intitlada</p> <h3 style="text-align: center;">TRAÇOS HISTORICOS</h3> <p style="text-align: center;">E PONTOS PRINCIPAES DE DIVERGENCIA DAS IGREJAS EVANGELICA PROTESTANTE E CATHOLICA ROMANA</p> <p style="text-align: center;">POR</p> <h3 style="text-align: center;">ERICH STILLER</h3> <p style="text-align: center;">Pastor evangelico, doutor em theologia I broch. preço 500 rs., carton, 640 rs.</p> <p style="text-align: center;">Sendo geralmente ignoradas ou intencionalmente desfigurados os principios e doutrina da religião professada pelos protestantes, as pessoas que desejam esclarecer-se ácerca de tão importante assumpto encontrarão na presente obrinha uma clara e succinta exposição dessa doutrina, precedida de um interessante esboço de sua origem e desenvolvimento.</p> <hr/>
---	--

Fonte: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-evangelica/376582>

No que diz respeito a história editorial protestante em meados do século dezenove:

O Rev. Emanuel Vanordem não pode deixar de ser considerado como editor e tradutor. Ex-judeu convertido ao protestantismo e de origem holandesa, Vanordem era “um missionário de biografia curiosa e personalidade controvertida” (MATOS, 2007, p. 46). No ano de 1876, Vanordem migra para o Rio Grande do Sul e lá estabelece a *Tipografia Vanordem*, que pode ser considerada, inclusive, como a primeira tipografia originalmente protestante do país. Funda também uma livraria onde vende os impressos produzidos e outros produtos evangélicos. Vanordem editou e fez imprimir periódicos, dentre os quais, destaca-se *O Pregador Cristão I* (1877) e, já na última década do século, então sediado em São Paulo, o periódico destinado ao público infantil *A Aurora* (1892), o qual parece ter sido alvo de uma maior dedicação por parte de seu editor e impressor a julgar pelos anúncios e propaganda que faz do jornal infantil nas páginas do *Imprensa Evangelica* (CRUZ, 2014, p. 213).

De acordo com a pesquisadora Karla Janaína Costa Cruz (2014) podemos constatar que,

(...) além dos periódicos, Rev. Vanordem editou e traduziu vários livros como por exemplo, os títulos: *A Sociedade de Jesus* (E. Presensé), *Os decretos do Vaticano* (W. E. Gladstone), *Filosofia do Plano de Salvação*, *O general Gordon* e *O presidente Garfield*. Publicou também a obra bastante conhecida *Do futuro dos povos católicos*, do autor belga Émile de Laveleye, utilizada pelos protestantes com fins de polêmica e uma série de livrinhos infantis ilustrados (RIBEIRO, 1987, p. 263-268). Além dessas obras, o Rev. Vanordem editou também Almanques, um gênero bastante comum no Século XIX, conforme é possível verificar em anúncios do *Imprensa Evangelica* (CRUZ, 2014, p. 214, grifos da autora).

Vasconcelos (2012) indica outros editores, nas mais variadas regiões do Brasil que, talvez por encomenda, publicaram impressos protestantes no final do Oitocentos.

5.13. Capas do *Imprensa Evangelica*

A primeira edição do *Imprensa Evangelica* possuía oito páginas e dimensões de 30 x 22 cm, nas quais se distribuía o conteúdo em duas colunas. Com um cabeçalho simples, a moda dos jornais em circulação na época, lia-se o título, a periodicidade rasurada¹⁴⁴ e as informações de data e número. Em média, a folha prosseguiu com o mesmo aspecto formal, sofrendo algumas alterações ao longo de seus 28 anos de circulação. Dentre essas, as mais significativas foram a alteração do cabeçalho no ano de 1868: o título ganhou o artigo definido A - A IMPRENSA EVANGELICA, alterou-se o tipo de letra do título, e incluiu-se entre as palavras do título uma logomarca (um coração com uma âncora no centro em formato de cruz encravada na rocha). A âncora é um símbolo da esperança. Apresenta um moto: constando um verso bíblico da Epístola aos Hebreus (6:19) “A qual a esperança temos como âncora da alma, firme e inabalável.” A imagem da âncora já aparece no versículo do moto e a imagem da pedra é sugerida pelos adjetivos firme e inabalável. O moto por sua vez, está em uma espécie de bandeirola semelhante a um pergaminho, cujo nome técnico, segundo o Dicionário do livro (2008), é flactera, filactéria ou filactério. Esse filactério envolve o símbolo da esperança, sugerindo o contorno de um coração que, por sua vez, sugere a alma que aparece no versículo. Temos, assim, uma visualização da esperança dentro da alma (Cf. Figura 22 adiante). Em 1878 e 1882, os versículos bíblicos que constavam no cabeçalho foram alterados fato que, do ponto de vista do estudo do suporte, deve estar relacionado às fases do jornal e aos contratemplos nelas vivenciados (Cf. Figura 23).

¹⁴⁴ Considerando que Simonton e os demais colaboradores pretendiam fazer publicar o *IE* a cada oito dias, o primeiro número precisou ter a periodicidade alterada manualmente para quinzenal, a fim de não se perder os 450 volumes impressos pelos Laemmert. Em versão que consta a alteração, conforme pudemos verificar, a expressão “TODOS OS SABBADOS” foi riscada ficando apenas a palavra “PUBLICA-SE” (cf. Figura a seguir).

Figura 21 - Capa do primeiro número do *Imprensa Evangelica* – 1864
Ele se constitui de oito páginas, divididas em 2 colunas:

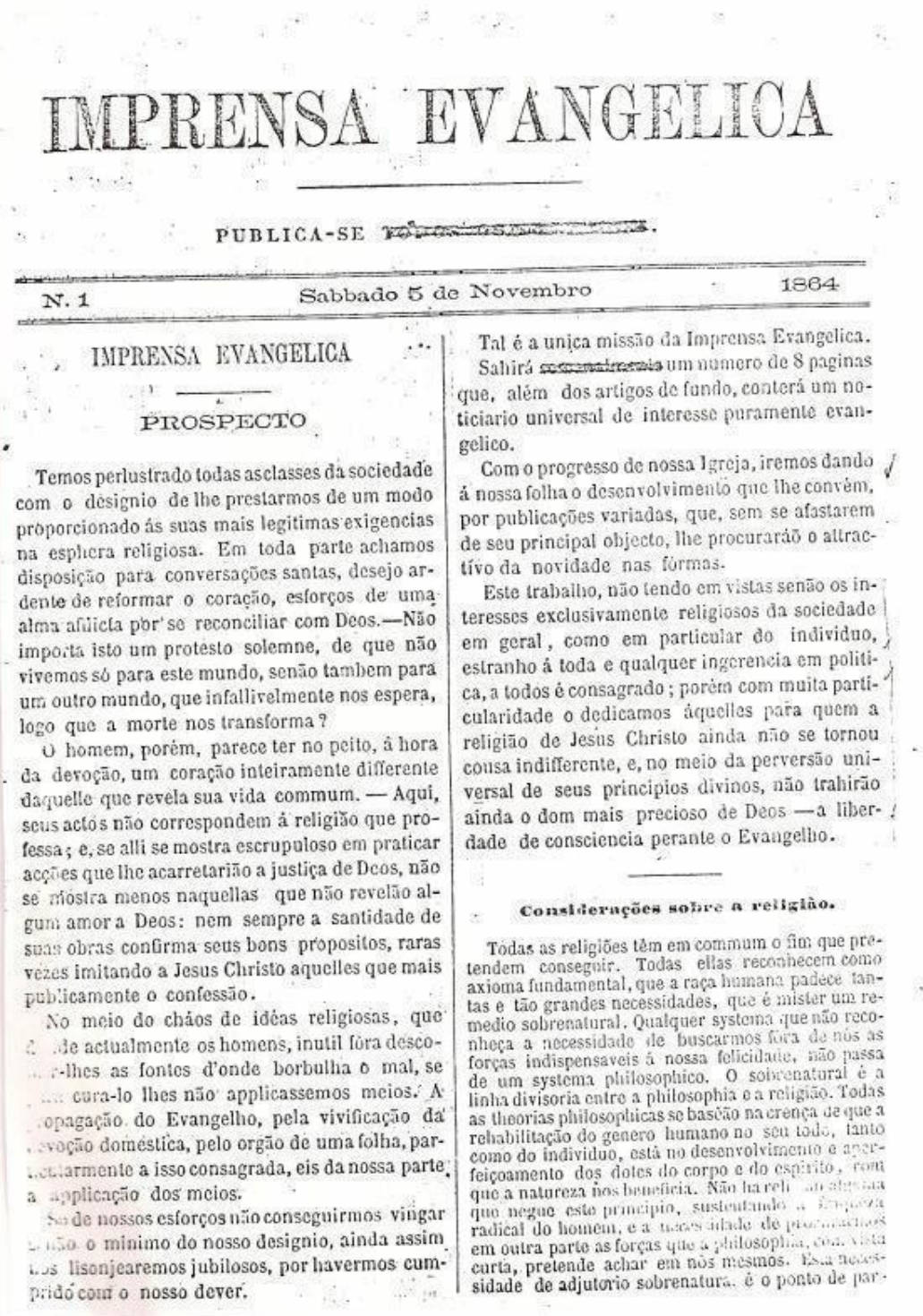


Figura 19 - Capa de um número do *Imprensa Evangelica* (1868). A partir desta data o jornal passa de *Imprensa Evangelica* para *A Imprensa Evangelica* (n. 9 v.IV, 02/05/1868).



A IMPRESA EVANGELICA.

IMPORTA QUE O EVANGELHO SEJA PRECOSO
 S. Paulo, II, 10.

TEMOS CONFIANÇA EM TERCI O MUNDO
 S. Paulo, II, 10.

Publica-se aos sábados e terças-feiras de cada mês.—Indica-se ao ao escriptores de typographia Paroquial, rua de Espirito S. 21. ou por carta à redacção.
 Estipulo à vista a. 204 de termo geral.—Paga por anno 48000. avencos 24000.

VOL. IV. MAIRAMAIO DE 1868. N. 12.

SUMARIO.

	Pag.
A alma da alma.....	10
O Apóstolo e A Imprensa Evangelica.....	11
O Pastor dos Pyrenéos.....	12
O aspecto do mar para a alma.....	13
A âncora.....	14
Se alguma vez vimos, vemos a alma e á alma.....	15
Vem tempo em que devemos de temer a alma.....	16
Como se prepara.....	17

navio batido pelas ventos e ondas, assim a esperança da vida eterna torna-se para nós a salva-guarda contra os assaltos do inimigo e os perigos que nos cercam na passagem por esta vida tormentosa.

A ancora do maritão lança-se para baixo das aguas, que a sacodem de vista, porém prego-se no fundo firme; e é disso que dependem a sua utilidade e a segurança que dá.

A esperança de salvação que existe na alma do crente pela graça e obra do Espirito Santo, prende-se a Jesus Christo como seu unica objecto, e eterno fundamento, e o acompanha, ou penetra com elle até dentro do veo, onde elle por nós entrou como precursor. E' disso que depende o seu valor, e elle consiste a sua segurança.

A esperança que não está fixa em Jesus, e que não vai ter nelle dentro do veo como o vivo e soberano Salvador, é uma esperança enganosa que de nada serve senão para tornar mais certa e terrivel a perdição.

E' como a ancora que não alcançando fundo firme nada tem em que pegar para segurar o navio.

A nossa ancora, porém, a esperança da gloria de Deus, divinamente produzida no coração, e arraigada em Jesus, é firme e inabalavel. A alma que a tem nta com paciencia e constancia todas as provas e tribulações, com que possa ser assaltada.

No meio de toda a balardia do mundo ella curve a voz benigna e consoladora do omnipotente Salvador em que está posto a sua esperança, dizendo-lhe: TEMOS CONFIANÇA: EU VENCO O MUNDO. Ligado com Aquelle que tudo venceu por nós, e exerce todo o poder a nosso favor, não ha recio de sermos vencidos ou vermos confundida a nossa esperança.

Recta certeza absoluta em todo quanto elle nos promette é o que dá ao evangelho seu valor sobre todo o mais que pretende a nossa confiança.

E' isto o que dá força e realidade ás consolações que elle nos offerece.

IMPRESA EVANGELICA.

A ancora da alma.

O emblema central de nossa nova frontispicio nos representa allegoricamente a verdade preciosa expressa nas palavras de S. Paulo que o acompanham. Deotto da figura do um coração, tão frequentemente usado como synonimo da alma, vê-se uma ancora liada com elle de maneira que forma uma parte essencial do retrato do coração. Ao redar vam citadas as palavras da epistola aos Hebreos cap. vi, verso 19: *A qual esperança não tememos sem ancora da alma, firme e inabalavel.* A palavra Jesus em letras entrelaçadas forma a base em que o todo assenta.

Temos aqui, por tanto, a expressão d'aquillo que o evangelho offerece ao homem, sendo-lhe significadas ao mesmo tempo a fonte donde dimanam todas as bençãos que nos aguardam.

A esperança consiste no desejo de adquirir algum bem, acompanhado da persuasão ou confiança de que elle se hade realizar. A esperança de que S. Paulo trata aqui é a da salvação. E' a confiança operada no coração do homem pelo Espirito Santo de que seu desejo de alcançar a vida eterna será realizado pela graça de Deus em Jesus Christo seu Filho.

A vida humana assemelha-se a um mar sobre o qual as nossas almas como embarcações estão agitadas e batidas pelas tentações, tristezas, afflições, tormentos e persiguições incidentes á nossa viagem por este mundo. Como a ancora conservá firme e segura o

Figura 24 - Página do *Imprensa Evangelica* contendo menção a vários periódicos de seu tempo

22
IMPRESA EVANGELICA.

para missionarios estão sob a direcção dos officios da propagação. Ha muitos seminarios destinados a este fim. Seis acham-se em Roma, porém só em um delles formam-se os missionarios para o estrangeiro. Na Allemanha não ha taes instituições, bem que haja diversas sociedades na Anatria e Baviera que fomentam o interesse missionario.

Além dos seminarios ha tambem em Roma e em outras partes da Italia escolas missionarias monasticas, onde um pequeno numero de alumnos recebem instrucção sob a inspecção da propagação. Os alumnos da propagação que entram para a escola ou para o seminario aos 14 annos de idade promettem dedicar toda a sua vida ao serviço missionario. Muitos dos sacerdotes seculares ou das fraternidades augmentam o numero dos missionarios. Seu centro é a França, e os principaes entre elles são os Lazaristas. Estas sociedades tambem mandam senhores para prestar serviço missionario no hospital.

A ordem dos jesuitas é uma das columnas das missões romanas. Os navios desta ordem são cuidadosamente escolhidos e durante os dois annos de provação são frequente e severamente examinados a respeito de seus talentos e seu modo de viver. Depois prestam os tres juramentos monasticos e promettem, depois de acabar com os seus estudos, de entrar para a ordem dos jesuitas em qualquer cidade que os superiores determinarem. O termo de abatico é de dois annos; depois elles ensinam cinco annos; depois ha um curso theologico de quasi cinco annos, no qual pouco ensinam-se as Escripturas, mas muita attenção dá-se à dogmatica e ethica.

Os mais distinctos de entre elles não são mandados aos pagãos, mas aos hereses. Os jesuitas que tornam-se missionarios estrangeiros são geralmente homens de talentos ordinarios, bem que, como regra sejam melhor instruidos do que quaesquer outros missionarios romanos. Em 1873, 329 missionarios e 59 senhoras foram mandadas a diferentes lugares. Dos missionarios, 107 foram jesuitas. A ordem, no anno passado, contava 9,161 membros, 1,558 dos quaes eram missionarios. Além das sociedades missionarias já mencionadas, organizaram-se desde o principio deste seculo associações auxiliares que não fornecem homens, mas dinheiro e orações. A principal dellas é a sociedade para a propagação da fé de Lyón, que organizou-se a 3 de Maio de 1822. Recebeu a sanção papal, foi beneficiada pelo papa com indulgencias, e agora tem ramos em todas as partes do mundo.

Noticiario.

« **A Imprensa Evangelica.** — Recubemos e agradecemos o 1.º numero do corrente anno, com o qual continua a publicação que, ha 11 annos, faz 2 vezes por mes na corte.

Seguindo as doutrinas da religião catholica-apostolica, que se não fusesse de si mesma tão sublime jazeria hoje supplantada em consequencia dos abusos e crimes que, sob o sancto nome de Jesus, tem sido commettidos por homens devassos e nefandos revestidos do sancto sacerdotio: não podemos admittir todas idéias preguias pela *IMPRESA EVANGELICA*, mas, como ella, desejamos a liberdade de crencas e de coração queremos, como ella, que religião, longe de ser imposta à força, parta em doce culto do coração para com sancto Martyr do Golgotha!

Retribuimos com a remessa do nosso jornal.

(Correio de Gastejo.)

Casamento civil na Allemanha. — A 18 de Janeiro, o reichstag votou definitivamente a lei ordenando o casamento civil e prohibido as igrejas das diversas crencas proceder a casamentos religiosos, sem que se tenha previamente effectuado a cerimonia civil.

Esta lei passou depois de uma discussão assás longa e bastante animada, na qual tomaram parte os deputados catholicos, contra a lei apresentada pelo governo.

O conflicto romano na Allemanha. — Communica-se de Berlim a 19 de Janeiro: O seminario catholico de Fulda foi fechada por ordem do governo. Os bens do bispo foram sequestrados.

O padre Helfrich, cura de Dippers, perto de Fulda, que a policia prendeu no altar, quando acabava de celebrar a missa, foi exilado.

Monsenhor Martin, bispo de Paderborn, que fora condemnado a dois meses de prisão, por haver publicado uma carta pastoral em que o governo era atacado, foi de novo julgado pelo supremo tribunal ecclesiastico, que depois, e o condemnou a ser internado em uma fortaleza. Esta condemnação vai ser applicada immediatamente.

Immigração ecclesiastica. — A mais de oitocentos, diz uma folha de Buenos Ayres, alcanca o numero de sacerdotes hespanhoes que desde 1868 têm chegado a esta cidade: e si a esses accrescentarmos os italianos, teremos que sera difficil que archem collocação de tantos braços improductivos.

Ainda os jesuitas. — Ha dias escreveu o *Jornal do Commercio*: No municipio de Lages, provincia de Santa-Charina, appareceu um jesuita estrangeiro, de nome Sybeo, a prégar contra o governo, doutrinando o povo que primeiro que tudo deve obediencia ao Papa. Produziram as predicas effeito bem diverso do que esperava o santo varão, pois foi contra elle que se virou a população, obrigando-o a despejar o municipio.

Tornou-se precisa a interrenção do delegado de policia para que o pronunciamento popular não degenerasse em scenas de violencia.

Recolhido à capital acha-se alli o padre sob as vistas da policia, a espera de um vapor que o traga para aqui, donde parece que, como outros que o procederam, será remellido para a Europa de presente a quem o mandou cá.

O conflicto romano em Portugal. — Diz a *Provincia de S. Paulo* de 21 de Janeiro: A respeito da questão religiosa que começa agora a tomar vulto em Portugal por causa do conflicto do cabido de Bragança com o governo, que nossos leitores já conhecem, dizem os jornaes portuguezes que não querendo o governo reconhecer o vigario capitular eleito pelo cabido, afinal este cedeu, declarando ao vigario que elegera, que era necessario desistir para se cumprir a insinuação do governo.

Fonte: www.bn.br

Considerações Finais

A imprensa brasileira tem duas datas como marcos fundadores: o lançamento, em Londres, do *Correio Braziliense*, em 1º de junho, e a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro, ambos de 1808. Na imprensa protestante o marco é criação do jornal *Imprensa Evangelica*, em 05 de novembro de 1864, no Rio de Janeiro, que foi o *corpus* desta pesquisa.

A constituição e a inserção do protestantismo no Brasil tiveram como suporte a palavra impressa. Os dados levantados nesta pesquisa demonstram que os impressos protestantes foram importantes ferramentas de trabalho para a ação dos missionários no trabalho de evangelização, utilizando-os com o objetivo de introduzir e difundir a nova religião, tendo sido o principal veículo de divulgação de suas ideias, permitindo, assim, a definitiva inserção do protestantismo no Brasil.

Conforme este estudo, verificou-se, que foi por meio da palavra escrita que os brasileiros iletrados e sem estudo puderam não somente ter conhecimento da Bíblia, como também ser alfabetizados, uma vez que em meados do século XIX, 83% da população era analfabeta, somente aqueles que pertenciam às classes dominantes e mais abastadas tinham acesso à instrução escolar, ou seja, a educação. Assim sendo, aqueles que pertenciam à população desfavorecida eram incluídos em várias atividades da sociedade, assim como da possibilidade de aprender a ler e escrever.

Esta pesquisa, possibilitou-nos perceber a importância desse grupo protestante no processo de civilização, moralidade e educação e mesmo no processo de alfabetização das massas populares, independentemente de crença, raça ou etnia, dando oportunidades a todos, até mesmo à classe trabalhadora que sofria com a marca da escravidão, trabalhando arduamente durante a semana a fim de reservar os domingos para as aulas na Escola Dominical e reuniões domiciliares, com o desígnio de aperfeiçoar o conhecimento moral e civil por meio da utilização da Bíblia.

Nascia, assim, um protestantismo brasileiro, desapegado das posturas ritualísticas e cúltricas da Igreja Católica Apostólica Romana, com um clero singularizado, trazia, em si, elementos que indicavam uma provável aceitação pelos brasileiros. Por conseguinte, a predileção pela divulgação de literatura religiosa por parte dos missionários protestantes

permitiu que os brasileiros pudessem principiar conhecimento com o movimento sem necessariamente envolver-se diretamente com ele.

A análise de Boanerges Ribeiro sintetiza bem essa relação entre a missionação e a editoração:

O caos vai sendo modelado pela Bíblia; escassas visitas pastorais; pela *Imprensa Evangelica*; pelos hinos cantados; pelos livros e panfletos, tanto planejados pela Missão para dar forma ao movimento, como produzidos pela iniciativa privada para o mercado (Laemmert, em parte; Vanorden), além dos que brotam de conjunturas pessoais ou nacionais: Conceição, com a Sentença de Excomunhão; Miguel Torres; Antonio Pedro. Os sermões do *Púlpito Evangélico* são lidos e/ou soletrados em cidades e na roça (RIBEIRO, 1987. p. 162, grifo nosso).

Verificou-se nesta pesquisa, que o trabalho desenvolvido pelos missionários, tornaram relevante a ação desenvolvida por eles e foi de grande importância para a história da leitura e das práticas educacionais no Brasil, uma vez que tais missionários atuaram como agentes de saberes e formadores de um novo modelo cultural e social.

O jornal *Imprensa Evangelica* (1864-1892) nos seus 28 anos de existência, desempenhou tal função. As matérias e os textos nele contidos dava uma ideia do pensamento protestante e do seu posicionamento diante do catolicismo, religião oficial do Império. Chegou nos lugares mais longínquos do país onde os missionários não tinham condições de chegar, fosse pela dificuldade de acesso ou mesmo pelo escasso número de religiosos no Brasil. Através do *Imprensa Evangelica* boa parte da população brasileira conheceu o ideário e a fé professada pelos protestantes.

Ressaltamos, que o discurso protestante se fazia conhecer através de artigos e traduções dos clássicos evangélicos nos jornais laicos, antes mesmo da fundação do *Imprensa Evangelica* (1864). A narrativa ficcional traduzida pelo missionário Rev. Robert R. Kalley, intitulada *A viagem do Christão*, circulou num dos jornais de maior prestígio da Corte, o *Correio Mercantil* (05/12/1856), à moda de *romance-folhetim*, distribuída em trinta e cinco capítulos. Outros artigos de conteúdo polemista foram veiculados pelos protestantes nos jornais laicos. Há de se considerar que, de alguma forma, mesmo constando na seção “a pedidos” dos jornais (o que implica que o proponente deveria pagar para ter seu texto publicado), os escritos de cunho protestante interessavam a certo grupo de leitores, até mesmo aos clérigos católicos que lhes eram oponentes, como vimos no decorrer do nosso trabalho.

Com o advento do *Imprensa Evangelica* idealizado pelo missionário norte americano Rev. Ashbel G. Simonton, a mensagem protestante encontrava um espaço autorizado no conjunto de periódicos em circulação no país em meados do século XIX.

O *Imprensa Evangelica* com a sua boa aceitação pelos brasileiros, influenciou mais tarde a criação de outros jornais e revistas protestantes que serviam as suas respectivas denominações e passaram a ser os órgãos oficiais impressos que representavam tais denominações históricas protestantes que foram sendo estabelecidas no Brasil. Podemos afirmar que, mais do que certo segmento editorial, o jornal *IE* apresenta um caráter de cunho religioso confessional, representando toda uma estrutura eclesiástica.

Constatamos em nossas pesquisas que o *Imprensa Evangelica* estava em conformidade com o modo de fazer imprensa característica com a segunda metade do século XIX. Simonton e os demais missionários protestantes se valeram das mesmas estratégias editoriais seculares para a produção do *IE* até mesmo da disposição material, das seções e da organização física do impresso.

No decorrer desta pesquisa, verificamos que, a exemplo dos jornais seculares, o jornal *Imprensa Evangelica* propagava a informação, trazendo notícias sobre os fatos políticos e sociais do país e do exterior; também, utilizava-se de ilustrações com artigos que envolviam arte, literatura instrutiva e conhecimentos científicos; publicava uma série de gêneros literários ficcionais a exemplo de romances-folhetins, contos, fábulas, etc.

Destacamos, que o *Imprensa Evangelica* não estava filiado a nenhum partido político, como era habitual no século XIX, a relação entre imprensa e política. Todavia, *Imprensa Evangelica* não se omitia em questões políticas. O nosso estudo mostrou que o *Imprensa* serviu como uma espécie de púlpito para acalorados debates sobre os direitos civis dos protestantes, bem como outros assuntos que assumiam tom político como a abolição da escravatura. De fato, o *Imprensa Evangelica* não representava partido político, mas os interesses da Igreja Presbiteriana do Brasil e as demais denominações protestantes estabelecidas no país.

A fundação do *Imprensa Evangelica* no Brasil possibilitou o aprendizado das letras e da leitura, criando assim, uma série de comunidades de leitores. Este periódico oferecia às crianças ensino e instrução; proporcionava aos pastores brasileiros e estrangeiros sermões, estudos e comentários bíblicos; fornecia às mulheres a instrução doméstica e modelos para uma vida piedosa; dava ao público em geral, a oportunidade de ler os romances, contos,

fábulas e outros tipos de narrativa; possibilitava aos padres católicos, que se utilizavam dos artigos de polêmica a fim de construírem suas réplicas editadas nos periódicos oponentes; viabilizava aos professores a oportunidade de estudos em séries para as aulas na Escola Bíblica Dominical.

O jornal *Imprensa Evangelica* foi um dos instrumentos da construção da identidade presbiteriana e das diversas denominações protestantes no Brasil Império. As fontes bibliográficas sobre a introdução do protestantismo no Brasil reconhece em quase na sua totalidade que a imprensa evangélica confessional, funcionou como recurso estratégico do estabelecimento da recente religião. O *Imprensa Evangelica*, surgiu como instrumento de pregação missionária, de embates doutrinários e propagação dos valores e concepções do protestantismo norte-americano em terras brasileiras. Surgiu como veículo de construção de novas territorialidades religiosas, alternativas ao Catolicismo Romano, mas que não se esgotam no campo teológico-doutrinário, se expandem para os campos da política, sociedade e cultura. Sua herança teológica, confessional, e cultural advinda dos Estados Unidos da América, era o condicionante principal do conteúdo da propaganda evangelística e da autoidentificação com um projeto social modernizador associado aos valores de democracia, progresso e liberdade.

Para Pereira (2011)

Este processo se constrói na articulação de territorialidades religiosas cristãs diferenciadas em relação ao catolicismo romano, visto como sinal de atraso e autoritarismo (PEREIRA, 2011, p.6).

O *Imprensa Evangelica*, tinha também, a clara intenção de oferecer a elite culta do Império o ideário protestante através dos estudos sobre a Bíblia, da Confissões de Fé, dos Catecismos e a visão sobre os acontecimentos de uma ampla literatura protestante e oferecer às camadas pobres da sociedade a oportunidade de ler, escrever e aprender. Todavia, tal intenção foi ultrapassada pelas múltiplas funções que o jornal exerceu.

Deste modo, esperamos ter contribuído por meio de nossas análises e reflexões para a historiografia da inserção do protestantismo e da leitura evangélica no Brasil Império.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em 30 mai. 2016.

BRASIL. *Constituição Política do Império do Brazil de 25 de março de 1824.*

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm>. Acesso em 0 IGREJA PRESBITERIANA DO RIO DE JANEIRO. Pasta Relatórios Pastorais – Centro de documentação – CENDOC da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

BRITISH AND FOREIGN BIBLE SOCIETY'S LIBRARY. Archives Indexes/BSAX (1804-1897). Londres: Cambridge University Library, 1956.

IGREJA PRESBITERIANA DO RIO DE JANEIRO. Pasta Relatórios Pastorais – Centro de documentação – CENDOC da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro.

IMPRESA EVANGÉLICA. Rio de Janeiro, semanal, 1864-1892. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-evangelica/376582>>. Acesso em: jan/jun. 2016. 4 jun. 2016.

JORNAL O FUTURO. Rio de Janeiro. 1863.

NORTE EVANGÉLICO. Garanhuns: Ano XV, N. 1, 22 de fevereiro de 1909, p. 4.

NORTE EVANGÉLICO. Garanhuns: 28 de fevereiro de 1923, Ano XVI, n. 6, p. 3

ABREU, Geysa Spitz Alcoforado de. *Escola Americana de Curitiba (1892- 1934): um estudo do americanismo na cultura escolar.* Dissertação (Mestrado) - PUC/SP. São Paulo, 2003.

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros.* São Paulo: Fapesp, 2003. (Coleção Histórias de Leitura).

AFONSO, José António Martin Moreno. *Protestantismo e educação: história de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX.* Braga: Universidade do Minho, 2009.

AFONSO *et all.* *Educação e cultura protestante na transição do século XIX: circulação de impressos e diálogos luso-brasileiros.* In: *R. Educ. Públ.* v. 21, n. 47, Cuiabá, set./dez. 2012.

ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo. *O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876).* Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação – Mestrado em Educação).

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista.* Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acessado em 16 de dezembro de 2016.

ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. *Caras e modos dos imigrantes.* In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). *História da vida privada no Brasil.* Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Missionárias norte-americanas na educação brasileira: vestígios de sua passagem nas escolas de São Paulo no século XIX.* *Revista Brasileira de Educação,* Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 71-87, maio/ago. 2007.

ALMEIDA, Miriane Santos. *Livros e Leitores: Saberes e Práticas Educacionais e Religiosas Na Coleção Folhetos evangélicos (1860-1938).* Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes. Programa de Pós-graduação em Educação. Aracaju/SE. 2013.

ARNT, Hérís. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica.* Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

ASSIS, Machado de. *O futuro (1862-1863),* 1º jan. 1863. p. 266-268.

ASSIS, J. M. M. de. *Obras completas de Machado de Assis.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1959. v. 23.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira.* 4ª. Edição, rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990, p. 15.

BAIRD, Robert. *Religion in America*. New York: Harper & Brothers, 1844, p. 166, (tradução do Prof. Dr. João Leonel).

BARROS, Roque Spencer Maciel. *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. São Paulo: Ed. Convívio/Edusp, 1986.

_____. *Introdução à filosofia liberal*. São Paulo: EDUSP/Grijalbo, 1971.

BASILE, Marcello. *O Império brasileiro: panorama político*. In: LINHARES, Maria Yedda, (org.). *História geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 254.

BASTOS, Aureliano Cândido Tavares. *Cartas do Solitário*. 2ª ed. Rio: Tipografia da Atualidade, 1863.

_____. *A Província*. 3ª ed. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, s. d.

_____. *O vale do Amazonas – Estudo sobre a livre navegação do Amazonas*. Rio: B. L. Garnier / Livreiro Editor, 1866.

_____. *Os males do presente e as esperanças do futuro*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939.

BASTOS, Maria Helena C. *Leituras das famílias brasileiras no século XIX: O Jornal das famílias (1863 – 1878)*. Revista Portuguesa de Educação, v. 15, n. 02. Minho (Portugal). p. 169 – 214. Disponível em: <www.redalyc.org/pdf/374/37415209.pdf>. Acesso: 07 de fev. 2016.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos*. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 529-576.

BEDA, Ephraim de Figueiredo. *Editoração evangélica: troncos, expoentes e modelos*. São Paulo: USP/ECA. Tese de Doutorado, 1993.

BELOTTI, Karina Kosicki. *A Participação dos evangélicos na Mídia*. In SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de (orgs.). “*Fiel é a Palavra*”: *Leituras Históricas dos Evangélicos Protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

BERNARDO, Cristiane Hengler Corrêa. *Educação Jornalística: entre a cruz da academia e a espada do mercado* / Cristiane Hengler Corrêa Bernardo – Campo Grande, MS, 2010

BERTINATTI, Nicole. *A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2011. (Dissertação – Mestrado em Educação).

BILAC, O. *Crônica*. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 1, 2. col., 25 jul. 1897.

BRANDÃO, Débora Vanessa C. *Do casamento religioso com efeitos civis e o novo Código*. Jus Navigandi, Teresina, ano 7, n. 54, 1 fev. 2002. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/2662> Acesso em: 23 mai. 2016.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia – De Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006.

BROCA, Brito. *Aluísio Azevedo e o romance-folhetim*. In: BILAC, Olavo; MALLET, Pardal. *O esqueleto*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2000.

BROCA, B. *Horas de leitura*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1957.

CAIRNS, E. E. (1990). *O cristianismo através dos séculos*. 2 ed. São Paulo, Vida Nova.

CAMARGO, Haroldo Leitão Santos. *Alemães e o Cemitério Protestante: Colônias estrangeiras e Patrimônio cultural*. In: *Patrimônio: lazer e turismo*. Revista eletrônica, UNISANTOS, São Paulo, out. 2006. Disponível em: Acesso em: 07 nov. 2016, p. 25.

CAMPOS, Leonildo Silveira, REVISTA USP, São Paulo, n.61, p. 146-163, março/maio 2004

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2007.

_____. *Literatura e sociedade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Douglas Nassif. *O cotidiano feminino no segundo império*. São Bernardo do Campo: Edições: Do Autor, 2005.

_____. *Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta*. São Bernardo do Campo, SP: Edições: Do Autor, 2001.

CARVALHO, Carlos Henrique de. GONÇALVES NETO, Wenceslau. *Educação, Religião e República: repercussões dos debates entre Católicos e Republicanos no Triângulo Mineiro-MG (1892-1931)*. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4063278.pdf>>. Acesso em: 06 jun.2016.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. 1998. *Por uma história cultural dos saberes pedagógicos*. In: SOUZA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Bárbara. (org.). *História da educação: processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras Editora, pp. 31-40.

CARVALHO, José Murilo de. *A vida política*. In: CARVALHO, José Murilo (coord.). *A construção nacional: 1830-1889, v.2*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CATANELI, Aline Cristina de Oliveira. *Machado de Assis: Cronista d'O Futuro (1862-1863)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. Orientador: Prof^a Dr^a Silvia Maria Azevedo, 2012.

CERTEAU, Michel de. *Uma variante: a edificação hagio-gráfica*. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forence-universitária, 1982.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização no Brasil: Dos Jesuítas aos Neopenteconstais*. Viçosa. MG. Editora Ultimato, 2000.

CHAMON, C. S.. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869-1913)*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

_____. *Leituras e Leitores na França no Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorentini. São Paulo: UNESP, 2004.

CONCEIÇÃO, José Manuel da. *Sentença de excomunhão e sua resposta*. Tipografia Perseverança: Rio de Janeiro, 1867.

COSTA, Emília Viotti. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. *O Protestantismo no Brasil: Aspectos Jurídicos, Culturais e Sociais de sua Implantação – segunda Parte*. Revista Ciências da religião – História e Sociedade. Volume 4, N. 4, 2006. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo.

CRABTREE, A. R. *História dos Batistas no Brasil*. Vol. 1: até 1906. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 258. Disponível em: <http://revistas.pusp.br/index.php/revph/article/view/2221/1322>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

CRUZ, Karla Janaina Costa. *Periodicismo e fé: prática leitora protestante nos oitocentos*. 2014. 266 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

CUNHA, Marcos Vinícius. *Ideário e Imagens da Educação Escolar*. Editora Autores Associados. Campinas, São Paulo. 2000.

DARNTON, Robert. *Primeiros Passos para uma História da Leitura*. In: *O grande massacre dos gatos, e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro. Graal, 1986.

_____. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. *Boêmia literária e revolução*. São Paulo: Cia das Letras, 1987 e op. cit., 1990, especialmente parte III, Capítulo 8: “Os intermediários esquecidos da literatura”, p. 132-145.

DAVIS, Natalie Z. 1990. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

EISENTEIN, Elisabeth L. *A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Editora Ática, 1998.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

FEITOZA, Pedro B. de Souza. *A “Imprensa Evangélica” como estratégia para a inserção do Protestantismo no Brasil Imperial*. Disponível em: <www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8>. Acesso: 07 jun. 2016.

FERREIRA, João C. Leonel. *História da Leitura e Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora, 2010.

_____. *A Bíblia como Literatura – lendo as narrativas bíblicas*. (2009) Disponível em: www.abiblia.org/ver.php?id=1262&id_autor=58&id_utente=&caso=artigos#.UHbJMhXBEbR>. Acesso: 07 jun. 2016.

_____. *Sermonística e a introdução do protestantismo no Brasil no século XIX: Ashbel Green Simonton*. In: DURAN, Maria Renata da C. (Org.). *Triunfo da Eloquência: Sermões reunidos e comentados – 1656 a 1864*. Niterói (RJ): Editora da UFF, 2012.

FERREIRA, Júlio A. *A história da Igreja Presbiteriana no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. 1.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco, 2003.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Colégio Presbiteriano Quinze de Novembro*. Recife: AGN-Gráfica, 2010.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GARCEZ, Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

GARRIDO, Stella. *A educação confessional protestante no Brasil*. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb13.htm>>. Acesso 06 jun. 2016.

GARRISSOM, Janine. *L'Homem Protestant*. Bruxelles. Editions Complexe, 1986.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLASS, Frederic C. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Evangélica, [s.d.].

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial; EDUSP, 2004, p. 64-65.

HACK, O. H. *Protestantismo e educação brasileira*. 2 ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2000.

_____. 1985. *Protestantismo e educação brasileira: presbiterianismo e seu relacionamento com o sistema pedagógico*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed.. São Paulo: Editora da USP, 2005.

HARRISON, Helen Bagby. *Os Bagby no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP.1987, p. 36.

HÉBRARD, Jean. *Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural*. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras/ALB; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 33-78.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Do Império à República. São Paulo (História Geral da Civilização Brasileira, Tomo II, vol. 5)*. 1972. Editora: Difusão Europeia do Livro.

HOORNAERT, Eduardo, et. al. *História da Igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1977.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil*. Coleção Compreendendo Notícias Históricas e Geográficas do Império e de Diversas Províncias. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, 2001.

LA CAPRA, Dominique. *Rethinking Intellectual History; Texts, Contexts, Language*. NOVA Iorque: Cambridge University Press, 1993.

LAGUNA, Shirley. *Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933)*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LANDES, Philip S. *Ashbel Green Simonton. Fort Worth. Texas: Don Cowan Company, 1956*.

LÉONARD, Émile. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963.

LESSA, Vicente T. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]*. São Paulo: Cultura Cristã, 20

LONG, Eula Kennedy. *Do meu velho baú metodista*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã: Igreja Metodista do Brasil, 1968.

LUCA, Tânia Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *A imprensa periódica no século XIX*. Rede memória, jan. 2012. Disponível em: <http://redememoria.bn.br/2010/01/a-imprensa=periodica-no-seculo-xix/> Acesso em 14. mai. 2016.

LUSTOSA, Antonio de Almeida. *Dom Macedo Costa* (Bispo do Pará). 2. ed. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1992.

LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários*. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. v. 2. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-202.

MACIEL, Laura A. *Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telegráfo e imprensa – 1880-1920*. In: FENELON, Déa Ribeiro et all (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

MARQUES, Gilmar de Araujo. *Protestantismo de exílio: Kalley e os exilados da Ilha da Madeira em Illinois*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

MARTINO, Agnaldo; SAPATERRA, Ana Paula. *A censura no Brasil do Século XVI ao Século XIX*. In: *Estudos Linguísticos*, XXXV, p. 234-243, 2006. Disponível em: <www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf>. Acesso: 10 jan, 2013.

MATOS, Alderi Souza de. *A atividade literária dos protestantes no Brasil*. *Fides Reformata*, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, São Paulo, v. XII, n. 2, 2007, p. 43-62.

_____. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MATOS, Josmar Sionti Arrais de. *Memória e História do Trabalho Missionário Adventista no Brasil*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, p. 45.

MEDEIROS, Pedro Henrique Cavalcante de. *Pelo progresso da sociedade: a imprensa protestante no Rio de Janeiro imperial (1864-1873)*. Dissertação de Mestrado. UFRRJ. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Curso de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro, 2014.

_____. *A defesa pela liberdade religiosa na Imprensa Evangélica (1864 – 1867)*. Caderno de Anais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 22 a 23 de maio de 2012.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 85.

_____. VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MILLER, Samuel & JANEWAY, J.J. *The Christian of Children and youth. Report to the General Assembly on Christian Education*. Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1840. 80p.

MINAYO, M.C.S. (Org) *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. 29ªed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2010.

_____. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIRANDA, J. Zacharias de. *Procrastinação ou o perigo de adiar a salvação*. São Paulo: SBTE, 1886.

MOLINA, Matías M. *A história dos Jornais no Brasil. Da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo. Companhia das Letras. 2015.

MORAES, Gerson Leite de. *Mídia e Religião*. INGRATIO, vol.1, n.1, jan. – jun. 2015.

MOREL, Marcos. *Os Primeiros Passos da Palavra Impressa*. In: MARTINS, Ana Luísa;

MOTTA, D. das G. (Orgs.) *Mulheres na história da educação: desafios, conquistas e resistências*. São Luís: EDUFMA; UFPB: Café & Lápis, 2011.

NASCIMENTO, Ester Fraga V. B. Carvalho do. *A palavra impressa como estratégia de difusão do protestantismo no Brasil nas décadas de 50 e 60 do século XIX*. In: *II Congresso Brasileiro de História da Educação*. Natal: UFRN, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0776.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *Imprensa protestante nos Oitocentos*. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/PPED, 2007.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. *A cultura ocultada*. Londrina: EDUEL., 1999.

OLIVEIRA, Anderson José Machado de. *Os bispos e os leigos: Reforma Católica e Irmandades no Rio de Janeiro Imperial*. Ponta Grossa: Revista de História Regional, vol. 6, n. 1, p. 147-160, Verão 2001.

OLIVEIRA, I. B. *A alegria da casa: escrituras femininas e sensibilidades médicas no segundo império nas narrativas de Sarah Kalley*. In: FREITAS, A. M. G. B. de.

OLIVEIRA, Raniele Duarte. *Os jornais enquanto fontes de pesquisa: possibilidades de estudos a respeito do município de Uberaba/MG*. Professora de História na Escola Estadual José Mendonça, Uberaba/MG. Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

ORLANDO, Evelyn de A.; DANTAS, Maria J. *Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico*. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, São Cristóvão, SE. Anais... Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008. p. 1-16.

ORNE, Willian. *The Life and Times of the Rev. Richard Baxter: with a critical examination of his writings*. New York: Boston & Brewstr, 1831. Disponível em: <www.archive.com> Acesso: 19 de dez, 2016.

OTTONI, Cristiano Benedito. *Questão Religiosa: A liberdade dos cultos no Brasil*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo editores, 1877.

PACCOLA, Carina. *II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. GT: História do Jornalismo. UFF.

PAIVA, MarluCIA Menezes de. *Educação, política e história: interfaces no debate educacional brasileiro*. In: BERGER, Miguel Andre; NASCIMENTO. Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. (Org.) *Imprensa, impressos e práticas educativas: estudos em história da educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p. 313-325.

PÉCORRA, Álcir. A Guisa de Manifesto. In: *Máquinas de Gêneros: novamente descoberta e aplicada a Castiglione, Della Casa, Nóbrega, Camões, Vieira, La Rechefoucaud, Gonzaga, Silva Avarenga e Bocage*. São Paulo: EDUSP, 2001.

PENA, Felipe. *Jornalismo literário*. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *A Língua*. São Paulo: SBTE, 1890. COLEÇÃO Folhetos Evangélicos. Centro de Documentação e História Rev. Vicente Themudo Lessa. São Paulo.

PEREIRA, Marco Aurélio M. *Territorialidades Religiosas no Brasil Oitocentista. A Imprensa Evangélica e a Implantação do Presbiterianismo no Brasil (1864-1892)*. Revista Brasileira de História das Religiões. Setembro de 2008.

PEREIRA, Rodrigo da Nóbrega Moura. *A Salvação do Brasil: As missões protestantes e o debate político-religioso do século XIX*. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. 2008.

PIERANTI, Octavio Pernna; MARTINS, Paulo Emilio Matos. *Nelson Werneck Sodré e "História da Imprensa no Brasil" – Uma análise da Relação entre Estado e os Meios de*

Comunicação de Massa. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1071-3.pdf> Acesso em 23 maio de 2016.

PINA, Patrícia Kátia da C. *O jornal, o leitor e a leitura no Oitocentos brasileiro*. (2010). Disponível em: <www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/03-dossie_patricia_katia_da_costa.pdf>. Acesso em 08 de jun, 2016.

PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

RAMALHO, J. P. (1975). *Colégios protestantes no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro, PUC.

READ, William R. *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*. Campinas, SP.: Livraria Cristã Unida (1967).

REILY, Duncan Alexander. 1984. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE. 1984.

RIBEIRO, Boanerges. *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.

_____. *Igreja Evangélica e República Brasileira (1889-1983)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

_____. *Protestantismo no Brasil Monárquico*. São Paulo: Pioneira, 1973.

_____. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

_____. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*: Casa Editora Presbiteriana, 1995.

RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de Papel*. Niterói: EDUFF, 1996. p. 65.

RICOEUR, Paul. *O passado tinha um futuro*. In: Morin, Edgar. *A religião dos saberes. O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. RIO, João do. *As religiões do Rio*. Editora Nova Aguilar. Coleção Biblioteca Manancial. 1976.

RIZZO, JR., Miguel. *Nosso Objetivo*. Revista das Missões Nacionais, Ano 33, N. 280, Março de 1920, p. 1.

ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda, v. 1, 1941.

RODRIGUES, Cláudia. *Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889)*. *Revista de História Regional*. Verão, p. 23-38, 2008.

RODRIGUES, José Honório. *A Assembléia Constituinte de 1823*. Petrópolis: Vozes, 1974.

ROSSI, Agnelo, Pe. *Diretório Protestante no Brasil*. Campinas: Paulista, 1938.

SALVADOR, José G. *História do Metodismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.

SANTOS, Dominique Vieira C. *Acerca do conceito de representação*. In: Revista de Teoria da História. Ano 3, n. 06. Dez/2011. UFG. Disponível em:

<revistadeteoria.historia.ufg.br/uploads/114/original_Artigo%202,%20SANTOS.pdf?1325192377>. Acesso: 25 set., 2016.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. *O Jornal Imprensa Evangelica – diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)*. São Paulo: Universidade presbiteriana Mackenzie, 2009.

SANTOS, Lyndon. *Os sentidos da árvore e da democracia: uma história dos congregacionais no Brasil*. In: SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon de A.; ALMEIDA, Vasni de. *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011. p. 125-174, 195.

SCAMPINI, José. *A liberdade religiosa nas constituições brasileiras: estudo filosófico-jurídico comparado*. Revista de Informação Legislativa, v. 11, n. 41, p. 75-126, jan./mar. de 1974.

SERRA, Tania. *Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.

SILVA, Sandra Cristina da. *Educação de papel: impressos protestantes educando mulheres*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. (Dissertação de Mestrado em Educação).

SILVA, Ivanilson Bezerra da. *Uma Leitura da Inserção do Presbiterianismo de Origem Norte Americana no Brasil na Segunda Metade do Século XIX e sua proposta Educacional como Estratégia de Expansionismo Planetário*, In: Circuitos e Fronteira da Educação no Brasil, 2013, Cuiabá-MT. Cicuitos e fronteiras da História no Brasil, 2013.

SILVESTRE, Armando Araújo. *Da Imprensa Evangelica ao Brasil Presbiteriano: o papel (in) formativo dos jornais da Igreja Presbiteriana do Brasil (1864-1986)*. 1996. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo/SP.

_____. **Revista Reflexão V 41 N 2 2016, PUC-Campinas.**

SIMONTON, Ashbel G. *O Diário de Simonton – 1852-1866*. Tradução Daysi Ribeiro de Moraes Barros. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

_____. A. G. *O Diário de Simonton (1852-1856)*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

_____. *Sermões Escolhidos do Reverendo A. G. Simonton*. Nova York: G. D. Shearer, 1869.

SÉGUR, M. L. G. *Conversações Familiares acerca do Protestantismo Actual*. Lisboa: Typografia de G. M. Martins, 1864.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: 4. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, J. R.; DIAS, J. C. T. *A educação protestante no Brasil: o caso do colégio Agnes*. Revista de teologia e ciências da religião. PUC de Pernambuco. V. 4 • n. 1 • dezembro/2014.

SOUZA, Cristiane Vitória de. *As leituras pedagógicas de Sílvio Romero*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2009. (Dissertação – Mestrado em Educação).

SOUZA, Silas. *Presbiterianismo no Brasil*. In: *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS editora, 2011. p. 177 - 222.

TERRA, A. L. S. *Cortesia e mundanidade: manuais de civilidade em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. 2000. 407 f. (Mestrado História Moderna) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2000.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *As Boas Novas pela palavra impressa: impresso e imprensa protestante no Brasil (1837 -1930)*. 2010. 208 p. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2010, p. 34.

_____. *A gênese da editoração protestante no Brasil: o circuito de difusão das publicações (1830 – 1920)*. In: *Clio – Revista de pesquisa Histórica*, n. 30. 2, p. 1 – 29, 2012. Disponível em: <www.revista.ufpe.br/revista.clio/index.php/revista/article/view/243>. Acesso: 05 jun. 2016.

VENANCIO, Giselle Martins. *Objetos da arte da palavra: livros brasileiros na Coleção Eurico Facó (1815-1900)*. BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 489-502..

VIEIRA, Davi G. *O Protestantismo, a Maçonaria e Questão Religiosa*. Brasília: UnB, 1980.

WEBER, Maria Daniela. *Metodologia Para Pesquisa Em Imprensa: Experiência Através D'O Paladino*. Rev. Signos, ano 33, n1, p.9-21, 2012. UNISC.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 2003.

_____. *Ensaio de Sociologia*. H. H. Gerth e C. Wright Mills (orgs.). Tradução W. Dutra. Rio: Zahar Editores, 1963.

ZANCHETTA, Juvenal Júnior. *Imprensa escrita e telejornal*. São Paulo, UNESP, 2004.

ZICMAN, Renée Barata. *História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas*. *Revista História e Historiografia*. São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

ZIMMER, Rudi. *O uso da Bíblia no Ocidente – na evangelização*. In: *Fórum de Ciências Bíblicas: 1600 anos da primeira grande tradução ocidental da Bíblia – Jerônimo e a tradução da Vulgata Latina*. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Disponível: <books.google.com.br>. Acesso: 25 de novembro de 2016.